Manuel Ribeiro

A Catedral

Romance

Guimarães & C.ª Editores
LISBOA

A CATEDRAL

Composto e impresso na o o o
o o IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
R. Diario de Noticias, 59 a 61

Do autôr:

Imperiosa verdade, cena em verso.

Sentido de viver, filosofia libertária, versos.

MANUEL RIBEIRO

A
CATEDRAL

1919
GUIMARÃES & C.ª — Editôres
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

A CATEDRAL

I

Era a hora de Matinas. A sineta do claustro tangia convocando os capitulares para o côro, quando Luciano passou da sua alcôva à biblioteca, entreabrindo uma pequena porta e afastando a massa rígida dum brocado que descia do lambrequim em pregas hirtas, ostentando eucarísticos lavores de sêda e oiro. Em seguida, acercando-se duma janela cujas portadas tinham ficado despreocupadamente abertas, descerrou num gesto largo as vidraças de par em par, aspirando com delícia a onda de ar fresco que inundou a casa, todo impregnado dos perfumes do jardim em baixo.

A quadra, que era vasta, pertencia a um segundo pavimento sôbre o claustro e suas capelas, que fôra casa episcopal em épocas remotas da Igreja e depois albergaria de clérigos e fabriqueiros. Um dos últimos cabidos reedificára-o à moderna para morada do prior, do chantre, do mestre de capela e serventuários que à sombra da basílica ficavam tendo acolhimento e guarida certa. O piedoso intuito não desculpava, porém, a teratologia arquitectónica daquela fachada de prédio burguês, hediondo alinhamento de

caixilhos envidraçados irreverentemente sobrepostos às admiraveis arcaturas inferiores com suas ogivas brotando de esbeltos colunelos geminados. O destoante casario campeava, porém, já fora da catedral e formava, com o seu largo abraço saindo-lhe discretamente dos flancos, uma como que cintura defensiva lançada à roda da venerável cabeceira do templo, onde resplendia ainda o diadema estilhaçado das suas capelas góticas.

No espaço quadrangular entre o claustro e a ábside tinham talhado, num período recente de desobstruções, um adorável jardim com os clássicos arruamentos de buxo enquadrando modestos canteiros de rosas e gerânios. Alguns pés de glicínias grimpavam resolutamente, enroscando-se nos botareus e nos muros rugosos ou seguindo a linha sinuosa das arcadas. Nêste jardim, que só os cónegos velhos freqùentavam em manhãs de bom sol morno, no intervalo do serviço religioso, não passeava a esta hora ninguem; e dos claustros, igualmente desertos, subia um silêncio de ruína morta entrecortado pelo murmúrio argentino dum turíbulo que oscilava, com isócrona cadência, por detrás da capela-mór, nas mãos diáfanas duma criança grave.

Luciano tinha-se deixado ficar à janela e contemplava, com alvorôço e uma flama estranha no olhar, a basílica que se erguia já doirada nos cumes pelo sol matutino. Vista do ramo transversal do claustro e no prolongamento do eixo da igreja, a ábside desenrolava em frente do espectador a sua elegante redondeza, e o frémito alado dos arcobotantes com a ossatura frágil em pleno equilíbrio aério dava-lhe um tal ar de vida palpitante, que era de recear que a uma carícia mais quente do sol filtrando nos poros da pedra, a catedral abrisse as asas e erguesse o largo vôo nessa lúcida manhã de tempo claro.

Súbito, uma revoada de vozes escapou-se em surdina do amágo da igreja e derramou pelos claustros o clamor inquietante duma dolência arrastada. O murmúrio alteou-se alastrando no silêncio e, depois, ficou suspenso no mesmo tom percuciente de lamentação e de queixume. Eram muitas vozes em fio que uma espécie de capilaridade transformava numa veia líquida de vozes, numa única voz laminada, em jacto, monotonia fluente que a dicção verbal cortava de claros-escuros sónicos, de rolamentos surdos de onda. Começara no côro o ofício divino.

Entretanto, Luciano, arrancando-se à enlevada adoração, despegou-se da janela e foi sentar-se a uma antiga escrivaninha remexendo febrilmente pastas repletas de papeis. Depois, numa obsessão, levantara-se, atraído novamente para a janela.

O recinto revelava, na verdade, um bizarro interior de artista. Pesadas tapeçarias mascaravam vãos de portas e janelas e das paredes pendiam, entre reproduções de baixos relevos, de vias sacras de crucifixos e paineis de azulejos, encarquilhadas telas de fundos negros onde destacavam, numa luz de catacumba, macerações lívidas de ascetas ou vinolências cruas de mitrados. Em mísulas e por sôbre os móveis — uma credência gótica com baldaquino, um contador do século XVI, alguns tamboretes estofados, cadeiras de coiro lavrado e uma escrivaninha de pau santo — pousavam gêssos clássicos, marfins velhos, objectos do culto, cálices, cibórios, sacras, paramentos, pequenos modêlos de relicários e domos, de púlpitos e sarcófagos e, aos montes, desbordando dos móveis e arrastando nos tapêtes, dispersos por toda a parte, em álbuns, cartões, portefólios, uma aluvião de cópias e reproduções, em todos os processos e formatos, dos quadros célebres dos museus, das obras primas da arte de todos os tempos.

Ao fundo erguia-se, num decôro latríaco, um altar improvisado com o frontal de magnífica escultura de madeira, e um tríptico por cima, em ar de retábulo.

Próximo da escrivaninha descançava, aberta num atril, a obra de Louis Gonse, *L'art gothique*, e nos extremos da sala duas estantes de côro, que tinham recebido outrora os antifonários e sentido roçar nas suas fibras o desenrolamento grave do cantochão, acolhiam agora magnificências livrescas de execução moderna, piedosamente resguardadas por litúrgicos panos.

Nas fiadas da biblioteca, que ocupava inteiramente um muro lateral, enfileiravam-se séculos de história da arte, e em centenas de volumes e milhares de fotos, desfilava a arquitectura religiosa de todas as eras, as ruínas mortas, os templos gastos, as catedrais decrépitas, tudo comentado, inventariado e fixado nos *couchés* setinosos e nos encorpados velinos caros.

Era obsidiante a preocupação da arte religiosa não só na decoração quási restrita a hieratismos e na livraria, como tambem nas inúmeras anotações pessoais, perfis de nervuras, pilares e arquivoltas, desenhos de pórticos e rosáceas, uma imensidade de croquis, de garatujas e de esbocetos de viágem, que formavam principalmente a decoração mural duma outra dependência contígua, verdadeiro gabinete de trabalho dum artista profissional. Esta segunda quadra, que recebia luz do nascente por uma janela moderna fendida em ogiva, ocupava-a, em grande parte, uma larga mesa de desenhador, sôbre cavaletes, onde se estiravam moldes, planos e alçados, e de encontro a um muro, uma estante-cómoda, com o mármore pejado de variada instrumentaria, recheava as suas prateleiras de manuais técnicos e tratados.

Tal era a residência de Luciano, arquitecto, de 22 anos, filho do chantre da Sé de Lisboa.

*

O cónego Porfírio de Sampaio e Melo fôra, nos seus tempos de Coimbra, uma glória da academia que os contemporâneos exalçavam com respeitosa admiração. Oriundo do Porto, duma família tradicionalista fértil em vergónteas que se tinham ilustrado na Igreja e na magistratura, seu pai, um juiz da Relação, augurando para aquêlo filho a mitra dum antepassado, destinara Porfírio à carreira eclesiástica, internando-o com dezasseis anos no seminário de Coimbra, donde saíra depois para formar-se em teologia.

Não se mostrara Porfírio um poço de virtudes nem um dêsses modêlos de sisudez precoce feita de instintos disciplinarmente refreados e de abstinências impostas pelo santo ministério. Mas, se o padre não tivera uma mocidade de asceta, bem sóbrios haviam sido os seus prazeres mundanos. Sério sem ser austero, inteligente e ponderado, com uma instrução mais suculenta que a água chilra oficial, era Porfírio muito cioso da sua dignidade e incapaz, por temperamento e educação, de ceder a um mau passo. Atraente e insinuante, duma beleza varonil que tanto podia provir da harmonia das proporções como da correcção de maneiras, Porfírio sentira-se mais duma vez sossobrar em românticas crises de amor assolapado, com tentações de estrangular os votos nas tiras da batina e morder ávidamente o fruto proìbido. Mas, passada a febre, o sangue arrefecia e o bom senso triunfava.

Concluída a formatura, o novo sacerdote voltou ao Porto e obteve o logar de secretário da câmara eclesiástica e uma cadeira no seminário diocesano. Anos depois, colocado na mitra de Lisboa um velho amigo da família, Porfírio acompanhou o novo patriarca que o fez beneficiado da Sé e, mais tarde, cónego, ele-

vando-o depois a dignidade numa vacatura de chantre.

No ambiente requintado dos salões lisboetas, a sua linha fidalga recortou-se com mais firmeza e a sua esbelta figura adquiriu um novo aprumo, como uma haste que se expande aos raios dum sol mais quente. A natural afabilidade sem inflexões afectadas, uma distinção de raça timbrando as maneiras graves, a linha sempre correcta e o porte sempre gentil, conquistaram-lhe as simpatias mundanas e obtiveram-lhe um êxito completo. Tornou-se o menino bonito das sacristias. Não houve obra piedosa, devoção de caridade nem cruzada filantrópica de que êle não participasse.

Mantinha padre Porfírio a discreta reserva de sempre, mais cauteloso agora nêste meio escorregadio e tão pródigo em ciladas. Mas afinal sucumbiu. E dos seus amores com certa beata lasciva que, num acesso de misticismo erótico, se lhe lançou um dia nos braços, nasceu Luciano, com repulsivo horror da dama e tal carência de maternidade que chocou o eclesiástico. Não quiz êste repudiar o filho e tomando a sério o seu papel de pai, mandou-o criar e educar, tomando-lhe grande afeição.

Aos dez anos entrou Luciano pensionista no colégio de Campolide e notando-lhe o cónego a vocação artística, deixou-o entrar nas Belas Artes, donde saiu arquitecto.

Não fôra sem uma certa apreensão que padre Porfírio, homem da igreja, notara, apesar da educação recebida, a indiferença do rapaz em matéria religiosa, não que o quizesse amoldado ao ambiente das sacristias, mas não revelasse tal desinterêsse um sintoma de rebeldia ou de menosprêzo pelas crenças. Mal saíra do internato, Luciano, com efeito, deixara de praticar e caíram logo em inobservância os pre-

ceitos religiosos incutidos em Campolide. Já na sua passágem pelo Colégio êle não provara grande piedade. Os exercícios espirituais fazia-os sempre alheado e vago, sem o veemente fervor da fé, jàmais orando sòzinho nem se mortificando em ascetismos. Só resava as orações da comunidade ou as que lhe impunham no confessionário, por espírito de obediência. Nos seus seis anos de internato nunca Luciano sentira essa vulgar efervescência do sentimento religioso exacerbado, espécie de lava espiritual que aflue em fogo, trasborda nas crises da adolescência, e fica formando quási sempre a estrutura óssea do carácter. O que, porém, o perturbava e comovia era a côr e a linha, a impressão visual que recebia dos aspectos, um sentido plástico das cousas que lhe fazia vêr a vida do inerte na fisionomia móbil das formas, na coloração epidérmica dos tons. Este exclusivismo artístico, que o absorveu logo muito cêdo, viu nêle cónego Porfírio a causa natural da pouca inclinação religiosa do rapaz e a inquietação do chantre dissipou-se quando, num convívio mais íntimo, se lhe revelou o bom carácter do filho.

Vivia Luciano com o cónego nos edifícios novos do Pátio da Sé, sôbre o claustro.

Para o mundo era o rapaz um sobrinho do chantre que o recolhera na orfandade com solicitudes de pai. Não estranhou a sociedade, como não estranhou a Sé, ao receber no seu seio aquêle éfebo de cabelos loiros que divagava pelas naves como um príncipe de lenda.

Luciano manifestara cêdo, nas revelações da vocação, o fino gôsto da antiguidade. Desdenhando na profissão o utilitarismo interesseiro, explorara-lhe apenas os lados artísticos mais acessíveis e ternos e onde pressentia afinidades. A arte religiosa empol-

gara-o, conquistara-o. Com que vaga saùdade e enternecida emoção êle revivia na Sé, em horas suaves de devaneio, os longínquos mundos desaparecidos de que só emergiam os píncaros dos monumentos acossados pelo vento alto das ideias e prestes a sossobrarem na onda aluvial das renovações incessantes! E divagando pelo passado, numa exaltação visionária das suas grandezas mortas, o artista correra, maravilhado, o ciclo das arquitecturas.

Era primeiro a feeria asiática do oriente, o sistema monolítico da estabilidade inerte e rectilínea que fizera da palmeira e do lotus o fuste esbelto e o capitel, elevando no Nilo e no Eufrates arquitecturas hieráticas de obeliscos epigrafados, de pirâmides e necrópoles, de esfinges e colossos fixando, como sonâmbulos, o horizonte abrazado dos desertos. Depois passavam os templos gregos feitos de graça apolínea, de simplicidade e harmonia, com a sua técnica do módulo, o equilíbrio sábio das proporções, a sobriedade calma do ritmo, brancos na magnificência dos seus céos luminosos. E as pesadas moles de Roma, mais utilitárias que estéticas, predizendo a futura fase industrial dos povos, clamavam o esforço da *urbs* imperial cimentando por toda a terra as marcas eternas do seu poder. Luciano detivera-se a seguir nas regiões edénicas da Síria, nas ridentes aldeias do Heuron e nos territórios de Alepo, onde se gerara o tipo cristão da arquitectura ocidental, e assistira em Bisâncio à fusão do génio grego e do oriente pérsico, donde haviam nascido as igrejas de cúpulas. Mas a arquitectura medieval, floração maravilhosa do espiritualismo cristão, é que o tinha seduzido pela maleabilidade das suas formas a todas as inflexões subtilimas da fé, por toda essa passividade de cera branda ás arremetidas dos corações e cujas brechas lacerantes a unção mística da Liturgia arredondava e

amaciava. Fôra a arte da Idade-média que gerara a catedral, que era a Bíblia florindo em pedra, o Evangelho estilisado. No fervor da crença, o espírito erguia-se da terra, tinha arrancos para o alto, desarreigava-se do ser. A catedral fôra esta distensão elástica da matéria sob a pressão da alma presa, elançando as ogivas, tumescendo as abóbadas e escapando-se, num grito de ave liberta, pela ponta aguçada duma flexa...

Fôra ao voltar num fim de outono, de demorado estágio em França e embevecido poiso nas suas catedrais, que Luciano se apaixonara subitamente pela Sé, nostálgico de Chartres, de Amiens e de Reims. Ah, o amor que o devorou de súbito! Que amigos já êles eram. Enquanto tirara o curso, o artista fizera da velha igreja campo prático dos seus estudos e certos detalhes técnicos e modos especiais da arte antiga, o seu olho perspicaz colhera-os ali ao vivo, naquêle esventramento de ruína em que jazia a catedral, como um cadáver esquartejado numa mesa anatómica. Agora, porém, fremindo nos estos do amor acêso, arrebatado num toque místico, com a visão experimentada e um novo sentido das formas, o arquitecto adivinhara, sob o envólucro sacrílego de estuques e argamassas, a envergadura, o corpo esplêndido e branco duma catedral da Idade-média. E na emoção daquela nova, como quem segue deslumbrado o fio de oiro dum sonho, foi prescrutando, foi auscultando, membro por membro, pedra por pedra, a estrutura da basílica, cuja alma êle sentia ainda palpitar na entranha íntima dos muros.

Era empresa difícil, sob os emboços grosseiros, determinar com segurança a história arquitectónica da Sé de Lisboa e restabelecer-lhe na sua pureza, os caracteres primitivos. As fontes de investigação eram escassas e essas mesmo incertas, não merecen-

do confiança. Os arquivos sorvera-os a vorágem dos cataclismos que, em certas épocas, quási tinham subvertido a catedral. Os terremotos, com efeito, encarniçavam-se particularmente sobre a velha igreja e o de 1755 fustigando-a com inaudita crueldade, abrira-lhe feridas enormes que os arquitectos do tempo tinham pensado com a emoliente pomada dos estuques, agravando-a ainda mais o receituário da decadência. Os poucos textos que restavam, exíguas referências de cronistas, nada esclareciam sôbre a estrutura do templo e vinham mesmo lançar uma confusão maior, a tão diversas interpretações se prestavam, como essa debatida questão das cinco naves, baseada numa passágem do cruzado inglês Osberno que acompanhara Afonso Henriques na tomada de Lisboa, e sem nenhuma garantia séria. Quanto se tinha escrito, quanto se tinha divagado sobre a venerável basílica! Fôra obra de Constantino? Datava dos suevos ou dos godos? Fôra mesquita dos mouros? E para o saber tinham caído sobre o velho monumento, que se obstinava no seu segredo, equipes de antiquários, de paliógrafos e epigrafistas, interrogando os séculos idos com ares proféticos de astrólogos. E os escavadores de erudições, os paleontólogos da história, sondando os arcanos, esquadrinhando os recantos, esgaravatando os relêvos e encarniçando-se horas e horas sôbre centímetros quadrados de pedra, na pista dum sinal e à cata da menor grafia, tinham atacado os latins gastos das inscrições, os góticos corroídos dos epitáfios, toda a linguágem enferrujada dos velhos tempos desarticulada e posta a falar nas suas bárbaras sonâncias mortas.

As pesquizas, porém, nada tinham adiantado. O templo não ia além de Afonso Henriques, embora houvesse quem remontasse mais longe as suas orígens. Mas não era a tese litigiosa da fundação que

preocupava Luciano. O que êle via na Sé era uma relíquia a desobstruir da ganga dos entulhos, um corpo a despojar de ignóbeis cataplasmas. Artista e construtor, o que o entristecia era ver a catedral romano-gótica completamente desfigurada nas suas linhas típicas, como uma estátua que tivessem o mau gosto de enroupar para lhe encobrirem mutilações. Antes as cicatrizes disformes do que arrebiques casquilhos. Antes as rugas veneráveis do que a maquilhagem de gêsso.

A morada do chantre integrava-se na catedral pela via religiosa do claustro. Viver ali era entrar na vida íntima da Igreja. A melancolia perturbante do ofício, os sons plangentes dos órgãos, os incensos e o cantochão, as sumptuosidades do rito nas ceremónias pontificais, todo êsse inquietante atavismo ancestral das religiões actuava, como um ópio, na imaginação do artista. Quanto Luciano fôra refractário às injunções do dogma tanto permeável se mostrava às carícias da Liturgia. Se a Igreja o não contava entre os vassalos da fé, possuia-o lúbricamente pela sedução da sua beleza. E embriagado no olor que vinha dela, amou-a como a uma mulher nos seus sentidos de adolescente. Parecia até que as formas veladas da catedral o excitavam ainda mais. Ardendo na febre do desejo, despia-a, sexualisava-a, desnudava-lhe com volúpia ocultas plásticas deslumbrantes. E a catedral surgia-lhe na sua olímpica nudez, remoçada, muito branca, em toda a beleza ideal do século XIV. Oh, recuperá-la assim! Tê-la como ela o fôra outrora e como o era ainda sob os emplastros ignóbeis! E imaginava o que ela seria se as suas mãos lhe tocassem. E o artista via já, numa restauração feita por êle — quimérico sonho irrealisável! — entenebrecerem-se as naves, altearem-se as abóbadas, afogarem se de sombra as colunas e arquivoltas, atiçar-se o brazido

rubro das rosáceas, e na passágem do cruzeiro românico para o deambulatório gótico, transição vaga da sombra para a penumbra mística, elançarem-se os colunelos, cruzarem-se as finas nervuras, franquearem-se as capelas — com suas abóbadas de ogiva, a epiderme de pedra posta a nu, os fundos de esguias lancetas rematadas da rosa trilobada — e ultrapassada por fim a alta nave de Afonso IV, arredondar-se, dentro da linha bastional do claustro, o crescente de pedra da ábside, e recortar-se nos espaços, com a sua beleza volátil, a silhueta graciosa dos arcobotantes...

Restaurar a catedral! Que delicioso sonho das horas suaves de devaneio! E que salutar eflúvio, que transfusão de vida nova êle realisaria nêsse organismo debilitado por tão freqùentes crises, cujos terríveis efeitos gerações ignaras ou negligentes não tinham sabido atalhar, quer favorecendo o descalabro, quer recompondo ineptamente! A restauração! Bem a tinham reclamado os zeladores do nosso rico património de Arte. Porém, as obras só causavam agora enfado, quási sempre paralisadas ou arrastando-se anos e anos, sem um progresso que se visse. É certo que, de longe em longe, tudo parecia acordar; vozes súplices erguiam-se, autorisavam-se verbas, esboçavam-se projectos. Mas era a nora a recomeçar o seu monótono ranger, pois nada obedecia a um plano de conjunto, simples reparações orçadas com parcimónia e ratinhadas com usura e que, por falta de orientação, faziam ainda mais mal à Sé. E era tempo de acudir ao venerável monumento antes que novas afrontas acabassem de vez com êle.

Pois bem. Súbitamente, num prodígio de mágica, o sonho realizava-se. A basílica ia ser dêle! Como? Autorizara o Governo obras de restauração na pa-

triarcal lisbonense e, por despacho de véspera, o arquitecto nomeado fôra êle — Luciano. Porquê? Ignorava-o. Interferência do prelado, amigo íntimo do chantre? Talvêz. Luciano nada sabia. Não queria mesmo saber. Iam dar-lhe a catedral, que lhe importava o mais?... E julgára morrer de felicidade. Mas, refeito da surprêsa, aterrado dum tal encargo, o artista vacilára uma hesitação momentânea e na vigília dessa noite agitada e febril, a Sé surdira-lhe, por vezes, em pesadelos macabros numa esfinge enigmática cerrada no seu mistério, num hieroglífico colossal que êle olhava aturdido sem nada compreender, como se tudo se lhe tivesse varrido da memória. Depois, na madrugada clara, recobrada a lucidez e acalmada a febre, a confiança renascera ao saùdar a velha amiga, toda gloriosa e soberana na poeira de oiro das suas ruínas. E ali estavam a contemplar-se, a adorar-se, como dois noivos que vão casar. Ah, o grande sonho, o grande deslumbramento! Sempre era certo, sempre era dêle afinal. E vinham pôr-lha nos braços e entregar-lha aos seus cuidados. Na verdade, quem mais do que êle a merecia? Quem, como êle, a amava tanto? E tinham-lha dado sem reservas, confundidos por aquêle amor, assombrados por uma tal fé, convictos, finalmente, de que só êle podia salvá-la, que se êle a não amparasse, ela desagregava-se em pó, na derrocada irremediável que a deixaria rasa ao solo. E uma alegria trasbordante inundava-o todo, agora que êle era senhor daquelas pedras, que ia revolver o venerável solo e arrancar ás suas entranhas tanto mistério ignoto. Ah, a grande amiga! Se ela soubesse a boa nova! Se ela pudesse adivinhar! E num arroubo de apaixonado, envolveu-a na carícia dum tal olhar, que a mole inerte pareceu vibrar, estremecer num frémito de amor, transfigurada e viva na luz doirada que a beijava toda.

Mas nisto foi distraído por alguêm que lhe acenava, em grandes gestos, duma arcada do claustro. Luciano recolheu-se e descendo uma escada no ângulo do botaréu, caminhou ao encontro dum eclesiástico ainda novo que o aguardava sorridente no jardinsito em baixo.

— Já sei, já sei a boa nova! exclamou o padre com vivacidade, apertando a mão que o arquitecto lhe estendia.— Uma catedral novinha em folha. Satisfeito êsse sonho, hein? E o senhor que nada dizia! Grande egoista! Não tem desculpa, não senhor...

— Mas se nem mesmo me consultaram, padre Anselmo. Se lhe disser que não sabia nada! Uma verdadeira surprêsa que me deixou atónito.

Padre Anselmo, interessado, crivava o artista de preguntas.

— Bem; e êsse plano de trabalho pode agora saber-se? Que o senhor, certamente, tem já um plano! Mas saia emfim dessa reserva. Mostre-nos os seus projectos. Diga-nos o que vai fazer. Se soubesse como fiquei contente! Ah, se vou ver, emfim, a nossa Sé desafogada dêste entulho!

O arquitecto sorria daquêle entusiasmo do moço eclesiástico e animava-se tambêm nas suas palavras quentes.

Padre Anselmo era um sacerdote dos seus trinta anos, pálido e idealista, duma diafaneidade seráfica, mas muito vivo e buliçoso, com reptos de iluminado e apetências místicas, que fôra nomeado, havia dois anos, capelão-cantor da Sé. Alma feita para a clausura, sonhando a vida que não podia ter no remanso dum mosteiro, padre Anselmo resignava-se cultivando a liturgia e a música sacra no ambiente medieval da metropolitana. Uma activa correspondência com os beneditinos de Solesmes, donde recebia publicações, iniciára-o na grande renascença artística que

vinha a operar-se nos claustros, e na corrente da orientação monástica que tornava de novo as celas laboratórios de estudo, publicára diversos escritos sobre as origens do canto litúrgico e enviára mesmo a Dom Mocquereau fototipias dum gradual muito notável que encontrára na Torre do Tombo, com notação alfabética e neumas-acentos, fototipias que tinham aparecido na *Paleografia musical* acompanhadas dum estudo seu que o grande sábio beneditino acolhera benévolamente.

Com um tal temperamento adivinha-se o horror de padre Anselmo ao encarar, de volta do seminário, a perspectiva desolante dum curato na província. Valendo-se de influências, lá conseguira, porêm, ficar coadjutor numa paróquia da capital. Mas não descansára enquanto não se vira sob as abóbadas da Sé, onde se rezava todos os dias o ofício divino em côro e se mantinham restos vagos de extintas pompas litúrgicas; — um venerável templo primitivo como êle sonhára no seminário e que era ainda, na antiga floresta requeimada pela descrença, o calcinado tronco onde reverdecia um pouco do passado morto.

A sua entrada na patriarcal, que seria para outro o limiar entreaberto duma carreira de promessas, não lhe despertára ambições; nem o tinha deslumbrado a sumptuosa escada erguida na sua frente, por onde se subia ás mais altas dignidades. Cobiçára, é certo, aquilo, mas para ver-se internado numa atmosfera espiritual, num meio próprio para a sua alma poder viver e sonhar. Afinidades estéticas tinham-no aproximado de Luciano, única pessoa que êle conhecia capaz de compreendê-lo, que escutava os seus anelos e o seguia complacente nos vôos errantes de místico.

A notícia da restauração tornára-o doido de alegria, vendo já a basílica reintegrada no seu prestígio,

primeiro passo duma outra restauração não menos desejada, que era o restabelecimento do cantochão e da liturgia no rigor monástico de Solesmes. O certo é que o calor do presbítero e a sua cega confiança comunicaram-se a Luciano que sentia dissiparem-se as últimas hesitações e criar alento para atacar a grande emprêsa. E êle, tão pouco expansivo sôbre a sua catedral, não falando dela nunca, como um amante cioso, abria-se em confidências, num desejo de evidenciá-la, de apregoar aos quatro ventos o amor que lhe tinha, agora que o grande sonho se tornára realidade.

— Sim, padre Anselmo, acabára por lhe dizer, levantaremos a catedral das suas ruínas e a Sé ressurgirá tão esplêndida, tão bela como a elevaram outrora os mestres medievais.

Mas o presbítero, impaciente, pretendia detalhes, queria saber pormenores. Que é que êle faria primeiro? Sim, por onde começaria?

Luciano, bem disposto, resolvia-se a satisfazer a curiosidade do amigo.

— Por onde começar? Sei lá ainda! Convem rebater desde logo o pessimismo das primeiras impressões, não lhe parece? Vamos, portanto, sanear o exterior e limpar já o pobre monumento das mansardas parasitárias na fachada lateral norte. Sob aquela carapaça daninha encontram-se paredes coevas do reino. Estão ali veneráveis relíquias da fundação românica. Êsses muros, que resistiram a tantos cataclismos, reteem nas suas entranhas a visão de sete séculos de história.

— Noto uma coisa, observou o capelão-cantor. O lado norte tem resistido melhor aos terremotos.

— Explica-se: a situação favorável dessa parte do monumento encravada nos terrenos desnivelados da rua. Não é tambêm para desprezar a disposição espe-

cial dessa fachada da basílica com edifícios colados desde a orígem no ângulo do transepto. Mas em que estado puzeram tudo! Até escorrências fétidas maculam esses muros sagrados. Ha de concordar, padre Anselmo, que se nos tempos que correm a Igreja sofre desacatos, os seus serventuários doutrora não a respeitavam lá muito!...

— Não, não é bem falta de respeito, meu amigo. O convívio, sabe, familiariza, traz liberdades, confianças... Nem o que é divino escapa. Depois, compreende-se, nêsses séculos XVII e XVIII de tanta fé, com o enorme desenvolvimento dos serviços religiosos... Bons tempos êsses para a Igreja, suspirou o padre.

— Mas calamitosos para a arte, replicou o arquitecto. Não é só a decadência, é a administração eclesiástica sacrificando o que havia de bom ao utilitarismo económico da Igreja; é a obra nefasta de irmandades e confrarias. O ódio que eu tenho a essas termites dos templos, mil vezes mais perniciosas que as catástrofes sísmicas. O que elas fizeram nesta pobre charola!

— Sem dúvida, Luciano, tem aqui muito que labutar, atalhou o eclesiástico, sorrindo da indignação do artista. Mas quantas mais contrariedades vencer, tanto mais realçará o mérito da sua obra.

E no lento caminhar pelo claustro tinham chegado a uma das pontas do lanço norte, onde se abria a *porta escura* que dava acesso para o deambulatório. Voltaram-se ambos.

Todo o longo corredor de abóbada artezonada avançava atarracado pela elevação do solo que fôra outrora cemitério. O claustro era grave e severo, duma austeridade cisterciense que vinha dos muros vetustos onde as pedras corroídas pelos séculos pareciam dispostas geologicamente, fora de todo o arti-

fício, como blocos conglomerados numa lava arrefecida.

— Verdadeiramente monástico êste claustro! exclamou enlevado o padre-cantor. Sugere-me a regra de S. Bento, observâncias primitivas... Dizem que é de D. Denis por se parecer com o de Alcobaça. Há também uma cruz de Cristo aí adeante, num cruzamento de nervuras. Lá bem antigo é êle!

— Nenhuma dúvida sofre que o claustro, embora já gótico, é anterior a Afonso IV. A fábrica dos aparelhos, os perfis das molduras bem no estão demonstrando. Mas há uma prova bem evidente: é êsse corte que aí está, é o claustro mutilado para deixar passar a ábside...

E o arquitecto, arrebatando o capelão-cantor pela manga da batina, forçava-o a erguer a vista.

— Olhe isto aqui, padre Anselmo. Veja êste encontro do deambulatório e do claustro. Sabe que o mestre de Afonso IV, ao cingir a fronte da Sé com o diadema das capelas góticas esbarrou no claustro? Era inevitável o sacrifício. Não havia que hesitar. E os seus ramos terminais foram cortados implacavelmente pelo compasso riscando a trajectória da charola. Remediou-se o cruel agravo? Pensaram-se tão rudes feridas? Ninguêm pode hoje sabê-lo. Ou a ligação não se fez ou se desfez num cataclismo. Mas lá início teve ela, isso é que teve. Êste último tramo que o senhor está vendo, defeituoso e mal acabado, é obra da decadência. Fixe-me bem essa abóbada, padre Anselmo. Um remendo, não é verdade? as suas nervuras de secção poligonal tresandam a obreirismo de sacristia, enquanto que aquelas alêm são medievais, um pouco rudes ainda, mas respirando já a elegância da factura ogival. Pois nêste tramo uma pesquisa revelou-me um fragmento de artezão da obra reparadora, a soldadura que teria tentado o arquite-

cto de Afonso IV, e reconhece-se a sua inserção, ora repare, no extradorso da capela. E' gótica essa nesgalha, isso é que é, e gótico do deambulatório que não é o mesmo que o do claustro? Mas continuaria a nervura? Seria de novo fechado o claustro? Ou teriam os góticos fugido a tão ingrata tarefa? Um sério problema a resolver, esta soldágem, meu amigo.

E Luciano abismou-se em funda meditação.

— Mas êste claustro, êste claustro... continuou o artista depois duma pausa. Se lessem nêle como eu leio! O tempo que lhe tenho dado, as horas que aqui passei para saber como isto foi, como se gerou e floriu o gótico nos velhos troncos românicos! Porque é românica a raiz dêle.

— O quê, românico no claustro?... Está sonhando, meu amigo. O românico para cá do transepto? E quem lhe diz que isto é assim?

— Os olhos, a evidência... Há nêste monumento, padre Anselmo, uma particularidade que o senhor talvez ignore e que faz a delícia de quem o estuda. E' a qualidade da pedra datando as épocas e os estilos, espécie de fio de Ariadne no labirinto das reconstruções. Quantas vezes se nos deparam enxertias do gótico em estruturas românicas? E isto sucede aqui no claustro. Estas abóbadas ogivais apoiam-se em muros trabalhados anteriormente.

— Não enxergo como isso possa sêr...

— E' fácil. Um leve exame à Sé revela logo que a ábside românica de Afonso Henriques — a parte fraca do templo — foi enquadrada numa espêssa muralha defensiva que subia ao sul e a leste, do fundo duma grande depressão e corrigia o desnivelamento dos terrenos em que a igreja fôra assente. E' essa muralha que o senhor aí vê. Figure agora se não se adequava à maravilha, encostada a êstes maciços, a alpendrada dum claustro...

— Compreendo agora.

— E se fôsse só isso!... Certas capelas dêste lanço transversal... se elas falassem... Ah, êste claustro, êste claustro! Se lessem nêle como eu leio!...

Dois passos mais e penetraram no deambulatório pela *porta escura*, uma poterna cavada num fundo lôbrego de capela agora transformada em serventia de passágem. Entravam em puro período ogival e começava o estilo que, pelo elançamento gracioso dos cintros quebrados, como mãos postas em oração e fuga suave de linhas, artérias vivas coleando, deslisando de alto a baixo, nas abóbadas, nas dobras das arquivoltas e ao longo dos pilares, melhor exprime a perturbante ascese mística. A nave era alta, em hemiciclo, cheia de penumbra e de mistério, seccionada em tramos curtos, trapezoidais, com arcos-mestres e formeretes recaíndo sôbre colunelos do lado das capelas góticas.

— Êste deambulatório, posto que deploravelmente mutilado, é um admirável espécimen medieval, com o seu escrínio de capelas ogivais do elegante gótico secundário. Seria um crime de lesa arte deixar perder o que há de aproveitável nesta ruína! Os arganazes da sacristia fizeram aqui um destroço enorme. Instalaram-se nêstes delicados alvéolos feitos para orar e meditar e talharam divisões, rebentaram muros, romperam abóbadas, furaram escadas, roeram nervuras, uma devastação completa... Como vê, o plano da ábside é fundamentalmente gótico, isto é, de forma poligonal que, alêm de oferecer mais elegância, tem a vantagem de se conjugar melhor com o sistema de abóbadas artezonadas, facilitando a construção. Pois ainda lhe hei de explicar um dia como os góticos plantaram aqui êste crescente de pedra, típicamente, castiçamente ogival, único na nossa terra.

— Quantas capelas afonsinas são então? inqueriu o padre-cantor.

— São nove, exclamou o artista. E devem achar-se aí todas.

— Mas não as vejo...

— Não se importe com as aparências. É o erro de todos. Deite os olhos para uma planta e vê-las-à. O deambulatório tem treze tramos ou vãos de abóbada, número ímpar segundo os preceitos técnicos, a que correspondem homólogamente outros tantos lados no polígono. Se as dos extremos — Santíssimo e de S. Vicente — anteriores, a meu ver, á edificação de Afonso IV, abrangem dois tramos em cada ramo, é evidente que a charola do século XIV compreendia nove capelas.

Acabavam a volta do deambulatório e desembocaram no transepto, sob o grande arco ogival que demarcava duas épocas. Um perfume de rosas frescas pesava no ar, tão intenso, que Luciano deitou a vista em roda como procurando alguêm.

— E' no altar de Nossa Senhora-a-Grande, que a condessinha mandou florir, esclareceu o capelão cantor. Ela mesma aí andou ontem a dispor ramilhetes.

— Ah, a Monforte! Vejo-a muito na Sé.

— Por causa do Apostolado. Que os Monfortes foram sempre muito amigos da Sé. Os seus avoengos deixaram-lhe tenças e fizeram-lhe grandes doações. Possuiam mesmo aqui uma capela, Santa Cecilia, no deambulatório, da especial predilecção de condessinha Maria Helena, que mantem nela ainda o culto.

— Pratica assiduadamente...

— Uma boa católica como poucos há hoje, essa interessante menina, não sei se mais nobre pela estirpe fidalga do que pelas virtudes cristans. Pródiga sem reservas quando se trata de obras de caridade. Estas preciosas devoções que ela organiza freqùen-

temente e que reanimam um pouco a Sé, não passam, afinal, dum pretexto para derramar a cornucópia dos seus benefícios. Pode dizer-se com verdade que ela renova o milagre antigo, transformando em moedas de oiro as rosas que põe nos altares...

— Se são riquíssimos!...

— Embora, nem todo o rico é esmoler.

— Será uma santa a sua condessinha, padre Anselmo, mas quere que lhe diga? Acho-a fria e orgulhosa. Envaidecem-na talvez suas linhágens.

— Como se engana, Luciano! Vejo, porêm, que não se conhecem.

— Uma ligeira apresentação num encontro casual aqui na Sé. Mas tive logo a impressão de que me acolhia como um intruso. Ora a Sé, por muito valimento que essa dama tenha aqui, não é precisamente o seu palácio de S. Martinho.

— Ah, mas são ciúmes, exclamou a rir o capelão-cantor. Não há razão, que a catedral chega bem para ambos.

O arquitecto calára-se. Apreensivo, cismador, encarava agora o templo num vago olhar de sonho. A nave central abria-se em frente ladeada das duas colaterais abobadadas à romana. Um ar solene de grandeza e majestade vinha dos restos esparsos dos séculos, que tinham ficado retidos, sob as abóbadas, por detrás dos muros sólidos, em certos cantos não renovados, como nos recôncavos das rochas fica um pouco da onda que passou. As reparações desfiguravam-na e deprimiam-na, mas a elegância dos perfis, a firmeza das linhas, todo o seu soberano arrojo de catedral, sentia-se na rêde de nervuras, sob a pele das argamassas, no relêvo das formas belas que faziam esquecer o traje ignóbil. Nessas colunas e pilares, debaixo de estuques e rebôcos, colavam-se ainda, condensadas no mármore frio, antigas preces arden-

tes. As velhas mirras subtilizadas vertiam dos muros os seus olores. Toda a igreja surgia do passado com a sua côr de catacumba, galvanizada dêsse metal sombrio que é a pátina do tempo. E cerrando os olhos para a ver melhor, Luciano exclamava:

— A nave românica de Afonso Henriques! Se a visse como eu a vejo, padre Anselmo! Que ela não é como aí está, um hierático manequim grotescamente travestido. As reparações do século XVIII deformaram-na barbaramente e emprestaram-lhe o ar ridículo duma falsa mocidade. Não, ela não é como as aparências a mostram. Quere vê-la? Figure esta nave central bordada de árvores seculares jorrando do solo os seus tufos de caules, uns vergando flexivelmente recurvados em arcadas, dum lado e doutro da álea; outros, mais vivazes e resolutos, grimpando altivamente, muito direitos e firmes, e desfibrando-se na sombra em invisíveis ramificações que sustentavam o impermeável tecido duma abóbada. Aí tem, padre Anselmo a nave do século XII.

E na revivescência da basílica, as épocas recuavam, todo o passado renascia da bruma vaga do tempo. E as graves figuras históricas surgiam, as sombras dos reis antigos que tanto a tinham amado, vencendo a inconstância dos solos movediços e erguendo-a carinhosamente, cada vez mais bela, das suas ruínas. E' Afonso Henriques que a levanta dos fundamentos e a sagra catedral de Lisboa; D. Denis que a dota dum claustro; Afonso IV que lhe dá o diadema gótico e lhe entrega depois o seu corpo; João I que a faz metropolitana e acorre a ela sentindo a morte abeirar-se. Depois começava o desapêgo, o abandono, o esquecimento. Os reis, voltados para o mar, voltavam-lhe agora as costas, e os templos, tornados pagãos, refletiam as aventuras marítimas, o deslumbramento das Índias nas colunas das suas naves que

sugerem mastros de navios, na decoração toda náutica de marmoristas navegadores. Êsse Manuel o venturoso, que cria quási um estilo próprio e deixa em todas as igrejas o cunho da sua época, não dá à Sé de Lisboa uma única pedra. E se D. João V intervem fechando o longo parêntesis de ostracismo, é para sonegar-lhe honrarias em proveito da sua capela particular, como quem arrancasse a corôa a uma rainha e fôsse pô-la na cabeça duma cortezã.

— Ah, padre Anselmo, que dolorosos vestígios de hordas bárbaras aí há! Nêsse século XVIII a insânia atinge o auge. Os restauradores da Sé, no desejo de a alindarem, betumaram-lhe as fracturas, vestiram-na de trajes garridos, barraram-lhe as rugas de cremes, puzeram-lhe carmim nas faces e eis aqui a catedral toda casquilha e saracoteada num abrir e fechar de olhos. Com tamanho desprêzo pela arte e pelas tradições, adivinha o que êsses vândalos não fariam aqui dentro. Imagine, por exemplo, que tiveram a criminosa idéa de golpear a pedra como um crivo, para que o gêsso aderisse melhor. E se estragassem apenas a silharia!... Mas os capiteis da primitiva, os antiqùíssimos capiteis românicos foram pacientemente picados em toda a redondeza da corbelha e há tal que nem lhe escapou uma folha, uma nervura, um relêvo, inteiramente glabro como uma cabeça de monge rapada a navalha de barba. Aos flagelos da natureza sobrepoz-se o crime humano. E a tudo, a todos os tratos a catedral tem resistido! Que ela está bem viva, lá isso está, padre Anselmo. Sob o disfarce de entremês oculta-se a fisionomia medieval e emparedado em maciços de alvenaria, sente-se pulsar-lhe o coração. As catástrofes não a pouparam, pobre igreja! Os terremotos arrazaram-lhe as naves, ruíram-lhe as abóbadas, fenderam-lhe as arcadas, abalaram-lhe as colunas e, depois, os incên-

dios lamberam-na toda com os seus ciclones de fogo esburgando lhe o esqueleto debaixo da carne viva das feridas. Mas as chagas não foram curadas e supuram ainda sob os emplastros das reparações. E' preciso despi-la toda da beleza falsa dos ouropeis, desempastar-lhe os cancros do algodão das sacristias, desinfectá-la dos bálsamos da devoção e dos ungüentos da piedade, raspar-lhe os pôdres gangrenados, descarnar, descarnar fundo, deixar correr o sangue impuro e soldar então ao arcaboiço são da primitiva a ossatura nova dos granitos, no mesmo rasgo de audácia criadora, no mesmo impulso gerador doutrora.

E o moço artista, soberbo no seu gesto, tinha o ar enérgico e decidido dum atleta que se arregaça para um enorme e prodigioso esforço.

Padre Anselmo, arrebatado, esgazeava os olhos para Luciano que se afastava transfigurado, exaltado na auréola de oiro do seu sonho. E o capelão-cantor preguntava-se inquietamente se não fôra vítima duma ilusão e não tivera na sua presença, renascido do pó dos séculos, o lendário mestre Roberto que teria erguido a Sé românica, ou o anónimo arquitecto da ábside de Afonso IV.

E como a sineta tangia para a missa, depois de rezado o ofício matinal, padre Anselmo encaminhou-se para o côro e foi tomar assento na primeira bancada nua, a mais humilde, em baixo, que é a dos simples capelães-cantores.

II

D. Francisco Diogo de Pina Coutinho, 3.º marquês de Pombeiro e 5.º conde de Linhares, cujas genealogias entroncavam na mais antiga nobreza do reino, fôra um dos grandes fidalgos portugueses que entrara em 1640 na conjuração nacional contra o jugo de Castela. O seu carácter belicoso e feitio batalhador grangearam-lhe fama de bravo e teceram-lhe imarcessiveis louros nas pugnas da Restauração, tendo-se coberto de glória na jornada de Montijo, onde as proezas que obrou como capitão duma companhia, e que dicidiram da sorte da batalha, ecoaram de tal modo, que D. João IV, em recompensa dos seus feitos, deu-lhe assento na côrte e galardoou-o de bastas tenças e mercês. Finando-se em 1645, com um filho de sete anos, a gratidão do soberano continuou a honrar na tenra vergôntea a memória insigne do seu vassalo, e mantendo-lhe estada no paço onde se criára como um infante, o favor régio requinta-se encimando o já ilustre brasão dos Pombeiros e Linhares com um timbre mais egrégio, a corôa ducal que pousando sôbre os cabelos loiros e anelados duma criança de dez anos, parecia descer como um dom maravilhoso das lindas mãos dalguma fada.

Tais foram os auspiciosos inícios de D. Jaime de Castro Pereira Coutinho, 4.º marquês de Pombeiro e

6.º conde de Linhares, senhor de vinte vilas e alcaide-mor de Barcelos — tronco preclaríssimo da casa ducal de Monforte.

Crescera o moço fidalgo e com êle crescera tambem a aura de ouro prestigiosa que o bafejava desde o berço. No govêrno da Regente esta invulgar pertinácia da distinção rial continuára, e D. Jaime, varão feito, assumira os mais honrosos encargos políticos ascendendo, sucessivamente, a conselheiro de Estado, ministro do despacho na junta noturna, governador de armas no Alentejo, primeiro plenipotenciário no tratado de paz com Espanha e confiando-se-lhe por fim, como última prova da deferência régia, que tinha o encanto duma dádiva pessoal de intimidade e de privança, as funções palatinas de mordomo-mor da Rainha.

Os Monfortes tinham atravessado os reinados, gravitando fielmente na órbita da corôa e participando dedicadamente, como vassalos liais, das vicissitudes políticas. O 1.º Monforte, reinando D. Pedro II, fôra contrário à mudança de orientação na política rial que favorecia as pretenções do arquiduque Carlos ao trono de Espanha contra Filipe V que, aliás, reconhecera já. Mas, apenas rebenta a guerra, D. Jaime de Castro esquece logo dessidências e a sua espada de cavaleiro é a primeira a desembainhar-se pelo partido do seu soberano. Outro Monforte, seguido de toda a família, acompanha em 1807 D. João VI ao Brazil, e o seu nobre gesto de fidelidade fere-o de morte, agravadas com a viágem enfermidades rebeldes.

Mas é em vida do 6.º duque, D. Duarte Caetano de Souza, que se abre na história da grande família um capítulo dos mais notáveis. Êste Monforte fizera parte da regência de 1826 e fôra até presidente duma câmara dos pares com o imperador D. Pedro IV

mas detestando o liberalismo como tradicionalista convicto, abraça a causa de D. Miguel e segue-a com tal constância e rasgos de cavalheirismo que fica o símbolo da Causa e adquire as épicas proporções dum quimérico herói de Lenda. O triunfo do cartismo torna-se-lhe intolerável. Volta-lhe as costas. Emigra. E' então que D. Duarte, ao pisar a terra estranha, faz o voto solene do seu divórcio da pátria ingrata e tem um terrível gesto bíblico. Um anátema vibrado sôbre todo o património interdiz os bens ducais, priva os campos de cultura, despovôa vilas e têrmos, fere o vastíssimo senhorio duma esterilidade de morte. As terras não dão mais pão; as habitações desmoronam-se; a desolação e a aridez galopam sinistramente e todo o domínio eriça-se de selvas bravas clamando pela relutância dos seus solos a oposição formal dos Monfortes, a sua intransigência inabalável. Com a morte de D. Duarte êstes rigores abrandam. Seu filho e sucessor D. Pedro levanta a excomunhão às terras, mas o ostracismo e o exílio manteem-se, numa obstinação irredutível que ignora sempre o novo regimen. E as gerações sucedem-se destroncadas do país natal, sem continuidade de história pátria, cultivando esta intransigência orgulhosa, êste soberano desdêm das têmperas nobres que jàmais vergam e caem de pé como robles fulminados.

O último descendente dos Monfortes, D. Álvaro Ataíde, vivia em Paris a vida ociosa e dissipada dum príncipe celibatário quando, aos cincoenta anos, se enamorou súbitamente, numa partida de caça, de D. Eulália Zarco, jovem herdeira dos condes de Borba, ilustres fidalgos portugueses de visita aos duques de Montmorency.

A paixão de D. Álvaro, ainda aprumado e cheio de garbo, tinha inflamado os vinte anos da formosa Eulália e o casamento realisára-se, com desusada

pompa, numa capela de Paris, assistido da mais distinta nobreza de França e de famílias de Portugal. Apesar da diferença de idades, os duques tinham-se amado perdidamente, numa afeição íntima e perdurável que era o encanto da vida de ambos, ela nos alvores dum primeiro amor, êle resgatando nas intimidades do lar o cabedal de ternura que esbanjára à doida. Maria Helena, muito esperada, viera, emfim, passados dois anos, como coroamento daquêle enlace, quando já apreensões graves de infecundidade turbavam o ânimo dos duques. Mas o horizonte nublava-se. A bela duquesa Eulália, de constituição débil e um pouco anémica, ressentiu-se na sua saúde depois de dar ao mundo Helena e na depressão moral dum presságio funesto, curtia saùdades cada vez mais fundas da pátria, nostálgica das suas quintas, da velha casa solarenga, onde nascera e se criára.

O duque desolava-se, lastimando a pobre consorte, vítima do pacto inflexível. Sem ânimo para o quebrar, como se fôsse isso um sacrilégio, D. Álvaro ficava fiel ao voto hereditário e para animar a duquesa, fazia com ela largas digressões, vilegiaturas demoradas nos climas amenos da Riviera, sob os céus límpidos de Capri e de Sorrento. Tudo era, porém, baldado. O tédio ganhava raízes e D. Eulália sombreava-se de melancolia, como um dia de abril que lentamente se tolda. O duque, por fim, hesitava já entre o compromisso jurado e a preciosa vida da esposa, quando rebentou no palácio da Avenida Kléber, numa madrugada de outubro, a notícia da revolução em Portugal, os Braganças destronados, a monarquia deposta, toda a família rial fugindo espavorida num navio para o exílio. O intruso abalava; a humilhação tinha um têrmo. O usurpador caía por sua vez, postos agora os dois ramos dinásticos no mesmo pé de igualdade, à margem do trono vazio. Não havia mais

que hesitar. O impedimento acabava. E os duques tinham tomado o caminho de Portugal.

Oh, a felicidade de D. Eulália de saciar, emfim, a alma do ar puro da serra, do sol doirado da pátria! E na marcha célere do comboio, a duqueza enternecia-se ao encarar das janelas do *sleeping*, a paisagem tão portuguesa desenrolando-se melancólicamente em ondulações de pinhais e penetrada de névoas esparsas, como incensos piedosos na quietação religiosa dos êrmos.

Instalaram-se em Lisboa, na antiga residência ducal de S. Martinho, um palácio do século XVIII, ao largo do Contadôr-Mor, a cavaleiro da Sé. A repatriação fôra eficaz. A fidalga sentia-se melhor e começára a achar a vida boa, repartida no amor do esposo e de Maria Helena. Hábitos antigos renovados, relações de infância reatadas, a adoração dos bons servos que irradiava até das próprias coisas, a paz venerável de S. Martinho, todas estas fontes efusivas de carinho e de ternura tinham-lhe feito bem. Melhorou. Mas eram melhoras efémeras. O mal lançára fundas raízes. O duque foi desenganado. O desenlace estava previsto. E num rápido definhamento, como uma flor cortada que emurchece, a 8.ª duqueza de Monforte finou-se aos trinta e dois anos nos braços do mísero esposo, sem aparência de dor física.

Depois da morte de D. Eulália, o palácio de S. Martinho adormecera num torpor de ruína. O inconsolável esposo, na dor enorme que o enlutava, caíra em funda melancolia, não saindo nem recebendo e passando os dias a adorar a filha numa crise sentimental de ternura pela pequena. Quem conseguia ainda falar-lhe era monsenhor Santana, antigo capelão dos Borbas que transitára para S. Martinho depois do regresso de D. Eulália e que geria, em

procurador, os grandes bens senhoriais das duas casas reùnidas. Alto e anguloso, a máscara vincada de traços enérgicos, onde os pequeninos olhos perfurantes viviam inteligentes, era monsenhor quem punha e dispunha de tudo, sempre acatado com submissão na sua autoridade eclesiástica. Três mêses depois do infausto dia, monsenhor ponderou gravemente ao duque que Helena ia fazer dez anos e não convinha tê-la mais tempo sem a disciplina indispensável, ignorante e desenvolta, entre criadas boçais. E lembrou Paris, o Sacré-Coeur. O fidalgo objectou tímidamente que estava velho para viagens, que queria morrer naquela casa onde D. Eulália se finára, e não podia conformar-se em ver sair de S. Martinho, de mais a mais para tão longe, a única filha que lhe restava do grande amor da duquesa. Que é que êle ia fazer sòzinho entre quatro paredes, naquêle casarão de S. Martinho, sem a carícia dum olhar que o confortasse no seu luto? Deixassem-no morrer descansado, que aquilo também não ia longe. E arrostando com o irascível padre que voltava á carga de tempos a tempos, o duque debatia-se, implorativo e suplicante, quási sem força para se opor. Um dia, reanimando-se, exclamou fora de si, num arranco desesperado:

— Pois leve-a para onde quiser, mas pode crer que me mato no dia em que ela se fôr.

O tom de firmeza e de resolução que transparecia nestas palavras fez retrair monsenhor, que lançou as vistas para outro lado. Uma senhora da casa dos Borbas, tia paterna de D. Eulália, D. Clara Sofia, que se criára de menina em um mosteiro de Braga, era superiora num internato religioso à data do advento da Rèpública. A supressão das congregações e a interdição da clausura tinham colocado madre Maria Peregrina, como em religião se ficára chaman-

do a irmã do conde Zarco, na contingência de calcar os votos e ingressar no século, ou de acolher-se a um país estrangeiro. A dona ilustre tivera suas hesitações, mas, tudo sacrificando à fé jurada, decidira-se pelo exílio, com a amargura no coração, quando interveiu monsenhor e, não sem custo, a demoveu, invocando os superiores interêsses da família. Foi-lhe então confiada a educação de Maria Helena. E para atenuar as severidades da ex-sóror e as suas insuficiências no profano, o capelão, que era homem prático, mandou vir de Londres, recomendada por um instituto católico de fama, uma preceptora irlandesa. Professores de especialidades freqüentaram S. Martinho e a herdeira dos Monfortes chegou aos dezasseis anos, sabendo línguas e piano, bordando primorosamente, com todas as prendas duma fidalga rica.

O duque de Monforte, inconsolável no seu luto, envelhecia rápidamente, num declínio da vontade e esgotante enervamento que lhe abreviavam a existência. Mergulhado na sombra tôrva duma misantropia feroz, cada vez mais esquivo e taciturno, D. Álvaro obstinava-se em não aparecer e, por fim, fugia já da própria filha, calafetado num gabinete, sem ninguêm imaginar que é que êle podia fazer lá dentro dias inteiros. Maria Helena crescia assim nessa atmosfera entorpecida de claustro que estagnava nas salas mortas, entre hirtas tapeçarias petrificadas no pó e velhos móveis de museu. Jàmais lhe filtrára no ser, depois da morte da duquesa, a ternura penetrante de uma carícia que a alma piedosa mas estéril da tia sóror era incapaz de verter. E esta beleza inerte de mármore clássico que parecia crescer e desenvolver-se como um sistema cristalográfico num ambiente saturado de história e de tradições, não alterava o aspecto lúgubre do palácio. Um ar melancólico de exílio gelava a fachada monótona, com as persianas sempre

cerradas, as cantarias a enegrecerem e a erva basta crescendo no limiar das vastas cocheiras, que não escancaravam jàmais as suas altas portadas ao desfilar sumptuoso das vistosas librés de gala. Parecia terse depositado no pequeno largo, em impalpável cinza ténue, a tristeza daquêle dia de fim de outubro, quando a duquesa saíra pela última vez o nobre portal armoriado e a tinham deposto no côche fúnebre a três parelhas, entre brandões ardendo pálidamente no ar e os mugidos dos padres desembocando do fundo de treva do vestíbulo.

Quando a fidalga fez dezóito anos, monsenhor celebrou-lhe o aniversário e a sua entrada na sociedade com uma elegante reùnião mundana, a que concorreu a mais selecta nobreza e que reanimou um pouco o velho palácio adormecido. Foi-lhe então outorgado oficialmente, pela pragmática, o título de condessa de Borba que lhe provinha da duquesa Eulália, herdeira, por morte de seu pai, no quinto ano de casada, de todos os títulos e senhorios dos Borbas. E começou, desde êsse dia, para a jovem condessinha, gracioso diminutivo por que era tratada a fidalga, a vida frívola e banal das damas aristocráticas, passando o tempo em visitas, cooperando em obras de caridade, em devoções e actos religiosos que tinham para ela um doce encanto.

Fôra na igreja da Sé, a dois passos de S. Martinho, que Maria Helena iniciára, em seguida à primeira comunhão, as suas práticas religiosas acompanhada de D. Clara Sofia que se afeiçoára ao velho templo, muito calmo e recolhido, onde se rezava tão bem, e demais a mais com um claustro! A ex-professa sentiase à vontade e matava a obsessão nostálgica do côro nêsse quási abandono da venerável igreja que não tinha, como tantas outras, o ar mundano de salão-concerto e a scenografia tão pouco cristã das novas

aras a Lourdes e das recâmaras auri-sanguíneas, onde a moda sacrificava às latrias cordícolas. Com a freqùência da Sé, Maria Helena acabára por apaixonar-se pelo serviço religioso tão complexo da catedral. E um do mais fortes atractivos da condessinha pela basílica era esta continuidade regular e quási ininterrupta do culto, a missa solene do côro, as horas rezadas capitularmente, um ar de vida que animava a igreja quási todo o dia duma vida bem pouco intensa, é certo, mais de lâmpada mortiça que de foco incandescente, mas, em suma, ardendo sempre no seu modesto louvor a Deus. Por sugestão dos cónegos com quem viera a relacionar-se, Maria Helena restabelecera o culto na capela de Santa Cecília, um dos alvéolos góticos do deambulatório que fôra fundação da casa ducal e onde jaziam sepultados, sob lajens epigrafadas, alguns dos seus ascendentes. A interessante fidalguinha tinha-se imposto na Sé, onde reinava como soberana. Cercavam-na todos de atenções, adulavam-na, amimavam-na, orgulhosos daquêle convívio que reatava, com o seu grande ar de distinção e de nobreza, as tradições aristocráticas da Sé. A compostura e os modos graves, uma piedade de santa e munificências de rainha, revelavam os caracteres firmes da Raça brotando espontaneamente pelo seu dom natural. E fôra com uma tranqùila confiança nos valores ancestrais que monsenhor Santana aguardára este desabrochamento de graças e perfeições, como o lavrador espera das leivas fecundas a seara que êle sente ocultamente germinar.

Mostrava Maria Helena, entre as suas peregrinas virtudes, um grande fervor religioso e nesta humilde submissão, tanto mais edificante quanto de mais alto emanava, via monsenhor o espírito da obediência e o sentimento da hierarquia que eram para êste padre disciplinador e severo, a única base estável das rela-

ções sociais. A sua maior preocupação, quando a fidalga entrou na idade da reflexão, fôra iniciá-la nos rudimentos desta corografia social com os departamentos das classes nitidamente diferenciados e as cordilheiras enormes de certas famílias privilegiadas, a cujos pés vinham morrer as planícies chãs da vulgaridade e acumular-se, rastejante, a poeira vil das gerações anónimas. Em práticas muito aturadas, o capelão de S. Martinho tinha gravado naquela alma incipiente, como um molde plástico, as inflexíveis normas, os conceitos rígidos da sua orgulhosa moral. E, com desvanecimento, adivinhava nessa piedade infinita, nêsse fervor religioso, a orientação que êle imprimira à tenra haste em crescimento. Só a religião dava o sentimento da subordinação e da dependência. Só sabia mandar quem era capaz de obedecer. E se êle a queria humilhada diante de Deus era para que ela achasse natural ver os outros a seus pés.

Tradicionalista ferrenho, monsenhor Santana cria na Raça, tronco progenitor de frutos seleccionados, cordão placentário das boas sementes castiças. E era para o orgulhoso eclesiástico o mais abominável dos atentados êsse sacrilégio do abastardamento das raças, êsses enxertos incestuosos no cerne das naturezas puras, essas linhagens que se corrompiam em consangùinidades plebeias, como um licôr espirituoso que perde a força e se adultera em lotações sórdidas de comércio.

Freqùentes vezes lhe falava dos grandes vultos da sua família e que eram as glórias mais lídimas da Pátria. Toda a história da sua casa era um pouco a história de Portugal. Os nomes que se exaltavam nas escolas, as estátuas que se erguiam nas praças públicas, as comemorações cívicas dos centenários, todos êsses preitos ao valor, todos êsses incensos ao génio, que eram senão uma homenagem à raça que tinha

tornado possíveis as grandes selecções morais, manancial de heróis e de santos?

As prédicas de monsenhor haviam ficado incubadas no cérebro da sua pupila, como grãos em terra fresca. E á medida que ela crescia, a sementeira brotava prometedora; mas era um campo geado de boninas, todo um vergel em flor rescendendo os aromas das coisas extintas, evocadas na penumbra doce do passado. Não eram rígidos orgulhos de raça, mas uma piedade de santa destilando-se por cálices de preces e de orações. A santidade — cúmulo de virtudes — deslumbrára-a, e a religião — raiz da santidade — confundia-a. Daí a sua fé, a sua piedade, o seu grande temor de Deus. Para que negá-lo? Ela não era inteiramente como monsenhor a queria. Maria Helena sentia-se rialmente superior, não porque fizesse pedestal de alguêm, mas porque pairava em um mundo d'idealidades. A sua soberania não se alimentava de humilhações. Sim, monsenhor fôra talvez ludibriado. Em vez dos graves princípios brotando das sementes dos seus conceitos, irrompia da alma da condessinha uma flora tenra, macia, suave, como uma seara de linho que se estrelava das flores azúis do sonho ao sol quente da fantasia. A história aparecia-lhe sob refrangências de lenda e os heróis destacavam-se nimbados em fundos de religiosidade. Ser vassalo da Igreja era prestar fidelidade ao bem. Deslumbravam-na aquêles tempos em que os príncipes viviam da fé e deixavam seus nomes ligados a uma obra piedosa, uma igreja ou um mosteiro. Uma igreja! Como desejaria ver surgir do solo sagrado pela bênção, a flor radiosa duma igreja! E evocava a história das fundações religiosas, a epopeia das catedrais cristãs, as estrofes marmóreas dêsses poemas da fé, obras anónimas na maior parte, nelas tendo colaborado príncipes e vassalos, nobres e plebeus, numa

mesma conformidade do querer. E eram os grandes despojando-se dos bens, óbulos vindos de toda a parte, multidões acorrendo e dando os seus braços no espontâneo tributo a Deus!...

Quando, um dia, as zeladoras do Apostolado a elegeram presidente, Maria Helena estremecera de alegria e na simplicidade da sua crença ingénua, julgára-se tocada da graça celeste e acreditára piedosamente que Nossa Senhora lhe puzera na mão o báculo de oiro de pastora de um rebanho de ovelhas brancas, donas da côrte da Virgem purificando, com a alvura das suas almas, como estrêlas na noite escura, os brejos cerrados das heresias...

III

Entretanto começavam na Sé as obras de restauração. Os operários instalavam-se. Era primeiro a faina das escavações e desentulhos; a demolição das obras de cabidos e confrarias; as pesquisas das traças primitivas, dos perfis e das molduras, da estilização dos capiteis, quási toda a catedral escalavrada e posta a nu, como um doente que se despe para os médicos o auscultarem. Erguiam-se andaimes por toda a parte. O camartelo reboava nas naves. Nuvens de poeira toldavam o ar, polvilhavam as imagens, embaciavam as talhas, formando altura no rebordo dos frisos. Toda a igreja sofria uma investida de assalto.

Luciano tinha atacado de preferência o lado norte para acudir ao que de mais vetusto restava da Sé. Nesta fachada setentrional, que a sombra húmida esfumára duma pátina mais densa, o desgaste rugoso da pedra, certos detalhes dos botaréus, a própria estrutura dos muros, tudo denotava, com efeito, uma alta antiguidade. Depois, havia dêsse lado uma tão linda joia, a capela gótica de Bartolomeu Joanes!

Iniciára tambêm logo a restauração da ábside, dessas famosas capelas do deambulatório, umas completamente perdidas, transformadas em cartórios e dependências eclesiásticas; e mascaradas outras com revestimentos de talha e armações de pinho, tudo

corroído na sombra pelos carunchos seculares. O corpo da igreja reservava-o para o fim. Quanto tempo levaria uma tal restauração, feita com verbas exíguas cedidas por conta-gotas? Chegaria ao têrmo em dias de sua vida?

Luciano, mais preso agora à catedral, lidava nela infatigavelmente, dando ordens ao mestre de obras modelando e desenhando, traçando perfis para os canteiros, correndo a um lado e a outro, sondando aqui e acolá, cotejando niveladas e assistindo, ansiosamente, às pesquisas dos seus homens. Um tal afan demolidor punha em sobressalto os velhos padres comodistas que, perturbados em seus ofícios, amaldiçoavam, no íntimo, este recomeço das obras. Por tais vicissitudes elas tinham passado, sujeitas a tantas alternativas, que a gente antiga da Sé descria já do seu acabamento e acolhia com scepticismo esta febril recrudescência. E que selvática fúria no novo ataque à catedral! Nada escapava à sanha devastadora. A ruína alastrava por toda a parte a sua mancha cancerosa, esburgando as cantarias, esventrando os santuários, descarnando até o âmago os velhos muros decrépitos. E com grande pesar dos capitulares, o serviço reduzia-se ao mínimo, profanadas as capelas, quási descristianizado o templo. O antigo material do culto, madeiramentos e castiçais, tapetes e alfaias, credências e banquetas, petrechos fúnebres e de gala, todo o enorme e opulento trem da sua fábrica rolava uma via-sacra de decrepitude, arremessado de canto em canto até um último desvão, onde tudo acabaria, afinal, por apodrecer à espera da baldeação para os lixos camarários. E nesta usurpação crescente, nesta confiscação omnímoda, os padres não eram mais senhores da sua igreja, expulsos de toda a parte, encurralados nessa capela-mor devassada a todos os olhares, aberta a todas as curiosidades, varrida de

luz, como uma praça, pelas suas enormes janelas de hospital. Antes a morte a pouco e pouco, antes o esfarelamento pôdre da ruína, do que êste alvorôto das obras intermináveis e essa humilhante situação da Sé jugulada por hordas de pedreiros, espécie de caserna operária, eternamente enfeudada a uma secção das obras públicas!

Mas, ao lado do partido dos cónegos, erguia-se o da restauração, formado por gente nova, beneficiados e capelães-cantores, com padre Anselmo por porta-voz. Êstes compreendiam bem as razões de ordem técnica que levavam o restaurador a revolver a catedral, em cata do menor indício que o esclarecesse e orientasse. Não estavam dando as escavações resultados satisfatórios? Não se encontrára, soterrado numa capela da charola, o lindo fecho intacto da sua abóbada primitiva aluída num terremoto ou numa obra de sacristia? Não se tinham descoberto, cavando o solo no deambulatório junto à capela de S. Vicente — oh, delícia dos antiquários! — veneráveis relíquias da ábside românica de Afonso Henriques? E essa estupenda revelação — como um milagre! — quando se desemparedava o trifório, de preciosíssimos fragmentos da grande rosa da frontaria que coára o sol do século XII? E a propósito dêste achado que emocionára a Sé, o que padre Anselmo discreteára! Quem, senão a Providência, podia ter guiado a mão da criatura que, em pleno século XVII de decadência e falso gosto, quando a arte medieval caíra já em descrédito, guardára piedosamente, nos recessos da basílica, com a extraordinária intuìção duma revivescência, êsses pedaços mirrados, cariados, quási informes da maravilhosa rosácea, que eram o módulo da sua reconstituição? E, como estas, quantas relíquias mais não haveria ignoradas nos seus segrêdos inviolados?

Quem não acompanhava, porêm, êste partido e pendia para o grupo dos velhos cónegos era a condessinha Maria Helena de Monforte. Por temperamento e delicadeza, condenára a invasão tumultuária dos operários quebrando a calma santa do lugar, e achava que os cónegos tinham razão, comovida dos seus queixumes. A lufa-lufa das demolições, por mais que padre Anselmo a tranqùilizasse, dava-lhe a impressão de que a igreja ia toda abaixo na febre louca contra Deus. E tinha dúvidas se aquela turba não levaria tudo adiante da picareta, sugestionada por êsse Átila de camartelo que lhe mostravam em Luciano.

Ah, êsse Luciano! Não sabia porquê, mas nunca fôra com bons olhos que ela o vira errar na Sé. Com o seu ar vago de sonâmbulo, sem fixar as pessoas, rodando na catedral esquivo e taciturno, dando-se pouco com os padres e não praticando nunca, parecia ver nêle um arcanjo expulso do céu e decaído da graça de Deus, que meditasse a sua vingança num atentado contra a Sé. Que queria êle? Que é que êle pensava? Que fazia dentro daquela igreja — êle que mostrava não ter fé — errando no deambulatório, parado nas naves escuras, ora surgindo, como uma sombra, dos esconsos duma capela, ora dominando a igreja das alturas do trifório? Quando ela vira, um dia, êsses homens sinistros apoderarem-se da Sé capitaneados por Luciano, não lhe restaram mais dúvidas de que era o Príncipe das trevas com uma legião de demónios e que a pobre catedral tinha os seus dias contados. E a dolorosa confirmação teve-a bem cedo a fidalga.

Todos os anos Maria Helena celebrava o mês de Maria na sua capela de Santa Cecília, com uma prodigalidade de rosas e verduras que trasbordavam do santuário e se estendiam aos altares do transepto. A greja, nêsse luxuriante mês de maio, rescendia de

viços e aromas diariamente renovados pelo capricho da condessinha. Os jardins do palácio de S. Martinho não chegavam para o louco esbanjamento floral e até as quintas sertanejas sofriam o pêso da contribuïção

Ora, num dos últimos dias daquêle abril, depois duma ausência na província, a condessinha, de volta á Sé, teve a dolorosa surprêsa de ir encontrar confiscada a sua capela e — o que é mais — arrasado completamente o querido santuário onde rezava e meditava. Todo o revestimento interior fôra ímpiamente arrancado para pôrem a descoberto os muros tôscos da primitiva. Um montão de destroços juncava ainda o solo. Em vez dos lindos lavores de talha que paramentavam o oratório dando-lhe o ar dum escrínio de oiro, surgia agora a silharia negra e carcomida dos incêndios, os artezões escalavrados, restos tisnados de ogivas; um antro miserando como as almas negregadas que tinham entrado ali dentro. Por milagre, certamente, o Antunes, tesoureiro, tinha-lhe salvo o seu querido Jesus do Sacré-Coeur, a benta imagem de Santa Cecília, os benitérios de *biscuit*, candelabros e genuflectórios, o ordinário, emfim, pertença sua. Mas era a perda do santuário, donde acabavam de expulsá-la, que a lançava num estado de desolação inconsolável. E absorvia-se, quási chorosa, na contemplação dos destroços, acompanhada do Antunes que lhe dava informações, quando surgiram na volta do deambulatório, hirtos e graves, dois cónegos de púrpuras roçagantes e murças arminhadas, evocando aristocratismos de mitra, vagas prelaturas romanas na magnificência das suas vestes.

O cónego Guimarães, alto, de óculos de oiro, numa voz a um tempo mordaz e indignada, exclamou:

— Coube-lhe a vez, condessinha. Conforme-se V. Ex.ª como nós nos conformamos. Resignação! Resignação!

— Minha linda capela! suspirou a fidalga.

— Acabou-se. Era uma vez o culto na charola. E' a gangrena a alastrar...

— E bem perto que ela está já do coração, acrescentou iracundo o outro, o cónego Patrício, apontando a capela-mor.

— Que tristeza! carpiu Maria Helena. A nossa Sé torna-se cada vez menos a santa casa da Virgem. Que saùdades do sossêgo doutros tempos! E esta capela que era um tão calmo refúgio!...

— De facto, corroborou o cónego Guimarães, ninguêm já pode orar aqui. E' impossível o recolhimento. Toda a igreja cai, a pouco e pouco, nas mãos dos ímpios que um dia nos lançam á porta da rua!

E os seus óculos de oiro fusilavam.

— Que é, afinal, o que êles pretendem, acrescentou o outro. Com a falta de recato e êste barulho infernal as cerimónias não teem grandeza nem os ofícios majestade. Os pouco fieis que ainda cá veem, mais dia menos dia acabam por não voltar.

— E o que desespera ainda mais, tornou o cónego Guimarães, é que há aqui dentro quem se regosije com isto, quem assopre as fantasias dêsse doido que para aí anda a escavacar os altares, sem respeito ao que é sagrado.

— Aqui para nós, retorquiu cónego Patrício em voz baixa, não sei quem tem menos juízo: se o rapaz, se quem lhe confiou semelhante encargo.

Nêste momento, padre Anselmo, em sobrepeliz, desembocou dum guarda-vento nas traseiras do côro, com o eucológio na mão esquerda e o polegar entalado, marcando a altura do ofício. Os cónegos afastaram-se. O presbítero, perturbado, muito aflito, pôs então a condessinha ao corrente de tudo. — Que desculpasse, que desculpasse! Só o desespêro que êle tivera! E Luciano que lhe recomendára tanto! Mas

quê... a ausência dela no Pragal!... Recebera a tempo a carta dêle? Não?... Depois a precipitação do mestre de obras mandando para ali os homens sem esperar aviso! Mestre Rodrigues não tinha desculpa! Os transes por que êle passára! Nem ela podia imaginar! — E suava ainda de angústia o bom do padre Anselmo.

— O nosso arquitecto, explicava, tinha que ver a estrutura do santuário, examinar os capiteis, as molduras... A condessinha compreende. Os elementos característicos escasseiam tanto que é preciso revolver tudo, pesquisar tudo. Afinal verifica-se que êste alvéolo foi daquêles que mais sofreram. Dos capiteis não há um que se aproveite. O fogo estalou tudo. E' o que V. Ex.ª está vendo. De resto, condessinha, tinha que ser, mais dia menos dia. Foi talvez melhor assim. Esta capela, garanto-lhe, será a primeira a restaurar.

— Ruínas e sempre ruínas é o que eu vejo, murmurou a fidalga scepticamente.

— E o que nos vale, ainda assim, acredite-o V. Ex.ª, é êsse Luciano que faz o possível para suavizar a nossa sorte. Podia expulsar-nos daqui. O rapaz tomou a peito repor a Sé na primitiva, e consegue-o!

— Na verdade, êle ve-se! disse a fidalga num riso amargo de incredulidade.

E já Anselmo se exaltava.

— Mas isto é um bom sintoma, condessinha. Reflita um pouco e hade concordar tambêm. Realmente o que irritava era esta lentidão nos trabalhos com as suas intermitências, os seus parêntesis enervantes que faziam criar bolor às obras. Um outro mal, e não menor, era a falta dum arquitecto que olhasse isto com interêsse, que se integrasse no seu papel, que soubesse ver e sentir. Ora, desta vez, andou a Sé com sorte. Luciano é um artista que sente bem a sua

arte e trabalha com tanto amor como se estivesse burilando estrofes dum poema. Sim, entrou na Sé o homem que lhe convinha. Tenha fé, condessinha, não perca o ânimo e verá.

E o capelão-cantor, despedindo-se voltou de novo para o côro.

Passou se mais dum mês.

Junho avançava com as primeiras calmas do estio. Fazia na Sé uma frescura suave que transpirava da pedra e vertia subterraneamente dos velhos solos desagregados. A sombra roçava na pele a carícia macia do ar inerte onde não vibra jàmais a luz. Era agora que sabia bem divagar nos claustros e quedar-se vagamente, em cismadora indolência, enternecendo o olhar num pedaço de céo fechando uma ogiva como um vitral.

A condessinha não pensára mais nas obras, aborrecida com aquêle episódio da capela, que a maguára tão fundamente, nem tornára a fazer o giro do deambulatório, ouvindo apenas a sua missa e gastando todo o tempo no Apostolado e na beneficência.

Nêsse domingo, porêm, uma surprêsa durante a missa causára-lhe uma estranha emoção. Tinham acabado de aparelhar a rosácea do cruzilhão norte. Desarmado o andaime com seu tapume envolvente, a admirável rosa de pedra reabria, toda nova, no seu fino talhe românico, com o desabrochamento radial das nervuras emoldurando fantásticas pétalas de luz. Maria Helena erguêra os olhos e ficára em êxtase, deslumbrada. Como aquilo fôra, não sabia. Donde a linda rosa viera, ignorava-o. Como ela abrira lá no alto, mistério. Mas ela lá estava, a mágica túlipa esplendorosa, toda fresca e vicejante, reverberando na sombra doce da nave as palpitações multicôres do seu coração incendiado.

Era linda de arrebatar, não havia dúvida. E con-

vencia-se, afinal, de que padre Anselmo tinha razão, que aquêles bárbaros sentiam, amavam talvez e havia entre êles admiráveis mãos de cinzeladores. E pôs-se em busca do capelão-cantor que vira já sair do côro. Encontrou-o na sacristia e revelou-lhe logo, comovida, a novidade da rosácea.

Padre Anselmo exultava, muito feliz.

— Não lhe dizia?... Mas há melhor, muito melhor!

— Que é? Que é? perguntava a fidalga com a curiosidade excitada.

— Depois, depois... agora não, sorria o padre com ar misterioso.

— Não póde saber-se? E' segrêdo?

O presbítero, arrependido já da inconfidência, hesitava, tinha evasivas.

— E' que não está ainda pronta... a sua capela, sabe? Uma surprêsa de Luciano... Mas sempre fica tão bonita! O que é a arte!

— Vamos vêr, padre Anselmo? Não digo nada.

— E' arriscado. Póde êle andar por aí...

Maria Helena, contrariada, tinha um amuo.

— Bem... Veja lá se me compromete, condescendeu o padre vencido.

— Palavra...

E dirigiram-se para a charola. Parecia ter passado pelo vasto deambulatório um sôpro de insânia e de morte. Os gradeamentos das capelas, as aras policromas de falsos mármores, as carcassas derreadas dos tronos, velhas imagens com ar de bonzos em seus edículos verminados, toda a decoração aparatosa em talha doirada tapando as feridas da pedra, tudo fôra arrancado, despedaçado brutalmente, desumanamente, como se desentrapam num hospital pobres doentes ascorosos. E os santuários surgiam, desnudados, envergonhados, na hedionda miséria da sua ruína. Coisa estranha, porêm! Dêste conjunto ressaltava agora

uma unidade harmoniosa que emprestava à velha charola uma nova fisionomia. E a impressão agradava. E' que se revelava o carácter, o estilo, a alma ideativa e creadora que ungira de beleza a sua obra e deixára ficar em cada pedaço o contacto ardente da inspiração.

Todas as capelas escancaravam as entradas. Só na de Santa Cecília um tapume vedava ciosamente o ingresso. Padre Anselmo empurrou uma porta improvisada. Entraram. Tapetava o recinto uma camada de poeira branca e detritos finos de calcáreo. Na restauração fôra refeita toda a ábside da capela. Nos três panos de fundo rasgavam-se as frestas góticas muito esguias, em lanceta, geminadas por um pinásio prismático que as tornava ainda mais esguias, e rematadas, já no arco da ogiva, excepto a do centro, pelas rosas trilobadas, alvíssimas no mármore novo. A delicadeza elançada da fenestragem sobresaía no fino talhe arredondado das molduras e nessa beleza inenarrável, verdadeiramente religiosa, do arco fugindo à curva rígida e quebrando-se para se tocar furtivamente, na graça dum beijo casto trocado a mêdo por dois amantes.

Um rubor incendiára o rosto de Maria Helena. Aquilo era por ela e para ela... E todo o sonho encantado, feito de séculos de tradições, empolgou-a, na mesma impressão pertubadora dêsse vago perfume que se evolava, às vezes, dos velhos baús de S. Martinho e que ela aspirava de olhos fechados, esvaída. Aquilo era por ela e para ela. E não se realisava dalguma sorte, o seu vago e enevoado anelo? Uma igreja, uma capela erguida a Deus por intenção dela, toda impregnada do seu desejo... Como pudera êle adivinhar? E deixava-se ficar enlevada, dominada... Mas padre Anselmo apressava-se. Não, que podia o arquitecto aparecer...

Nisto quando saíam, deram de cara com o artista. O embaraço foi enorme. Padre Anselmo ficou passado. Sempre tinha muito pouca sorte! E, tentando dissimular a confusão, exclamou jovialmente:

— Hade desculpar de lhe invadirmos, sem mais nem mais, os domínios...

O arquitecto mal podera ocultar a contrariedade daquela visita prematura, mas, suavizando a expressão, curvára-se cerimoniosamente diante da fidalga.

Muito perturbada tambem, a condessinha balbuciou:

— Perdôe-me, senhor... Eu é que mereço as censuras. Fui muito alem da indiscrição... Cede-se ás vezes a tentações!...

E volvia para o artista os admiráveis olhos toldados por uma mágua.

— E o tentador fui eu, acrescentou padre Anselmo. *Suum cuique*...

Luciano comovera se com a doçura daquela voz que não tinha nada de altiva e fluía fresca, molhada de ternura e humildade, do fundo claro da alma, como a água duma fonte, e era dum timbre tão harmonioso que fazia lembrar um fio de oiro cujo brilho é líquido.

E replicou:

— Se há um intruso sou eu, senhora condessa. A capela foi fundação da casa de V. Ex.ª. Pelo direito da tradição, mais legitimo do que a lei, ela pertence-lhe ainda. Está naquilo que é seu. Cabe-me portanto reparar um dano...

— Agradeço-lhe, senhor. Padre Anselmo contou-me tudo. Já não estou penalisada; pelo contrario... O que vi compensa-me bem!

— Ainda não, minha senhora. V. Ex.ª não tem ainda a compensação devida. Se a capela não está completa!... Falta-lhe até o melhor, as esculturas, os

capiteis, os vitrais... Só a uma luz de vitral a alma gótica aflora.

— Pois gostei tanto dela já!... E eram todas assim tão lindas?

— Todas, minha senhora. Mas não há aí nenhuma que não exija largas reparações. Essa talha doirada tão do agrado de V. Ex.ª — sublinhou o artista sorrindo — encobria verdadeiras misérias orgânicas. V. Ex.ª observou.

— E o remédio então...

— O remédio? Arrancar os ouropeis e sanear o que está corrupto. A beleza virá naturalmente, sem artifícios.

— Programa radical, disse o capelão-cantor reanimado.

— Confesso que o deambulatório me deixa agora uma melhor impressão. Há uma beleza não sei onde...

— E' a beleza da harmonia que a diversidade de interiores irreverentemente violava. Cada oratório tinha a sua fisionomia particular. Isto desfigurava e amesquinhava o aspecto nobre do conjunto.

— Porquê? Porque se perdeu assim o sentido da beleza antiga? preguntou a fidalga interessada.

— Caprichos do gosto, muitas vezes inexplicáveis. Aqui as alterações justificam-se um pouco. Os terremotos arruinaram a Sé em várias épocas. Restaurações não se faziam porque o estilo passára da moda. As confrarias e irmandades, para disfarçarem os estragos, compunham então os interiores de talha doirada que predominou nos séculos XVII e XVIII, quási sempre de medíocre valor artístico. Era cómodo e era chique.

— Que o gótico também não acabou em muito bom cheiro de santidade, interveiu o padre.

— Arquitectura bárbara, como barbaramente lhe

chamaram. E parece que um tal conceito foi um dogma aqui na Sé. Pelos destroços que se nos deparam!... Pois, ao contrário do que em geral se supõe, estas capelas não foram muito castigadas nos cataclismos. A decoração, mais susceptível de dano, é que sofreu, naturalmente, com incêndios, desabamentos... Os piores estragos são da mão do homem, sim, da mão do homem. Há aí dêstes alvéolos adaptados aos mais vulgares destinos. Uma ignomínia!

— Mas o que lá vai lá vai, atalhou padre Anselmo deitando água na fervura. Que a intenção piedosa dos nossos antepassados entre em desconto nos seus grandes pecados da arte. Perdoe-lhes o meu amigo pelo prazer que, indirectamente, lhe estão dando...

Luciano sorriu.

— Com efeito, repor isto na primitiva, restaurar a admirável concepção medieval, é mais que um trabalho probo, é uma bela consolação espiritual.

— E um raro gôzo para um artista, acrescentou Maria Helena.

— Bravo! exclamou o padre. Aí temos a condessinha conquistada á nossa causa. Abençoada imprudência!

— Mas é que é belo, realmente, padre Anselmo.

— E a harmonia seria completa, condessinha, se fôsse possível regressar tambêm às épocas gloriosas da catedral, quando os seus clérigos se regiam por um estatuto monástico.

— Vá lá com essa para os cónegos! disse, a rir, o arquitecto.

— Não era nenhuma novidade, sabido como é, que o clero das catedraes habitava, nos tempos primitivos, juntamente com o bispo. As actuais dignidades deão, chantre e tesoureiro são um reflexo da hierarquia disciplinar nas antigas comunidades capitulares. Os cabidos mantiveram, de facto, durante certo tempo

vida regular, sujeitos à observância dum *pensum* que foi entre nós a regra de santo Agostinho. Depois a comunidade desfez-se, repartiram-se os bens, dois quinhões para o bispo, a terça para o cabido, dispersando-se por fim toda a riqueza em prebendas e benefícios de que o Estado moderno veio, em ultima instância, a apoderar-se, numa iníqua usurpação.

— E eram grandes esses bens, certamente, observou a fidalga.

— Os bens da Igreja eram enormes, havidos de dotações, doações inter-vivos, legados pios em testamento, oblações e dízimos... As dotações fôram inúmeras e avultadas nos primeiros tempos do reino, sobretudo da parte dos monarcas. D. Afonso Henriques, só à sua conta, fundou e dotou mais de cento e cincoenta igrejas e mosteiros. Os senhores imitaram naturalmente os reis. Todo o rico-homem se fazia legatário da Igreja e lembrava-se dela no testamento. Havia legados a todos os títulos, para sufrágio da alma, *pro bono animae*; para remissão de pecados, *pro remissioni peccatorum*; por malefícios praticados, *ob culpam sacrilegii*; para obter sepultura dentro da igreja, *ubi corpum meum jubeo sepeliri*, como dispõe um doador. Eram os chamados bens de mão-morta ou amortizados, que as corporações religiosas possuiam, isentos de encargos da fazenda rial e livres de toda a jurisdição. Mas tudo isso foi tempo!...

— Seduzem-me tanto as fundações religiosas! — exclamou numa exaltação a fidalga de S. Martinho. E' um acto sublime de piedade.

— Uma vinculação da alma ao céu, estilizou o artista.

— E não julguem que era emprêsa difícil. Quem dispozesse dum simples legado, quanto bastasse para o alimento duma lâmpada e encargo dalgumas missas e oficios de sufrágios, tinha uma capela instituída.

— A condessinha tem razão, notou Luciano. Há nessas oblações piedosas uma tocante espiritualidade não isenta de beleza.

— Beleza e utilidade, meus amigos. O que é uma capela? Um benefício e uma renda: benefício para a religião, renda para a pobreza. Todas as fundações religiosas de certa monta conjugam-se sempre com instituìções de beneficência. O doador abastado anexa freqùentemente à sua capela a mantença dum *esprital*, hospital ou hospício. Era desta natureza a capela que Bartolomeu Joanes aqui fundou. As próprias capelas d'Afonso IV, que nós estamos encarando tão outras do que fôram, tinham o seu reverso filantrópico nas mercieirias, espécie de asilo que aquêle monarca criou para doze homens e outras tantas mulheres pobres, cuja sede era numas casas desta freguesia da Sé. A gente antiga da catedral chama ainda às capelas afonsinas, capelas mercieiras. Depois da desamortização e de extintas pelas leis novas as capelas e benefícios eclesiásticos que lhes andavam colados, para aí ficaram estes pobres santuários fechados, abandonados, sem culto, té que pelos anos de 1837 ou 38, salvo erro, fôram as capelas afonsinas cedidas por portaria do govêrno ao cabido da Sé, a pedido dêste, não imaginam para quê? Para arrecadação!

— Tal cabido, tal govêrno! soltou o arquitecto.

Alguns passos mais no deambulatório e penetraram no claustro acompanhando a condessinha que saía pelo Aljùbe.

Uns operários sôbre andaimes escavavam nas trazeiras da ábside, atraindo a curiosidade da fidalga de S. Martinho.

— Tentamos desobstruir o resto da ábside, explicou o arquitecto. Há aqui uma parte ignorada por detrás da passagem do claustro e da recâmara do Santís-

simo. E' particularmente interessante porque forma o ramo terminal de deambulatório e o seu encôsto ao cruzeiro. Por trás dêstes muros há lindas ogivas soterradas. V. Ex.ª verá a maravilhosa descoberta!

— E tem a certeza que estão aí?

— Se tenho, senhora condessa. Ou eu as não tivesse visto... em sonhos. Porque é de sonhar-se com ela, esta admirável ábside gótica como não há semelhante em igreja portuguesa. V. Ex.ª não imagina a beleza dêste crescente cinzelado por piedosos canteiros medievais, exclamou o artista num arroubamento. A beleza dêste enorme resplendor de pedra que é o nimbo da cabeça de Cristo. E encontra-se aí quási toda, mutilada mas viva, a admirável ábside, sob êsses vis pardieiros que a sepultam nas suas lepras. Que deliciosa sensação a desta revivescência da venerável relíquia! Vai a gente demolindo, escavando, lentamente, com mil precauções para não melindrar a polpa tenra do calcáreo. As terras desagregam-se, as argamassas descolam-se e nesgas de mármore surgem, côr de pergaminho e de marfim velho, exuberantes de arte e de vida antiga, um pedaço de friso, um cordão de arquivolta, as linhas duma ogiva, o ressalto dum botaréu...

A condessinha, sensibilizada aproximava-se, queria ver, tocar, palpar aquela pedra feliz, amada com tanto ardor.

— E ainda V.ª Ex.ª não observou talvez em projecção o efeito surpreendente desta ábside. Um enorme brilhante facetado .. Mas esperem, é só um momento. Mando buscar uma planta lá acima ao *Capítulo.*

E Luciano, muito animado, chamava um homem, quando a fidalga mostrou desejos de conhecer êsse curioso *Capítulo* de que já lhe falára o capelão-cantor.

— Se não há inconveniente... sorriu a condessinha.

— Oh, minha senhora, mas é grande honra para nós!

O *Capítulo* era uma edificação provisória que Luciano mandára erguer na galeria alta, do lado do Limoeiro, para sua instalação particular, destinando a dependência à entrada do Aljube para secretaria das obras. Aproveitando um fragmento da fachada lateral norte que o terremoto respeitára e na qual se abria uma admirável janela gótica, o arquitecto encostára-lhe aquêle simples pavilhão fora das vistas importunas, no plano superior da igreja, onde reùnia os seus amigos e a que Anselmo, por êsse motivo, dera o nome de *Capítulo*. Nêle instalára Luciano o seu gabinete de trabalho e grande parte da biblioteca. Padre Anselmo levára tambêm os livros que mais estimava e ali fazia algumas vezes o seu retiro espiritual. O mobiliário antigo, a decoração religiosa, com o scenário da janela ogival encaixilhada de vitrais, dava ao recinto reservado o aspecto característico dum interior medieval.

Não foi sem emoção que Maria Helena transpôs o *Capítulo*. Uma calma de lugar sagrado errava no ambiente. Todo o lendário passado de fé e de grandeza surgia dêsse decôro, reanimando históricas pedras seculares.

— Interessante o nosso *Capítulo*, não é verdade, condessinha? preguntou, sorridente, o capelão-cantor.

Luciano desprendera da parede e colocára na larga mêsa de trabalho um caixilho envidraçado contendo a planta aguarelada do côro gótico de Afonso IV, tal como o arquitecto o reconstituíra com elementos subsistentes.

A condessinha e o presbítero aproximaram-se.

Era, no primeiro relance, um crescente cuja orla

se chanfrava ao de leve em zig-zag contínuo e sulcado, no interior, duma luxuriante ramificação cruzada, com o aspecto poliédrico dum enorme diamante. Nos seus extremos prolongados, a preciosa joia facetada rematava por quadrângulos inscrevendo recticulados em xadrez. O que seduzia desde logo o olhar era a harmoniosa distribuìção da pedraria em fiadas concêntricas, dando esta concordância homóloga de faces, êste alinhamento simétrico de arestas que se observava em toda a vasta radiação linear. Uma espécie de álea central cavada no eixo do diadema, dividida em três segmentos rectangulares no sentido transversal — as diagonais cruzadas figurando os artezões projectados — era a capela-mor fechando-se no tramo terminal em hemiciclo com um feixe de nervuras irradiando em leque. Por detrás, um caminho envolvente e concêntrico calçado na curva por sete gemas radiantes, octopartidas, em forma de trapézio, era o deambulatório ou charola. Finalmente, na orla, essas conchas radiadas, dispostas semicircularmente em tôrno do deambulatório, eram as nove pérolas das capelas góticas, muito unidas, retalhadas por sete raios divergentes, em secção triangular, que delimitavam os gomos esféricos das suas abóbadas.

— E aqui tem, dizia Luciano depois de descrever a planta, aqui tem V. Ex.ª a majestosa ábside que Afonso IV mandou erguer, no famoso estilo francês do século XIII, em substituìção do modesto côro românico de Afonso Henriques.

— A capela-mor abria então para o deambulatório, notou a condessinha. Devia ser lindo!

— Fendiam-na esbeltas ogivas que se reconhecem ainda hoje no extradorso da capela-mor, revestido completamente, no século XVII ou XVIII, dum espêsso fôrro de silhares.

— Nêsse caso, observou padre Anselmo, deve ter desaparecido a famosa inscrição votiva de Afonso IV nas costas da capela-mor, que D. Rodrigo da Cunha transcreveu na sua *História eclesiástica do bispado de Lisboa.*

— Certamente, e ocioso era procurá-la como fazem ainda historiadores da Sé. O paramento não ilude ninguêm. De resto, êsses pilares quadrangulares encostados á capela-mor bem nos estão demonstrando, pela fancaria, a modernidade da obra.

Um silêncio caía. Maria Helena, enervada, tinha vergado sôbre um divan. E, no entorpecimento calmo que vinha das pedras mortas, até a luz filtrada nos vitrais parecia exânime, sem forças, arrastando pelas coisas a moleza da sua inércia.

— Não é verdade, condessinha, que se respira aqui um ar monástico?

A fidalga aproximára-se dum excêntrico móvel com o seu quê de pórtico ogivado e de oratório, que servia de estante de biblioteca e ostentava vistosas encadernações de setim flordelisado em que predominavam os tons vermelhos e violetas.

— A minha colecção beneditina, esclareceu padre Anselmo apercebendo-se da curiosidade da condessinha. Não tem nada o ar de livraria fradesca, é verdade, são livros modernos, mas não destôam nêste recinto porque são de monges.

— O quê? Livros modernos? Pois então há monges que escrevem e publicam livros?

— Se há, minha senhora, e bem ilustres.

— Fazia outra idéa dos monges...

— Tambêm eu, disse o artista sorrindo. Sêres alheados, fora do mundo, macerando-se em ascetismos e orando continuamente na solidão dos seus claustros.

— Ora essa! E quem lhes diz que não são as-

sim? tornou o padre. A oração não é inimiga do trabalho. Longe disso! Orar, meditar é um repoiso durante o qual se depositam as impurezas do espírito e donde êle sai mais lúcido, mais apto para criar.

— Mas há tão poucas vocações...

— Se as contrariam! O que não faz sentido com a tão apregoada liberdade de consciência... Não, os cenóbios não abundam; mas êsses poucos que há honram as nobres tradições monásticas. Os tempos mudaram, é certo; a clausura não é já uma modalidade da vida social, mas, porque é voluntária, apetecida, alimentada de vocações espontâneas, realisa melhor os seus fins. Os claustros são hoje segregações de perfeição moral e reúnem nos seus recintos as mais ricas selecções de almas.

— E êstes livros, então...

— São de monges, condessinha, de monges modernos, dos beneditinos, a ordem intelectual por excelência. Patrologia, história monástica, liturgia, espiritualidade...

E, abrindo a estante envidraçada, o capelão-cantor ia falando dos seus dilectos livros encadernados bizarramente de setim flordelisado em tons vermelhos e violetas.

Era, à base, um *rayon* para Dom Guéranger — o sábio abade de Solesmes que resuscitára em França, no século XIX a ordem beneditina — dêsde as *Instituições litúrgicas*, a obra fundamental, o alicerce do grandioso monumento da restauração da liturgia romana no ocidente, até essa admiravel *Santa Cecília* versando as origens da Roma cristã. Depois sobrepunham-se gravemente, na boa tradição de Dom João Mabillon, as obras do célebre humanista Dom Pitra, o *Spilegium* e as *Analecta*, estudos de história, patrologia, teologia e filosofia, continuados por Dom Morin, Dom Plaine, Dom Cagin,

Dom Piolin, Dom Janssens, Dom Bastien, Dom De Bruyne; uma *Vida de Santo Hugo* de Dom L'Huillier; obras de um oblato de Solesmes, Cartier; alguns tomos dos *Monges do Ocidente* de Montalembert e dois pequenos volumes sôbre Solesmes, edição de Le Mans, muito preciosos e raríssimos, presente dum beneditino, que padre Anselmo adorava e de que era autor Dom Guépin, um solesmiano ilustre, depois abade de Silos, em Espanha.

E o labor monástico continuava subindo sempre as fiadas da biblioteca e eram sisudos trabalhos sôbre congregações, capitulos gerais, colecções conciliares, abadias extintas, *Mélanges e Monasticons*, onde se fixavam, entre tanto nome insigne, Dom Quentin, Dom Chamard, o historiador de Ligugé, Dom Besse, um alto talento eclesiástico com a sua brilhante história do monaquismo oriental e dos beneditinos em França; Dom Leclerq, o evocador dos *Mártires*, da *Espanha cristã*, da *Africa cristã;* Dom Cabrol, abade de Farnborough, com *A Inglaterra cristã no tempo dos Normandos;* Dom Gasquet, monge inglês no seu valioso *Henrique VIII e os mosteiros ingleses ;* a monumental *História do breviário* do beneditino alemão Baümer; *A ordem monástica* de Dom Ursmer Berliére; e fechando a série maciça, no têrmo duma fiada, obras bibliográficas modernas, a *História do cardeal Pitra*, de Dom Cabrol, e a, sôbre todas, valiosíssima *Vida de Dom Guéranger*, de Dom Delatte, a mais completa evocação da renascença beneditina no século XIX — dois oitavos majestosos em marroquim côr de burel, cujas lombadas se aprumavam sóbrias, sem ornatos, os títulos sobresaindo singelamente entre os fios de oiro dos viradores.

E, sôbre estas camadas sólidas de erudição e de saber, a série litúrgica moderna aflorava com a sua

leveza artistica, já tocada de espiritualidade; e eram as interpretações estéticas dos ofícios divinos, dos veneráveis livros da Igreja; a elegante colecção litúrgica de Bloud, em violeta, que Dom Cabrol prefaciára com uma bela *Introdução* e onde havia curiosas monografias de cada livro litúrgico. Num ramo divergente que grimpava por duas bem recheadas prateleiras, a literatura musical surgia nas *Melodias gregorianas* de Dom Pothier, o restaurador do canto gregoriano; em obras de Dom Morin e Dom Gatard e nos volumes da célebre *Paleografia musical* de Dom Mocquereau, com fac-similes fototípicos de velhos manuscritos de canto.

Mas um forte sôpro de espiritualidade batia já os *rayons* altos e um perfume subtil, muito doce e penetrante, irradiava dessas fiadas paralelas onde predominavam pequeninos volumes flordelisados de setim vermelho e violeta, com as lombadas reluzentes de oiro dos viradores ornados. E padre Anselmo sorria de beatitude ao afagar os delicados tesouros de piedade e misticismo que reflectiam a alma beneditina e o doce viver do claustro; e apontava a *Santa sabedoria* do beneditino Backer; as obras espirituais do venerável Luiz de Blois e Ruysbreeck, na edição nova dos beneditinos de Wisques; *A vida espiritual e a oração* da abadessa de Santa Cecília de Solesmes; as *Noções sôbre a vida monástica e religiosa* de Dom Guéranger e uma tradução sua dos *Exercícios de Santa Gertrudes;* a *Devoção litúrgica à Santa Virgem* de Dom Cabrol; a *Estética do dogma cristão* de Dom Souben; o suculento e grave *Comentário à regra de S. Bento* de Dom Delatte; *O Monge beneditino* de Dom Besse, — perturbante revelação da clausura beneditina; a espiritual *Notícia da ordem de S. Bento* de Dom João de Hemptine; *Uma alma beneditina* de Dom

Pio de Hemptine — grande vocação ascética tão prematuramente roubada á vida; prosas místicas do monge artista Dom Bruno Destrée; e dois riquíssimos volumes em latim, edição artística de Solesmes, impressos luxuosamente em caracteres elzevirianos: *O arauto do amor divino* de Santa Gertrudes e *O livro da graça especial* de Santa Mectilde, as duas queridas santas beneditinas.

E, na culminância desta florescência espiritual, sob a ogiva em baldaquino, padre Anselmo tinha deposto as obras beneditinas que êle mais amava, o *Livro da oracão antiga* de Dom Cabrol que destilára em língua profana maravilhas antigas da liturgia, e a soberana obra da religiosidade moderna, o *Ano litúrgic*o de Dom Guéranger — todo o ciclo de oiro da liturgia cristã que o sábio monge desembaciára de velhas jaças anacrónicas e fizera jorrar em scintilâncias de pedrarias.

— Ah, êste Dom Guéranger! exclamára padre Anselmo rematando o balanço. O alicerce e o fecho, a raiz e a flôr, todo o espirito monástico gravitando entre as *Instituìções* e o *Ano litúrgico.* Predestinada criatura!

E, na evocação do grande monge, cujo retrato adornava o muro numa reprodução em água-forte do desenho de Gaillard, padre Anselmo curvára a cabeça e recolhera-se gravemente.

— O monge é, na verdade, a mais perfeita encarnação do espírito religioso, disse Luciano rompendo o silêncio. As funções paroquiais burocratizam o clero, crestam-lhe a espiritualidade sem a qual não há o verdadeiro sentimento da religião. O serviço de Deus é tão delicado e reclama tanta pureza, que só admito o sacerdócio portas a dentro do claustro.

— Pois se êle é, como admiravelmente o definiu a regra beneditina: *officina artis spiritualis*, uma ofi-

cina de arte espiritual! Infelizmente cada vez há menos claustros... Assim há êle cada vez mais mal no mundo! suspirou o presbítero.

— Os monges!... Fazem-me lembrar fantasmas amortalhados nos hábitos negros. Havia de ter mêdo dêles, disse rindo a condessinha.

— Pois não metem nada mêdo. São criaturas austeras que se mortificam na penitência para remir os nossos pecados. Verdadeiros super-homens é que êles são!

— Que força de alma para semelhantes sacrifícios!

— E não rareiam, condessinha.

— Houve-os sempre?

— Desde os primeiros tempos cristãos.

— Do oriente nos vieram, o fecundo oriente inovador, observou o artista.

— Como, de resto, as religiões. E' a perseguição ariana no século IV que propaga na Europa ocidental a semente monástica. Santo Atanásio, fugindo ao arianismo, vem de Alexandria para Roma e faz conhecer nos meios religiosos a vida de Santo Antão e dos monges da Tebaida. As cruzadas e romarias aos lugares santos, a emigração para o Oriente motivada pelos bárbaros divulgam enormemente o monaquismo e este ideal, surgindo quando está já feita a paz da Igreja e não há mártires nem vítimas, é o derivativo que encontra o espírito cristão para sofrer e mortificar-se. Os primitivos monges, ou são anacoretas vivendo isolados em covas e nas ruínas uma vida contemplativa, sustentando-se de ervas e de raízes num incrível desprendimento da existência material, ou são cenobitas á roda dum oratório de madeira ou de pedra solta. Mas a vida social dos cenóbios adquire uma certa agregação e consistência com as regras de São Columbano, São Cesário e São Ferreol, até que a regra de São Bento al-

cança, a partir do século VIII, preponderância hegemónica sôbre as constituìções monásticas, e tão grande é a sua influência, que ela fica, no dizer de um medievalista de génio, o facto social mais importante da Idade-média. Desde a sua fundação até o século X, a ordem de S. Bento tinha erguido quinze mil abadias e dera à Igreja vinte e quatro papas, duzentos cardiais, quatrocentos arcebispos e sete mil bispos.

— E' incontestavel que o progresso muito deve aos monges, acquiesceu Luciano.

— Olhe que o diz o insuspeito Littré: «Na Idade-média quem é pela civilização tem de ser pela Igreja e pelos monges, sua milícia». E não se faz senão justiça... Os monges eram, de facto, nessas épocas recuadas de discórdias e flagelos, os depositários do saber e das práticas industriosas. No meio da ignorância geral, são êles que cultivam as letras, as sciências e as artes, fundam escolas e ensinam, e pelo seu paciente labor, multiplicam as cópias dos códices, manuscritos e obras literarias da antiguidade, que se salvam assim da perda certa. As crónicas dos mosteiros ficam sendo, muitas vezes, a única fonte histórica da região. Em Cluny ensina-se tão bem que o maior príncipe não recebia no palácio dos reis melhor educação do que em Cluny a mais humilde criança — reza um cronista. Mas não é só o labor intelectual que ocupa os religiosos. Simultaneamente, os monges dissecam pântanos, abrem terras, rasgam canais, erguem moinhos, plantam árvores frutíferas, fixam ao solo os povos nómadas e operam nêles uma salutar reversão das forças estéreis e indomáveis, no ritmo calmo e fecundo do trabalho, fonte de felicidade e de paz, criador de riqueza e de carácter. São êles que nobilitam o trabalho, até ali ocupação servil e humilhante. Quando

as instituìções se esboroavam e tudo ruía e se tornava instável na debandada de pânico provocada pelos bárbaros, os núcleos de monges foram os maciços de florestas detendo as dunas galopantes das hordas devastadoras. Nêsses recintos austeros de grandeza moral e de virtudes cristãs, que eram então os mosteiros, se refugia o escol do tempo e dêles irradia o largo sôpro espiritual que revoluciona o mundo e cria o direito e a justiça. E coisa interessante, é que os beneditinos, à medida que se instalam, estabelecem logo nos improvisados cenóbios a oração comum em côro. E' já a preocupação da Liturgia, o culto ininterrupto a Deus. Nêste movimento de translacção através dos países evangelizados, a rotação diurna do ofício mantem-se — esta rotação da alma saindo da sombra tôrva do pecado da natureza e apresentando-se todos os dias deante do sol de Deus que a ilumina e a fortalece. E' o primeiro cuidado, a preocupação essencial, o *opus dei*, o serviço divino a que nada tem preferência. E, emanados dêstes ardentes núcleos de piedade e de amor dos mosteiros primitivos, donde hão de sair mais tarde poderosas cidades civilizadas, cruza-se através dos ermos invios, das selvas bravas, uma rêde arterial de preces e orações que adoçam as almas endurecidas e vertem bálsamos de pacificação nos costumes rudes da grei. Ah, esta regra de S. Bento! De que benefícios não lhe é devedora a civilização!

E padre Anselmo evocava, num rapto, o glorioso passado da ordem.

Era S. Bento que nascia na província de Núrsia pelos fins do século V, quando a dissolução do Império ameaçava subverter a própria Igreja minada de scismas e de heresias, e se refugiava, horrorizado de Roma, nas solidões de Subiaco, um árido deserto de rochas negras que, dentro em pouco, se neva-

va de almas atraídas, como pombas sequiosas, por aquela fonte de santidade. E dôze mosteiros tinham jorrado em tôrno do sagrado manancial. Depois, na Campânia romana, com alguns dos seus monges, S. Bento criára, no cimo duma montanha vestida dum bosque sagrado, o mosteiro de Monte Cassino e ali concebera, no remanso contemplativo, o instrumento sobrenatural da sua regra e ali se tinha finado duma morte serena, pronunciando, até o fim, fervorosas orações que de certo tinham formado, nessa hora suprema da abalada, a luminosa esteira, a deslumbrante auréola com que subira ao seio de Deus.

E, como o pólen que os ventos levam, o espírito monástico dispersa-se na Roma pagã, fecunda as almas tocadas de graça, desentorpece vocações, e S. Gregório o Grande surge, cresce e culmina, como uma árvore prodigiosa da bendita semente que germinára num antro de Subiaco. E a Ordem orienta-se para novos destinos, avistados de mais alto mais dilatados horizontes. E' então que a grande Obra começa. S. Gregório, eleito papa, sonha a cristianização da Gran Bretanha, a terra verde de gente loira, e entrega êste apostolado a Agostinho, beneditino de Coelius, que abala com cincoenta monges, instala-se em Canterbury, conquista à fé o rei de Kent e tal zelo manifesta no seu ministério sagrado que alastram por todo o país as túmidas raizes do Evangelho. E esta unidade religiosa que irmana os anglos e os saxões é o ambiente propício para a civilização e unificação política dos dois povos. Nêsses pagãos indóceis e ignorantes, a regra austera do mosteiro, a comunidade fraterna dos monges, são edificantes exemplos de ordem e de disciplina, de pacificação e de trabalho, e os costumes adoçam-se e as terras desbravam-se. A vida social começa assim em tôrno dos claustros beneditinos por cujas escolas passam os mais

ilustres sábios da época. Um mosteiro, uma abadia é o núcleo orgânico, a célula citadina, de Canterbury e de Londres, de Rochester e de York, de Durban e de Worcester.

E não pára aqui o apostolado beneditino. Outro quadrante vai marcar o seu rumo. E' agora a Germânia idólatra e supersticiosa, de espêssas florestas recolhidas habitadas pelo terrivel deus Thor, que atrai Winfredo, monge de Nursling — dêsse ramo beneditino de Santo Agostinho que evangelizou a Inglaterra — e o arrebata às dignidades mais altas, arremessando-o para a Frísia. Circunstâncias políticas entravam esta primeira tentativa, mas recomeçando o apostolado com credenciais da Santa Sé, Winfredo entra de novo na Frísia, passa ao Hesse e à Turíngia e, na abadia de Pfalzel, converte o jovem Gregório, neto de Dagoberto II que, maravilhado das suas prédicas, o acompanha até à morte. Sagrado bispo regionário, interna-se na Alemanha e a sua missão frutifica, as conversões multiplicam-se e, forte da sua influência, Winfredo — crismado agora Bonifácio — impressiona os pagãos com um acto de audácia, abatendo o carvalho sagrado de Thor na montanha de Gundenberg. A impunidade do sacrilégio comove os ímpios, que se convertem, erguem igrejas, levantam mosteiros e a queda da árvore sagrada é como a queda do paganismo. Evangelizado o Hesse e a Turíngia, S. Bonifácio revela o seu génio organizador na Igreja da Baviera e, nêste caminho salutar de consolidação e de expurgação, opera a reforma da Igreja franca, já pondo um termo às intrusões do poder civil, já reùnindo concílios para purificar os costumes do clero e preservar a fé de maus contágios. A indisciplina eclesiástica, as relaxações tão freqùentes, os erros tão copiosos sugerem a S. Bonifácio a idéa de criar um clero cônscio da sua missão e bem dotado

para um ministério eficaz. E ei-lo que ergue no centro da Germânia, no êrmo pacífico duma velha floresta, o mosteiro de Fulda no régime da estrita observância beneditina, o qual, ainda em vida do apóstolo, chega a contar quatrocentos monges e se torna, no andar dos tempos, o mais poderoso foco da vida religiosa e intelectual da Alemanha.

Estas missões beneditinas que tinham cristianizado e ganho à causa da civilização, com um sólido trabalho de consistência e estabilidade, a maior parte da Europa, vem servir admiravelmente a grande obra de concentração levada a cabo pela época de Carlos Magno que não fez mais que colher os frutos do paciente labôr monástico, dêle continuando habilmente a servir-se na política de unificação e consolidação do seu vastíssimo império. Os principais colaboradores na renascença carlíngia são monges; Santo Angilberto, Santo Adalardo, o historiador Eginhard. E' com o concurso de Alcuino, monge de York, que se difunde a instrução e se eregem escolas abaciais e catedrais. S. Bento de Aniane, um espírito reformador, coopera na grande obra da restauração religiosa.

Mas o espírito monástico declina. Vícios internos, maus govêrnos e, sobretudo, a recrudescência bárbara do século VIII ao século X, que abala o ainda frágil edifício cristão, desorganiza a Igreja, põe em crise a regra monástica. Impunha-se a reforma que já S. Bento de Aniane preconisára com o seu exemplo e a sua obra «Concórdia das Regras». E Cluny surge como um astro.

Ah, Cluny!

Fundada em 909 por Guilherme, duque de Aquitânia, num êrmo tão desolado, tão carecido de sociedade humana que parecia ser — diz o cronista — *a imagem da solidão celeste*, que destino brilhante

lhe rerservava Deus! Sôbre quatro pilares se levantava o monumento da sua glória. Eram quatro santos, os quatro abades Odon, Mayeul, Odillon e Hugo de Sémur, modêlos de virtudes monásticas, homens de piedade e homens de govêrno. Numerosas abadias, na observância, no régime e na disciplina antiga, agregam-se em tôrno dela como núcleos destacados. E' a maior força moral do tempo. Os seus abades são príncipes gozando do direito de suzerania, senhores de alta e média justiça com o privilégio de cunhar moeda, mas observando tão regularmente os preceitos monásticos como o mais humilde dos seus monges. Santo Odon é auxiliar dos Capetos na formação da unidade nacional francesa, e dos papas na independência da Igreja. S. Mayeul, pelas suas relações com os imperadores da Alemanha, espalha nêste país a semente clunisiana. Santo Odillon impõe aos reis a salutar *trégua de Deus* que abre parêntesis de paz nas contínuas dissenções, e inicia no seu mosteiro a piedosa comemoração do dia de finados que se vulgariza em toda a Igreja. E com S. Hugo de Sémur chega ao seu auge a potência social e religiosa de Cluny que tem sob a sua jurísdição 314 mosteiros com domínios tão vastos como um reino. Os papas enriquecem-na, concedem-lhe mais amplos previlégios. Gelásio II ali morre e ali se elege o sucessor. Os pontífices determinam que se deponham nos seus arquivos as principais actas da Santa Sé. Cluny é uma segunda Roma. E é ela que torna possível o advento de S. Gregório VII — um monge! — o maior papa cristão, fundador da Igreja como Estado independente, soberana entre os impérios da terra.

Mas já Cluny declina. No rasto dos grandes santos que a governam dois séculos, outros abades passam sem as virtudes dos fundadores e a quem o

enorme poder legado ensoberbece e deslumbra. E um novo rebento beneditino, de retôrno à observância antiga, desponta na ordem de Cister, onde vão reflorir as grandes virtudes tradicionais, restauradas por S. Bernardo.

O seu início é, com S. Roberto, fundador, a modestíssima ermida de Molesmes, cercada de choças feitas de troncos e ramos entrelaçados. A observância primitiva é estritamente cumprida. Êste rigor nem todos, porêm, o suportam de igual ânimo, e o santo, sem esmorecer, transporta-se a Cister com vinte e um monges fieis e instala-se numa charneca insalubre, onde fecundam dentro em pouco as boas sementes regeneradoras. É o ideal emfim realizado. Sagram-se as almas na oração, purificam-se as mãos no trabalho. Mas parece que Deus quer pôr à prova a predestinada comunidade. Primeiro arrebata-lhe o seu abade que, por ordem de Urbano II, regressa a Molesmes, onde consegue fazer impor a observância da regra. Depois, recrudescendo de violência, ceifa-lhe os monges a pouco e pouco, numa inquietante mortandade que faz tremer o bom Harding pela sorte do seu cenóbio. E tudo parece perdido quando, um dia, na primavera de 1112, bate à porta do mosteiro S. Bernardo com 30 companheiros conquistados à causa monástica. Estava salva Cister e lançado e alicerce da sua glória.

S. Bernardo nasce no castelo de Fontaine, em Dijon, duma mãe piedosa que dá a Deus todos os filhos. Concluídos aos 19 anos os estudos de latim e filosofia, Bernardo hesita sobre o rumo a dar à vida quando a morte de sua mãe lhe precipita a vocação. E, com a eloqüência persuasiva que hade, mais tarde, torná-lo célebre, empolga, prende e arrasta todos os que o cercam, família, amigos, condiscípulos, no pendor místico do claustro. Êsse noviciado em Cister

edifica o santo abade e confunde os monges velhos. Recolhido, em oração, no mais completo alheamento, o nóvel monge elabora pacientemente, com uma arte requintada, a transformação interior do seu ser. Toda a impureza é expurgada. Todas as sendas do pecado interceptadas. Concentra-se na sua cela. E, então, a alma liberta-se, sobe a Deus e o corpo fica apenas o suporte mecânico da vida, *do lado de fora*, à semelhança das delicadas catedrais góticas que sobem no ar, imateriais, e realizam o milagre de seu equilíbrio lançando as pressões para o exterior.

Tão grande foco de santidade não pode ficar assim oculto. Uma alma destas é como um íman. E o inteligente abade Harding amplia-lhe o raio de acção e manda-o fundar Claraval. A personalidade de Bernardo transpõe em breve os muros do claustro, mas é ao prègar a segunda cruzada que êste astro começa a deslumbrar. Sua palavra vibrante arrasta os povos, que se esmagam para escutá-lo. Luiz VII cai-lhe aos pés na assembléa de Vézelay. Conrado III da Alemanha resolve-se emfim, depois de ouvi-lo em Spira, e é o mesmo poder de eloqùência que no concílio de Étamps, mantem na cabeça de Inocêncio II a tiara pontifical e salva a Igreja do scisma. O génio do grande abade cisterciense enche todo o século XII. S. Bernardo é o árbitro dos príncipes, o oráculo das multidões. Nos concílios senta-se ao lado dos bispos e cardeais para defender a ortodoxia; esclarece em seus escritos pontos de dogma controvertidos. E' um padre da Igreja. A célebre *Imitação de Cristo* é toda inspirada nêle.

— Emfim, rematava o padre, a influência social dêste monge foi enorme e, quando morreu, Claraval contava setecentos religiosos e dependiam dela cento e sessenta mosteiros espalhados em toda a Europa, número que chega a atingir dois mil.

— Rialmente S. Bernardo foi um génio, mas não tem as minhas simpatias, observou o arquiteto sorrindo. Maior inimigo da arte não têve a Igreja. A indignação de que êle feria os belos templos clunisianos, e as *inépcias* que apontava em Véselay amesquinhando os seus simbólicos e admiráveis capiteis!...

— Com efeito, o abade de Claraval era duma austeridade talvez excessiva em arquitectura, concordo. E disso se ressentiram as construções da sua época. Mas a severidade monástica tem tambêm a sua beleza. Olhe Alcobaça.

— Sim, Alcobaça é bem monástica, bem cisterciense na rigidez altiva da sua nave tão sóbria, sem macieza de curvas nem maliabilidades de linhas. E' gelada.

— Vejo que os cistercienses eclipsaram os beneditinos, notou a fidalga sorrindo.

— Perdão, condessinha, mas são todos beneditinos. Os cistercienses são os beneditinos brancos por causa da côr dos hábitos que, nos religiosos de filiação directa ou beneditinos propriamente ditos, são negros. E' certo que Cister ofuscou Cluny, mas deixe-me dizer-lhe que, paralelamente ao ramo beneditino de S. Bernardo, floresceram clunistas ilustres, como Pedro o venerável que não ficou atrás de S. Bernardo na defeza de Inocêncio II, o qual veio em pessoa a Cluny consagrar-lhe a basílica; e Suger, abade de S. Denis que foi ministro de Luiz VI e tanto se notabilizou lançando os fundamentos da administração financeira, contribuindo poderosamente para a unidade nacional da França e secundando o forte movimento das Comunas...

—... Que sucederam às abadias, acrescentou Luciano. Na verdade, a arquitectura do século XIII — que é o período áureo das catedrais — já trabalhada por laicos e no régime livre das comunas, é

filha dos monges arquitectos que construíram S. Gall, Cluny e Véselay e fôram os mestres dos maçons. A comuna é o régime social sucedâneo da abadia e as suas corporações de mesteres, tão decalcadas nos modêlos da disciplina eclesiástica que dir-se-ia uma laicização monástica, herdam dela, com os métodos e a técnica aprendidos nas suas escolas, a organização das atelieres, num espírito mais liberal, é claro, mais arrojado e mais fecundo e, por consequência, mais artístico, mais belo. O que é uma catedral senão o sonho dum monge realizado por um poeta?... Mas distingamos! A grande arte medieval é de Cluny, não de Cister. Cister é dura, hirta, ascética. Cluny é graciosa, decorativa, brilhante.

— De acordo, de acordo! exclamou o padre. E louvado Deus que é a tradição clunisiana que os beneditinos continuam. Pois não degeneraram, não! E olhem que era para isso! Depois de Cluny os ventos tornam-se contrários. As correntes sociais agitam-se tumultuosas com a guerra dos cem anos, o grande scisma do ocidente, as perseguições protestantes e, sobretudo, o execrável régime da comenda; e a Ordem só toma pé no século XVII com a congregação de S. Mauro que reatou, um momento, as belas tradições de Cluny. Depois, no século XVIII, as ondas encapelam-se em fúria nunca vista, as torrentes embravecem e tudo despedaçam e aniquilam. E' o flagelo da Revolução. E só a partir de 1830 a Ordem consegue estabilizar-se, principalmente em França, com a fundação de Solesmes por Dom Prosper Guéranger.

Esta ordem de S. Bento, encomiava o presbítero soubera atrair e conquistar grandes espíritos cultos e dar a certas almas o refúgio que debalde procurariam noutra parte. Era uma ordem de monges intelectuais, cultivando as sciências e as letras, com uma

noção perfeita de espírito religioso e dos altos destinos da Igreja.

— Êstes beneditinos, dizia padre Anselmo, com embevecida admiração, só êles realizam o ideal duma existência na terra: — estudar, orar, meditar e, dum modo especial, manter e alimentar continuamente o espírito de religião pela prática do ofício divino. São os artistas do culto, os poetas do louvor divino, os trovadores da Igreja.

— Qual é actualmente a organização da Ordem? preguntou Luciano.

— Os beneditinos formam hoje uma federação internacional composta de catorze congregações, sob a autoridade dum primaz residente na abadia de Santo Anselmo em Roma.

— E são ainda numerosos?

— Segundo o catálogo de 1910, a ordem contava uns 600 mosteiros e mais de 20.000 religiosos de ambos os sexos.

— Diz-se que são muito eruditos.

— Fôram-no sempre, condessinha, e ainda hoje abundam nas congregações mentalidades duma sólida reputação. A Ordem gozou em todos os tempos de tradições literárias. Sem remontar mais longe, a congregação beneditina de S. Mauro, que floresceu nos séculos XVII e XVIII, notabilizou-se pela sua fecundidade em escritores eclesiásticos versando a história e sciências auxiliares, a diplomática, a cronologia e a paleografia. Entre todos os seus humanistas sobresai o célebre Dom Mabillon, o analista e agiógrafo da Ordem, que publicou as *Acta Sanctorum*, e os *Annales Ordines Sancti Benedicti* e deixou um grande número de discípulos entre os quais Don Martene, o comentador da Regra, que coleccionou documentos importantíssimos no *Thesaurum Anecdotorum* e na *Amplissima collecta*. Tembêm se devem a esta congregação

as notáveis edições dos padres da Igreja, S. Gregório o Grande, S. João Crisóstomo e S. Bazílio. Foi um maurista, Dom Denis de Santa Marta, que iniciou a compilação da célebre *Galia cristiana*, cuja continuação mais tarde Dom Guéranger havia de obter para o seu mosteiro, mediante um subsídio do Estado que tanto valeu aos precários inícios da predestinada abadia. Ainda no século XVIII uma outra congregação beneditina, Saint-Vanne, deu, entre outros, um sábio ilustre, Dom Calmet, muito conhecido na literatura eclesiástica pelos seus *Comentários sôbre a História Santa* e um *Dicionário da Bíblia.*

— E modernamente...

— Modernamente, condessinha, é o que acaba de vêr, disse o capelão-cantor apontando a biblioteca. O espírito literário da Ordem não só persiste mas toma, naturalmente, com tão bons antecedentes, um notável incremento. Dom Guéranger, o restaurador da Ordem em França depois dos calamitosos tempos da Revolução, era, a par duma notabilíssima figura eclesiástica, um notável escritor, cuja fecundidade maravilha numa vida tão laboriosa e ocupada como foi a do abade de Solesmes. As suas *Instituìções*, que prepararam a unidade da liturgia no ocidente cristão, deram o maior impulso para a centralização romana da Igreja e constituem, com a *Monarquia Pontifical*, a pedra angular da Igreja unificada sob a hegemonia católica, marcando a tendência orientadora de toda a política religiosa do futuro. E' Dom Guéranger que reflete, nos tempos modernos, todo o brilhantismo de que se reveste a ordem restaurada. Um cortejo de sábios, eruditos e artistas, radia na órbita do douto abade que forma escola, cria discípulos e desenterra, em pleno século XIX, dos escombros de mil convulsões sociais, o espírito tradicionalista monástico. E as vocações germinam, vivificadas pelo grande astro

de Solesmes; a piedade cristã resurge nos claustros; as virtudes antigas florescem nas congregações. E esta renascença religiosa manifesta-se com tal pujança e imprime um tal vigor ao velho organismo depauperado que toda a Igreja se ressente.

— A unificação litúrgica é rialmente importante na vida da Igreja.

— Importantíssima, meu amigo. De tão grande alcance como a unificação política duma raça. Pois esta unidade litúrgica que é obra quási exclusiva de Dom Guéranger, que tanto por ela sofreu incompreendido da sua época, nem todos, por desgraça, lhe reconhecem ainda o valor. Mesmo a grande figura do abade de Solesmes não tem, por enquanto, na Igreja o relêvo que merece nem está popularizada no ensino eclesiástico, embora goze já da consagração oficial de Roma nos dois breves de Pio IX, *Ecclesiasticis viris* e *Gaudem autem*, onde o ilustre monge beneditino é qualificado de instrumento providencial—*instrumentum a divina providentiam.*

— O prestígio pessoal do abade de Solesmes, continuou o padre depois duma pausa, suas peregrinas virtudes, notável saber e a orientação político-religiosa que cêdo imprimiu à sua obra, numa extraordinária previsão genial, grangearam-lhe adeptos de valor que, reùnidos em Solesmes na mesma tendência orientadora do seu abade e mestre, operaram nas instituìções da Igreja uma regeneração salutar. Foi um monge de Solesmes, D. Pothier, que restaurou o canto gregoriano, operando na música sacra uma revolução igual à do seu abade na liturgia. As *Melodias gregorianas* dêste monge marcam época na história da música. E Solesmes criou desde então uma reputação mundial pelos seus cursos técnicos de música sacra e notáveis trabalhos de monges musicógrafos, entre os quais se destacou Dom Mocque-

reau, sucessor de Dom Pothier na escola de Solesmes e na compilação da célebre revista *Paleografia musical*. A influência de Solesmes irradiou naturalmente para os mosteiros beneditinos que depois se criaram, todos com monges solesmianos. Consolidada a abadia mãe, Dom Guéranger lançou os alicerces de novas fundações. A primeira filha de Solesmes foi Ligugé, no lugar do mais antigo mosteiro das Gálias, fundado por S. Martinho. Seguiu-se Santa Madalena de Marselha, um claustro feminino, e, depois, outro mosteiro de beneditinas, em Solesmes, sob a invocação de Santa Cecília. A congregação de França lançou também fundações no estrangeiro, iniciadas com monges solesmianos: S. Domingos de Silos, em Espanha, de que foi abade Dom Guépin, um monge de talento, historiador de Solesmes e Dom Guéranger; e na Inglaterra o priorado de Farnborough, elevado a abadia em 1903, de que é actualmente abade Dom Fernando Cabrol, o mais distinto liturgista contemporâneo, escritor elegante e primoroso, largamente representado na nossa livraria. Todas as fundações beneditinas em França ficaram extintas com a famosa lei das congregações promulgada em 1903 pelo infernal ministério Combes.

— E que foi feito de todas essas abadias? Que foi feito de Solesmes? Extinguiu-se?

— Não, condessinha. Solesmes tranferiu-se para a ilha de Wight na livre Inglaterra. As outras abadias reformaram-se na Bélgica, na Itália e até na Holanda, e vivem como Deus é servido... Esta congregação solesmense é rialmente a que mais nos interessa a nós latinos; mas outras há, a congregação alemã de Beuron, por exemplo, que não lhe fica atrás em iniciativas. Em 1907 a congregação de Beuron, no intuito de corresponder aos desejos de Pio IX no seu célebre *motu proprio* sôbre o cantochão, fundou a

«Gregorius Hous» destinada a formar mestres de capela e organistas conhecendo a fundo a música sacra, teórica e praticamente. Há um curso elementar para o ordinário dos ofícios quotidianos ministrado aos organistas das igrejas rurais e um curso superior, exclusivo a artistas, para a execução dos melhores bocados do canto gregoriano, das mais célebres composições de canto polífono. Estes beneditinos de Beuron crearam mesmo uma escola de pintura, cuja fundador foi D. Didier Lenz, com um carácter próprio, original, o estilo de Beuron. E' um cenáculo de monges artistas tendo em mira renovar a arte decorativa religiosa numa tendência profundamente cristã e de regresso às tradições. São inúmeras as igrejas decoradas pelos monges artistas da escola de Beuron, que possue também oficinas de ourivesaria e escultura sacras. Em Maredsous, uma abadia da Bélgica, filha religiosa de Beuron, há uma escola anexa que ministra com todo o escrúpulo o ensino artístico-religioso a rapazes. Uma iniciativa muito inteligente a dêsses monges, cujo intuito é reagir contra o industrialismo em que tem decaído ultimamente o fabrico de objectos de culto.

— Excelente idéa, sim senhor, notou Luciano.

— Ou não fosse ela beneditina...

— E Portugal, padre Anselmo, acompanhou tambêm esta renovação monástica?

— Modesta é, infelizmente, a nossa contribuìção, gemeu o padre.

— Será possivel?! Já duas horas, exclamou a condessinha vendo um relógio de pulseira e levantando-se. Vai-se-me hoje o dia na Sé... muito bem passado, é verdade.

— E então não faltei eu a completas? soltou o capelão-cantor com fisionomia contristada. Deus me perdoe, mas êstes beneditinos...

— Hão de acabar por perder-lhe a alma, padre Anselmo.

— Não, não estou de semana, é o que vale. Mas o breviário dito em côro sempre tem outro sabor.

E saíram os três. Maria Helena desceu adeante a escada de acesso ao terraço e encaminhou-se para a porta do Aljube, onde o *coupé* se chegára já e, perfilado militarmente, um trintanário aguardava, descoberto e grave, ao lado da portinhola aberta. Luciano viu-a marchar no lagedo, alta e tenra, espiritual e fina, numa harmonia de linhas que traía a raça. O busto evasava-se-lhe em curva harmoniosa de ânfora a que dava uma deliciosa frescura o corpete de setim claro dobrando-se em gola no colo, sob o casaco *tailleur*, numa graça vegetal de gamopétala. E, despedindo-se dos seus amigos, a fidalga, já no trem, sublinhou um último cumprimento a Luciano num tão eloqùente sorriso de enternecida simpatia que o artista sentiu a alma fundir-se-lhe de ventura.

IV

Quantos séculos contava a catedral? Contava tantos como o reino ou talvez mais.

Erguida como um castelo em pleno burgo medieval, ela tinha-o cristianizado e vira no decurso dos tempos erguerem-se as igrejas, os conventos, os mosteiros, os palácios, e trepar através dos hortos e vinhedos das colinas té aos cabeços requeimados dos sóis, o miúdo e irregular casario citadino. Ah, a visão da Lisboa histórica, a outra, a verdadeira, que o grande terremoto aniquilára num minuto d'epilepsia!

Era lá em cima no mais rude e alcantilado môrro o monte Palatino de Lisboa, o berço augusto da *urbs*, Capitólio dos triunfadores, a Alcáçova e Castelo, paço opulento dos príncipes islamitas, cujas tradições veneráveis as dinastias cristãs tinham respeitado fazendo dêle sua rial residência.

Por detrás apinhava-se a tortuosa e enviezada Alfama, bairro gótico da Lisboa moira que a judiaria invadira no século XIII, expulsa dos sítios de S. Nicolau e Madalena. E pelas encostas dos montes, como feudos senhoriais, torrejava a massa pesada de conventos e mosteiros com suas verdejantes e amplas cêrcas bem muradas: — S. Vicente, morgadio e acastelado, e Santa Clara seráfica e sumptuosa, fora de portas, já nos campos; da banda de cima, junto a S.

Bartolomeu, o convento de Santo Eloi, recolhido, como uma grande e fresca almoínha toda banhada de sol; o mosteiro de Nossa Senhora da Rosa numa volta do Castelo espreitando a Moiraria; a Graça dos agostinhos, solarenga e grave, num promontório aproado ao mar; Santana, das franciscanas, contemplativa num oiteiro. E do lado de lá do vale, em eminências longínquas, no extremo urbano ocidental, S. Pedro d'Alcântara, dos arrábidos; S. Roque, dos jesuítas; e em perspectivas panorâmicas, seguindo a linha das cumiadas, a opulenta Trindade; as igrejas do Loreto e dos Mártires; Nossa Senhora do Carmo, enorme e mística, com a sua igreja gótica alcandorada nas escarpas como um castelo roqueiro; e mesmo em face, desafrontado, a pesada mole de S. Francisco da cidade, nas vertentes abruptas que desciam para o rio, sôbre os palácios nobres da Ribeira.

E em baixo na planura citadina, onde corriam os arruamentos burgueses com suas linhas denteadas das empenas triangulares, sobresaíam ao fundo do Rossio, as opulentas fábricas do hospital de Todos-os-Santos, o convento de S. Domingos e as construções maciças dos palácios do lado norte da praça. Nêste denso aglomerado furavam as grimpas pardacentas das torres de S. Nicolau, S. Julião, a Conceição, e por detrás da porta do Ferro, a dois passos, sitiava a Madalena e a manuelina Misericórdia, delicada joia da Renascença, que era depois de santa Maria de Belem a mais linda igreja de Lisbôa.

Que é que restava de todas estas belas coisas? Nada. Os nomes persistiam, é certo, mas eram etiquetas coladas pela rotina a novos edifícios e lugares.

Tudo caíra, tudo ruíra em tôrno da catedral. Só ela ficara de pé enraìzada no solo, numa vida pertinaz que zombava dos cataclismos e dos séculos. 1755 provocára na fisionomia de Lisboa mais profundas

alterações que a substituìção do crescente pela cruz na primeira metade do século XII. A cristianização, como todos os fenómenos sociais, operára lentamente, calculadamente; o fenómeno geológico, porêm, estoira sob a cidade com a subitaneidade do raio e o que escapa à cólera do sismo, o pulso de ferro do Marquês vem de vez aniquilar. 1755 fecha catastróficamente a cidade antiga. E' ao clarão dos incêndios e ao fragor das derrocadas que Lisboa penetra na era moderna. Em alguns minutos subvertem-se séculos. E nêste súbito eclipse da Idade-média, sem o crepúsculo da transição que marca nos quadrantes da história a passagem gradual das épocas, Lisboa fica desligada cerce do passado, sem êsse nexo vincular dos monumentos, das velhas ruas, das velhas casas, tudo o que forma a substrutura da história, o fundo evocador da tradição e é o resíduo espiritual da Arte.

Mas a ressurreição começára. Sepultos os mortos e serenados os vivos, como quem afasta ansiosamente um pesadêlo sinistro, Lisboa estendia uma leve mortalha sôbre as suas palpitantes ruínas, e debaixo dos solos novos ficava macabramente a carcassa mal desfeita do velho burgo enterrado á pressa pelo enérgico braço de coveiro do ministro de D. José — como se enterravam nêsses tempos os empestados, meio vivos, estertorizando ainda. E nêste solo planturoso, sôbre êste cemitério de igrejas, palácios, mosteiros e arruamentos, tinha surgido desgraciosa, inestética, a obra utilitária e fria dos engenheiros, o falanstério etiquetado dos quarteirões repolhudos e plètóricos, bem condigna morada das gerações egoistas e traficantes que iam suceder, precisamente nos mesmos sítios e com redobrada ganância, à somítega judenga que por li chatinára em idos tempos.

A febre edificadora galgára da baixa aos altos e

continuára a sua formigante emigração por vales, córregas e oiteiros. Nesta maré renovadora, a Sé, resto escapo do naufrágio, ficára encalhada nos arruamentos modernos, cada vez mais estranha às fisionomias novas, rebarbativa e revêssa, agressiva e bárbara no alindado casario burguês que se vingava dela defrontando-lhe as fachadas e ultrapassando as suas fidalgas tôrres senhoriais.

Que larga história não tinha este venerável monumento? Quantas coisas não presenceára? Que não diziam suas antiquíssimas pedras?

Era lá em baixo na porta do Ferro, o embate dos cruzados contra a resistência pertinaz do moiro; a investida final da cidade pela porta do Mar, do lado de Alfama, e a sua rendição, depois de cinco mêses de cêrco e porfiadas lutas, 25 dias de outubro de 1147, em dia de S. Chrispim. E quere Afonso Henriques erguesse a catedral dos fundamentos, quere a restaurasse logo na mesquita grande, como reza a lenda, datavam dêsses áureos tempos as dinastias dos seus prelados históricos e entroncava nêles a geneologia dos seus cabidos que até pontífices tinham dado. Oh, o nobiliário famoso dos grandes senhores da catedral!

Santos, guerreiros, conquistadores, letrados, diplomatas, embaixadores, grandes do reino, príncipes e reis, pelas mais ilustres cabeças tinha passado a mitra de Lisboa nobilitada por sucessivos apanágios, se possivel era honrar-se mais quem nascera como a catedral do mesmo impulso creador que gerára um reino e fôra gémea de uma pátria.

Eram três dinastias, três ciclos, três épocas, como andares sucessivos duma casa que se engradece: o bispado, o arcebispado e o patriarcado.

E' o primeiro bispo de Lisboa o grave inglês Gilberto que viera nas armadas dos cruzados, *santo ho-*

mem, bom teólogo, bem certo nas escrituras santas, que manda rezar pelo breviário de Salisbury e estabelece o cabido com quarenta cadeiras, seis dignidades e trinta e quatro cónegos. Sucedem-lhe D. Alvaro que recebe na catedral o corpo do mártir S. Vicente trasladado do promontório Sacro ; D. Sueiro I no governo do qual nasce em Lisboa santo António ; os dois prelados guerreiros, D. Sueiro Viegas que entra na tomada de Alcácer do Sal e D. Ayres Vasques que acompanha Afonso II na conquista do Algarve ; D. Mateus que faz celebrar pela primeira vez a procissão de *Corpus-Christi ;* Estevam Ayres de Vasconcelos descendente do bravo Martim Moniz ; e Domingos Jardo que ocupa a cátedra episcopal depois de uma existência aventurosa. Nascido num lugarejo entre Belas e Cintra, de progenitores rústicos, é Domingos o pasmo do cura da freguesia com os seus prodígios em gramática latina. Aos catorze anos deixa a casa paterna, vae de longada até Paris e entrando como doméstico numa casa opulenta, tal engenho revela que o metem na Universidade, onde se distingue brilhantemente graduando-se nas faculdades de sagrados cánones. Recolhendo-se à pátria aureolado de grande fama, fê-lo D. Denis chanceler-mór do reino, bispo d'Évora e depois de Lisboa.

E a dinastia continua. Um ascendente do condestável D. Nuno Alvares Pereira, D. Gonçalo Pereira, é tão sagaz diplomata na cúria de Avinhão como esforçado cavaleiro na batalha do Salado.

D. Martinho o Castelhano, marca na história da catedral uma mancha trágica de sangue. Bom prelado, bom letrado, tão piedoso que fizera morada sôbre o claustro para não perder nenhuma hora do ofício, D. Martinho numa manhã de dezembro de 1383, no mesmo dia em que é morto João Fernandes An-

deiro, sobe às torres da sua igreja para observar o alvoroço do povo que clamava desesperadamente que era morto o Mestre. Em descomposta grita lhe requerem lá de baixo, ao avistá-lo, que mande tocar os sinos, e como se recuse, a turba assalta a igreja, trepa aos eirados e dêles precipita o bispo que é arrastado até o Rossio.

D. João I abre o segundo ciclo da história da catedral. Hábil político, querendo honrar como merecia o seu bom povo de Lisboa, obtem do papa Bonifácio IX a elevação da Sé episcopal a igreja metropolitana, sem outra dependência senão a Sé apostólica. Os seus prelados, até ali sufragâneos de Compostela, são d'hora em deante arcebispos com jurisdição sôbre as dioceses de Lamêgo, Guarda, Évora e Silves.

A nova linhagem arquiepiscopal continua as nobilíssimas tradições dos bispos.

D. João Esteves d'Azambuja, cavaleiro e diplomata, combate contra Castela ao lado de D. João I e é o seu embaixador naquêle reino nas negociações da paz. D. Jorge da Costa segue D. Afonso V na jornada de Tanger e governa depois o reino na ausência do monarca em França.

Um arcebispo de dezóito anos, um príncipe loiro de lenda que se esvae como um sôpro em plena mocidade, rege agora a catedral. E' D. Afonso filho de D. Manuel, cardeal aos oito anos e arcebispo de Lisboa aos dezóito, que pastoreia as suas ovelhas, como o mais sizudo e grave prelado. Piedoso cura d'almas, bàtisa por suas próprias mãos, leva o viático aos enfermos, catequiza os fieis e manda abolir o breviário inglês substituindo-o pelo romano.

E a dinastia prossegue. No govêrno da catedral sucedem-se: o cardeal infante D. Henrique, que chamado inesperadamente à sucessão da corôa, deixa o báculo de prelado pelo scetro de rei; o douto e pa-

triota D. Rodrigo da Cunha, historiador da sua igreja, que é governador do reino depois da revolução de 1640.

E dois santos, dois piedosos varões, os arcebispos Sousas, onde revive momentaneamente a doçura evangélica dos primeiros pastores da Igreja, encerram condignamente o ciclo d'oiro da catedral. D. Luiz de Sousa, virtuoso e zelosíssimo, cuidando só da salvação das almas, alcança de Roma, para obtemperar aos perniciosos efeitos das representações dos teatros, o jubileu do lausperene para todas as egrejas de Lisboa, distribuído alternadamente na rotação anual. Jazia lá em baixo na capela de Nossa Senhora da Piedade do claustro, sob uma tôsca lagea onde mandára gravar êstes simples e eloqùentes dizeres para a Virgem, a cuja misericórdia se acolhia: *sub tuum praesidium.*

D. João de Sousa, de boa nobreza, mas tão humilde e caridoso que todos lhe chamam S. João Esmoler, dá aos mais míseros do que êle o próprio catre onde repousa e manda enterrar-se no cemitério dos pobres, que é o chão do claustro, sem epitáfio algum na lousa que havia de cobrí-lo.

Um novo ciclo se abria agora. A terceira época da Sé começava com o mentecapto e degenerado D. João V, que sem a menor intuìção do desacato histórico que perpetra, quebra levianamente o tradicional vínculo que prendia desde remota antiguidade a catedral ao burgo.

O beato sultão, cujas magnânimas liberalidades à Igreja o não absolvem dos seus irreverentes atentados a prerogativas seculares, divide o arcebispado de Lisboa em duas metrópoles, a oriental regida por um prelado nominal da antiga Sé, e a ocidental com sede na sua capela do palácio que êle eleva pomposamente, pela bula Áurea de Clemente XI, a igreja metropolitana, investindo o novo arcebispo intruso das digni-

dades de patriarca e cardeal por direito próprio, com o privilégio de poder vestir de púrpura.

Para mais dignificar a patriarcal palatina, objecto de todas as predilecções e munificências régias, o soberano confere jurisdição ao seu prelado sôbre o arcebispado oriental, que acaba emfim por abolir de todo, ficando de facto extinta pela bula *Salvatori mostri* de Benedito XIV a veneranda Sé de Lisboa e suprimidas as suas dignidades, canonicatos, meias prebendas e quartanários, cujo titulares recebem como prémio de consolação honoríficas mercês e folgadas tenças pecuniárias. Outra basílica era de novo erecta em Santa Maria Maior, mas sem as dignidades e honrarias anteriores e subordinada sempre à jurisdição da patriarcal.

Estava aniquilada a Sé. Á águia vetusta que cobrira com suas largas asas o histórico burgo medieval, sucedia o vistoso pavão palaciano da capela do rei. A catedral d'Afonso Henriques, que D. João I engradecera como político sagrando-a metrópole, e amára como cristão indo orar nas suas naves, passava, depois de quatro séculos de suzerania, a uma vassalagem mesquinha. E nesta situação permanece outro século quási, até que em 1834, por decreto de D. Pedro IV, se extingue a patriarcal de D. João V arrumada então na Ajuda, já decrépita, amachucada, sem brilho como uma corôa de latão, e é reparado o agravo à catedral restituindo-se-lhe a categoria de Sé metropolitana, com todas as dignidades capitulares que tinha antes. Os altos títulos hierárquicos de patriarca e de cardeal, que o rei magnânimo alcançára para os efémeros prelados da sua capela, transferiram-se tambêm para os prelados da catedral, e não era decerto a púrpura desmarcada honra e distinção para quem tinha nas tradições a cota de malha e o bem temperado montante que talhára gloriosamente largos caminhos à Fé.

V

Maria Helena passava agora, todos os dias, alguns momentos na catedral, em serviço do Apostolado. Naquela manhã, a condessinha, embriagada pelo esplendor dionísico da luz, descera alegremente a escada do Aljube e, depois de orar, entrára na sede da piedosa instituìção, uma capela profanada do século XVIII, no claustro, com seu vulgar gradeamento de ferro fundido e resguardada de indiscretos olhares por uma espêssa tapeçaria. Apesar de ser domingo, a igreja estava ainda deserta dos raros fieis habituais. Era a hora de nôa. A salmodia, filtrando do côro, pulverizava no silêncio dos claustros o oiro dos seus timbres; e o jacto das vozes, rebatido nas abóbadas, desagregava-se, volvia, retrocedia em volutas e evolava-se, como um incenso, para o jardim, onde iam morrer, vagamente dispersas, as derradeiras vibrações.

Maria Helena firmára distraída, à secretária, na sua ampla cadeira Luiz XV, alguns papeis de expediente e aguardando a chegada doutras damas — havia sessão naquêle domingo — tinha-se deixado ficar lânguidamente recostada na semi-obscuridade morna do oratório, donde se avistava por estreita abertura do cortinado a correnteza do claustro recortando no azul a graça aéria das suas ogivas. O am-

biente tépido da capela, onde uma nesga de sol furtivamente entrava de manhã, favorecia o devaneio. E, quebrada pela moleza do ar, a condessinha abandonava-se ao sonho e enternecia-se evocando a figura loira do arquitecto, a sua dedicação pela Sé, aquela intercessão piedosa pelas veneráveis pedras, todo o desinterêsse duma juventude lial, generosa e cavalheiresca dando-se intrèpidamente em sacrifício duma causa. A solicitude do artista pela velha basílica, essa afeição singular pelas ruínas decrépitas, vibrára profundamente nos sentimentos de Maria Helena. Um amor dêstes perturbava-a. Porque êle amava a catedral, sem a menor dúvida. Bastava ouvi-lo falar dela. Bastava vêr com que emoção os seus olhares a abraçavam. E compreendia agora essa deambulação de sonâmbulo pela floresta das naves, êsses êxtasis profanos na sombra cúmplice das capelas. Se êle amava a catedral! E imaginava a doçura de ser amada com uma tal dedicação, com um amor assim tão forte, vindo do fundo do ser e projectando, sôbre cinzas arrefecidas, as lavas ardentes da vida. Porque fôra o amôr — e só o amôr! — que reanimara a alma exânime da Sé, gelada por séculos de abandono. Oh, o poder do amôr! E era, na floresta sagrada, uma alvorada de abril. A catedral rejuvenescia, sacudida nas suas raízes, sensibilizada nas suas medulas; e as seivas fluíam de novo, as frondes ramificavam se, as hastes tenras de pedra grimpavam como pâmpanos no impulso eréctil para o alto.

Esta afeição do arquitecto pela basílica exaltava a sua obra, transfigurava, aos olhos de Maria Helena, a banal tarefa reconstrutora num gesto soberano de criador. A velha igreja tinha uma alma que o artista ia exumando. E era a vontade imperiosa de Luciano que enraìzava subterraneamente os alicerces revolvidos e os placentava de novo nas estruturas terrestres,

reatando a circulação da vida interrompida. A restauração era uma ressurreição. E no alento vivificante que desentorpecia a ruína, a fidalga via agora a renovação natural dum rebento decepado, o despertar dum velho tronco carcomido que reverdecia na ascensão fluídica das seivas, gravitando para a luz e expluindo, lá ao alto, em flores minerais, como êsse lindo girasol da rosácea que ela acabava de ver abrir-se, resplandecente de côres, na testa norte do cruzeiro.

A catedral renascia. Todo o navio arfava no ritmo surdo da vida. E, mais do que nunca, a Sé parecia viver. A sofreguidão dos trabalhos, a azáfama das obras, esta vibratilidade que parecia terem adquirido as suas estruturas íntimas sob o influxo restaurador, infundia o sentimento duma fôrça a agir, duma vida a circular. A catedral vivia, palpitava, sentia, e isto revelava-se na epiderme renovada dos mármores, nos tufos arbóreos das suas nervuras, nessa inesperada primavera da pedra que desabrochava pelos capiteis a sua flora estilizada. A catedral vivia. E que admirar que as catedrais vivessem? Não eram elas o *substractum* de tanta vida decomposta, o resíduo dos seus artistas que até os corpos lhes tinham dado? Elas tinham, de facto, surgido das entranhas da terra, argamassadas com o seu sangue e caboucadas com os seus ossos, assim como ilhas madrepóricas que sobem do fundo dos oceanos feitas dos cadáveres dos seus artífices...

Mas as damas tardavam e a condessinha, sacudindo o enervamento, ergueu-se, compôs um pouco a *toilette* e saíu para a sacristia, fazendo a volta do deambulatório. Quando passava deante da capela de Santa Cecília sentiu-se tentada, quiz vêr, ao reparar que a porta do tapume se encontrava entreaberta. De dentro vinha, porêm, um ligeiro ruído que a fez

retrair. Estava alguêm na capela. Contudo a curiosidade foi mais forte e, impelindo com precaução a porta, enfiou meio corpo e espreitou. De costas, um pouco curvado, Luciano pousava deante dum capitel sôbre uma espécie de tripé.

— Nem o domingo se guarda? Não sabe que é pecado? garganteou musicalmente a voz de Maria Helena.

Luciano, surpreendido, voltou-se de chofre e ficou como assombrado ao encarar a condessinha no limiar da capela. As faces afoguearam-se-lhe, mas, numa rápida mutação, sentindo-se empalidecer, virou as costas à luz e dirigiu-se afável para a fidalga, dissimulando o embaraço.

— Perdão, senhora condessa. Simples retoques num capitel. V.ª Ex.ª desculpa-me êste trajo de trabalho.

E, ceremoniosamente, franqueou a entrada.

A obra avançava. Os colunelos elegantes, suporte das nervuras da abóbada, recebiam já os capiteis envolvidos por precaução em resguardos de madeira; mas o da direita da janela central faltava, vendo-se ainda vasio o alvéolo. Era êste capitel que descansava no tripé e que o artista parecia ter pouca vontade que vissem, ocultando-o com o corpo. Que revelaria o mármore? Porque fôra a receio de lhe surpreenderem a escultura, mais do que a inesperada visita de Maria Helena, que sobressaltára talvez o arquitecto. E quando a fidalga, num retôrno lento, parou deante do capitel, Luciano tornou-se muito pálido, devorado duma angústia visivel.

A escultura parecia interessar a condessinha. Uma grinalda de folhas de vide, admiravelmente cinzelada, cercava o tambor do capitel talhado em polígono e, interceptando-a no intradorso, uma deliciosa, uma adorável cabeça de mulher, de que ressaltava em medalhão a face, surgia, graciosa e grave,

a expressão suave e melancólica, um ar antigo de santa. E reparando bem, parecia que a folhagem não era mais que uma imperceptível seqùência da sua cabeleira ondulada que se bipartia na testa e inflectia delicadamente aos lados, até surgir lentamente, gradualmente, na grinalda de miùdinhas folhas. Ter-se-ia Maria Helena reconhecido naquela máscara calcárea?

Luciano, no seu enleio, nada encontrára que dizer e só desejava que o sorvesse o chão, que a catedral o tragasse. Depois, no grande silêncio tumultuoso, recolheu-se, perdeu o sentido da rialidade, perdeu a noção do tempo e das coisas e arrastou o espírito doridamente por campos imensos de abrolhos, galopando numa vertigem alucinada.

Nisto, alguêm exclamou alto, empurrando a porta, depois de ter discretamente batido:

— Se não é demais a minha presença...

E padre Anselmo entrou sorridente, muito alegre, sem reparar na perturbação de Luciano. O arquitecto despira a blusa e atirára-a negligentemente sôbre o mármore. Porque não lhe ocorrera o gesto há pouco?

— Hein, condessinha? Que lindo que isto vai ficar; que doce enlêvo para a alma quando reverberarem nessas frestas as lâminas ardentes dos vitrais! E a propósito de vitrais; provavelmente já sabe. A janela gótica do centro para o brazão de V.ª Ex.ª. Dois quarteis em cada fresta e no tímpano, em vez da rosa trilobada, o leão rampante do escudo. Que surpreendente efeito à luz! Foi cá idéa minha. E não me parece desacertada.

Mas o bom humor do presbítero não desanuveava os conturbados rostos dos seus amigos que permaneciam mudos e graves. Padre Anselmo teve uma vaga consciência disso e pretextando a hora da missa que se aproximava, despediu-se.

— Acompanho-o, padre Anselmo. Preciso falar ao cónego Guimarães.

E numa reverência delicada a condessinha saiu adeante do capelão-cantor.

Luciano, sósinho agora, desolava-se considerando a situação melindrosa em que ficava perante a fidalga. Era, com certeza, um resfriamento de relações, talvez mesmo a ruptura. Pois que é que havia a esperar? Não fôra vileza, mal disfarçada num ardil desacreditado e já sèdiço, essa idéa de pôr-se a esculpir românticamente, clandestinamente, a figura de Maria Helena? Que vulgaridade grosseira tresandava dum tal acto! Vai decerto pensar que é uma armadilha á sua ternura e supõe-me, com razão, bem desprezível, gemia o artista. E revolvendo os lodos destas evocações, o arquitecto acabára por vêr-se todo manchado e nauseabundo, sentindo a alma tão fétida que teve repugnância da sua pessoa. — Afinal valho menos que os lá de fora, exclamava num gesto de desalento; porque êsses são sinceros nos seus vícios, mostram-se tais quais são e não tentam iludir ninguêm. Mas é incrível o que me sucede! Á primeira mulher que se me depára, embasbaco, perco a cabeça e sobrescrito-lhe imbecilmente cartas de amor em pedra. Pior, muito pior que os de lá de fora. E para isto vim eu meter-me numa igreja e santificar a minha vida no culto ascético da arte!

E envergonhava-se de si próprio, das fraquezas da sua vontade que estultamente supozera invulnerável a tais misérias. Nalguns momentos, rajadas de desespêro devastaram-no, arrazaram-no; e teve saùdades daquela doce ilusão em que vivera até ali. Nunca lhe viesse a idéa de exteriorizar a sua paixão, de modelar em indiscretas formas aladas visões incorpóreas! E deixando se caír sôbre um bloco, Luciano pôs-se a lembrar o passado, a vida de imaginação e de len-

da levada na catedral e a impenetrável razão do amor que votára àquelas ruínas. Primeiramente o pensamento vogára numa vaga idealização imprecisa: era a fase platónica dos anseios indefinidos, das quimeras vaporosas irisando-se de sonho e desfazendo-se mal o bom senso espertava. Depois, uma influência inexplicável, vinda não se sabe donde, actuava nêle misteriosamente, como um íman oculto, e retinha-o na catedral.— Era a sedução da arte, conjecturava. Mas tudo se tinha modificado desde que a Sé lhe fôra dada. E à medida que a desoprimia, a catedral despetrificava-se, espiritualizava-se e numa espécie de fossilização reversível, o calcáreo amolecia em maciezas de polpa e subtílimos frémitos sensíveis percorriam o sistema nervoso da pedra. A catedral humanizava-se. A restauração era um desencantamento. Começou então a compreender que alguma coisa, alêm da arte, o prendia àquela igreja. Sentiu-se, de súbito, enamorado. O coração bateu mais rápido. Era trémulo de emoção que êle transpunha os veneráveis humbrais, como se fôsse ao encontro duma aventura de amor. E nêste anseio indizível, os contornos da paixão esboçaram-se, tomaram fórma, corporizaram-se num objectivo, numa vaga mulher ideal, ardentemente desejada, sensualmente apetecida. Um desejo lânguido retinha-o na sombra tépida das capelas e sentia êsse doce inebriamento, essa volutuosidade exquisita do amor a revelar-se. E o ser fundia-se, levitava-se, projectado nêsse ambiente não renovado, onde vogavam ainda os aromas santos, os eflúvios místicos das épocas mortas, dos séculos idos. Mas era, sobretudo, nêsse deambulatório gótico — o diadema ultrajado duma realeza caída — que se operava a química estranha do seu sonho e era ali que êle sentia encarnar o modelado inerte da catedral nas formas lúbricas da Mulher.

Tudo se explicava agora. Êle amava uma mulher, êle amava Maria Helena nas formas artísticas da catedral. O amor humano revelava-se nesta afeição pelas ruínas. E êste estado do seu coração viera-lhe, sem êle querer, da presença da condessinha, daquêle ambiente que se saturava do seu perfume feminino e que os sentidos dêle tinham absorvido sem dar por isso, como se absorve uma essência velatilizada no ar. Quem pudera esquivar-se a um tal império se a fidalga reinava ali, seduzindo, embriagando, dominando, espargindo a graça dos seus encantos sôbre os homens e as coisas? Nada escapava ao seu domínia. O flúido que irradiava dela impressionára tudo em volta. A sua beleza corroía, semelhante a um ácido e de tanto passar na catedral, ela ficára projectada, invisível, nos muros negros, como um negativo numa chapa fotográfica. E o amor dêle tinha como que revelado a divina imagem que surgia agora, por toda a parte, aos seus sentidos extasiados!

Na verdade só agora compreendia o fundamento daquêle amor. Até ali a paixão pela basílica era um diletantismo, um devaneio intelectual, platónico, como o de um monge pela liturgia, o de um poeta pelo ritmo. Agora, porêm, tudo mudava. O amor animava-se, tornava-se carne, desejo, sentimento. Todos os encantos da catedral convergiam num centro e davam a imagem duma mulher. Maria Helena era a florescência do gótico, o subtil perfume da liturgia. A catedral quizera dar-lhe aquela prova de reconhecimento maternizando as suas entranhas, oferecendo-lhe Maria Helena. E era natural que assim fôsse. Luciano não se admirava nada. Uma mulher havia de surgir um dia. O seu coração esperava-a e o horizonte da sua vida aureolava-se de esplendores na espectativa dum sol em marcha. Que era, no fundo, aquêle arroubamento, aquêle enternecimento pelas velhas pedras se-

não o prelúdio dum grande amor que se anunciava, o instinto da mulher que não vinha longe? E não era natural que ela surgisse naquêle decôro da catedral, filha dos incensos, das músicas, das orações? Que admirar que ela tivesse, emfim, chegado?

Isto tornára-o alegre, expansivo, falador, duma exuberância tão fora dos seus hábitos que às vezes admirava o capelão-cantor.

— Ah, padre Anselmo, exclamára êle um dia, como isto agora é diferente! Sinto-me, emfim, orientado. Tenho uma estrêla nos meus olhos...

E agarrava nervosamente num braço do ingénuo presbítero que, atónito, nada compreendia de tal linguagem.

— Imagine, meu amigo, imagine a tortura de ouvir a gente um voz e não sabermos donde ela vem; de sentirmos a carícia duma visão e abraçarmos só o vácuo. Pois era o que me acontecia, padre Anselmo, todas as vezes que auscultava os veneráveis muros da catedral para descobrir onde pulsava o seu coração misterioso. Saiba então, reverendíssimo amigo, que tudo está descoberto, que tudo está desvendado, que se revelou, finalmente, a alma da catedral!

Ora esta alma da catedral (estava padre Anselmo muito longe de o supôr!) era a fidalga de S. Martinho.

Sim; tudo se explicava agora. Na verdade, não se compreendia que vinte e dois anos em flor se estiolassem por detrás dos muros da Sé. Uma princeza dormia ali aguardando a vinda dêle. E a paixão que o artista sentira por essa ruína era o magnetismo do amor latente retendo-o nêsse castelo abandonado para que êle, um dia, acordasse a linda princeza encantada que era aquela catedral emparedada em pérfidas argamassas. E a basílica surgia transfigurada pelo amor dêle numa bela mulher antiga, filha de

rei ou castelão, que rezasse numa capela por um livro de horas iluminado na radiosa auréola dum vitral.

Ah, era bem o prenúncio de Maria Helena essa afeição sentimental que o prendera, certa vez, por uma linda estátua feminina que jazia num dos alvéolos do deambulatório! E fôra quási um romance! Havia ao fundo duma capela afonsina um sarcófago de calcáreo em cuja tampa repousava uma mulher nova e bela, com a cabeça numa almofada de pedra, a coberto dum baldaquino gótico, e tendo nas mãos erguidas um livro de horas, que lia. A serenidade da figura, absorta no livro aberto, tinha comovido Luciano, que se interessára pela escultura gentil que punha na severidade austera da basílica uma nota galante de graça feminina. A estátua, embora jacente e formando a cobertura dum túmulo, representava um ser vivo, na atitude quieta e reflectida de quem lê. Mas a sua posição, que sugeria a idéa da morte, conjugada com a atitude esperta do pensamento, inspirava o que quer que fôsse de eternidade animada e a expressão intraduzível da imortalidade. E o artista começou a passar longas horas na capela, embebido na contemplação da insensível estátua que lia no seu livro de horas. Considerava o esbelto corpo elançado que parecia repousar; o fino talhe da roupa toda em pregas; o busto harmonioso, levemente túmido; a serenidade do rosto fino orientado para o livro aberto que mãos afusadas elevavam à altura dos olhos, num grave gesto piedoso. Imaginava a bela criatura distraída um dia das suas rezas, interrompendo as orações, despregando os olhos do devocionário e descendo a tampa do sarcófago. Figurava êste acordar, os movimentos que ela faria, a beleza dêsse corpo palpitante de vida, de amor e de frescura, deslocando-se na nave com o seu ar soberano de princeza. Um dia, examinava êle a escultura e, pela

natural curiosidade de tocar-se o objecto que se admira, o artista experimentára a contestura do grânulo correndo a mão suavemente ao longo do mármore. A' macieza da estátua causára-lhe à flor dos dedos uma carícia suave, indefinida; mas, subtilmente, traiçoeiramente, o contacto tornára-se volutuoso e, sob a mão do artista, o mármore rosára-se numa pele lúbrica, humana, nacarada e tépida, e os relevos esculturais pareciam arfar numa palpitação subtil de vida oculta. Bruscamente, invadido dum súbito pudor, o artista retirára a mão e olhára em roda inquietamente. Depois rira-se dos seus escrúpulos.

A revelação dêste amor pela fidalga de S. Martinho deixára Luciano deslumbrado. Era um tesouro que êle achára. E quanto esforço para que o sonho não se evolasse, guardado ciosamente das curiosidades indiscretas! O culto começára então.

Era à missa solene dos domingos que êle, do alto dos trifórios, a adorava em silêncio, sem receio de o surpreenderem. A condessinha vinha sempre, não faltava nunca. E Luciano sabia quando ela estava porque a igreja tinha outra vida. O ar embebia-se de aromas; os lumes subiam nas alampadas e como que se curvavam para a verem; a rosácea acendia-se para a coroar do diadema dos seus fogos. Tudo aguardava que ela viesse. E, quando entrava, os pórticos arqueavam-se, as ogivas alongavam-se e as flores de pedra dos capiteis pareciam envolvê-la de aromas castos e desfolhar-lhe sôbre a cabeça a poeira branca das suas pétalas. Era o centro da Liturgia, a ara augusta dos sacrifícios, o centro de gravitação dos turíbulos. Os pequenos chantres, que o mestre de capela dirigia no côro, cingiam-na das revoadas das suas vozes e faziam lembrar essas teorias de anjos que rodeiam a Virgem nos quadros de Fra Angélico. Toda a basílica resplandecia da sua presença. Era no

ar dela qne subiam as orações e se desenrolava a liturgia.

Êste scenário quási sobrenatural do culto tornára-se como que o fundo luminoso, onde se projectava prestigiosamente a nobre figura da condessinha. E Luciano começou a achar na Liturgia a única dicção capazmente expressiva, a língua de oiro suficientemente maleável para se fazer entender de Maria Helena. Desde então, o ofício divino, êsse melancólico desfiar das Horas, sentido com ela na mesma doce comunhão espiritual, lançava-lhe a alma em beatitude. Primeiro era o lento gorgolejar das orações e doxologias, de invitatórios e antífonas preludiando o ofício. Depois vinha a torrente da salmodia, um fio de óleo contínuo que alastrava por todo o ser a carícia lúbrica da sua cadência. E ganho pela emoção, amolecido pelo contacto destas prosas diluídas, Luciano ficava-se assim horas inteiras esquecido no fundo duma capela, tecendo na imaginação, com a filigrana dos salmos, a figura gentil de Maria Helena. Compreendia o entusiasmo do capelão-cantor e irmanava-se com êle nêste culto quási pagão que ambos votavam às puras formas da arte ; mas no tirso litúrgico de padre Anselmo floriam as rosas brancas da castidade e no de Luciano as rosas rubras do amor humano...

E é então que o artista começa a resvalar no pendor místico da religião, atrás da tagarela perturbadora e insinuante de padre Anselmo. Apaixona-se pelo culto; inicia-se no mistério encantador dos grandes dramas litúrgicos ; força os símbolos e dogmas ; encarniça-se no labor extenuante de interpretar o breviário, devorando lá em cima no *Capítulo* a biblioteca do presbítero. Que lindas e surpreendentes novidades se lhe deparam nessas errantes excursões! Que veios artísticos inexplorados capazes de estontear de voluptuosa alegria um emotivo como êle!

E era em tudo: na música, no canto, no gesto e na côr. Que inesperada revelação essa admiravel sinfonia das côres que êle tinha uma vez descoberto. Havia na rotação do ciclo eclesiástico uma enscenação ritual da côr acompanhando o drama litúrgico. Cada dia, cada festa, cada mistério, cada personagem, tinham a sua coloração caraterística, e êste ritmo colorido marcava no zodíaco do culto a sucessão das estações místicas, como os canteiros dum jardim reflectem na sua gama floral a passagem do ano.

Oh, o lindo jardim litúrgico!

A álea começava no advento em fundos dominantes de violeta donde sobresaíam, de longe em longe, os grandes lírios alvos dos confessores, as castas rosas brancas das virgens, os cactos rubros dos apóstulos e dos mártires. No tempo do Natal tudo se decorava duma brancura láctea, tudo era branco, até a própria vigília da Epifânia. Depois a paisagem reverdecia. Em breve, porêm, o horizonte arroxeava-se e a septuagésima passava violácea entre os maciços de goivos de quinta-feira-maior e a cinza trágica de sexta-feira santa. Mas já no tempo Pascal a paisagem desentenebrecia-se, os tons amaciavam e o branco criador surgia de novo, galopava, polvilhava tudo de penas alvas. E outra vez reapareciam, do Pentecostes ao Advento, as largas manchas verdes donde sobresaíam, de longe em longe, os grandes lírios alvos dos confessores, as rosas brancas das virgens e os cactos rubros dos apóstolos e dos mártires...

*
* *

Naquela manhã assistia Luciano ao salmear das horas canónicas no côro. Era o ofício divino que sobretudo o prendia e perturbava. Tinha-se celebrado a missa e vibravam ainda no ar as derradeiras

sílabas sonoras do *Fidelium animae* de Vésperas e já o capítulo, depois de rezar o *Pater* recolhidamente, se aprestava para a recitação de Completas, a última hora do dia litúrgico.

A igreja estava deserta. Só Luciano na bancada reservada junto do côro, com um diurnal de padre Anselmo aberto nas mãos, representava a catolicidade ausente.

— *Jube, domne, benedicere* — pronunciou no silêncio do santuário uma voz grave iniciando o ofício. E a bênção esvoaçou do outro lado do côro na imploração duma noite descansada e dum fim tranqùilo:

— *Noctem quietam, et finem perfectum concedat nobis Dominus omnipotens.*

Depois a voz grave recitou, voltada para o altar, a lição breve *Fratres sobrii estote*, pondo as almas de sobreaviso contra as ciladas do demónio que roda em torno espreitando-as, qual leão rugidor, só a firmeza da fé salvando. E numa súplica comovente, rematou curvando-se: *Tu autem, Domine, miserere nobis*, que um murmúrio abafado do côro sublinhou:

— *Deo gratias.*

Mas de novo a outra voz se levantou desdobrando nos lábios a flâmula d'oiro do nome de Deus, penhor da nossa salvação:

— *Adjutorium nostrum in nomine Domini.*

E as almas vergadas clamaram os riais atributos da majestade divina.

— *Qui fecit coelum et terram.*

A recitação prosseguiu ainda por algum tempo neste tom, dealogadamente desigual como um pedaço de mau caminho, no solavanco brusco das vozes, desde o *confiteor* ao *converte nos*, até que uma voz garganteada desenrolou num vibrante tom de «sentido» a melodiosa curva do seu vôo, soltando o versículo:

— *Deus, in adjutorium meum intende* — a que outras vozes responderam perfiladas:

— *Domine, ad adjuvandum me festina.*

E a doxologia rompeu, laudatória e grave, na cadência sonora das suas rimas em *o*.

— *Gloria Patri et Filio*...

— *Sicut erat in principio*...

Estava-se no fim do preâmbulo. Iniciava-se a salmodia. Então tudo mudou. A recitação equilibrou-se. As vozes tomaram pé, e dum lado e do outro do santuário os dois coros lançaram-se a trote largo no macadam roliço da salmodia. A melopeia começou por elevar-se, plangente e dorida, até à curva das abóbadas, como um incenso evolando-se das caçoletas das almas; depois acumulada, rebatida, entumesceu-se nas alturas, espalhou-se no santuário saturando o ambiente e enervando os sentidos, como uma essência volátil. Todas as almas se tinham fundido numa só alma, arrebatadas num vôo místico, tangendo na catedral a harpa inspirada de David. E dir-se-ia que uma fieira glótica absorvera e laminára todas aquelas vozes diferentes na fina vocálise d'oiro em que se ia tecendo a filigrana das divinas prosas. Por quantas bôcas tinham passado há, dois mil anos, estas veneráveis frases moldadas na primitiva dicção hebraica, ductilizadas no grego, maleabilizadas no latim! E fôra na grave e ressoante latinidade que a pedraria salmista cristalizára, rolada nas torrentes musicais do cantochão, puídas por lábios de monges no fundo dos claustros da Idade-média...

Mas os salmos tinham-se escoado no seu murmúrio d'água corrente, e os capitulares entoavam de pé o *Te lucis ante terminum* que desentorpecia os espíritos narcotizados da salmodia.

Luciano, que no eucológio seguira, como pudera, a marcha das prosas bíblicas, meditava extasiado na

imponência do ofício.— E todavia eu mal o entendo dizia êle consigo. Que não deve então sentir a alma privilegiada dum monge que penetre o âmago duma tal linguagem! Sem dúvida, êste ofício divino é uma refinada condensação d'arte. Que sumptuosidades de ritmos, que orquestração de gestos, que opulenta mímica expressiva nos dramas litúrgicos de certos dias! Pois se êle orar, simplesmente orar, é já de si uma atitude estética empolgante! — Efectivamente, pensava o artista, nos mais simples gestos da liturgia se revela a graça e há beleza. O acto tão vulgar da genuflexão é umas das mais belas atitudes do corpo humano. E esta seqùência de pequenas cruzes que, ao persignar-se, o crente traça na testa, na bôca, no peito, com as suas hastes de frases curtas, e a grande cruz envolvente que a mão descreve depois no gesto largo da testa ao peito, e do ombro esquerdo ao ombro direito e em cujas pontas resplandecem, como joias, as quatro palavras — Padre, Filho, Espírito Santo,— tal sucessão de atitudes é — àparte o seu sentido simbólico — d'uma euritmia majestosa.

E absôrto nestas reflexões, Luciano, distraído, deixara passar o *Nunc dimittis*, as preces e orações finais, só acordando do devaneio quando padre Anselmo veio sentar-se-lhe ao lado, inquirindo jovialmente das suas impressões sôbre o ofício.

— Compreendo que o senhor o ame, replicou o arquitecto às preguntas do seu amigo, quando eu, que sou leigo em tais matérias, quási me sinto apaixonado!

Mas já o capelão-cantor, ao tocarem-lhe na corda sensível, exclamava arrebatado, fora de si:

— Ah, o ofício divino, esta oração comum que os ministros da Egreja elevam a Deus, em nome de todos os fieis, na língua de fogo das suas almas, — *oratio communis est, quae per ministros Eccle-*

siae in persona totius fidelis populi Deo offertur, como o definiu S. Thomaz; este florilégio de salmos que se desfolham quotidianamente nas catedrais do orbe católico, o mais sublime e tocante preito da creatura ao seu Creador, se o amo, meu amigo! E como não havia de amá-lo se êle é o compasso rítmico que marca para o sacerdote as pulsações da sua vida espiritual! O ofício divino é de natureza íntima, privada, ingénito como a religiosidade na alma, e alimenta interiormente, sob a epiderme externa do culto, os tecidos celulares da religião cristã com a sua corrente arterial d'orações, de salmos, d'hinos e de cânticos, no ciclo ininterrupto duma rotação perpétua. Êle é a lâmpada modesta que jàmais se eclipsou no deslumbramento das pompas scénicas. E' a brasa humilde que ainda dá calor sob a cinza dos extintos esplendores. Ah, meu caro Luciano, que paixão que eu tenho por êste ofício divino! Não, não me cançaria a falar dêle!

E na emoção do rapto impetuoso, padre Anselmo tinha tomado o braço do arquitecto arrastando-o para a capela-mór, deserta agora, como se se sentisse mais inspirado no augusto recinto ainda quente dos eflúvios das almas.

— Esta prática da oração pública e periódica é muito antiga? preguntou Luciano, vibrando no entusiasmo de padre Anselmo e um pouco perturbado ao transpor o santuário, onde os profanos raramente entravam.

— A oração periódica remonta talvez aos tempos patriarcais e a Daniel, respondeu o capelão-cantor depois d'alguns instantes de recolhimento, mergulhando no fundo vertiginoso das idades. Já David nos diz que louvava sete vezes por dia ao Senhor. O que é positivo é que na Lei nova, confirma-o Baronius, os apóstolos rezavam um certo ofício quotidiano. As

horas de tércia, sexta e nôa eram por êles consagradas à oração, conforme o testemunho de S. Pedro nos *Actos*, e por essa circunstância chamou Tertuliano apostólicas àquelas horas. Mas, sem a coordenação e metodização de certas práticas rituais de que resultou a Liturgia, compreende que o ofício não podia tornar-se uma instituìção pública, era antes uma devoção particular que os sacerdotes praticavam na intimidade, embora as rezas se realizassem muitas vezes colectivamente, com a assistência de fieis, o que lhes dava um certo carácter de publicidade. Não há dúvida que, segundo Tertuliano, S. Bazílio e Santo Ambrózio, os primeiros fieis entoavam louvores a Deus nos templos ou em recintos profanos, nas épocas de perseguções, servindo-se de salmos, hinos, leituras bíblicas e orações improvizadas. Mas, é incontestável que a sistematização dêste preceito e a sua integração na liturgia oficial se deve principalmente às ordens monásticas. Foi a partir do seculo IV que as comunidades religiosas de ascetas e de monges adoptaram o ofício divino para a recitação quotidiana no côro, generalizando-se depois esta prática piedosa ao clero secular. A hora de Prima e as Completas são mesmo exclusivamente d'instituìção monástica. E não é ainda hoje entre as ordens religiosas que o ofício se pratica com todo o rigor canónico? Onde, senão nos cenóbios, no imperturbável ambiente da vida contemplativa, era possível perseverar com tanto fervor, disposição e firmeza d'ânimo, nêsse ministério sublime do louvor perene a Deus, *pensum servitutis*, ou *Opus Dei*, como lhe chama a regra de S. Bento, «que não deve ceder a nenhum trabalho» — *nihil operi Dei praeponatur?* E há na vida ocupação mais digna, trabalho de mais apreço, de maior elevação espiritual que êste culto ininterrupto ao grande Mistério que envolve o universo

e a que só é indiferente a mais grosseira materialidade?

— E' incontestável que, sob o ponto de vista artístico, a recitação das horas canónicas é um acto sublime e da mais tocante espiritualidade, disse Luciano, e não estranho a surprêsa de Lafontaine depois de assistir um dia, por acaso, ao ofício numa igreja. A literatura bíblica possue tesouros duma grande riqueza emocional e tem inexgotáveis fontes d'inspiração artística a que nenhum espírito culto é insensível, mesmo sem admitir nas Escrituras a revelação divina.

— Sim, corroborou padre Anselmo, o livro dos Salmos, que entra substancialmente na composição das horas, pode enfileirar, como obra prima, ao lado da Divina Comédia ou das Sonatas de Beethoven. Mas não é só o saltério. Todos os veneráveis monumentos da liturgia cristã, o missal, o ritual, o ceremonial dos bispos, o gradual e o antifonário encerram inéditas belezas que encantam e deixam maravilhados os olhos profanos que nêsses livros pousam. E quantas pérolas perdidas, quanta riqueza ignorada nos pergaminhos amarelecidos que dormem o sono dos séculos nos arquivos das velhas igrejas ou no bafiento torpor dos tombos!

— Depois, essa sentida melopeia da recitação do ofício, a salmodia!...

— A salmodia! Se ela é a alma do ofício! Evolutiva nas formas a sua essência ficou sempre a mesma. O ofício, meu amigo, sabe-se pelas Constituíções apostólicas, era a princípio uma simples recitação de salmos, que se entoavam no côro em solo e com modulações mais ou menos complicadas, a que o povo *respondia* repetindo os últimos versículos ou as últimas palavras dos versículos. O salmo 135 *Confitemini Domino*, que se diz em Vésperas, é um exemplo desta espécie de recitação em responso —

psalmus responsorius — muito freqùente nos séculos IV e V. Outro tão raro quão belo exemplo de salmodia responsorial que subsiste ainda, encontra-se no salmo *Venite exsultemus* que serve d'introdução a Matinas e que é característico por nêle se intercalar algumas vezes o invitatório *Adoremus Dominum* que exprime outros tantos gestos d'assentimento dos fieis a cada solicitação pressurante do salmista convidando o povo a adorar Deus. O costume, porêm, dalguns cristãos se reùnirem de noite nos santuários dos mártires e entoarem os salmos a dois coros alternados deu origem, segundo a tradição, ao cântico em antífona que prevaleceu sôbre a forma responsorial e cuja adopção na Igreja os liturgistas atribuem a Santo Inácio, terceiro bispo d'Antioquia, sistema que foi mais tarde introduzido no Ocidente por Santo Ambrózio, bispo de Milão. O canto antifónico — oposição de vozes — supõe a coexistência de dois coros entoando cada qual a sua parte do versículo ou um versículo inteiro do salmo. Um côro começa o versículo, o outro acaba-o. No cântico em responso cada salmo é entoado no côro, versículo por versículo, e repetido do mesmo modo entre os fieis como um estribilho. O leitor é o guia; a assembleia segue-lhe as pisadas. No cântico em antífona dois coros recitam alternadamente elementos diversos do mesmo salmo. Em duas palavras: o responso é o eco; a antífona é o diálogo.

— Não há uma certa correlação entre a estrutura gramatical do salmo e a forma antifónica de recitação? preguntou Luciano. Lembro-me de ter visto esta teoria em qualquer livro d'arte.

— Mas é da escola de Solesmes, dos doutos beneditinos inovadores! Sabe que os salmos eram a poesia lírica dos hebreus, poesia cujo ritmo consiste exclusivamente no paralelismo estrófico, tão estético

como a cadência métrica e a rima sónica. Não se diz até que o paralelismo é a rima dos pensamentos e dos sentimentos? Ora os versículos sálmicos, formando dípticos silábicos mais ou menos da mesma extensão declamatória, prestavam-se admiravelmente á recitação a duo. E', pois, natural que a salmodia se tenha inspirado no paralelismo hebraico, se é que não se filia inteiramente nêle.

— Evidentemente, a composição do ofício não foi sempre a mesma. A sua ordenação deve ter sofrido alterações e modificações através dos tempos.

— Sem dúvida. A Liturgia oficial foi codificada e regulamentada durante todo o século VII, e nos começos do século IX a Igreja está já de posse de todos os seus ritos e fórmulas d'orações. Antes do sétimo século reina o vago e o impreciso, e as opiniões divergem. Segundo Durand de Mende no seu *Rational*, o ofício compunha-se a princípio sòmente do *pater*, do *credo* e dos salmos a que se adicionavam arbitrariamente composições várias. Como esta diversidade originasse confusão, o papa S. Dâmaso encarregou S. Jerónimo de distribuir o saltério pelas diferentes horas do dia e da noite em cada um dos dias da semana, e por isso se chamou também ao ofício, horas canónicas e ainda *Cursus*, conforme S. Gregório de Tours e S. Columbano nas suas *Regras*, seja por causa do curso do sol que regula a marcha do tempo, seja porque se percorria uma seqùência de salmos e de lições. Repito, as incertezas abundam, naturalmente, e a génese do ofício é ainda questão sujeita a muita controvérsia. O que parece averiguado é que nos tempos apostólicos só havia duas horas litúrgicas oficiais que se recitavam solenemente e em comum nas igrejas: Laudes, chamadas então Matinas, e Vésperas, não estando portanto ainda incorporadas no cánone litúrgico, tércia, sexta e nôa, que eram

simples orações privadas. E' certo que S. Cipriano de Cartago nos fala de cinco momentos fixados para a oração diurna nos meados do século III, mas não distingue o que era público do que era privado. Além da ordenação de S. Jerónimo, muitas outras modifificações sofreu ainda a composição do ofício, desde S. Gregório o grande — um monge beneditino — autor d'um antifonário, que coleccionou as orações e os usos litúrgicos antigos, reformou o breviário de Gelásio, sendo o primeiro organizador do ofício romano, e Urbano VIII que no breve *Divinam psalmodiae* subordinou os hinos sagrados às regras da metrificação e encerrou o breviário nos actuais limites, até à reforma recente de Pio X em 1911.

— E o breviário romano é já adoptado por toda a cristandade? inquiriu o artista.

— Muito se tem trabalhado para a unificação da liturgia, mas a êsse desideratum não chegámos ainda por motivos d'ordem política, tolerância etc. A diversidade de ritos é um vício d'origem. Nos tempos primitivos, os apóstolos e seus sucessores adoptavam ritos mais conformes à índole dos povos onde prègavam. E' por isso que houve sempre divergência na celebração dos ofícios, mesmo depois da reforma do breviário romano e da sua vulgarização em todo o orbe. As igrejas gregas recitam ordinariamente o saltério cada semana e teem o mesmo número d'horas que nós, mas as igrejas patriarcais lêem livros litúrgicos diferentes. No ocidente algumas igrejas possuíam ritos próprios. A Espanha no tempo dos visigodos importou do Oriente um rito tornado célebre pelo incremento que tomou naquêle país, o chamado rito gótico ou rito de Tolêdo. Mais tarde perfilhou uma outra forma de rito, o mosárabe, contemporâneo do domínio muçulmano. O nosso rito bracarense, que floresceu nos aureos tempos de S. Mar-

tinho e S. Frutuoso, é um reflexo destas liturgias. Os papas lutaram sempre, com persistência, para abolir êstes ritos intrusos que se tinham radicado profundamente nos costumes do povo, e só nos pontificados de Gregório III e Urbano VIII é que foram de todo extintos. De todo não! No século XV, o cardeal Ximenes, para não deixar perecer completamente a tradição do belo rito mosárabe, fez imprimir um missal e um breviário segundo a edição de Tolêdo, tornada raríssima, e constituiu uma colegiada que rezava numa capela da catedral toledana o velho ofício proscrito. Por outro lado, a constituìção de S. Pio V, que consta da bula *Quod a nobis*, tolerando as instituìções litúrgicas com mais de duzentos anos, tornou facultativa às dioceses a adopção do breviário romano. E muitas persistiram no uso antigo. Mas os notáveis trabalhos do monge de génio que se chamou D. Guéranger, e da escola que êle fundou na sua abadia de Solesmes — falei-lhe disto já — fizeram dar um enorme avanço à unificação das liturgias, que será dentro em pouco uma realidade, por certo.

— A composição do breviário parece-me muito complexa. Confesso que era incapaz de encarreirar sòsinho nêsse dédalo dos domingos e das férias, de vigílias e d'oitavas, d'ocorrências e concorrências, saltitando do *Ordinário* para o *Próprio* com incursões pelos domínios dos Santos. Êste desfilar quotidiano e variado de salmos, antífonas, d'invitatórios e d'hinos, de coletas e lições, de responsórios e capítulos, dá-me a impressão d'um exército movimentado por uma alta estratégia.

— O ofício é, com efeito, muito vasto e sujeito a variações; *não bem ligeiro de ordenar*, como se dizia já em tempo de D. João I. Mas foi muito mais extenso do que é agora. Imagine que na época de Gregório VII toda a Bíblia passava pelo ofício na

recitação anual. Vieram depois as modificações, as reduções e o ofício circunscreveu-se no Breviário que significa *breve orarium*, resumo das orações. Ainda assim há bastante que recitar.

— E o tempo do ofício não coincide em toda a parte?

— Nas catedrais e colegiadas, onde o ofício é rezado por eclesiásticos seculares, o horário litúrgico não é sincrónico, já se vê, do das casas monásticas. Mas há tambêm divergências de claustro para claustro e é só nas trapas e nos mosteiros que se observa à risca o preceito canónico. Segundo S. Ligório no seu *Examen ordinandorum*, o tempo das pequenas horas é da meia-noite ao meio-dia, e o de Vésperas e Completas do meio-dia à meia-noite. Prima, tércia, sexta e nôa, que correspondem á antiga divisão horária greco-romana, são as secções do ofício que se rezam respectivamente à *primeira* hora depois do nascer do sol; a meio da manhã ou à *terceira* hora; e à meia tarde, *nona* hora. Matinas e Laudes, que correspondem às antigas Vigílias, são as preces da noite e da aurora. Vésperas e Completas — geminação do antigo *Lucernarium*, simbólico ofício das luzes rezado ao lusco-fusco inquietante — são as preces do pôr do sol e do fim do dia. O ofício de Matinas, primeiro momento do dia litúrgico, deve portanto celebrar-se canónicamente entre a meia-noite e o romper d'alva, mesmo por causa da referência à aurora no hino de Laudes. Compreende-se, pois, como era penosa, sobretudo no inverno, a estrita observância do preceito eclesiástico que obrigava a deixar o leito em plena noite para a recitação de Matinas. Ás solicitações várias para se rezarem Matinas no fim do dia, logo a seguir a Completas, opôs-se a princípio tenazmente a Sagrada Congregação Ritos prescrevendo a observância rigorosa do tempo

canónico — *tempus vero ad id ab Ecclesiam proescriptum non alteretur*. Mas, a tolerância veiu afinal e como os textos não são taxativos é permitido hoje antecipar Matinas e Laudes, recitando-as de véspera. Alêm disso, como a rubrica manda dizer aquelas horas antes da missa, assim procedemos aqui na Sé.

— A espinha dorsal da hora canónica, continuou padre Anselmo depois duma pausa, é o salmo que entra na sua contestura ordinariamente por séries sucessivas, segundo a ordem d'inserção no saltério. Cada hora abre por um curto preâmbulo preparatório que é sempre uma invocação, um apêlo, uma súplica a Deus — *Domine, labia me aperies* em Matinas, *Converte nos Deus* em Completas, e o dulcíssimo *Deus in adjutorium* de todas elas, — prelúdio mavioso que antecede as rumorosas florestas de salmos, cortados d'onde em onde pelas clareiras musicais dos hinos! Estes hinos, composições poéticas adaptadas ao canto, são no breviário romano a poesia na poesia. Que espírito culto há aí que não se sinta comovido pelo lirismo empolgante de certas composições estróficas como *Aeterne rerum conditor*, *Pange lingua, gloriosi*, *Aurora jam spargit polum*, *Immense coeli conditor*, e o tocante *Te lucis ante terminum* de Completas? Compostos ordinariameute em versos jâmbicos, cuja estrutura melódica sugere a nossa redondilha popular, a sua genealogia profana cerrou-lhes por muito tempo as portas do breviário, acessíveis apenas aos textos dos Livros Santos e foi no século XII que os poemas de Santo Ambrózio, Santo Hilário e d'outros poetas cristãos se incorporaram na oração oficial, depois da reforma de Haymon ordenada por Gregório IX. Hoje esmaltam as horas canónicas quarenta destas composições que constituem, só por si, um dos mais ricos tesouros da arte antiga.

— Falou-me da reforma recente de Pio X. O que caracteriza essa reforma?

— A reforma de 1911, embora tenha incidido apenas sôbre o Saltério e não toque por enquanto nas outras partes do breviário, é importante porque afecta a liturgia na sua parte essencial, a recitação salmódica. Foi precisamente a composição das horas que Pio X modificou.

— Não simpatizo com reformas nesta altura, padre Anselmo. Com franqueza, é quasi profanação, por mais bentas que as mãos sejam, bulir em tradições tão veneráveis, sagradas por tanto lábio de santo.

O presbítero sorriu.

— Não é tal profanação, meu caro amigo. Vejo que desconhece o espírito da reforma. Se exceptuarmos o encurtamento de Matinas, que pode talvez causar reparos a uma consciência monástica, mas que é em demasia justificado pela vida do clero moderno muito absorvido por ocupações especiais do seu ministério, o que houve foi um novo arranjo e uma melhor distribuìção de salmos, disposições de todo o ponto aceitáveis, para qne no louvor à Deus a harmonia seja perfeita. Na velha harpa de David certas cordas enferrujavam, outras tangiam-nas de mais... Não é novidade para o senhor que cada santo tem o seu ofício próprio. O afluxo contínuo de santos no calendário e a comemoração das suas festas, prejudicava imensamente o ofício ordinário do tempo, isto é, a liturgia dos domingos e das férias, interdizendo a recitação completa do saltério durante a semana. Salmos havia que só se recitavam uma vez no ano, enquanto que outros diziam-se seis e sete vezes por semana. Era isto razoável? Ora, precisamente, um dos benefícios da reforma foi restabelecer a integridade hebdomadária do saltério, sem irradiar, já se vê, ne-

nhum santo do calendário, mas sacrificando-lhe apenas os salmos que foram substituidos pelos do dia. Um outro benefício daqui resultante foi reabilitar-se a liturgia do domingo suplantada até por um simples dúplice, reconhecendo-se agora primazia sôbre todas as festas de santos, à excepção do dúplice de 1.ª e 2.ª classe e das festas do Senhor. O ofício ferial também ganhou, porque em certas épocas pode dizer-se a missa da féria mesmo na ocorrência duma festa dúplice. E aqui tem o que é a reforma na sua essência.

— E quanto á estrutura das horas?

— A ordenança é a mesma; a matéria é que variou. Como sabe o saltério compõe-se de 160 salmos. Porêm, com o novo sistema de fraccionamento já seguido no breviário beneditino e de que havia exemplo no salmo 118, obtiveram-se 235 fracções dristribuídas pelas diferentes horas, tornando o ofício menos monótono. As pequenas horas, em que se dizia sempre o mesmo salmo, passaram a ter salmos diversos para cada dia. As Matinas, que contavam 18 salmos no domingo e 12 na féria, teem agora 9 todos os dias. Tambêm Completas tinham sempre os mesmos salmos, 4, 90, 113 e parte do 30. Agora estes salmos recitam-se apenas ao domingo, tendo-se ido buscar os dos outros dias às antigas Matinas. Nas Laudes crearam-se duas séries de salmos, uma para o tempo ordinário e outra para cortas épocas litúrgicas, duplicando-se tambêm os cânticos. Nas Vésperas é que houve menos modificações, suprimindo-se apenas os três últimos salmos do sábado que foram compensados por subdivisões do salmo 141.

— Mas noto, padre Anselmo, que não me falou do simbolismo das horas. Certamente o deve haver e inressante no ofício.

— E' verdade! exclamou o sacerdote. E só agora

reparo que tenho estado a saturá-lo de enfadonha erudição e nada lhe disse ainda do simbolismo do ofício, quando é a um artista que estou falando. Ah, meu bom amigo, e que simbolismo! Que simbolismo o destas horas canónicas que envolvem o dia num círculo d'orações e batem os minutos da eternidade que passa!

E inspiradamente o presbítero começou a descrever as Horas.

— Matinas é o cântico da noite, a hora que simboliza a adoração dos anjos e pastores a Jesus recem-nascido, e o início da sua Paixão na dolorosa noite do Horto. Luzem no céu as estrêlas e nem prenúncios d'alva assomam no oriente. O invitatório e o salmo *Venite exsultemus* com que êle alterna em ritornelo, a seguir à doxologia, incitam os fieis a que louvem Deus — alegoria dessa exortação dos anjos aos pastores na messiânica noite redentora — e são o prólogo dos três Noturnos que chegam rolantes como baterias, guarda-avançada dos salmos que vão desfilar pelo dia adiante. E apagados os ecos das três vigílias, que simbolizam as três vezes que Jesus se afastou dos discípulos para orar, quando foi preso, e as três etapes da lei religiosa — patriarcal, mosaica e cristã,— eleva-se aos domingos e nas festas de ritos simples, o apoteótico cântico ambrosiano, êsse rutilante *Te Deum laudamus*, que nimba o remate da hora com os primeiros raios de sol nascente.

«Mas, já na órbita de Matinas, delas tendo-se desagregado, se sucede o ofício de Laudes, a radiosa hora litúrgica consagrada à Ressurreição, cântico perene d'exultação e de júbilo colorido nas tintas vivas do arrebol. Enquanto se recitam os salmos dissiparam-se as trevas, a claridade do dia despontando inundou de alegria os corações, e êsse marulho de vaga luminosa do *Benedictus Dominus* que rompe nêste

momento exaltando o romper do sol de Justiça, — *oriens ex alto* — e a sublimidade da Ressurreição, depois do intermédio lírico dum hino, celebra igualmente os regosijos da alma que acaba de libertar-se do véu das sombras.

«A oração de Prima começa já em plena luz e assiste aos primeiros passos do sol na estrada zodiacal. O hino *Jam lucis orto sidere* é a sinfonia d'abertura d'esta hora que soleniza a aparição de Cristo ressuscitado a sua Mãe, do mesmo modo que o sol, emergindo no horizonte, se mostra à terra desolada, reanimando-a com seus raios. Inicia-se em Prima o grande salmo *Beati immaculati*, semelhante a um rio sinuoso, que se desenrola ao longo das horas menores no ofício dos domingos. Como um tónico para a alma também se recita nêsses dias o símbolo de Atanásio.

«Tércia que se celebra a meio da manhã, abre depois do preâmbulo inicial com o hino *Nunc Sancte*, em que se evoca o Espírito Paracleto, pois a esta hora desceu e Espírito Santo sôbre os dicípulos reùnidos no cenáculo e foi flagelado pelos algozes o corpo do Divino Mestre.

« Entretanto crusa o sol o meridiano e Sexta principia com o hino ardente *Rector potens*, em que se exalça o esplendor do sol iluminando o mundo à hora do meio-dia, símbolo do salvador ressurgindo do túmulo, — como um astro em tôrno do qual a humanidade vai gravitar.

«A' nona hora, a meio da tarde, expirava na cruz o filho de Deus e é nêste último período do dia que começa a recitação de Nôa, entoando-se o hino *Rerum Deus* que, na sua referência ao sol descendo, evoca o declinar da vida e a visão radiosa da outra Vida, auréola redentora por detrás da sombra glacial da morte.

«Já o sol caminha para o ocaso e o planeta Venus' a antiga Vesper, tremeluz nas poeiras d'oiro da tarde· Hora de reflexos irisados, mas hora triste, deliqùescente, de tintas que se decompõem e d'almas que se entreabrem, uma angústia vaga oprime nêste momento os homens e as coisas, como se um mistério inquietante se estivesse desenrolando. E' a hora de Vésperas que se celebram ao pôr do sol. Cinco salmos, que simbolizam as cinco chagas, entram na composição desta hora que é a antítese de Laudes: Laudes que comemora a ressurreição do Salvador em pleno esplendor da aurora, Vésperas que solenizam o enterro de Cristo nos esvaídos roxos do poente. E entoado o hino, que os tem tambêm soberbos como êsse *Vexilla Regis* do tempo da Paixão, jorra em cascatas de pedrarias o mais belo cântico do Evangelho, o *Magnificat* de Lucas, que glorificando Deus vivo, Deus eterno, Deus triunfante, varre como uma rajada o espírito entenebrecido pela invocação fúnebre da hora.

«Aproxima-se a noite e no crepúsculo que espalha a sua cinza vaga sôbre as coisas, recitam-se Completas, a última hora do dia litúrgico, com as primeiras sombras envolvendo a terra e os primeiros astros a despontar no céu. E' nêsse momento que cada um se sonda, dá balanço à vida e abate um dia no activo da existência. A hora é triste como um adeus, pois nela se implora a omnipotencia divina na espectativa duma morte próxima — *Noctem quietam et finem perfectum concedat nobis Dominus omnipotens.* «Que Deus todo poderoso nos conceda uma noite tranqùila e um fim sereno». Tal a introdução desta hora, que é uma reminiscência da bênção monástica. Comemoram Completas o repouso de Jesus no sepulcro, semelhante a um sono calmo, cujo acordar não tardará. Não é tambêm a morte do justo um sono

breve e o têrmo duma provação transitória? Depois de recitados os salmos entôa-se o *Te lucis ante terminum*, em que se suplica a Deus que, antes que a luz se extinga, afaste os pesadêlos da noite e que os nossos corpos fiquem puros. No Capítulo, a seguir, diz-se o responsório breve *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, últimas palavras de Cristo ao expirar no Calvário e que significam aqui a preparação da nossa alma, como o é igualmente essa outra exortação a Deus no *Nunc dimittis*, para que nos deixe morrer em paz.»

A inspiração morria. O fluxo tancava.

Padre Anselmo, cuja voz se a fôra pouco e pouco amortecendo diluída na emoção crescente, deixou-se caír aniqùilado, fundido, sôbre o primeiro degrau do altar-mór, num tão profundo arroubamento que o corpo ficára inerte, petrificado, no momentâneo eclipse da alma projectada. E evolava-se do sacerdote um tal fluido de angelidade que Luciano teve a impressão dum luz sobrenatural, vinda não se sabe donde, que batia em cheio no barro imundo da creatura e a transfigurava e santificava, como o mísero planeta obscuro que iluminado pelo sol despede das profundidades celestes os seus fulgores de estrêla viva...

E Luciano, com um pudor súbito na alma, sentindo-se indigno naquêle lugar, recuou vagarosamente e saiu da capela-mór, deixando padre Anselmo mergulhado no seu êxtase.

VI

Fôra de angústia mortal aquela semana que acabava de passar. Luciano sentia-se, emfim, desopresso, depois de ver que Maria Helena aparecia de novo, sem o menor ressentimento. Não, a fidalga não o repelira. Ilusão sua, sem dúvida. Maria Helena não reparára na escultura. O mêdo dêle é que exagerára as coisas. E achava agora ridículo o seu desespêro, as suas longas mortificações. Logo a fidalga ia descobrir aquilo! Bem lhe importava a ela o seu trabalho! Simples atenção de pessoa delicada detendo-se deante do capitel, mais nada. E a certeza que êle tinha agora de que a fidalga nada vira, nada notára, olhando apenas por cortezia, fazia-lhe sangrar o amor próprio. Estas contradições e viravoltas, a duplicidade de sentimentos, não tocavam na essência da sua paixão que permanecia intacta no íntimo. Eram simples *nuances* à flôr da alma, como muda de côr a água á passagem das nuvens altas... O amor vivia no coração do artista e levava-lhe a vida a todo o ser, Era uma adoração muda em que êle consubstanciava todos os seus sonhos; um amor profundo, sagrado, ante o qual se prosternava e orava humilhado, confundido, como um crente que se abisma nos mistérios do seu Deus. Sabia-o bem; não teria nunca Maria Helena. Para que revelar-lhe, pois, um tal amor? Se-

ria declamar a uma estrêla. E, embora ela o ouvisse, podia acaso responder-lhe? A impossibilidada desta posse suavizava-lhe a desventura. Mas, se a fidalga lhe era interdita, nada obstava a que êle a amasse como a uma divindade, e da sua paixão fizesse um culto. Se Deus abalára da igreja, a catedral seria para ela, e se a fé a elevára outrora, o amor a reergueria mais bela ainda. E, na febre da restauração, o arquitecto activava os trabalhos, requeria novas dotações, reforços de verba. Todo êle se concentrava agora na joia gótica do deambulatório. Parecia-lhe ouvi-lo gemer nos emparedamentos seculares. O desatêrro prosseguia com a emoção das descobertas que se revelavam todos os dias. Contra a opinião da maior parte, que não cria na revivescência da ábaide, supondo-a desaparecida ou reduzida a algumas capelas e fragmentos minúsculos, que não valia a pena restaurar, o admirável crescente ia desenrolando a sua harmoniosa curva branca, desafrontado das construções parasitárias e dos entulhos seculares que elevando o solo da igreja, a subvertiam nas suas marés. Luciano tinha-a sentido, tinha-a adivinhado, a preciosa joia medieval, e os que se riam das suas visões rendiam-se agora à evidência.

Êste triunfo do artista, grangeando-lhe maior prestígio, conquistára completamente à sua causa a fidalga de S. Martinho. Maria Helena apaixonára-se pelas obras e seguia comovidamente a ressurreição da catedral, orientada nêstes interessantes assuntos pelo convívio com o arquitecto e em freqüentes visitas ao *Capítulo*, com padre Anselmo.

Esta intimidade crescente não passára despercebida na Sé. Houvera reparos. Curiosidade apenas, desculpava-se. Tinham-lhe arrasado a capela e natural era que a fidalga se interessasse pela restauração. Mas, no fundo, murmurava-se. Ocultos ciumes azedavam a bí-

lis de certos cónegos que não viam com bons olhos a apròximação de Maria Helena do capelão-cantor e do arquitecto, essas idas e vindas, pouco edificantes, lá acima ao gabinete do rapaz. A gravidade eclesiástica não se compadecia com aquela estouvanice do *Capítulo* que tinha feito descer, nas bancadas escarlates, a cotação dos dois mancebos, já de si pouco invejável naquelas altas paragens. Padre Anselmo, excelente pessoa sim senhor, tinha, porêm, a obsessão dos conventos e zelava o serviço religioso com um rigor todo monástico, que se tornava impertinente. Riam-se dêle e dos seus zêlos e não o tomavam a sério. O arquitecto não passava, para os sizudos purpurados, dum excêntrico endiabrado, com ~~bizarrices~~ artísticas e a cabeça tumultuando de romantismos desvairados.

Ninguêm na Sé se apercebia, pois, da rial emoção que ia nas almas destas criaturas e muito menos se fazia idéa de como ela ganhára a fidalga de S. Martinho, mercê das imprudências de padre Anselmo. O ingénuo prebístero não se cansava, com efeito, de enaltecer, em conversas com Maria Helena, os méritos artísticos do seu amigo e as suas virtudes pessoais. Era uma tática. Queria-a na hoste dos partidários da restauração e não achava melhor processo do que inspirar-lhe confiança no artista e fé absoluta nos seus desígnios.

Alma inocente, insexual, que só cuidava do seu sonho de regeneração religiosa pelo claustro e cria que os seus amigos tinham, como êle, os sentidos afogados em castas apetências místicas, padre Anselmo nem de longe imaginava o perigo dêste convívio que êle favorecia de boa fé, desta intimidade de duas existências novas e belas que, ao contacto da mesma flama, podiam abrasar-se no brusco incêndio doutras paixões e consumir-se numa catástrofe horrivel.

E o sonho nascia, crescia, desenvolvia-se...

Um dia que os três se encontravam no *Capítulo*, mostrava-lhes o arquitecto, numa elegante monografia da catedral de Mans, a planta do monumento com o seu majestoso côro gótico.

— Esta catedral f.ancêsa, dizia o artista, sugere-me tanto a nossa Sé que lhe reservo particular afeição. Numa e noutra o corpo da igreja é românico, ao passo que a ábside e o côro são já góticos. De resto, trata-se duma evolução natural, comum aos velhos monumentos. O côro, além de mais antigo, é não só estruturalmente mais susceptível de dâno, como tambem mais sujeito a alterações e modificações por parte dos cabidos que nêles perpassam através dos tempos. Daí a freqùência das ábsides novas enxertadas em naves velhas. Nesta catedral de Mans a nave é dos séculos XI e XII, um românico muito simples e sóbrio, como era natural que fôsse o côro da mesma construção, substituído depois, no século XIII, pelo actual, uma maravilha da arte gótica.

Interessados, Maria Helena e padre Anselmo inclinaram-se sôbre a estampa.

— Treze capelas, contou o capelão-cantor.

— Mas, reparo que a do vértice é mais extensa, observou a condessinha.

Luciano explicou.

— Uma pequena igreja no eixo da catedral. Os arquitectos medievais permitiam-se essa liberdade que dá, de resto, um estranho realce à planta. Que esta planta de Mans é, já de si, lindíssima!

E todos se curvaram de novo. No setim brilhante do papel *couché* recortavam-se, como uma rêde de finas malhas, as linhas de projecção das nervuras e arcos ogivos, cruzando-se em pequenos núcleos estrelados que figuravam as secções de colunas e pila-

res. Traços mais carregados, muito negros, demarcavam na periféria os cheios da construção, maciços murais, botaréus e contrafortes. A nave, muito estreita, parecia vergar sob a corôa da ábside donde emergiam, como raios dum núcleo central, as suas treze capelas góticas. E a do eixo erguia-se mais alta e sobranceira no plano, como uma rainha numa roda de princezas...

— Esta disposição da capela central é, na verdade, encantadora e dum efeito surpreendente, disse Maria Helena que considerava em êxtase a planta, seduzida pelo traçado.

— E se lhes disser que ela possue a sua cripta! notou o artista, sublinhando as palavras com um riso furtivo para o padre.

— Oh! a cripta, exclamou padre Anselmo, ferido numa corda sensível.

Um grande pesar do capelão-cantor, que disso se lastimava sempre, era a ausência de cripta na Sé de Lisboa. E como a fidalga o interrogava sôbre êsse detalhe que tanto parecia comovê-lo, o presbítero exaltou-se.

— Felizes igrejas as que a teem, condessinha! A cripta é o âmago inviolado, o santuário discreto, o recolhimento interior, onde se comunga plenamente Deus. Aí as formas apagam-se, a creatura desintegra-se e dá-se toda ao seu senhor. Em cima, Deus é de todos. Em baixo, na cripta, é o encontro face a face, o desabafo sem testemunhas, a intercessão directa, sempre escutada e atendida. Não é verdade, Luciano, que a cripta é um refúgio, o melhor lugar de meditação e concentração? Ora as catedrais tinham-na sempre. E' impossível que a não tenha a nosso Sé. Hade existir aí, por força.

Era, de facto, uma excepção estranhável, O arquitecto, logo no início das obras, pesquisára, aqui e ali,

os subsolos da velha igreja. Baldado empenho. Um momento crêra ter desencantado, emfim, a famosa cripta. Em sondagens na colateral norte, junto à porta travessa, o arquitecto encontrára uma extensa galeria abobadada na direcção norte-sul, cortada pela cave onde jazia o arcebispo D. Rodrigo da Cunha. Em breve reconhecera, porêm, com grande desgosto de padre Anselmo, que não se tratava de nenhuma cripta, mas dum corredor subterrâneo, anterior à fundação do templo, obra militar, sem dúvida, ligando presumivelmente o Castelo com um ponto da margem do rio.

Mas, as atenções volviam-se de novo para a catedral francesa.

— Pois possue uma cripta a capela de Mans, continuou o artista fixando o traçado. Se tinham quási atribuìções de igrejas êstes famosos recintos! Do século XIII em diante é que se torna freqùente nas catedrais a amplificação destas capelas de eixo, dedicadas à Virgem que assim velava piedosamente à cabeceira de seu Filho morto.

Depois dum silêncio, a condessinha insinuou a mêdo uma tímida idéa germinada no sonho:

— E se nós erguêssemos no deambulatório da Sé uma capela da Virgem, como a da catedral francesa?

O arquitecto sobressaltou-se, mas padre Anselmo, entusiasmado, acudiu logo com alvorôço:

— Oh, que esplêndida idéa, que genial idéa! Um artista não seria melhor inspirado. E então a capela de eixo da Sé que é hoje um cubículo profanado, de cuja atribuìção não há memória! Fariamos dela o santuário da Virgem. E logo por sorte, na situação precisa!

Luciano não respondia, considerando inquietamente os perigos dum tal capricho. Padre Anselmo, sentindo resistência, mobilizava razões.

— O amigo, na restauração, tinha de refazer tudo. A linda capela gótica que estava ali foi arrasada completamente. Não há uma pedra da primitiva. Pois bem, aproveite a ocasião. Dê-nos uma bela criação da arte. Expanda à larga o seu sonho!

A fidalga, estimulada pelas palavras do capelão-cantor, animava-se, tomava coragem.

— Não edificava uma igreja mas erguia uma capela a Nossa Senhora. E' possivel, não é, senhor Luciano? Estou a ler nos seus olhos que lhe desagrada a idéa. Sinto que o faço sofrer. Porquê? Não compreendo...

E o arquitecto sofria deveras. Contrariar um desejo da condessinha! E havia tanta amargura nos seus olhos!... Mas era lá possível semelhante coisa? Estava ali para restaurar e não para fantaziar. Acima de tudo a probidade profissional, o amor da verdade!

A fidalga continuava suplicante:

— Uma pequena igreja, uma nova capela Joanes, mais linda, mais ardente quando o sol surgisse afogueando as brasas dos seus vitrais ..

— E lá melhor situada, isso é verdade, reforçou o padre. A capela Joanes é muito bela, inegavelmente, mas tem o senão de erguer-se em face de prédios altos do lado sombrio da igreja, onde mal chega o sol. Depois, vulgarizada no arruamento burguês e toda sacudida pelo estrépito dos veículos, quando não violada pelas pragas dos arrieiros e a berraria dos vendilhões!... Imagine-se esta capela no tôpo da ábside! Que diferença! Só aquêle silêncio do claustro envolvendo-a toda! Confesse, Luciano...

— Aí está padre Anselmo a alimentar quiméras! interrompeu o artista num riso forçado, disfarçando a comoção. — E sem querer desenganar logo a fidalga: — A idéa é bela, condessinha. Palavra, que me seduz. Mas será viável? Tenho dúvidas. Só um exame sério o pode dizer. Depois, há ainda as tradi-

ções que é de boa prudência acatar... Emfim, havemos de ver, heide estudar...

Era uma recusa velada. Compreenderam-no todos.

A' saida, o capelão-cantor disse em voz baixa para o artista:

— Que pena! A idéa era magnífica. A condessinha é que vae ficar desolada!

Sòzinho, o arquitecto começou a deambular ao longo do aposento, ruminando a estranha lembrança da condessinha. — Quem sabe? talvez não passe dum capricho, dizia. Mas, não deixava de inquietá-lo o interêsse de Maria Helena, e o seu apêgo àquela fantasia que podia tornar-se obsessão. Ter de contrariá-la custava-lhe muito. E não podia esquecer o sentimento de profunda mágua que lhe vira nos olhos. Mas era contra o destino, contra si próprio, contra a sua má sorte que êle se sentia irritado. Logo se lhe fôra pedir uma coisa impossível! Que o projecto era tentador, não o negava. Quantas vezes sonhára êle erguer uma santa Capela de Paris, onde reflorisse em formas imortais a beleza espiritual da Idade-média, como um protesto contra o industrialismo moderno, utilitário, interesseiro? Já era infelicidade! Podia lá encravar uma capela assim no plano da ábside? Não era um crime quebrar a unidade que fazia a beleza do deambulatório? Não era atentar contra a vontade do fundador; uma afronta à memória do venerável mestre que o sonhára assim e assim o erguera com o seu génio e a sua fé? E, depois, o espaço? Onde é que havia de metê-la?

A catedral de Afonso Henriques, participando de fortaleza e de templo, fôra logo na fundação, enquadrada numa espêssa muralha que subia, ao sul e a leste, do fundo duma depressão e corrigia o desnivelamento dos terrenos em que a igreja fôra assente.

A modesta capela-mór romànica cabia bem à vontade naquela alta esplanada que dominava ao longe os campos marginais. Mas, já os góticos tinham encontrado dificuldades em lançar êsse impecável diadema com que o rei Afonso IV quizera coroar a catedral lisbonense; e sacrificando o claustro que já ali existia para alpendre de capelas, o arquitecto do século XIV tinha roído a muralha ao sul para a circulação da nova ábside, e levado na marcha do seu compasso os encontros dêsse claustro com os muros do transepto. Já o claustro sofrera e o espaço minguára. Ia êle agora confiscar mais espaço e sacrificar ainda uma vez o claustro? Expandir a capela de eixo, como queria a condessinha, era ir de encontro à bela obra de D. Denis, estragar-lhe a perspectiva e converter o jardinsito alegre num sàguão lôbrego. Não, nunca o faria. Faltava-lhe o ânimo para um tal agravo. Mas era horrível fazer sofrer a condessinha, contrariá-la nos seus desejos, onde tanta candura se revelava. E não fôra êle o culpado de tais sugestões? Não evocára tantas vezes, deante dela, os grandes senhores antigos erguendo catedrais, fundando capelas, enriquecendo os lugares santos de doações e munificências? Aí tinha o resultado. Fôsse agora dizer-lhe que não!

Luciano parára deante do grande quadro suspenso que emoldurava a planta da Sé e considerava mentalmente: — Espaço havia para recuar a capela. . A perspectiva do claustro é que ficava prejudicada e o jardim cortado em dois. Que, diga-se a verdade, êste espaço é alegre em demasia e não se coaduna com as construções que o cercam. E evocava certos jardins húmidos, medrando à sombra de altos muros de catedrais, eternamente privados de sol e a que não faltava a poesia da solidão, que tão bem se casa a um monumento religioso. Eram os seus cabelos brancos êsses buchos raquíticos, essas plantas débeis,

sem fôrça para florir, êsses arbustos que nunca chegavam a árvores, como monjas estiolando-se na clausura perpétua.

E abancado à larga mesa de trabalho, o arquitecto levou a noite no *Capítulo* deante da planta da Sé, tomando notas, traçando linhas, medindo ângulos. A luz còrava já os vidros altos da janela ogival quando Luciano pareceu acordar. Estava decidido: levantaria a capela. Era arrojado, era contra o bom senso, contra todos os princípios? Embora. A capela que êle erguesse faria esquecer o sacrilégio.

E que alegria para padre Anselmo quando naquela clara manhã de sol doirado, à hora de matinas, o arquitecto, encontrando-o apressado a caminho do côro, lhe anunciou que a condessinha teria a capela da Virgem!

— Ainda bem! ainda bem! exclamou o presbítero abraçando o artista, comovido. Tinha cá um pressentimento que assim havia de ser!

E, já longe, recomendou:

— E olhe a cripta, não esqueça a cripta!

Traçado o plano do santuário, os trabalhos seguiram-se logo a expensas da casa Monforte. A capela, que fôra dum só tramo, ficava agora com três: dois barlongos, de diagonais cruzadas e o do fundo, poligonal, com seu leque de nervuras radiantes. Os dois últimos tramos, fóra já do perímetro absidal, podiam receber janelas laterais, vistosamente decoradas.

E a alucinação começára: uma vida de febre que punha em vibração contínua a alma do artista.

A capela, enriquecida de todos os dons da arte, brotava da terra por milagre; e, á medida que se enformava, envaidecia-se majestosa, soberana, como uma mulher a cujos pés adejam turíbulos ardentes. Obra de Luciano, filha dêle, nela aparecia o cunho

individual, o vôo rasgado do artista que abre à larga as amplas asas do génio. A restauração, embora manancial de fartas emoções, não tinha nada de criador e não passava, no fundo, da subordinação passiva a um traçado, da marcha resignada sôbre um plano. Restaurar é repensar a concepção doutrem, mais função técnica que de arte; mais da idéa que do sentir. A capela, porêm, era uma criação apaixonada, brotando do sentimento e traíndo o segredo duma natureza ébria de amor, o que decerto a exaltava se a não fizesse já bela o seu desabrochamento cândido de lis num radioso diadema heráldico.

E bela, realmente, ia surgindo das mãos do artista a requintada concepção gótica. Se êle tinha a impressão de andar erguendo um palácio de noivado, um romântico castelo de lenda para habitar com sua amada! Embriagado, transfigurado nesta ilusão, Luciano, via a capela subir, subir, na leveza do sonho que tornava os mármores diáfanos e parecia distender as hastes dos culunelos na pressa de abrirem suas frondes copadas. E a capela subia, subia sempre no sonho; e os caules brancos ascendiam na febre das seivas, ramificavam-se nas alturas e brotavam já a sua folhagem de pedra para o doce e aconchegado ninho de duas almas cujo amor ia florir no regaço amigo da catedral...

*

Maria Helena, que se apaixonára tambêm pela capela da Virgem, quizera escolher os motivos ornamentais para a vitragem. Outro capricho. E Luciano aconselhára-lhe a *Legenda Dourada* de Voragine, onde se tinham inspirado os artistas da Idade-média.

Oh! o efeito do venerável livro! Esta leitura da vida dos santos na simplicidade cândida da *Legenda*, que padre Anselmo lhe desencantára na livraria de S. Mar-

tinho, surpreendeu-a e foi como uma nova fonte mística, jorrando do desconhecido, onde a jovem se dessedentou na sêde ardente de mistério. Parecia ter acordado num país encantado, num país de lenda, onde a vida tinha outro sentido e a paisagem uma outra alma. E dava-se toda ao ignoto, perdia-se nêste mundo de sensações novas que era para ela a epopeia dos santos.

A *Legenda* desenrolava-se como um feérico jardim, onde cada vida de eleito deixava o sulco maravilhoso do seu curso. Eram as grandes áleas onde floria, em largos maciços vermelhos, o massacre dos primeiros cristãos, uma flora de açougue que tingia o ar de púrpura e respirava a sangue quente. Nestas paragens a *Legenda* eriçava-se de patíbulos, sede de inauditas torturas, de inverosímeis suplícios, como os não sonhara o inferno. Nunca a carne sofrera tanto; jámais tirano alucinado imaginára tão requintados flagícios! Eram os olhos arrancados, membros partidos, crâneos abertos, ventres rasgados, pessoas fritas em caldeiros; outras assadas em grelhas; esgalhadas ao meio em duas metades; atadas à cauda de cavalos; lançadas aos antros das feras. E os degolamentos, as estrangulações, os esventramentos, todas estas pávidas visagens de corpos triturados, esmigalhados, de sangue espadanando em borbotões; todo êste scenário d'angústia horrorisava-a, enregelava-a. Êsses espantosos dramas entre a fúria canibalesca dos déspotas e a calma serena das vítimas, metia-lhe respeito, amedrontava-a. Sofria-se por uma crença, mas o objetivo era uma idéa. Era grave, duma grandiosidade imponente. Mas, por muito sublime que isto fôsse, fazia-lhe medo, apavorava-a. E fugia, trémula, dêstes trágicos caminhos da *Legenda*.

Outros surgiam, porêm, graciosas vias nevadas: — as vidas das santas, das virgens mártires, cuja carne

branca floria em rosas alvíssimas e onde tudo era branco, desde a pureza das almas até o sangue coalhado em tufos láteos, porque em leite se convertêra o sangue inocente derramado, o sangue casto que nunca ardêra em maus desejos.

Um perfume de sofrimento terno e delicado exalava-se dêste sacrifício feminino que já nada tinha de ideativo e era a crença desabrochando no Amor, o pleno dom desinteressado ao divino esposo eleito. Aqui o sacrifício não tinha os violentos tons das carnagens. E nas mãos dos verdugos, as santas não sentiam as torturas e até a dôr se transmudava em sorrisos de felicidade. Êste holocausto das virgens nada tinha de horrível. Eram rosas lançadas aos pés de Jesus, que não perdiam o viço e a frescura e se conservavam sempre belas, respirando aromas suaves.

E, divagando aqui e ali, pelas discretas avenidas, Maria Helena perdia-se no Legendário que encerrava tão lindas coisas. E as narrativas viviam, animavam-se, tornavam-se reais na simplicidade em que tudo era dito, na ordem natural em que parecia passar-se tudo.

Na obra de Voragine cada personagem era historiada no dia em que a Igreja celebrava a sua festa e segundo a ordem cronológica. Orientada assim no plano do ciclo litúrgico, a *Legenda* desenrolava a partir do Advento, durante os 365 dias do ano, o seu longo cortejo de santos.

No começo, Maria Helena destacava logo entre os eleitos, Santa Inês, nesse áspero janeiro que ela polvilhava da neve da sua carne e da sua pureza. Oh, a linda história de Inês com treze anos e santa!

Tão precoce no discorrer que assombra todos os que a ouvem, Santa Inês é igualmente dotada duma tão grande beleza que o filho dum prefeito, perdido

de amores por ela, lança-lhe aos pés montes de pérolas, diamantes, todos os esplendores fúlgidos da riqueza, na cobiça dos seus encantos. Inês, gosando já as delícias místicas de mais preciosos dons, repele-o indignada: «Vai-te, aguilhão do pecado, alimento do crime, peçonha da alma, porque o meu corpo é jardim onde passeia outro amante que é o mais nobre, o mais belo, o mais rico, o mais bravo e forte e amado de todos os amantes. Aquêle que eu amo é mais ilustre do que tu; o sol e a lua são seus vassalos; suas riquezas são incomparáveis; tão poderoso que que vence a morte e o seu amor ultrapassa todo o amor. Êste anel que era dêle é o sêlo das nossas núpcias; meu colo cingiu-o êle com um colar de pérolas e o meu corpo vestiu-o de um vestido precioso, tecido do mais fino oiro. Já as nossas carícias se confundiram; já o seu corpo se uniu ao meu e o seu sangue regou os meus joelhos. Mas isto é nada comparado à felicidade que me espera: um tesouro de mais valor premiará um dia a minha constância.»

Esta linguagem ardente desespera de ciume e de dôr o moço romano que adoece pesaroso. Seu pae procura Inês e tenta vencer-lhe a obstinação, mas a donzela repete-lhe que não pode traír o juramento ao seu amado. O prefeito quer saber que mortal é êsse e como alguem lhe advirta que é Cristo, o magnate interroga-a docemente e, nada obtendo, ameaça-a de severas penas. «Faz o que quizeres, replica Inês, mas não terás o meu segredo.» E o prefeito, colérico: «Escolhe então: ou sacrificas a Vesta com as virgens da deusa, se te conservas ainda casta, ou mando-te encerrar na companhia de prostitutas.» E Inês: «Jàmais sacrificarei aos teus deuses e o meu corpo não o terá ninguêm, porque é guardado por um anjo.» Então o prefeito ordena que a dispam e a levem nua a um alcouce; mas os seus cabelos crescem, chegam-

lhe aos pés, cobrem-na toda melhor que largas vestes discretas e, ao entrar no mau lugar, encontra um anjo que a espera envolto numa túnica deslumbrante. O lupanar torna-se então para ela um lugar de oração e o anjo nimba-a duma luz sobrenatural.

Ora, o filho do prefeito veio a êste bordel com alguns amigos folgasãos a quem induzira sevarem na santa seus desejos concupiscentes. Quando investem para Inês, fere-lhes a vista um tal fulgôr que recuam espavoridos; e apodando-os de cobardes, o perseguidor de Inês corre enfurecido para a câmara da jovem. Mas logo um diabo ali o estrangula. Então o prefeito, lavado em lágrimas, inquire Inês da morte do filho. «Deus abandonou-o, responde a santa, e o demónio deu-lhe a morte.» E o prefeito: «Se não queres que eu creia que foi obra de teus mágicos artifícios pede e obtêm que êle torne à vida.» E tendo Inês orado alguns momentos, o mancebo ressuscitou e começou publicamente a confessar o Cristo.

Então os sacerdotes dos falsos deuses, excitando o povo, clamaram: «A' morte a mágica que com seus sortilégios torna vário o juizo e perde as almas». Quiz o prefeito livrá-la das iras da turba mas, temendo a proscrição, afastou-se com tristeza, confiando a santa à guarda dum tenente. E êste, que se chamava Aspásio, mandou lançá-la a uma grande fogueira, mas as chamas, como batidas duma rajada, desciam sobre os pagãos sem tocarem na donzela. Então Aspásio ordenou que lhe enterrassem um punhal na garganta. E foi assim que santa Inês partiu ao encontro de Deus com a corôa do martírio e teve no céu a recompensa de ser constante em seu amor.

A condessinha enternecia-se nestas piedosas histórias da alvorada da fé, maravilhada principalmente nas vidas das santas virgens que tinham sofrido o martí-

rio e fulgiam como estrêlas no agiológio dourado. Oh as lindas santas!

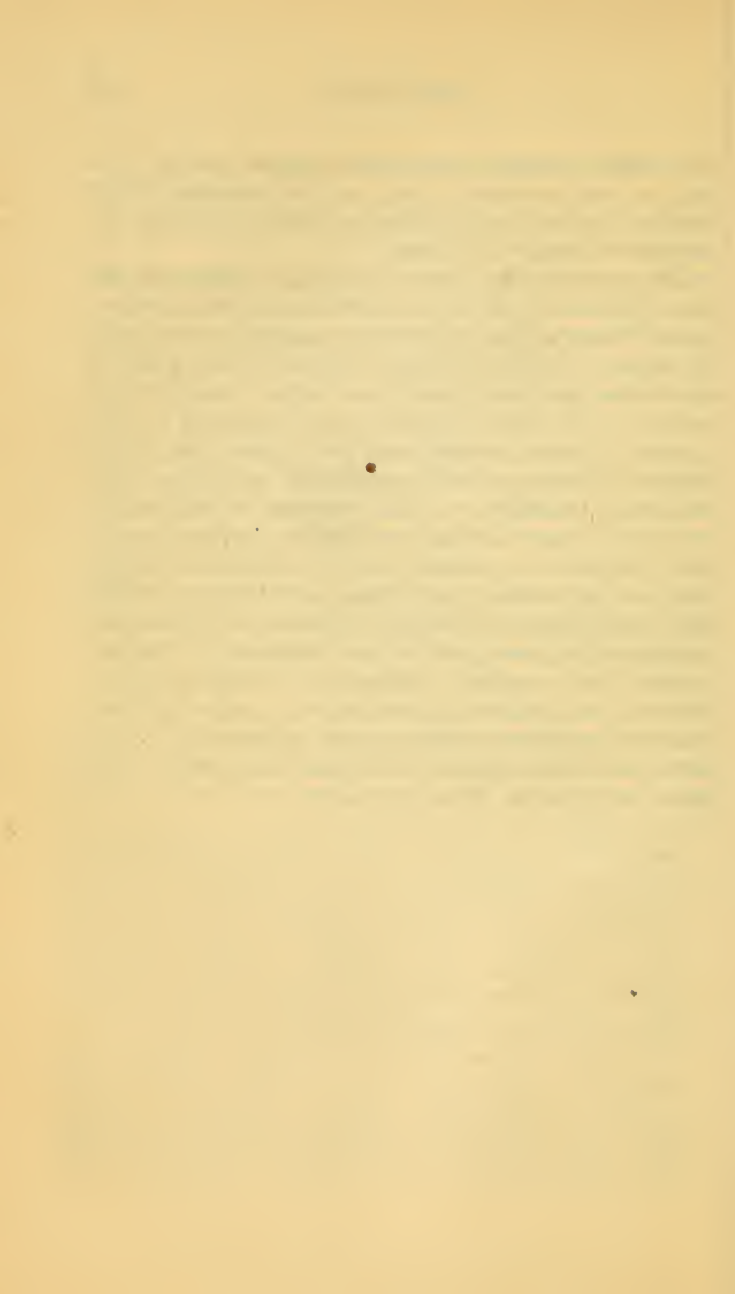
E avançando no círculo litúrgico, ainda nas brumas de fevereiro, afloravam no Legendário, santa Águeda, outra virgem não menos formosa, também cobiçada por um pagão que quer pervertê-la num mau lugar e lhe faz arrancar os peitos com tenazes; Apolínea, condenada à fogueira e que, soltando-se dos verdugos, corre ela própria a lançar-se nas chamas; Juliana que é suspensa pelos cabelos e aspergida de chumbo derretido, sem o menor sofrimento...

E a rotação prosseguia. Outras santas e outros martírios passavam exaltando a castidade, a mortificação da carne, a fidelidade em Cristo. A *Legenda* desfolhava agora, já nos quentes sois de julho, as pétalas brancas da vida de santa Margarida, linda pastora de 15 anos que tem os ossos esmigalhados e a carne rósea tostada de brasas para não ser dum vil pagão; Cristiana que lança à cara do pae idólatra os pedaços do corpo esfacelado pelas torturas e sobrenada nas águas com uma pedra ao pescoço, sustida por anjos; Eufémia que, levada ao patíbulo onde as mãos do carrasco se paralisam, é, depois, metida entre grossas mós de pedra que se desfazem em cinza ténue ao roçarem-lhe o corpo nu; Justina cobiçada pelo demónio que se transmuda em donzela para a induzir no pecado e que a santa faz fugir espavorido, com um simples sinal da cruz, pressentindo-o junto do leito; — lançada numa caldeira de pez e cera ferventes é como se estivesse num banho tépido.

E no rolar do círculo litúrgico, já nos frios tristes de novembro, surgiam santa Catarina e santa Cecília. Catarina filha de rei, santa nobre e sapiente, vence e converte cincoenta gramáticos e prefere a palma do martírio a desligar-se de Cristo e ser mulher dum imperador, manando leite das suas feridas; san-

ta Cecília, a esposa mística dum pagão que ela conduz ao bom caminho; sofre com êle o martírio regenerador, sobrevivendo ambos na glória de Deus, coroados de rosas e de lírios.

Oh, esta vida de Santa Cecília que impressão lhe fizera! Como a tinha comovido êste amor místico duma santa! Duas almas castamente enlaçadas por corôas de rosas e de lírios na comunhão da mesma fé! Se ela tivesse um noivo assim, um esposo como o desta santa!... E o seu coração, que estremecia na primavera do amor sensibilizado por doces apêlos, por ternos desejos que lhe despertavam no corpo moço as seivas fecundas da vida, sonhava um casamento como o de santa Cecília, êsse enlace de duas creaturas irmanadas na mesma crença, marchando unidas, coroadas de rosas e de lírios, por entre as estrêlas dos céus. E êsse ser vago e impreciso dos primeiros sonhos, começava agora, o sexo desperto, a idealisá-lo num belo mancebo quimérico e sonhador, cavalheiresco e apaixonado, servindo a causa de Deus como um príncipe medieval, quer esgrimindo o montante nas lutas épicas da fé, quer cantando a sua glória em poemas líricos de pedra...

VII

Havia, aquela tarde, reùnião no *Capítulo*.

Padre Anselmo chegava acolitado dum colega de bancada, o padre Bruno, um loiro de trinta anos, duma candidez adorável, terno e simples como um menino de côro, que o capelão-cantor catequizára sem custo.

Estavam já com o cónego Rocha — o único eclesiástico da sua patente que punha os pés naquêle recinto, — entre vários beneficiados e capelães, o mestre de cerimónias Salema, melífluo, rosado e gorducho, redactor do *Ordo* diocesano, que apoiava sempre o cónego Rocha, em observância à hierarquia de que era, por dever do ofício, zelador; o beneficiado Trigueiros, democratizante e frondista, partidário duma Igreja nacional; e o beneficiado Tiago, uma figura prestigiosa da Sé, enigmático e misterioso, que ninguêm sabia o que pensava, acolhido, por isso, com certa reserva no *Capítulo* e por seu convívio com sumidades eclesiásticas e freqùentes idas ao Patriarcado, onde se lhe abriam todas as portas.

O cónego Rocha e êste beneficiado destacavam singularmente na assistência do *Capítulo*.

Cónego Rocha, alto, desempenado, maciço como uma torre da basílica apesar dos seus setenta e oito já contados, era um ferrenho ultramontano, católico da velha guarda e miguelista, adversário irredutível

de tudo o que cheirasse a liberalismo. Cónego Rocha adquirira na vida pública hábitos mundanos de dissipação e amava a sociedade, a palestra, o movimento, o fragor alto das assembléas. Não fôra de ânimo conforme que êle voltára à Sé e trocára as prerrogativas e comodidades do seu *fauteuil* pela táboa rasa da bancada capitular. Um fermento de hostilidade irritante, segregado dos ódios políticos que nutrira e dos previlégios que perdera, azedava sempre as suas palavras e envenenava de rancores a ponta aguda dos seus despeitos.

Quanto o cónego Rocha tinha de brusco e assomadiço, tanto o beneficiado Tiago era afável e acolhedor. Doutorado em Roma, donde viera recentemente precedido duma grande aura, e fazendo estágio na Sé para as altas dignidades, padre Tiago, sólido e bem constituído, muito inteligente e fino, era, na verdura dos seus 32 anos, precocemente amadurecidos no tirocínio romano, uma esperança do mundo católico. Epigrafista laureado, doutíssimo em antiguidades cristãs, de estudos diretos nas ruínas de Roma, todo êsse brilhante saber parecia, porêm, decorativo e aparatoso, mascarando, no fundo, uma preocupação mais grave, um objectivo mais alto que não atingiam bem na Sé e que era a razão dum certo mistério que o envolvia. Padre Tiago tinha todos os predicados para se impor, — calmo, sereno, equilibrado. A fronte apolínea e grave, varrida por um olhar profundo e enérgico sem ser severo, traía logo a firmeza de carácter e uma vontade tenaz e rectilínea, sabendo o que queria e o caminho para lá chegar. Partidário da restauração, o beneficiado puzéra logo ao dispor do arquitecto o seu cabedal de erudição e iniciára pessoalmente largas pesquisas no templo, farejando letreiros e inscrições e colhendo siglas nos paramentos.

Depois do recomêço das obras e desde a instalação do *Capítulo* que êstes colóquios se tornaram freqüentes. Havia-se operado, entre os eclesiásticos da Sé, provocada por cónego Rocha, uma selecção de actividades que reagia, com bravura, da apatia dos ofícios, criticando, discutindo, pondo uma nota ruidosa na mudez taciturna da basílica.

A questão religiosa, tinha, naturalmente, a primazia nêstes concílios. O futuro da Igreja, tão perseguida de novo em ataques sistemáticos aos seus foros e regalias, tornava-se o objecto das apreensões dos capitulares, agora que a desgraça lhes entrára em casa e sentiam, por sua vez, com um novo régime político, a iniqùidade das leis adversas. As controvérsias, desde que se saía das comesinhas questões caseiras para perspectivas mais vastas, tomavam, ás vezes, interessantes aspetos. Era o beneficiado Tiago quem começava por alargar a amplitude dos debates. E as opiniões divergiam, os critérios discordavam na melhor maneira de defender a Igreja. Uns preconizavam a luta aberta em todos os terrenos, uma táctica oportunista, uma política humana de realidades, embora fôsse imprudente trazer a Igreja para o campo das paixões, onde não há prestígio que não embacie; — era o ponto de vista do cónego Rocha. Outros apelavam para o Evangelho, o espírito apostólico da Igreja que a tinha gerado e engrandecido, pela simples fé desarmada, a fôrça do querer e da vontade, o fecundo exemplo da virtude e do amor: — eram os idealistas, os visionários com padre Anselmo à frente. Havia ainda — fraca opinião sem eco — quem advogasse a idéa duma igreja nacional, independente de Roma.

Padre Tiago esboçava, porêm, sòzinho, uma tendência imprecisa e vaga, com o seu quê de temerário e imprudente que punha em guarda a confraria. Certos

vôos audaciosos, numa creatura tão impregnada de romanismo, desnorteavam e intrigavam, embora estivesse livre de toda a suspeita a fidelidade de padre Tiago que vinha de Roma, frequentára as antecâmaras do Vaticano e era, de resto, acolhido com deferências especiais nas altas esferas eclesiásticas. O cónego Rocha, com toda a sua sagacidadade, acabava sempre de convencer-se, depois de sondagens demoradas, que o beneficiado era a ortodoxia em pessôa. Mas padre Tiago metia-lhes medo. Esta esfinge intimidava-os. Havia nêle um ar fatídico de predestinado. Era o eleito duma missão que lhes escapava. Pressentiam, por detrás da fronte sizuda do recemvindo de Roma, uma elaboração transcendente, o que quer que fôsse de messiânico em gestação sob altas sanções infalíveis.

Entretanto, no *Capítulo* conversava-se. Cónego Rocha, desolado pelos infortúnios da comunidade católica lusitana, ferida por sua vez da peste herética que flagelava a cristandade, inquiria se a decadência bem visível das crenças não era uma prova evidente de que Deus, aborrecido, se desinteressava da sua obra, incompreendida dos homens; e se a Igreja católica não ia, prestes, sucumbir.

E no silêncio depressivo que fizéra pesar no *Capítulo* o desalento do cónego Rocha, a voz eloqùente de padre Tiago soou logo, reanimadora:

— Não, meus amigos, a Igreja não morre. A religião é eterna porque emana de Deus e é na Igreja católica que a religião se revela na sua mais alta sublimidade. E' nela que Deus tem o seu sólio donde governa os mundos e rege os destinos humanos. Que a Igreja é eterna não o demonstra toda a história? Há dois mil anos que a Igreja vive ininterruptamente e que os seus monarcas se sucedem guiando a barca de Pedro, através das ondas revoltas de tantas

procelas e borrascas. Ela não sossobrou com as perseguições romanas. Resistiu galhardamente aos embates da Reforma, que a dividiu sem aniquilá-la. Os desvarios da Revolução do século XVIII deixaram-na incólume; e já hoje não a molestam as investidas maçonicas. Passam as revoluções, ruem os impérios, baqueiam os tronos, operam-se as mais extraordinárias transformações sociais e a Igreja fica. A sciência matá-la-á! rugem os seus inimigos. Mas surgem os raios X e a telegrafia sem fios. Pesam-se os mundos e desmaterializam-se os corpos. E a Igreja continua... e são os régimes que passam! A lei da separação, com que se pretende aniquilar a Igreja expoliando-a dos bens terrenos e dificultando o recrutamento do seu clero, é a última provação por que a Igreja vae passando e de que ela sae, afinal, como sempre, vitoriosa...

— E' incontestável que a Igreja sofre em extensão mas melhora em qualidade, aquiesceu padre Anselmo. O sacerdote, que não conta já com o auxilio do Estado que o desligou dêle completamente, torna-se mais apóstolo que funcionário e prefere as coisas do céu aos negócios da terra. O padre-burocrata, a Igreja-repartição do Estado, eis o pior mal de que enferma o cristianismo.

— Pois sim, replicou bruscamente cónego Rocha. Se crê que a Igreja se agùenta assim!

— Pois porque não, senhor cónego Rocha? Não é o espírito do Evangelho, a sã doutrina de Cristo?

— De acôrdo, santinho, mas isso só não basta. A Igreja, para exercer o seu ministério, tem que adaptar-se ás instituìções humanas, reclamando, necessáriamente, órgãos da mesma fragilidade. Sem isso, como cumprir a sua missão? O Evangelho, salvo seja, é adubo excelente, mas as sociedades modernas exigem correctivos mais enérgicos. E' mais facil catequi-

zar selvagens do que convencer incrédulos. Há terras bravas e há terras áridas. Ora, o que se vê nas almas de hoje não é carência de cultura, não; é aridez, é secura, é esterilidade, resultado de quê? Do banimento das crenças pelas doutrinas dissolventes. Deixemo-nos de histórias, meus amigos. Os senhores não teem, como eu, a experiência do mundo. Coisas práticas, coisas práticas! A Igreja o que precisa é defender-se, o que precisa é armar-se. E só pode eficazmente fazê-lo reconquistando nas sociedades as suas antigas posições. As seitas revolucionárias, imbuídas de êrros perniciosos, declaram-nos guerra de morte! A maçonaria não cança, o livre-pensamento refina...

— Ora, o livre-pensamento, acudiu desdenhoso padre Tiago. Com que o senhor ainda vem! Se não nos conquista já um crente, nem nos caça uma só alma! É o inevitável Giordano Bruno e a Inquisição, o Vaticano e os seus antros, os padres corruptos e a simonia, Loiola e a seita negra, todos os lugares comuns sèdiços que hoje fazem sorrir...

— Mas que impressionam os espíritos rudes, sempre propensos à hostilidade, é bôa! Pelo que vejo, não tem importância a propaganda anti-religiosa. Não está má essa!

— Senhor cónego Rocha, não se destroe uma crença com doestos, nem se transforma a psicologia do crente com pedradas. Ora, não há livre-pensador que não peça, grotescamente, a cabeça dos padres e uma fogueira para os santos. Compreende, não é de tais insignificâncias que hade vir à Igreja maior mal.

— Muito excêntrico me sai o senhor! Nenhum perigo nos ameaça então?

— Não digo tanto, retorquiu o beneficiado. Mas é infantil temer-se a Igreja de algumas dúzias de energúmenos, por muito eloqüentes e mesmos inteligen-

tes que fôssem. Não são já os indíviduos que actuam, mas as correntes de idéas. Corresponde hoje o livre-pensamento a uma tendência social? Evidentemente que não. Êle é uma *épave*, um pobre farrapo grotêsco dum grande sistema que naufragou. Deixemo-lo, pois, piedosamente, fossilizar-se.

— Mas onde está então o perigo? inquiriu o cónego com um ar provocador.

— Sim, onde está o perigo? perguntaram, a um tempo, dois ou três assistentes.

Padre Tiago reflectiu alguns momentos.

— O perigo, que passou, felizmente, foi o racionalismo filosófico que, na segunda metade do século XIX, assolou o pensamento humano. Um perigo terrível para a Igreja, êsse, o maior que os seus vinte séculos atravessaram. Sim, meus amigos, o pior inimigo da Igreja é uma falsa filosofia. Sob aparências de verdade, de irrefutável lógica, o sofisma ilude, mesmo os que procuram ser sinceros. E a sua influência é enorme, porque é das escolas filosóficas que saem os poetas, os historiadores, os moralistas, os pedagogos, todos os orientadores do pensamento, desde a alta cátedra universitária à humilde escola primária. O educador é o reflexo da filosofia do seu tempo. Ora, ninguêm ignora que, na última metade do século passado, o materialismo tocou o seu auge. Materialista é a sciência e a arte, a psicologia e o laboratório. Um sôpro negativista requeima as crenças. Nega-se a existência de Deus e a espiritualidade da alma. Explica-se a vida pelas reacções da matéria. A geologia e a prehistória abrem rombos na arca santa da Bíblia. O Estado repele a Igrela, sua aliada de sempre. Encerram-se os conventos. Interdizem-se os votos. Laiciza-se o ensino. Expulsam-se as congregações. Desamortizam-se os bens. Extingue-se o fôro eclesiástico. Arranca-se Roma ao Papa.

Assiste-se, aterrado, ao desmoronar das tradições. Tudo imagina então que a Igreja sucumbe. Não podendo lutar com o século, a Igreja fulmina-o de excomunhões, interna-se nos seus redutos. E quando todos supõem que ela agoniza amortalhada nos dogmas, a tempestade serena, o vento muda de rumo e a Igreja aparece intacta, na plena posse da realeza espiritual que é o segrêdo da sua fôrça, o penhor da sua eternidade. E isto porquê, meus amigos? Porque uma rajada idealista varre os miasmas deletérios; um novo espírito filosófico rechaça o materialismo satânico e põe em debandada os velhos êrros desmascarados. Bem o reconhecem os nossos inimigos, mas são impotentes para o explicar. Que a reacção ergue a cabeça! clamam desesperados. Cegos! Não é a reacção que se levanta, é a hostilidade que se retrai. Não é a Igreja que transige, é o século que desarma!...

— Sim, tudo isso é muito possível, replicou o cónego Rocha com uma ponta de scepticismo, mas ilude-se quem supõe que o perigo está passado. Não ponham um freio no liberalismo, deixem a democracia criar raízes e eu lhes direi de que é que serviu ter mudado a filosofia. Muito se importa de filósofos a ralé das sociedades, que é quem hoje alça ás supremacias do poder as demagogias desorganizadoras. Nada, nada! Eu cá persisto na minha; reagir é a melhor maneira de nos defendermos. E reagir energicamente. E' ou não é o catolicismo uma fôrça de respeito? Pois que pese na balança da política. Não vejo outra solução.

Padre Tiago abanava a cabeça num vago gesto desaprovador.

— Mas é puro ultramontanismo! — vociferou do seu canto o beneficiado Trigueiros. — Eis a desgraça da nossa terra.

— Bom; aí nos vem o senhor com a sua Igreja nacional! chasqueou o cónego.

— Não compreendo êsse desdêm, senhor cónego Rocha. Não é de bom português.

— Não recebo de ninguêm lições de patriotismo, ripostou o cónego, num assomo de cólera. Sou português como os que o são, português de lei, à bôa maneira antiga, amigo do trono e do altar. Português, mas tambêm católico-romano. Não são coisas que se excluam; pelo contrário, completam-se.

— Modos de vêr, tornou padre Trigueiros. Católico-romano é muita coisa. Prefiro ser simplesmente cristão. Romanizar é desnacionalizar. Mais o romanismo se infiltra, mais a raça degenera. Quantas bulhas, quantas rixas por causa de Roma! Toda a história está cheia disto. Um Estado dentro do Estado, eis o que foi sempre a Igreja em Portugal. Daí a origem de todos os males. Se o padre tem contra si uma tão grande hostilidade é porque põe acima do seu país os interêsses sectários — e é mais romano que português. Chego às vezes a invejar, Deus me perdôe, êsses scismáticos luteranos. Que compenetração do sagrado ministério! Como é dignificado o sacerdócio! Se os não perturba a febre de Roma! E imagino o que seria uma Igreja assim, livre de pressões exteriores, na nossa linda e abençoada terra.

— Estávamos servidos, amigo Trigueiros. Nêste país de iconoclastas, havia de ir longe a sua Igreja. O que detêm ainda os nossos pedreiros-livres é o respeito de Roma, é o mêdo do estrangeiro. O que nos salva, meu caro senhor, é a solidariedade do catolicismo internacional. Não o devia ignorar.

— Se me permitem, interveiu o padre Bruno, afogueado, farei uma simples observação. Vamos trilhando caminho errado. Esquecemo-nos todos de que a salvação da Igreja está dentro da própria Igreja.

Para que havemos, então, de procurar lá fóra o remedio que está em nós? E' cada qual cumprir o seu dever.

E, como ninguêm replicasse, o capelão-cantor esvaziou a alma, de chofre:

— O que é preciso é descermos ao povo, é sanearmos as sociedades com o Evangelho no coração. Façamos da Igreja um fóco de amor e de caridade. Exaltemo-nos na fé. Imitemos o padre Cruz e a Igreja será salva. Sim, imitemos o padre Cruz!

E, à invocação dêste nome que se pulverizou em rócios brancos de pureza e de santidade, todos se curvaram, como se pressentissem no ar, sôbre as cabeças, um frémito da divindade.

Padre Cruz era, de facto, uma extraordinária figura eclesiástica que se popularizára em Lisboa. Um autêntico santo desgarrado no século. Sempre de hábitos talares, tanto quanto lho permitiam, alto, esguio, dorso arqueado das prostações demoradas, a face ascética das vigílias e jejuns, absorto o olhar em cândida beatitude, padre Cruz sugeria logo, na compostura, S. Francisco de Assis das pias imagens com quem, aliás, se não assimilhava menos na estrutura moral. Dedicado a um labor apostólico de que fizera o móbil da sua vida, o incansável padre batia a cidade, calcurriava os bairros pobres, forçava os asilos, os manicómios, os hospitais e as cadeias, onde a sua bolsa vertia sempre algum óbulo e o coração a palavra de amor que confortava. Era aos piores lugares que padre Cruz se comprazia em descer. Tinha especial predilecção pelos detritos humanos. As masmorras do Limoeiro conheciam-no bem. Passava dias inteiros no antro sinistro onde fermentam, numa promiscuidade de cloaca, as repugnantes dejecções do crime. Padre Cruz arrostava ali a bestialidade larvada, a criminalidade com tara, o desvairamento impulsivo, o

vício abjecto e sórdido, a dolorosa perversidade núbil já roída de scepticismo, e quantas almas êle não topava susceptíveis de cura se a sociedade tão mal organizada lhes não faltasse com assistência moral!

Padre Cruz não lia jornais, não falava em política, ignorava os régimes e os govêrnos; sabia apenas que havia pobres, miseráveis, desvalidos, bôcas à míngua de pão, almas repletas de dôres. Uma singular clientela feminina reclamava a clinica dêste padre. Eram criaturas humildes, desmeduladas de ambições, frutos sorvados da vida, abortos, lixos humanos. Eram ex-religiosas esquivas errando no século como morcêgos; viuvas lúgubres, meio dementes, pendendo no misticismo; esposas tímidas, sofredoras, curtindo a mágua dos abandonos e das infidelidades; senilidades decrépitas; misantropias taciturnas; naufrágios trágicos; gente batida, escorraçada, lançada na rua, que só encontrava refúgio na casa de Deus e que êle acolhia compadecido, com enternecimentos de pai.

Eram as pequenas igrejas, os santuários modernos e pobres que o virtuoso sacerdote freqùentava, de preferência às grandes paróquias abastadas. Lausperenes, terços, novenas e rosários, ingénuas devoções tocantes de simplicidade, assistidas apenas da sua gente, formavam o decôro litúrgico das práticas de padre Cruz, — homílias chãs, familiares, sem nenhum ressaibo de rètórica, numa linguagem desataviada, terra-a-terra, que ia direita aos corações. Estas prédicas faziam bem. Os torturados, os que sofriam e desejavam alívio, punham-lhe logo a alma aos pés mal o ouviam, porque ninguêm entendia melhor do que êle íntimos males discretos, nem havia quem o excedesse na arte de suavizar uma mágua e pôr um penso numa ferida. Não constava, por isso, de confessionário tão concorrido como o seu. Porque êste padre não era, de facto, um simples receptáculo de

culpas e não irrigava mecanicamente o míldio das almas com as fórmulas sacramentais do ministério; tampouco despedia logo o penitente depois de lhe sacudir, à pressa, a poeira das culpas com dois piparotes na consciência. Padre Cruz ouvia com atenção, inquiria paternalmente e quando de certas premissas antevia coisa grave, auxiliava, ia adiante das palavras, desenraìzava o pecado. Não era só nas igrejas que procuravam padre Cruz. Recebia cartas anónimas, apêlos de gente desconhecida. Abordavam-no mesmo em plena rua; forçavam-lhe até o domicílio. Alvo de mil solicitações, via-se a braços para acudir a tanto encargo. Mas o santo por todos pedia, por todos rezava.

Tal era o homem que padre Bruno evocára e cujo nome fôra acolhido com tão singular deferência.

— Sim, disse o cónego Rocha quebrando o silêncio, o padre Cruz, uma criatura venerável por suas piedosas virtudes, um santo mesmo, se quizerem; mas, salvo o devido respeito, não é de santos que a Igreja precisa agora.

— Tem razão o padre Bruno, acudiu com gravidade padre Anselmo. Nós preocupamo-nos, sobretudo, com o instrumento de Deus e não propriamente de Deus. Cuida-se mais do govêrno da religião que da própria religião. Pode o homem ser conforme à Igreja e não ser conforme a Deus. E não é isto o que sucede? O estado eclesiástico não é sempre o estado religioso. Todos nós caímos nos mesmos êrros dos sectários: não conformarmos os actos com os princípios; sermos uma coisa nas palavras e outra nas obras. E' esta discordância entre o que se diz e o que se faz que fere o prestígio da pessoa e mata na doutrina as suas fecundas virtudes. Por isso os povos se desiludem e se rebelam, sempre de quimera em quimera. Enganam-se aquêles que conferem

à Igreja uma missão política. A religião não tem que intervir no govêrno das sociedades. A religião vê indivíduos, não vê agregados. A sua missão é de ordem moral: refrigério constante duma dôr que nunca finda porque é condição da vida humana. Fazer da Igreja um órgão de progresso é rebaixá-la à categoria dum sistema político; — fomentação de utopias, desinquietação dos espíritos. Não façamos do padre um rètórico de clube, nem dos santos Evangelhos um programa filosófico. Deixemos os políticos ludibriarem os povos com quimeras irrealisáveis. A Igreja, pelo contrário, deve mostrar que tudo na vida é ilusão, que a felicidade na terra é coisa vã, que o homem é sempre o mesmo barro sujeito sempre ás mesmas misérias. Crêr numa sociedade perfeita é crêr que pode existir uma seára sem ervas. Sempre ao lado da virtude hade o vício medrar, como junto do pé de trigo brota sempre o joio nocivo. Se não é possível extinguir o mal, atenuemo-lo, ao menos, quer actuando diretamente como êsse prodigioso padre Cruz, quer na prática contínua da oração e da penitência os que o não possam acompanhar. Oh, se se soubesse o efeito neutralizante dos claustros no mal do mundo!

— Padre Anselmo tem um critério de asceta, replicou com um fino sorriso de piedade o beneficiado Tiago. A oração é precisa, sem dúvida, mas a acção é indispensável. Ai da Igreja se a nossa missão fôsse apenas orar. Orar é uma operação interna, é um trabalho da alma. E todo o nosso capital de energias, a nossa inteligência, a nossa vontade, os nossos braços, a personalidade inteira dum padre deve agir no maior bem da Igreja. A vida religiosa como o senhor a entende, padre Anselmo, é um pouco a *turris eburnea* onde o poeta se encerra egoistamente a saborear o seu sonho. Não, não se pode moldar a

Igreja à imagem dum claustro. A Igreja não é um capítulo de monges, é uma sociedade de fieis. Não nos isolemos, não nos concentremos; dispersemo-nos. Sim, dispersemo-nos! Vamos ousadamente ao encontro do mundo; penetremo-lo da nossa fé e do nosso querer. Socializemos, numa palavra, a Igreja. Viver é adaptar-se. Não façamos obra de retrocesso, que é trabalho perdido. Vamos ao encontro do espírito novo. Negar o progresso é hoje absurdo. Não se destroem forças, domam-se. Disciplinemos, pois, as vontades, mobilisemo-las, não para recobrar privilégios caducos, valores sociais decaídos, mas para fazermos valer os nossos direitos no mundo novo em formação. A renúncia é uma virtude... negativa. O homem rico que distribuísse ao acaso o seu oiro, punhado a êste, punhado àquêle, praticaria, sem dúvida, um gesto meritório e agradável a Deus, mas socialmente infrutífero. Os desprendimentos são nobres, mas improdutivos. O ascetismo é um dos aspectos da santidade, — mas é estéril. Não, meus amigos, não se compreende uma vida que não gravite à roda dum ideal. Só os blocos inértes, as massas frias, apagadas, de unidades extintas erram ao acaso nos céus, sem rumo, *déclassées* no concerto do Universo.

Padre Tiago resplandecia.

Uma flama da posse e de conquista subia-lhe do fundo dos olhos que pareciam agrilhoar e subjugar do seu flúido o que tocavam. E, súbito, na feeria duma vertigem, perspectivavam-se aos olhos pasmados dos seus confrades, os contornos vagamente desconcertantes dêsse formidável sonho bebido na febre de Roma que lhe queimava o cérebro e era o segrêdo da sua existência.

Padre Tiago revelava-se, abria-se, erguia, emfim, uma ponta do véu.

— O que é preciso, clamou, é retomar o pensa-

mento de Gregório VII — a Igreja govêrno do mundo, guia dos povos, sob a autoridade espiritual dum Papa. A monarquia universal, a unidade política da terra, a federação moral dos povos sob a égide de Roma, — Roma metrópole do mundo! — ; esta finalidade da história, que é fatal, só a Igreja pode realizá-la e, queiram queiram quer não, para ela tendemos a toda a força. A unidade católica é um facto. A Cruz doira-a o sol de todas as latitudes. Onde há uma idéa tão universal como a idéa cristã? Ah, as dessidências! Mas as seitas protestantes são acéfalas — porque Roma é só uma! E sabe Deus com que saùdades elas anseiam pelo seio materno! A boa, a grande diplomacia, hoje felizmente orientação unânime, é realizar esta unidade católica das crenças, base moral da unidade política da terra. Não serve Deus nem é bom cristão quem não trabalha para um tal fim. A Igreja tem direitos adquiridos, tem prioridade em todos os sistemas de governar os povos. Foi a Igreja que civilizou o mundo. Cristianizar é desbravar. Ah, se todos os crentes reflectissem um pouco, se seguissem a voz da razão e não se deixassem arrastar por vãs temeridades, reconheceriam que o supremo ideal, o maior e o mais belo que pode empolgar a alma humana se concretiza nêste objectivo: fazer da Igreja o govêrno do mundo. Porque Ela é — a Igreja — o que há de estável, é o que fica de tudo o que se ergue na terra. Porque Ela é, de facto, a garantia, a única força inquebrantável contra o desagregamento anti-social, o despenhamento na barbaria. Que Ela domina as consciências, que tiraniza os espíritos! Mas a Igreja franqueia as suas portas, acolhe os que a buscam sem distinção e não inquire das crenças de quem lhe cruza o limiar, porque os homens — todos os homens! — são filhos de Deus e nenhum o ultraja com a sua presença. Onde há aí credo assim tolerante?

A Igreja é bela, a Igreja é única! Só Ela pode satisfazer um espírito ancioso, só Ela pode dar a felicidade à alma porque, no meio dos turbilhões sociais que tudo arrastam e aniquilam, a Igreja é o amigo que nunca trai, o braço que nunca se esquiva, a porta que nunca se fecha...

O beneficiado calára-se, comovido.

Todo o *Capítulo* vergava no mesmo impulso arrebatado que soerguia o peito de padre Tiago. Só o cónego Rocha aparentava indiferença.

— Fumos de Roma! considerou, rindo, o cónego depois dum silêncio. — Fumos de Roma! A concepção é bela, realmente. Não duvido que assim se pense nas altas regiões de S. Pedro. Mas êsse labôr diplomático não é possível sem ter por base núcleos de forças organizadas em vez de crenças dispersas. Não bastam crentes apenas, é necessário haver católicos, é necessário haver fieis. Ninguêm pensa nestas coisas e eis aí o grande mal. Diga-se o que se disser, estamos em plena decadência. Morremos de inanidade. Tudo se perverte e degenera. A começar no sacerdócio. A começar nos próprios padres. Retiros espirituais que não são outra coisa senão pièguices, romantismos, frivolidades de ociosos; devoçõezinhas açucaradas em oratórios privados, rescendendo a toucador, na cumplicidade perversa das meias sombras enervantes, eis o ideal dum padre de hoje. Assim se desnatura a religião com subtilezas e frioleiras. Certas práticas religiosas são *rendez-vous* dò bom-tom, récitas da moda elegantes. Não pode ser, não pode ser! E' preciso arejar a Igreja, tonificar o sacerdócio. Queremos crenças firmes e sólidas em corpos rijos, vuluntariosos. Queremos soldados da Fé. Que diacho! Se não há hoje seita que não se organize em partido, porque não hade haver tambêm um partido da Fé?

— Um partido católico, corroborou padre Salema.

Chamem-lhe lá o que quizerem, contanto que tenha força, que se imponha e possa mesmo um dia governar. Só assim a Igreja pode agùentar-se. É política? Mas é-se lá sem ela alguma coisa? Em que pese aos lunáticos idealistas é da política que vem o mando, é ela que dá o poder. E entre ser martelo ou ser bigorna só imbecis hesitarão.

— Não, não é preciso recorrer à política, atalhou serenamente e com um sorriso desdenhoso o beneficiado Tiago. A salvação da Igreja está noutra parte... Política! Política! Mas não notam os senhores que a política decai, odiada dos povos, fartos de serem ludibriados? Não sentem estremecer o edifício social? Se as sociedades oscilam é porque os esteios não estão firmes. Há rumores que não enganam. Há sintomas que não iludem. As camadas novas retraem-se em espectativa enigmática. O que virá? Sabe-se lá! Mas é uma aurora que se esboça. Olhos ansiosos pesquizam-na. Como há dois mil anos, fixam-se as almas no oriente, prendem-se os olhos numa estrêla. E, como há dois mil anos, os humildes serão exaltados, os pobres serão regalados... Que uma transformação social está iminente é inegável. Que tudo vai, dentro em pouco, mudar, também é certo. A abstenção política generaliza-se. Não se quere saber já disso. E é um facto que as classes trabalhadoras — os dirigentes de àmanhã — perdem a fé na democracia, olham de soslaio as rèpúblicas e mofam das lojas maçónicas. Tudo isso morre, putrefaz-se, começa já a cheirar mal.

E padre Tiago tinha uma careta enjoativa.

— Não partilho êsse optimismo, volveu o cónego. Mas demos de barato que seja assim. Admitamos que a política cai em descrédito, que a democracia perde

terreno e que a maçonaria é um espantalho grotêsco, *démodé*, que já não assusta ninguêm. Crê o senhor que se pode dormir socegado, que se está livre de perigo? Ai de nós, o perigo não desapareceu, o mal subsiste agravado, agravadíssimo, na chamada questão social. E eu não sei como é que o senhor a encara, nem presumo como é que Roma resolve isto. Porque é necessário ser cego para não ver que, se as massas proletárias se desinteressam dos parlamentos, não é para nós que regressam. Marcham mas é a galope para a revolução social, para a conquista do poder e, sôbre os destroços do existente, hão de ditar àmanhã a lei ao mundo. E ai de nós todos, ai da Igreja! Não ficará pedra sôbre pedra!

Um calafrio percorreu o auditório.

Cónego Rocha tinha razão.

— Sim, a questão social, murmurou padre Tiago, cujo olhar faiscou na sombra. A questão social, inevitável, çerta, que a Igreja espera, tomando já posições...

— Aliada com todos os políticos, já se vê! — ripostou, zombeteiro, cónego Rocha. — E' de esperar; sempre assim foi! Quando os régimes periclitam é para a Igreja que apelam... depois de lhe terem voltado as costas. Logo que os senhores jacobinos se sentirem ameaçados, virão dizer-nos ternuras como vieram, após a Rèpública, os nossos monarquistas, descendentes dos famosos liberais de 33, que tanto dano fizeram à Igreja.

Padre Tiago contraiu os labios numa prega de ironia.

— Não há alianças com cadáveres, senhor cónego Rocha! O mundo velho agoniza. Saùdemos o mundo novo. No naufrágio das sociedades, mais uma vez a barca de Pedro se orientará para novos rumos.

E achando que era bastante o que tinha dito, o

beneficiado afastou-se, transpôs a porta do *Capítulo* e sumiu-se numa volta do terraço.

Os padres olharam-se estupefactos. Que significava tal linguagem? Até onde queria padre Tiago chegar? Transigir com a Revolução? Pactuar com a anarquia? Mas o beneficiado estava doido?

VIII

Todos os dias era certa a condessinha à missa das 12 na Sé. Invariavelmente viam-na saír do palácio de S. Martinho e descer o Limoeiro num passo leve e musical, o porte esbelto e senhoril, elegante, sem coquetismo, e uma explêndida juventude radiante de graça e de simpatia.

Com o pretexto do Apostolado, Maria Helena demorava-se muito na igreja, acompanhada, algumas vezes, duma criada grave, mas freqùentemente só. Se vinha de S. Martinho, descia a pé o Limoeiro e a carruagem ia aguardá-la depois, à saída, no Aljube. Quando voltava de visitas, apeava-se no Aljube e mandava seguir o *coupé*. Por último ia e vinha desacompanhada, num passeio quotidiano que ninguêm estranhava já, a não ser monsenhor Santana, o intendente da casa ducal, que franzia as sobrancelhas àquelas práticas nada ilustres.

Uma grande curiosidade, um ávido desejo de saber atraía-a para as obras. A pouco e pouco, o arquitecto interessára-a pelo venerável monumento e iniciára-a nos menores detalhes da restauração, comunicando-lhe o seu fogo, transfundindo-lhe o seu sonho e, dêste convívio freqùente, uma estima mútua crescia, criava raízes e empolgava essas duas mocidades presas ao mesmo sonho enfebrecido de arte.

A condessinha assistia, deslumbrada, à ressurreição da catedral. Como todas as velhas igrejas, a Sé quási se sumira, invadida de construções parasitárias que a desfiguravam completamente. Com a demolição dos casebres e a remoção dos entulhos, desembaraçada dos trajes frustes das piedades devotas, a basílica renascia, desafogava o corpo e desdobrava as asas no altaneiro vôo das suas grimpas e pináculos. Êste lento despertar encantava e instruía Maria Helena. A vasta mole, encarada até ali num todo rígido e inteiriço sem épocas nem idades, especie de imóvel incaraterístico no arruamento burguês, aparecia-lhe agora, despojada de modernismos, bem distinta e individualizada nos seus estilos diversos, cujas transições ela percebia já vagamente, inserindo-se e articulando-se, sob a pele encarquilhada das silharias vetustas.

Toda a Idade-média romântica começava a surgir do fundo dos tempos. A educação que recebera de Monsenhor e o convívio do artista favoreciam em Maria Helena, dum modo estranho, esta ilusão da revivescência. No solo gordo da catedral, saturado de corpos dos santos que nêle se tinham desfeito, germinava bem a semente das velhas idéas e não era até para admirar que andasse por ali errante, transmigrando da cinza dos túmulos, a essência espiritual dos encéfalos decompostos, o éter volatilizado dos nervos feitos pó ..

Maria Helena embriagava-se nêste perfume que subia do Passado, nesta miragem das coisas entrevistas a distância, onde os seus olhos se extasiavam como em muribundos poentes. E requebrada de misticismos, com a imaginação irisada de refrangências, perdia o pé na realidade, avançava, sonambulamente, para longínquos mundos quiméricos. Como uma água que baixa de nível e põe a descoberto misteriosas coisas, assim o sentimento do real descia nela lenta-

mente, e visualidades estranhas emergiam de ignotas depressões.

A figura adolescente do arquitecto, realçada pela ardência juvenil da sua palavra e uma requintada cultura, causára nesta mocidade em plena florescência, um deslumbramento de visão. Êsse rapaz que voltava costas ao mundo e se apaixonava por velhas pedras, que estudava antiguidades e lia um livro de horas, revelava-lhe tão belas coisas, que aquela igreja da sua infância não lhe parecia já a mesma e em vez da Sé doutrora, álgida e sem nenhum interêsse, levantava-se agora a catedral como um castelo encantado e um príncipe lá dentro. E fôra pelo seu braço, numa comoção palpitante de encanto e de surprêsa, que ela pisára o maravilhoso umbral e vira desenrolar-se no firmamento das abóbadas, como uma via-látea estrelada, a lenda de oiro do Passado.

Nêste ambiente de sonho, Maria Helena tornava-se mole, indolente e flácida, mas o pensamento subtilizava-se, como se fôsse lubrificado pela untuosidade das orações, muito ferventes agora. Ah, orar! Como ela compreendia bem o valor íntimo da prece, o sentido oculto da oração! Moída dantes, mecânicamente nos lábios e evaporada num vago incenso à divindade, a oração de agora era toda interior, manava do coração as suas veias subterrâneas, filtrava nas paredes da alma, escoava-se em luz por todos os resquícios do ser. Orar era nela uma impregnação fluídica, uma endosmose que a penetrava e percorria toda, quebrando-a, amolecendo-a, inflectindo-a em dôces atitudes lânguidas, cêra branda que verga na chama ardente que a consome.

A perceptora irlandesa, com o seu frio zelo ortodoxo, incutira-lhe o respeito dos dogmas, a prática obediente das fórmulas e fizera dela uma católica exemplar. Mas era metódicamente, com uma gravida-

de articulada, que a fidalga cumpria as devoções prescritas, sempre guiada pelo *bedeker* dum eucológio. Essa higiene da alma a que procedia militarmente, tornára-se num hábito mecânico, e o que parecia ser fervor não passava, no fundo, dum preceito maquinal a que se sujeitava sem interêsse. Esta reviravolta tinha-lhe, porêm, desentorpecido as crenças. A fé latente, ancestral, desabrochava-lhe, emfim, numa nova puberdade com as mesmas revelações perturbantes e as mesmas crises de sentimento. Cria emfim, sinceramente, ardentemente e, por um reflexo vibrátil, a crença como que se reaciocinára, posta em fóco na inteligência. E vinham-lhe, então, zêlos apologéticos, súbitos ímpetos combativos. Ah, a divindade da religião cristã? Quem se atrevia a negá-la? Quem é que ousava pô-la em dúvida? Só insensatos e loucos, só almas perdidas no êrro. Pois não sobrenadava Ela sempre nos naufrágios das idéas? Não saíra sempre intacta das derrocadas dos sistemas? Havia prova mais evidente da sua origem sobrenatural que esta eterna sobrevivência? E fechando os olhos, numa evocação de vinte séculos, ela via o grande Rio nascer humildemente numa aldeia de pastores e em marcha para o ocidente, na esteira de ouro dos astros, crescer, engrossar, multiplicar a rêde infinita dos afluentes. Depois, no formidavel impulso adquirido na Europa, galgar os oceanos em *gulfs-streams* impetuosos, abordar a todas as costas, extravasar-se nos continentes, dar de beber à terra inteira a água lustral da fé que redimiu a humanidade. E desde as origens que ela via deslizar a sua Raça paralelamente ao rio sagrado; e que as velhas arvores progenitores se engrandeciam nas suas margens e se desalteravam na sua linfa da febre ardente das lutas épicas...

Certas disposições atávicas e velhos germens mi-

gratórios tinham agora na condessinha uma eclosão natural. Nos refolhos da consciência repousavam sedimentos ancestrais, extractos de antigas psiques que facilmente acordariam na comoção dum abalo. E o choque produziu-se nêste encontro com Luciano. A *Legenda* tinha, depois, concorrido para doirar a sua crença e repassá-la de sentimento. E que decisivo efeito o do piedoso Agiológio! Foi então que ela viu a Igreja povoar-se, animar-se, sair da vaga penumbra misteriosa e perder êsse sombrio terror sagrado que sempre lhe tinha inspirado. A metamorfose fôra completa. Tudo se revelava sob um sentido humano, inteligível. As santas destacavam-se das imagens, perdiam as atitudes hieráticas, as expressões congeladas, êsse ar sonâmbulo de ídolo que tinham nos velhos altares e maquinetas, e era na realidade das proporções humanas que elas lhe apareciam e que a sua grandeza destacava. E essas figuras, mostrava-o bem a *Legenda*, incarnavam seres maravilhosos que tinham vivido e amado, sublimes transfigurações da carne, maiores que os heróis imortalizados nas praças públicas, porque tinham lutado e morrido por um ideal que ultrapassava fronteiras e enraízava em todas as almas. Elas haviam dado o exemplo da abnegação e da humildade, dessoradas de desejos, desfazendo-se de tudo privando-se de alimentos, num inaudito desprendimento, incompreensível nesta época de insofrida cupidez, de lutas e de egoísmos ásperos! Fulgurava nessas parcelas humanas uma flama sobrenatural que transparece hoje cada vez menos, sob as sórdidas materialidades. E a Igreja era assim um panteon de prodigiosas criaturas consagradas por suas virtudes, engrandecidas por suas obras, que tinham subido tanto mais alto quanto mais humildes haviam sido.

Para que a humanidade se regenerasse e se purgasse dos seus êrros fôra necessário que em tôrno

de Cristo — a grande Vítima sacrificada — e com os fios do seu sangue se tecesse um tecido compacto de carne triturada pelos maiores suplícios e agonias, duma tal extensão que cobrisse todos os pecados do mundo e nem um só canto da terra deixasse de se fertilizar nêste húmus divino, para que a bondade e a piedade pudessem, emfim, florir nas almas. Mas ai, os santos, os apóstolos, os mártires, tão numerosos outrora que as suas auréolas, interceptando-se, tinham inundado o globo de luz, onde estavam êles que já não se mostravam, que já não apareciam e deixavam submergir-se tudo na noite negra do mal?

Mas êste amor místico tomava, dentro em pouco, uma orientação sexual. Maria Helena era invadida por sufocantes emoções, por súbitas crises de ternura. Na exaltação dos sentidos, apaixonou-se por um Jesus adolescente que fôra o mais belo adorno da sua capela e que aguardava a restauração num edículo do transepto. Como ela amava a linda imagem! Adorava-a no seu pedestal materializada num astro. Sentia a volúpia das suas carícias nos perfumes inebriantes das mirras, nas melodias sinuosas dos orgãos, nas vozes angélicas dos meninos de côro. Ah, ser uma eleita de Jesus, como as santas doutrora e receber as complacências do seu amor. E dava-se-lhe toda num arroubamento, punha-lhe a alma no regaço, presa no ímam do seu olhar. Via-se ao lado dêle, pelas amplas avenidas das naves bordadas de odoríferas árvores, errar, divagar numa estrada macia de sonho. Viver ali na sua catedral, cheia dêle, impregnada da sua ternura, não era a felicidade suprema? E como aquêle Jesus que ela amava diferia do Cristo da Igreja, o Cristo crucificado, com o seu terrível ar de agonizante, os olhos cerrados, sem luz, cadavérico e a escorrer sangue, numa nudez que arripiava! E'

certo que Êle passára por transes horríveis, que era crèdor das nossas lágrimas pelos tormentos que sofrera. Mas porque o não ver antes na sua figura de apóstolo, formoso e grácil nos seus trintas anos, afagando as criancinhas, abençoando os campos e as árvores, errante pelas aldeias! Não fôra assim que Êle arrastára as multidões, que convertera incrédulos e operára milagres? Para que evocar então horas sinistras em vez de momentos de amor? Para que pregá-lo num lenho negro quando Êle voava na luz? Para que figurá-lo morto quando Êle estava bem vivo?

Estes raptos místicos retinham-na muito tempo aos pés do formoso Jesus do cruzeiro. Era, na realidade, uma encantadora imagem, quási em tamanho natural, com a sua fina cabeça de sírio, a barba sedosa em ponta, romântico e sonhador, um ar lânguido de lírio na haste, numa expressão espiritual toda moderna, artisticamente modelada em Paris nos *ateliers* de S. Sulpício.

Certo dia que ela orava mais fervorosamente e permanecia enlevada, contemplando Jesus, pareceu-lhe que as pregas do seu manto de púrpura se deslocavam numa vaga ondulação. Maria Helena estremeceu. O olhar dilatou-se-lhe como a palpitação duma luz tocada por sopro invisível. Ilusão dos sentidos. Tudo permanecia imóvel lá em cima. E continuou no seu êxtase. Súbito, — oh milagre! oh prodigio! — a fidalga viu distintamente com os olhos bem abertos, a linda estátua animar-se no edículo doirado, curvar-se para ela docemente e estender-lhe os braços num grande sorriso luminoso. Um grito retiniu nas naves desertas. Quem ela vira sorrir-lhe no alto da túnica de Jesus, emoldurado em longos cabelos loiros, fôra o rosto angélico de Luciano. E a condessinha vergára desmaiada nas alcatifas.

IX

— Ora aqui tem, senhor Luciano, dizia padre Tiago no *Capítulo*, desdobrando diante do arquitecto uma larga folha de papel coberta de garatujas. Aqui tem a minha colheita de «siglas» na parte desobstruída da Sé. Siglas góticas, já se vê. Todas do deambulatório e das capelas.

Curiosos, dois ou três padres chegaram-se e o arquitecto, pondo de parte uns desenhos, debruçou-se ávidamente para os misteriosos sinais que considerou em silêncio alguns momentos.

— E' isto, sim, é isto! Não podia deixar de ser. Cá está a mesma mão em pontos extremos do deambulatório. E' a concepção dum só homem, é o trabalho da mesma *équipe*. Esta figura de chave que um operário gravou na capela da Penha de França, a mesma mão a abriu no extremo oposto, na capela de Santa Cecília. E uma sigla desta capela, espécie de I alado, lá está no envasamento da capela-mór, e vêmo-la até na galeria alta sôbre o deambulatório, na edificação gótica que ruiu no terremoto grande. No eixo da capela-mór, parte escavada, vejo um sinal lapidário reproduzido igualmente na galeria alta e no interior duma torre redonda, construção gótica, por detrás do cruzeiro. São, pois, edificações coevas. Como tudo começa, emfim, a revelar-se!

— Teem importância as siglas? preguntou padre Bruno, o companheiro de padre Anselmo.

— Teem importância, teem, explicou o arquitecto. São índices nos trabalhos de identificação e apreciáveis guias no caos das reconstruções. As siglas já me ajudaram aqui a resolver o debatido problema do piso primitivo do deambulatório. Também deduzi pelos sinais lapidares que o famoso crescente gótico se fez logo em seguida ao cláustro.

— Trasladei também das minhas colecções de decalques estas siglas românicas do revestimento exterior do transepto, disse o beneficiado Tiago desdobrando uma outra folha. São as únicas bem caracterisadas.

— Siglas românicas, é verdade! São bem românicas, são! Grosseiras, enormes comparadas às góticas e quási todas reproduções de letras maiúsculas romanas.

— Mas, afinal, que significam êstes sinais? inquiriu um eclesiástico.

— São símbolos do rito maçónico, pois que havia de ser? — explicou o cónego Rocha saboreando o seu cigarro, repotreado num divan. — Que não dirão estes sinais cabalísticos!

— Não dizem nada.

— Ora essa, senhor arquitecto, não dizem nada! soltou o cónego endireitando-se. Pois então os pedreiros e construtores medievais não se chamavam maçons e não se correspondiam por êstes sinais? Não é êsse um uzo ainda em voga nas negregadas lojas?

— Não, êsses sinais não são simbólicos porque, se o fôssem, há muito que estavam lidos. Mais complicados e muito mais antigos eram os hieroglifos do Egito e da Caldeia, e houve quem os decifrasse. A sua razão de ser é outra.

— Que é que significam então? preguntou o cónego, enxofrado.

— O problema não teve ainda solução satisfatória. Segundo as melhores presunções, as siglas eram marcas pessoais que os operários abriam nas pedras, espécie de sinete individual para se reconhecer o trabalho de cada um quando se procedia à paga. E' certo que nem todas as pedras estão sigladas, mas quem nos diz que aquelas que teem marcas não eram pontos de referência assinalando o início no atelier ou *sur place* duma superficie trabalhada? Quem sabe mesmo se as siglas não designavam um labor especializado ou duma certa categoria de artistas? Quando descascarmos completamente o deambulatório, novas marcas surgirão e, com os elementos que se possuem já, formaremos um plano de conjunto que alguma luz virá trazer. Aí tem um problema que ofereço á sua sagacidada, senhor beneficiado.

Padre Tiago inclinou-se e uma chispa de ironia faiscou, imperceptível, por trás dos vidros das suas lunetas.

— Falou-nos o senhor cónego Rocha nos pedreiros medievais ou maçons. Não há dúvida que as igrejas dessas épocas eram construídas por confrarias dêstes operários, disse padre Anselmo.

— De facto, corroborou o artista, já no século XII os artífices se agregavam por misteres e ofícios, criando as corporações que se regiam por estatutos e regulamentos e gozavam de certas regalias concedidas pelos monarcas. A corporação dos maçons, derivada das antigas confrarias maçónicas e das Fraternidades de construtores, era das mais consideradas e privilegiadas e possuia uma verdadeira hierarquia na escala de promoções, desde o noviciado ou aprendizagem até o grau supremo de mestre. Havia um certo rigor para entrar nas corporações. Na aprendizagem era admitido apenas quem pudesse provar a sua origem honesta e moralidade pessoal e só dez

anos depois é que passava à categoria de companheiro, *cum pane*, «o que partilha do mesmo pão», pois que, em geral, o operário era alojado e alimentado em casa do mestre ou patrão. Só chegava a mestre quem dispunha dum pecúlio para se responsabilizar por construções de certa monta. O régime das corporações era, já se vê, insuficiente porque não libertava o trabalho da jurisdição patronal, mas, por outro lado, a corporação garantia o trabalho do operário e a ela tinha o patrão que recorrer.

— Os mosteiros concorreram muito para a renascença das artes depois das invasões dos bárbaros, disse por sua vez padre Anselmo. Enquanto cá fóra tudo se extinguia e dispersava, nos mosteiros concentravam-se os últimos restos de saber; e o claustro foi o depositário das tradições clássicas, o laço de continuidade entre a civilisação antiga e o mundo novo que ia surgir com a imprensa e as descobertas. Abadias houve que contaram nas suas terras mais de 14.000 colonos exercendo vários ofícios que, doutra forma, se perderiam. E quem é que edificou as igrejas da Idade-média, as famosas catedrais góticas, senão os monges, os ilustres mestres anónimos, cuja obra só iguala a sua modéstia sublime?

— A arquitectura religiosa teve, é certo, o seu máximo esplendor no período medieval. Era das artes com processos técnicos bem definidos e graus de especialização levados a extremos de requinte. Havia uma nomenclatura característica de gradações profissionais. O canteiro própriamente dito era o *lathomus* ou *lapicida*. O operário que aparelhava a pedra chamava-se *apparator*; o servente, *cementarius*. Os mestres tinham tambem designações particulares conforme o ramo profissional que dirigiam. O encarregado do madeiramento chamava-se *magister in arte carpentariae*; o da serralharia, *magister in ar-*

te fabricaturae; o do tecto, *magister corportor;* o dos artistas de pintura, *magister pictor;* o dos vidros ou vidraças, *magister verrarius* ou *vitrarius*, etc. Os mestres de obras traçavam planos, desenhos, escolhiam materiais, mantinham a disciplina nas oficinas e aparelhavam muitas vezes a pedra como simples operários.

— Uf! Mas é que se sufoca aqui dentro! exclamou o cónego Rocha esponjando o suor da fronte e dando um passo para fora da porta.

O calor tinha descido. O sol encobrira-se já por trás da grande mole granítica e da alta parede do transepto baixava uma sombra fresca, penetrante e fina. Aproximava-se a hora de largar. O tic-tic dos canteiros esmorecia, tinha lentidões e largas síncopes exânimes no afrouxamento do trabalho, que começava em toda a Sé. Dois operários que se encostavam ao parapeito do claustro recolheram-se discretamente, notando que os observavam do terraço do *Capítulo*.

O beneficiado Tiago, que reparára no gesto, voltou-se bruscamente para o arquitecto, impulsionado por uma idéa.

— A propósito, já que evocámos o passado falemos um pouco do presente. Que tal se dá com os seus homens? Isto de dirigir operários nos tempos que correm é tarefa muito ingrata!

— Ah, certamente, replicou o arquitecto. E então os que tenho aqui!... São todos sindicalistas!

— Hein? exclamou o cónego num movimento de horror, esbugalhando os olhos. Sindicalistas? Pois é gente dessa que trabalha na Sé?

— Confesso, replicou Luciano sorrindo do espanto cómico do cónego, que foi uma das minhas grandes preocupações esta questão do pessoal. Meter operários de Lisboa numa igreja com o serviço religioso

intensivo da Sé, ombro a ombro com os padres e uma legião de serventuários, era expôr-me a conflitos graves que malograriam a minha empresa. Mas que fazer? Recrutar operários fora daqui? Impossível. Demais são êles já cá. Tomaram os govêrnos desembaraçar-se dos que por aí andam em bandos batendo à porta dos ministérios. Tive, portanto, que resignar-me com o que me mandaram da obra-pública. Mas declaro-lhes que não sofri, até hoje, o menor desacato e, quanto á sua conduta na Sé...

— Lá isso, atalhou padre Anselmo, justo é dizer que não há a menor razão de queixa. São irreverentes e incrédulos e não se portam como cristãos; ninguem o lamenta mais do que eu. Que outra coisa há a esperar de gente desta, educada sem religião na atmosfera ímpia das cidades? Mas, não senhor, não contendem conosco, não perturbam as ceremónias, não se intrometem no culto. Numa palavra, não teem o intolerante facciosismo dos demagogos.

— Mas então que sindicalistas são êsses, ou o que é isso de sindicalismo? exclamou o cónego.

— É doutrina que não conheço e que nem me interessa absolutamente nada, retorquiu o arquitecto: mas, segundo oiço ao João Coutinho, que ás vezes me fala nestas coisas, creio que é uma teoria de renovação social tendo por base as organizações profissionais.

— Uma utopia a acrescentar a tantas outras, notou padre Anselmo.

— Mais um rebento do liberalismo sanguinário, está bem de vêr.... Mas quem diabo é êsse João Coutinho? inquiriu o cónego.

— É um dos principais cabeças dêles, o secretário geral das associações, creio eu, esclareceu Luciano. Hoje deve êle aparecer. Devia mesmo ter já subido. É o meu melhor canteiro. E com aquêle ar de operário

modesto, bem educado e cortez, é capaz de desencadear uma revolução!

— Faço idéa, rosnou o cónego. E vive aqui um demónio dêsses afrontando a divindade! Os crimes que êle não terá premeditado sob êstes muros sagrados! Senhor, Senhor, está o mundo perdido!

— Mas esperem, é êsse canteiro dos capiteis, ao fundo do claustro, exclamou padre Anselmo admirado. Tão boas maneiras, não parece!

— Êsse mesmo, corroborou Luciano. Um artista a valer e esperto como um letrado. Mas não se admirem; nos meios operários de hoje são freqùentes êstes *meneurs*, muito hábeis e instruidos, Lá fora chegam a ser deputados e até ministros. Compreende-se. O operário moderno das cidades, relativamente bem pago, com um horário de trabalho reduzido — a maioria das industrias alcançou já as oito horas — folga-lhe tempo para descansar, e lê, instrue-se, pucha por si; e, se é inteligente, distingue-se, faz figura. Sei um pouco destas coisas porque privo com êles. Esta Construção Civil, que passa por ser, justamente, uma das classes mais subversivas e melhor organisadas, é em toda e parte o pesadêlo dos govêrnos. Cá por mim, é claro, não os receio nem tenho motivos para me indispôr com êles, e ainda bem, porque as suas reclamações não sou eu que lhas resolvo nem tinham que apresentar-mas. O Estado é que é o patrão, pois com o Estado se entendam. Nas greves da classe, que são freqùentes, limito-me a participar oficialmente quando abandonam o trabalho e depois quando o retomam. Nada mais. No primeiro caso dêsses que aqui tive, uma greve de protesto, solidariedade ou não sei quê, recusei-me briosamente, por questão de disciplina, a readmitir o pessoal sem uma ordem superior. Compreendem; isto não me pertencia nem era eu que lhes pagava. Pois não calcu-

Iam a maçada! Nas instâncias superiores ninguêm queria saber do caso. Uns acolhiam-me com evasivas, outros que fizesse o que era costume, e parece-me que todos me acharam tolo. Afinal, faço o que vejo fazer. Fecho as portas quando êles se vão, reabro-lhas quando regressam. Assim não há dissabores e damo-nos todos admiravelmente.

— Aí está o grande mal, berrou o cónego ameaçador, condescender com a desordem, transigir com a anarquia! E não hão de êles impar de orgulho, cada vez mais exigentes, com tais provas de fraqueza! Quem lhes tem mão por êsse andar?

— Mas que queria que eu fizesse? senhor cónego Rocha, preguntou o artista admirado.

— Não, o senhor não é culpado. Fez o que poucos fazem; cumpriu o seu dever, não é a mais obrigado. A culpa toda é do poder, é dos govêrnos que não teem força nem prestígio para manter a disciplina e meter na ordem quem para fóra dala sai. Mas que é que eu digo? Que autoridade pode haver hoje nêstes govêrnos saídos das sedições, que atacam Deus e os seus altares e baralham os quadros sociais? Govêrnos que são solidários com os díscolos e que fazem dêles catapulta para derrubarem realezas e assentarem nos seus destroços a democracia igualitária? A democracia! Só isto, senhores! Há lá maior absurdo que êste nivelamento de valores sociais, que outra coisa não é o conceder os mesmos direitos ao patrão e ao servo, ao sábio e ao ignorante, ao proprietário e ao cavador? A igualdade das classes! Pois não vêem que é lançar uma seara á terra e deixá-la crescer e não a mondar? Se não catam as ervas e não extirpam os escalrachos, se não fazem uma selecção daquilo que é bom do que não presta, a seara morre e não dá nada, o mal não deixa vingar o bem. A sociedade de hoje é uma seara assim. E cada vez

será pior. Se o absurdo da democracia despojou as classes superiores de certos direitos e privilégios, porque não hade àmanhã a anarquia expropriá-la dos seus haveres? E ela virá, oh se hade vir! Não tenham ilusões a êste respeito. A domocracia já cá está e a *outra* já range os dentes preparando o salto na sombra. *Abyssus abyssum invocat*... E será o fim do fim!

— O senhor cónego Rocha está pessimista, disse padre Anselmo muito sério. Eu creio que mais uma vez o cristianismo salvará o mundo. Se é inevitável o socialismo, Nosso Senhor não nos faltará com o seu socorro na hora grave da tormenta, e o que êle quiser é que hade ser.

O cónego Rocha mergulhou o olhar penetrante nas pupilas cândidas do capelão-cantor e viu-lhe espelhado na transparência ingénua o lago tranqùilo da alma que jàmais encrespára o vento áspero da dúvida.

— Pois seja então como Deus quiser, murmurou o cónego num acento cómico de falsa beatitude, que fez sorrir os padres.

— Parece-me que sobe alguêm, notou padre Bruno inclinando-se no parapeito. O beneficiado Tiago debruçou-se tambem com uma certa impaciência.

— Deve ser João Coutinho, disse o arquitecto.

Dali a pouco, um vulto assomava no alto da eecada e saltava ligeiramente no terraço.

Era, de facto, o canteiro.

Padre Tiago devorava-o com o olhar.

O operário ficou um momento indeciso notando fixada nêle a curiosidade insistente dos eclesiásticos e, crendo-se indiscreto, ia voltar se e descer quando o artista lhe bradou:

— Anda cá, João Coutinho, anda cá, não te vás embora!

O canteiro dirigiu-se para o grupo.

— Vens em boa ocasião. Discutiamos a tua política, a política da classe operária.

O artista sorriu.

— Política, política... não me sôa lá bem a palavra.

— Política social, bem entendido, ou se te agrada mais, a questão social. Dizia aqui o senhor cónego Rocha que se um dia vocês, operários, fizessem vingar as suas doutrinas, era a dispersão das sociedades, o fim do mundo.

— Do mundo burguês tambêm concordo. E está talvez mais perto do que imagina.

— Ora diga-me com franqueza, interveiu cónego Rocha com um ar provocador, crê o senhor deveras no que diz ou não nos está mistificando? Supõe acaso que governar um país é dirigir uma associação? Faz porventura idéa desta coisa complexa que é — um Estado?

— Ignorá-lo é ainda a melhor garantia de que nada dêle ficará de pé, respondeu o operário muito calmo.

Cónego Rocha perdeu a cabeça e tornou-se livido de cólera.

— Ora deixe-se de histórias. O que você não tem é os miolos no seu lugar. Pois entra lá na cabeça sã de alguêm que é possível um estado social sem ordem, sem autoridade, sem um régime coercitivo de leis severas e inflexíveis para o meter a você na ordem e aos doidos como você? E sem tais meios de defeza quem é que podia viver?

João Coutinho ficára indiferente ás grosserias do padre e tolerante, sem perder a serenidade, replicou:

— As famosas leis da repressão! O que vale é que a vida tem mais força e o régime de compressão vê-se forçado a ceder e a alargar, como uma espécie de

cinto elástico, á medida que os povos crescem. A marcha das sociedades, senhor cónego Rocha, para quem saiba ver as coisas, é um incessante recuo dêsse aparêlho coercitivo, uma contínua transigência com o espírito revolucionário de renovação e de progresso. Ora o cinto tanto alarga, tanto estica, que um dia estala.

— Mas é o instinto rebelde, a ferocidade nativa que as leis subjugam nos povos! Sem esta subordinação às leis como é que havia sociedade?

— Creio que se engana, senhor cónego Rocha. Não são os povos que se adaptam às leis, mas as leis que se amoldam aos povos.

Houve um silêncio. Mais calmo, noutro tom, cónego Rocha prosseguiu:

— Não sei, não compreendo êste horror à sociedade que tão solícita se mostra, afinal, para os deserdados e desvalidos. O que não se tem feito em matéria de previdência social! Se há quem não tenha razão de queixa é, precisamente, o operariado. Que as outras classes o digam. Que o diga o clero, expoliado, perseguido!

— Os benefícios que disfrutamos são, em geral, conquistas nossas.

— Mas aos govêrnos os devem, aos parlamentos que lhos votam! Negam isto?

— Desengane-se, senhor cónego Rocha, nenhum govêrno cede espontaneamente. As medidas legislativas que nos oferecem como brinde não são mais que a sanção jurídica de factos, cujas manifestações não podem já evitar-se. Quere dizer, o direito da gréve, o direito de reùnião e de associação, as oito horas, etc., não são dádivas de mão beijada nem de resto, os trabalhadores esperaram que fôssem leis para usarem de tais direitos. Muito antes que se legislasse sobre gréves e associações, já os artífices se concer-

tavam para abandonar o trabalho, já êles se reùniam para tratar dos seus interêsses. E tão naturais são êstes factos que os govêrnos, não os podendo já contrariar, fôram obrigados a sancioná-los, reconhecendo-os, legalizando-os.

Cónego Rocha estava confuso. Êle esperava os impropérios banais, as apóstrofes declamatórias e deparava-se-lhe, com grande espanto, uma hermenêutica subtil que lhe corroía a argumentação como um ácido correndo numa placa de metal. E, condescendente, insinuou:

— Admitamos então que era possível conciliar os interêsses contraditórios sem a intervenção jurídica, por mútuo acôrdo, por uma *entente*. Sempre era preciso um orientador, um guia, um govêrno. Um povo não pode prescindir de govêrno para se amparar e dirigir. Um povo que não tem govêrno é um rebanho sem pastor.

A frase caíu bem. Um murmúrio de aprovação percorreu a assistência. João Coutinho não se desconcertou.

— A comparação é velha e já não serve porque a noção do povo é outra. Dantes sim. Dantes o povo era uma espécie de ser unitário, decalcado no tipo humano, uma síntese de unidades sociais simplificadas, mais estreitamente subordinadas a um chefe do que solidárias entre si. A projecção dum tal sistema dava um homem, necessariamente. Compreende-se, pois, que um chefe, um rei, por uma amplificação possível, representasse virtualmente uma nação inteira e que o povo coubesse todo no expoente duma corôa. Desde, porêm, que as classes se diferenciaram, o estado social transforma-se, a função do chefe extingue-se e, embora persista na ficção constitucional da monarquia ou da rèpública, quem dirige é o parlamento, projecção de unidades sociais já mais complexas.

E os padres olhavam, embasbacados, esta criatura no ínfimo da escala social, discutindo idéas e sistemas com o entono dum sociólogo.

— Compreendo onde te leva o raciocínio, disse Luciano sorrindo.

— Ora as classes sociais, continuou o operário, — cuja coesão é conseqùência dum equilíbrio momentâneo, vão perdendo a consistência; desagregam-se, dissociam-se pela acção doutras forças em outras formas de equilíbrio, e novos núcleos, regidos por outras afinidades, revolucionam os quadros do existente e preparam a estrutura duma nova ordem social.

— E êsses núcleos existem já? preguntou padre Bruno.

— Existem, sim senhor; são os nossos sindicatos, as associações profissionais, germens da sociedade futura.

— Êle aí está o famoso sindicalismo, exclamou Luciano.

— Supunha eu que uma associação de classe tinha unicamente por fim zelar os interêsses económicos, observou o cónego Rocha.

— Sem dúvida, a função sindical é, concretamente, a defeza dos interêsses da classe operária, a conquista do seu maior bem-estar. Mas, por detrás dêste objetivo, que é uma simples reivindicação de detalhe, a generalização decorrente da prática decalca o plano da finalidade ideal — que é a emancipação económica dos trabalhadores pela apropriação em cumum dos meios de produção.

— Não vejo bem isso, atalhou o cónego, agora com certa curiosidade.

— O sindicalismo prevê a sociedade como um agregado de grupos corporativos ou associações profissionais elaborando e dirigindo a produção — o fenó-

meno económico por excelência. Não é, todavia, um movimento exclusivamente corporativo; é, antes, um completo sistema de transformação social. Há um pensamento sindicalista como há uma acção sindicalista. E' uma filosofia nova do trabalho, da produção e da técnica que vem alicerçar em sólidas bases especulativas as velhas teorias inconsistentes. E' um novo arranjo social, uma nova sinergia sob a forma dum federalismo económico substituindo o odioso regime capitalista baseado na ignomínia do salário, na exploração imoral do homem pelo homem. Podem crê-lo, a organização sindical vem acabar com o anormal régime de amorfia e de heterogeneidade de classes que hoje impera e que se mantêm apenas pela força coercitiva do Estado.

— Vejo em tudo isso um tão estreito egoismo de corporação... observou padre Anselmo.

— Um novo reino de Cabet, ironizou o cónego.

— Não, não é uma nova Icária, uma utopia de gabinete, porque as linhas desta organização vêmo-las já esboçadas no actual régime económico. E' a rêde das associações, dos sindicatos, dos núcleos corporativos, os mil afluentes das espécies profissionais, cujos encadeamentos geram essas grandes artérias da produção moderna chamadas federações de indústria. E' a *Construção civil* e a *Metalurgia* que erguem as cidades, os palácios os monumentos; rasgam as estradas, os canais e as vias ferreas e nos dão toda a maquinaria fabril; é a *Federação dos transportes* que movimenta os trâmueis, os expressos, os transatlânticos; a *Federação do livro* que apreende e fixa o labor intelectual e reflecte os mil cambiantes do pensamento; a *Federação da alimentação*, o *Textil*...

— Compreendo, exclamou o cónego. A sociedade uma vasta oficina! Tudo operário! Tudo manual! E

crê o senhor que a mentalidade se eleva assim? O seu sindicalismo é, pelo contrário, regressivo. O labor material, pintem-no lá como quizerem, ha-de ser sempre uma característica plebeia envilecendo a criatura.

— Protesto, meu caro senhor, protesto! O trabalho não degrada, dignifica. Que o trabalho deixe de ser uma tara social, o stigma duma classe bestealizada pela miséria, por séculos de servidão, e nós veremos como êle é amado e é melhor e mais belo. Por esta dignificação do labor, de mister servil tornado função nobilitante, o sindicalismo é um movimento de renascença moral. Por outro lado, construindo, edificando, manufacturando, o gesto dos artífices, cada vez mais inteligenciado, é uma conquista que, transmigrando na raça, se transforma lentamente na disciplinada aptidão técnica que afeiçôa maravilhas na matéria. O sindicalismo é ainda um movimento de renascença profissional.

— Tudo isso será muito bonito. Mas daí à realidade!... E como contam vocês vencer? Sim, porque os govêrnos com seus exércitos não se deixam levar por trêtas.

— Mas há o recurso da revolta, o apêlo à revolução, a gréve geral!

— Uma revolta contra o Estado não è uma gréve contra o patrão.

— A gréve vulgar contra a exploração patronal não é senão um ensaio, uma simples demonstração do grande alcance dessa força. Ela é uma miniatura da gréve geral expropriadora, o grande abalo revolucionário duma extensão mundial que liquidará a burguesia. O mesmo sentimento que hoje mobiliza uma greve, amplificado, dará àmanhã a revolução social. A greve corporativa é, assim, o embrião da greve geral revolucionária. A noção da greve geral é

a força motriz das reivindicações sociais, é o ideal que arrasta e empolga os militantes e dá ao operariado a consciência do seu poder. Será um mito para a razão? Que importa, se é uma esperança nos corações? Não é o ideal o móbil de todas as revoltas? Não é a visão dum mundo novo quimericamente sonhado que atrai as vagas das multidões nos seus assaltos subversivos? Imaginem então os trabalhadores de todo o mundo organizados em sindicatos e impulsionados tácitamente por êste ideal, bem forte, bem profundo e consciênte, da greve geral expropriadora e é a queda irremediável, é a derrocada infalível do velho mundo burguês.

E havia nestas palavras um tal ardor persuasivo que o auditório, abalado, rendia-se, à evidência.

— Nada vos deram, então, já tantas revoluções, pronunciou com amargura padre Anselmo. Não cavaram elas sulcos bastante profundos para os vossos ideais enraìzarem, nem derramaram o sangue preciso para as raízes dêle beberem! Sangue, mais sangue, sempre sangue!

— Alguma coisa nos deram, não o negamos. As diferenciações sociais, baseadas outrora nos privilégios, nos preconceitos de raça, de casta e de religião, essas como que rugas do corpo social, a pouco e pouco as tem apagado o nivelamento igualitário dos séculos, a onda aluvial das revoluções. Mas uma linha divisória — que é um abismo — perdura e mantêm-se separando os homens implacavelmente. Êsse abismo é a propriedade privada, o mais forte esteio do poder e da autoridade, e é ela que origina a exploração do homem pelo homem e permite, no século da liberdade de consciência, o privilégio iníquo do capitalismo. Não é por meios legais mas pela organização revolucionária do trabalho — por todo o povo em armas — que poderemos extirpar o grande

mal, a funesta sobrevivência, fonte de todos os males. Desenganemo-nos. Só pela Revolução o grande crime cessará. E' utopia supor que resgatamos por meio de leis os nossos braços confiscados e as riquezas que êles criam. Pretender isso das classes dominantes seria o mesmo que declamarmos a uma montanha que se abaixasse para nos deixar passar. O engenheiro, quando traz o caminho de ferro ao pé dum monte, dilacera-o a ferro e a fogo para poder passar. Os cêrros são de natureza escalvados, onde a semente não germina. E' na planície — na igualdade económica — que as fecundas sementeiras se desenvolvem, que as doiradas searas frutificam. E só com o bem-estar comum, só com a participação de todos nos gozos que a vida e o trabalho oferecem é que será possível manter, tornar fixa e perdurável essa sonhada e idealizada paz estável à qual, por condição humana, — convençam-se disto todos! — só pela violência, só pela guerra em toda a sua desoladora expressão, será possivel chegar-se um dia.

Cónego Rocha, estupefacto, levára as mãos à cabeça.

— Mas onde aprendem êles isto, senhores?! Quem lhes ensina estas coisas? Quem lhes prega tais doutrinas? Será tambem a reacção? Será a herança fradesca? A obra dos jesuitas? Como a Igreja está bem vingada! O liberalismo deu cabo dela, mas não invejo a sorte dêle. O pior é que a tormenta apanha todos. E que tormenta, que catástrofe! Com tal espírito de rebeldia em milhões e milhões de almas, que não vae ser da sociedade, que não será o dia de àmanhã! Aí está! aí está no que veio a dar a guerra à religião. Quebraram o único freio capaz de conter os instintos rebeldes; agora agùentem-se e aturem a besta desencabrestada. Que falta de previsão nos tais políticos do liberalismo, que demência, que

cegueira! E como esqueceram depressa a história! Na febre de terem tudo, de serem só êles os senhores, ansiando o domínio absoluto, o poder ilimitado — que outra coisa não queriam êles — lá porque a Igreja tambem mandava e tinha força e era rica, matam a força da Igreja, o mais forte sustentáculo da ordem social, o mais fiel aliado dos Estados, sem se lembrarem, os dementes, que foi a Igreja que venceu os Bárbaros e salvou a civilização, metendo na ordem e disciplinando as temíveis hordas insociáveis. Pois o perigo que ameaça as sociedades não é menor agora, não! E o que é que teem para lhe opor? Que disciplina que vergue a fúria dos novos Átilas vermelhos? Que doutrina como a de Cristo que toque as almas dos novos vândalos? Onde há uma santa Genoveva que salve outra vez Paris? Se esta gente tivesse crenças, era humilde, resignada, respeitadora da ordem. Mas que há a esperar de multidões para quem já nada tem prestígio, que não guardam temor a Deus, que não acatam os govêrnos, que não reconhecem a autoridade, que voltam as costas à lei e amesquinham o poder? Vejam lá se os bons cristãos cometem tais desacatos, se negam Deus e a pátria, se prégam a anarquia social, se fazem gréves e motins? A gréve, santo Deus! Isto diz tudo. Um régime que assim transige com a desordem é um régime sem prestígio, que hade morrer nas garras dela. Há lá sintoma mais grave de impotência e cobardia que a violência legalizada? Eu que pago com o meu dinheiro, que sou senhor daquilo que é meu, que tenho direitos reconhecidos sôbre bens que me pertencem, mando menos que os meus criados, estou sujeito aos meus operários, aos meus rendeiros e feitores. Um dia coligam-se todos ao abrigo das pseudo-leis, e deixam-me a terra por lavrar, a seara por levantar, a fábrica por laborar, e dizem-me: — «E' p'r'àqui

tanto!» — E há que anuir ao que êles quizerem ou perde-se tudo e é a ruína, porque ninguêm nos indemniza. E' o caos em perspectiva! A derrocada no horizonte! Aí teem, senhores liberais e democratas, o resultado da sua política, revejam-se na sua obra. E agora venham dizer que são manejos dos jesuitas, que é a reacção clerical!

Cónego Rocha calára-se ofegante. Na sua face macilenta assomára um pouco de rubor e os olhos faiscavam concentradas indignações. De repente, no silêncio que se seguira, padre Tiago pronunciou numa voz clara, dominante:

— A Igreja perfilha em absoluto as suas doutrinas, senhor João Coutinho.

Os padres recuaram horrorisados, como se surgisse diante dêles Satanaz em pessôa. Cónego Rocha, de salto, quiz falar, mas a comoção reteve-lhe a voz. E, num mixto de respeito e de terror, encararam todos o beneficiado muito temido na Sé por seu convívio com altas personalidades e misteriosas relações no Patriarcado, onde se lhe abriam todas as portas...

— A Igreja não é, como se diz e como se crê, incompatível com o socialismo, começou, imperturbável, padre Tiago. E' uma falsa insinuação explorada com fins políticos afirmar-se que a Igreja é, em princípio, contra as classes trabalhadoras e está ao lado dos poderosos para oprimir os humildes. Se há quem tenha o direito de reivindicar o título de defensor dos pobres e deserdados é precisamente a Igreja. A caridade, o altruismo, a abnegação e o desinterêsse, todas as sagradas fontes do bem, se não fôram virtudes que a Igreja inventasse, nem disso queres privilégio, foi contudo a Igreja que as sociabilizou e as inscreveu, filtradas e clarificadas das impurezas do paganismo, nos códigos de oiro da moral moderna. Pode negar-se de boa fé que a abolição da escrava-

tura não foi uma obra cristã e que os missionários da Igreja não civilizaram meio mundo? A região onde o cristianismo se propagou e desenvolveu não foi a que adquiriu a hegemonia política? A Europa seria o que é hoje se não tivesse sido cristã? Quem pode, pois, afirmar que a Igreja é contra a civilização e inimiga do progresso? E os operários e trabalhadores muito menos que ninguêm! A sociologia emancipadora que os senhores apregôam e crêem ter inventado, creámo-la nós inteiramente, é um produto do cristianismo. Pois onde foram buscar, senão ao Evangelho, essa Igualdade e Fraternidade que inscrevem como lema no seu pendão de guerra e que são o desabrochar do princípio cristão: «Amar o próximo como a nós mesmos» germinando na terra fecunda das novas idealizações? Não, nada se encontra na ideologia revolucionária que não se contenha no Evangelho. A socialização das riquezas, que é a razão do seu sistema, não a ensaiaram já as primitivas comunidades cristãs? E não foi da Igreja que primeiro partiu a idéa do Estado universal, da unificação de todos os povos, da confederação das nações? O catolicismo romano, agremiando os crentes por cima das fronteiras, tem a prioridade no federalismo unitário que forma o eixo das suas doutrinas. E êsse socialismo, que tanto o enche de orgulho, não existiria talvez ainda se há vinte séculos não tivesse nascido um homem que se chamou Jesus-Cristo e que disse melhor em algumas parábolas o que Karl Marx definiu mal em indigestos tratados.

Padre Tiago calára-se e um silêncio caiu pesadamente no terraço. Começava a anoitecer. Sôbre os telhados fronteiros fosforejavam vagamente as primeiras estrêlas das guardas do Pégaso, mas ninguêm reparava, ninguêm se mexia, empolgados todos pela dominadora atitude do beneficiado.

— Combate-se muito a Igreja por imiscuir-se em política, continuou imperturbável. Infelizmente assim foi em parte. As contingências do meio social é que a levaram a isso. A política é, sem dúvida, um mal; mas se era a política que detinha o poder, que remédio senão ser-se transitoriamente político por simples instinto de defeza? Hoje as coisas mudaram. A Igreja não quere já nada da política, dos partidos, nem faz mesmo questão de régime, como mostrou Leão XIII ao reconhecer oficialmente a rèpúbiica em França. Não, afirmou audaciosamente padre Tiago, a Igreja, que já não faz questão de régimes, não fará àmanhã questão da propriedade numa organização social nova. É entende-se. Se o instrumento da Igreja é de natureza espiritual, se ela intervêm unicamente na disciplina das almas, a forma política das sociedades, o sistema de administrar as coisas deve ser-lhe indiferente.

Nova pausa cortou a fala do beneficiado, que prescrutou o efeito das suas palavras no rosto impassível do revolucionário. E no silêncio que persistia obstinado, como se à logica de padre Tiago nada pudesse contrapôr-se, o beneficiado continuou:

— Afinal, senhor João Coutinho, há menos distância entre nós do que realmente parece. Os nossos ideais ajustam-se, os nossos objectivos conjugam-se no longo percurso através da humanidade e é só ao saír dela, é no extremo da nossa jornada, onde a trajectória material acaba e se abre a grande clareira do infinito, que o senhor pára e se detem porque lhe falta a fé, porque lhe falta a envergadura para ensaiar um vôo mais alto. Hade convir, meu caro amigo, que, por muito generosa e altruista que a sua doutrina seja, ela não pode satisfazer a aspiração insaciável duma alma bem conformada. Analisado imparcialmente, o seu sistema fica ilógico, incompleto, no corte brusco

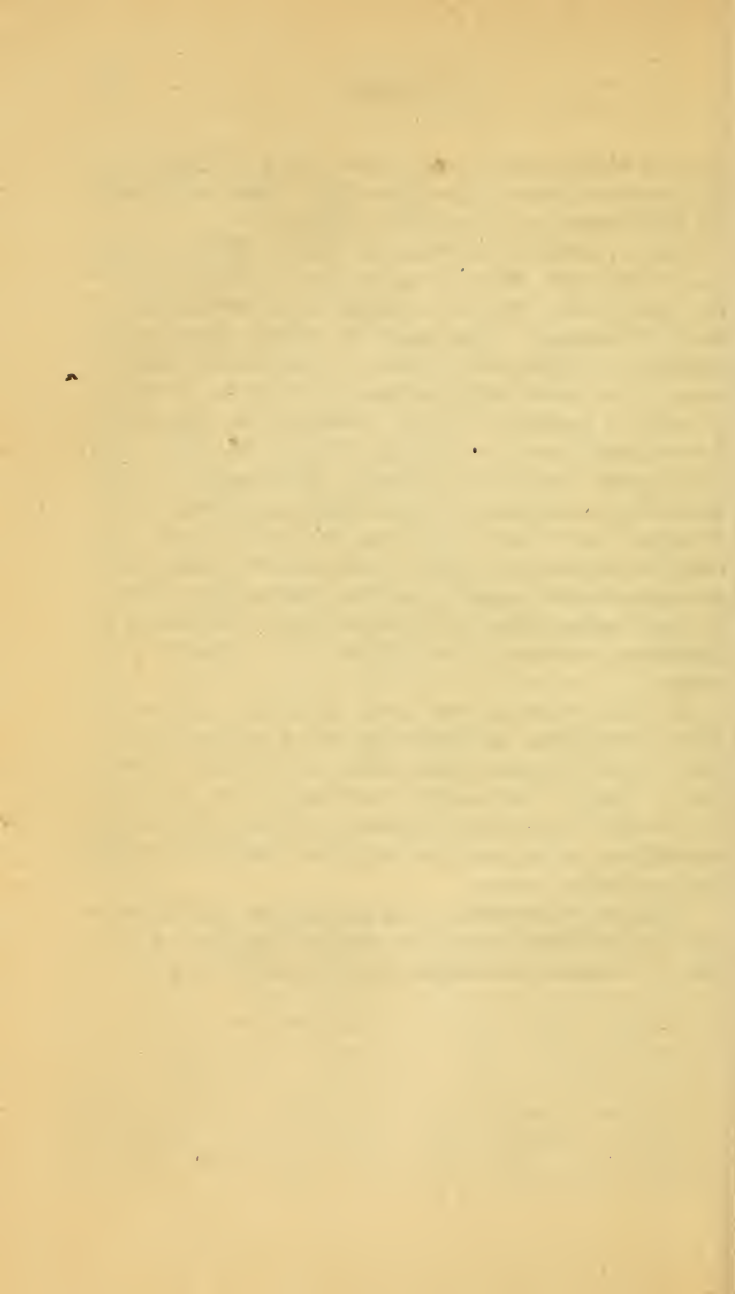
de idealidade que o decepa em certa altura. E não falou desacertado quem quer que foi que chamou já ao socialismo um ideal de «ventre». Em verdade, o que pretendem os senhores? A comunidade dos bens? E depois? Sim, e depois? O que é que encontram no têrmo da sua jornada? O estéril negativismo, a monotonia do nada, a tristeza do fim. E' inegável que os senhores planam acima do terra-a-terra vulgar, superiores aos outros homens que refocilam como vermes nos mais abjectos egoismos; mas isso é nada, isso é ainda rastejar, comparado a êsse frémito duma alma crente batendo as asas para Deus. Deus, fixe-o bem, é o ponto de referência de toda a marcha. Ir do rei ao povo, ir do palácio à choupana, é seguir sempre pela mesma errada via. O que espera o bem do povo das virtudes dum eleito e o que o espera das virtudes do próprio povo, não mergulham talvez a vista a uma distância igual, um avançando mais do que o outro; mais o raio visual que emana d'ambos forma com a realidade chã um ângulo do mesmo valor.. Ora, o que importa no olhar não é o campo que êle alcança, é a elevação de que é capaz... Porque não tenta pois o grande vôo? Teme a vertigem? Ofereço-lhe o meu braço, o braço forte da Igreja que não se recusa nem se recusou a ninguêm jámais!

O beneficiado afastou-se e os outros padres seguiram-no. O operário ficou só, encostado à balaustrada. João Coutinho, logo ás primeiras palavras de padre Tiago, compreendeu tudo num relance. Quem êle tinha na sua presença, incarnado nêsse padre que não hesitava chancelar com os sêlos da ortodoxia a mais condenável e subversiva das doutrinas, era o espírito vivaz e móbil da Igreja numa das suas metamorfoses. João Coutinho, num momento, percebera tudo. Não, padre Tiago não emitia uma opinião

pessoal nem procedia espontaneamente. O beneficiado era o executor automático dum plano e transmitia docilmente uma impulsão longínqua.

Ah, a vitalidade pasmosa de Roma! Tudo se rendia, mais cedo ou mais tarde. Tudo acabava por ficar para trás. Tudo se esmigalhava e esfarelava no surdo rolamento implacável do tempo. Só a Igreja escapava à falência das idéas e à derrocada dos sistemas, com a sua política sinuosa do «tudo na forma e nada na essência» e essa transigência elástica de invertebrado que a moldava a todos os régimes como um líquido no seu recipiente. Era bem o terrível émulo dos reformadores, esse espírito católico de dominação, que João Coutinho tinha na frente, não mais intolerante, dogmático e sobranceiro, como quando dispunha do poder coercitivo, mas esgrimindo hoje com outras armas não menos fortes e decisivas as poderosas virtudes da inteligência, da reflexão e do saber.

E, pela primeira vez, João Coutinho, apreensivo, talvez influência da sombra da noite, sentiu regelar-lhe a alma a ameaça dum poder rival nessa criatura calma, lúcida, insinuante, solidamente arcaboiçada, sem violências nem sectarismos, que lançava audaciosamente as raízes das suas ambições até os sub-solos das estruturas novas.

A Igreja, que escapára ao liberalismo, que sobrevia ás rèpúblicas, ia ainda surgir, como um escalracho, nas searas vermelhas da sociedade futura?

X

Naquela manhã Luciano fizera subir a condessinha e os seus amigos à galeria do trifório, onde demolições recentes tinham posto a descoberto, sôbre a capela Joanes, a galeria românica primitiva. Fôra um dos momentos mais felizes do arquitecto a revelação palpitante, depois de insistentes pesquisas, da interessante relíquia arqueológica, viva e felizmente intacta, depois de séculos de emparedamento no coração dos velhos muros. Por detrás da arcatura em estilo clássico, talvez do tempo de D. Pedro II, o arquitecto mostrava comovido o venerável trifório do século XII, já desobstruído em parte, uma série de janelas geminadas de arcos de volta inteira assentes em possantes colunelos duplos, rugosos, côr de fuligem, como velho troncos ressequidos.

— Oh, êste românico, exclamava comovido padre Anselmo, como êle exprime bem a solidez maciça da Igreja. Não é esta arquitectura, com efeito, que melhor nos fala do poder católico? Não é o templo românico a cidadela condigna da maior força social da terra? Depois, o românico é forte, robusto e duma severidade austera que inspira confiança, ao passo que o gótico com o seu quê de volubilidade feminina, todo nervos e caprichos, aguentando-se por milagres d'equilíbrio, inquieta pela sua fragilidade. O gótico é

como a *parure* elegante que realça artificiosamente a elegância do corpo, enquanto que o românico é a beleza natural transpirando das formas sãs e vigorosas. Decididamente o românico, irmão gémeo da liturgia e do cantochão, é a arquitectura que mais convêm à Igreja. Êle é...

— Perdão, exclamou jovialmente Maria Helena, atalhando o fluxo verboso do capelão-cantor, mas quem nos vae falar do românico é aqui o nosso artista.

— Pois tem a palavra Luciano, aquiesceu o presbítero.

— Apoiado, condessinha, e voto por uma prelecção d'arte, interveiu padre Fernando por sua vez.

— Mas é uma cilada objectou o arquitecto. — Hão-de convir...

E ante a insistência dos seus amigos que reclamavam românico, Luciano teve que ceder e falar do românico.

Fôra na Síria, começára o artista; fôra na Síria, fecundo laboratório de religiões, que o espírito renovador iniciára os seus ataques ás formas clássicas da arte e lançára as bases duma nova escola de construir. As ruinas de Palmira e de Balbek ofereciam vestígios duma transição gradual do sistema estático em platibanda para a função activa da arcada.

Uma das grandes inovações da arquitectura cristã que levára às últimas conseqüências a revolução esboçada na época das basílicas era a evidência que tomára o arco, e êsse carácter dinâmico da coluna, cuja função construtiva se perdera quási na arquitectura oficial do Império. Os romanos tinham recebido da Grécia o princípio da estabilidade inerte sob a fórmula da platibanda arquitravada. O seu engenho de constructores práticos, por um lado, a economia e a escassez de materiais, por outro, provocam a introdu-

ção de novos meios mecânicos de resistência e assim se generaliza o emprêgo do arco aduelado que é na essência a reabilitação técnica do inestético fraccionamento forçado da coluna grega. Esta função dinâmica dado ao arco relegára para um plano secundário a ordem em platibanda, cujo arranjo e disposição tradicionais se mantêem, é certo, dentro da nova mecânica construtiva, mas a título puramente decorativo. O pilar substitue funcionalmente a coluna, como a arcada cede a vez à arquitrave. Mas êsse conjunto e esta nova disposição desagradam. Há evidentemente superfluidade. A simplificação impõe-se. Um arquitecto atrevido rompe então a arquitrave, investe contra o friso, eleva o arco à cornija, solta-o das impostas inúteis e cavalga-o nas próprias colunas. E toda esta monumental composição do entablamento, orgulho da idade antiga, recebe o golpe de misericórdia.

Tais eram os inícios orgânicos da construção românica cristã.

E circunvagando a vista pela igreja, e abrangendo-a toda num amplexo ardente, era Luciano que se exaltava agora na evocação daquela arte que o tinha apaixonado e a quem êle se entregára como a uma mulher adorada.

— O românico, continuára o artista, é sólido maciço, atarracado, denunciando a arte romana onde êle entronca a sua origem. E' a abóbada, forma de revestimento que nesta arquitectura começa a ser adoptada sistematicamente, que lhe imprime êsse ar de força e magnitude e faz das igrejas medievais um todo orgânico e homogéneo.

«O românico, com os seus muros terrosos, as suas naves de penumbra e o negrume opaco das abóbadas, sugere as catacumbas do sub-solo de Roma, onde os primeiros cristãos celebravam os mistérios da religião nova. E por uma espécie de atavismo, o novo

sistema arquitectónico, que exprime e incarna a Igreja triunfante, vem sempre acompanhado da cripta ou capela subterrânea que é muitas vezes uma segunda igreja nas substruções da igreja alta. Tudo nêste estilo se subordina às condições de estabilidade. Tudo nesta arquitectura tem função utilitária. Tudo é esteio, apoio, reforço. O trifório é, nem mais nem menos, do que a galeria alta abobadada para contrabutar o pêso do berço. O elegante pleno cintro caracteristico do românico, é muitas vezes um arco de descarga salvaguardando ciosamente as acanhadas aberturas ou alijando para os maciços o pêso das partes altas. O afunilamento do portal é um engenhoso e artístico expediente para evitar a pressão da arcada contínua, instalando em cada ressalto uma arquivolta d'apoio. Os meneis e pinásios, as janelas geminadas, dum tão surpreendente efeito mais tarde no gótico, procedem do mesmo princípio de segurança e precaução. O contraforte, que era empregado pelos romanos a simular pilastras, é um membro indispensável da nova arquitectura. Nos pilares, cujo plano se torna cruciforme pela adjunção dos arcos-mestres das naves e das arcadas, o arquitecto lança mão dêstes vasios angulares nos quatro cantões da cruz e preenche-os com cinco e seis arestas salientes a que vão corresponder na arcada outros tantos arcos concêntricos. Esta disposição feliz, que parece desempenhar uma simples função decorativa, é exigida pela espessura dos muros resultante do pêso enorme da cobertura.

«E', pois, a abóbada que define e carateriza o sistema, porque é ela a coluna vertebral da construção. A ela se subordinam numa dependência visceral a densidade dos muros e contrafortes, a estrutura dos pilares e arquivoltas, a conformação das portas e janelas. Eram as primeiras igrejas, d'origem basilical, cobertas de vigamento de madeira assentando dire-

ctamente no paralelogramo mural da nave. Os romanos não tinham ousado ampliar e desenvolver esta prática da abóbada, de execução difícil e arriscada, só a empregando em casos raros. Os arquitectos do século X, por diversas causas e entre elas principalmente a de poupar os templos aos incêndios tão terríveis e freqùentes na idade-média, resolveram satisfatoriamente o problema da abóbada e vulgarizaram o seu emprêgo na cobertura dos grandes espaços. E' certo que, para evitar os incêndios, já nas primitivas basílicas se adoptava o artifício do fraccionamento do tecto por meio de diafragmas ou empenas de alvenaria. Mas os românicos vão mais longe. São êles que sistematizam o emprêgo da abóbada de pleno cintro ou de volta inteira, audaciosamente lançada como um arco indefinido, em toda a dimensão longitudinal da nave. As primeiras tentativas fracassam. Quantas abóbada em terra, mal acabada a descintragem! Mas os ensaios repetem-se. Os arquitectos encarniçam-se e o sistema acaba por triunfar, operando, porêm, na estrutura do edifício uma modificação radical.

«A abóbada de berço é uma formidável massa homogénea cujas impulsões se descarregam lateralmente sôbre as arcadas da nave, como enormes volutas líquidas nas duas vertentes d'um monte. O sistema exigia, portanto, maciços sólidos, nucleos poderosos, aplicadas aos pés direitos para evitar o seu desvio angular e o consequente deslocamento das abóbadas. Nas grandes edificações os contrafortes não bastam. Há que recorrer a outro estratagema. E' então que certas escolas adoptam o expediente de elevar as arcadas mestras das naves, por meio de colunas cilíndricas, até à nascença do berço longitudinal, de modo que as abóbadas d'aresta das colaterais agindo como contraforte, é que recebem as impulsões nos flancos. Noutras partes, as galerias das colaterais são cober-

tas d'abóbadas d'aresta ou de simples meios berços, espécie d'arcobotante continuo fincado nos rins do cintro. Estas galerias da nave, que eram na basílica cristã acessórios decorativos, ou quando muito obedeciam ao preceito litúrgico da separação de sexos — as tribunas e o trifórium, desempenham na economia românica uma função essencial de resistência, concorrendo eficazmente para a estabilidade do edifício.

«Mas se a abóbada era uma aplicação engenhosa não rendia contudo o máximo d'utilidade. Um pesadêlo em todo o sentido. Pesadêlo do edificio que cobria. Pesadêlo do construtor que a elevava. Não só esmaga e asfixia; corre o risco d'abater. Compreende-se dêste modo a preocupação do arquitecto em libertar, tanto quanto possível, o edifício da abóbada sem comprometer-lhe a estabilidade. Tudo está em achar uma relação d'equilíbrio que torne os membros do edifício solidários e interdependentes. Os pilares enormes e multiplicados, as aberturas estreitas e parcimoniosas diminuiam o espaço interior e prejudicavam a claridade do templo. Aligeirar as abóbadas eis o problema a resolver. Como? Numas partes ensaia-se, sem sucesso, o velho sistema dos berços transversais, seqüência de cintros perpendiculares ao eixo maior da igreja, que se apoiam mutuamente. Noutras partes adopta-se com freqüência o método oriental da cúpula sôbre pendentes. Mas, o fio da descoberta outros arquitectos o encontraram, persistindo no processo já conhecido de quebrar a continuidade da abóbada, creando sectores independentes. Assim, começa-se por erguer interiormente grandes arcos concêntricos com a abóbada, espécie de nervos salientes, denominados arcos-mestres ou arcos de reforço, que seccionam de longe em longe o berço e o quebram em tramos ou compartimentos. Outros arquitectos dividem

ainda o berço no sentido do eixo, convertendo a sua forma cilíndrica em duas vertentes curvas, dando-lhe o aspecto dum arco quebrado. Mas a intervenção do arco-mestre, com tão bom êxito no berço, inspirou aos arquitectos a idéa de aplicá-lo à abóbada d'arestas que é gerada por dois berços que se cruzam, e cujas linhas d'intersecção formando arestas salientes dividem a superfície da cobertura em quatro triângulos ou abobadins. Já a abóbada d'aresta é um progresso sôbre o pleno cintro. Enquanto que êste exige nos seus pés direitos uma superfície contínua e só pode estribar-se em muros reforçados, a abóbada romana localiza nos quatro ângulos das nascenças das arestas as suas impulsões, que outros tantos pilares ali aplicados recebem e escôam no solo. Não mais superfícies contínuas! Não mais suportes murais! A dificuldade, porêm, d'executar estas abóbadas limitava o seu emprêgo, servindo especialmente na cobertura das segundas naves. A abóbada romana d'arestas, pela sua natural segmentação, prestava-se admiravelmente a campo d'ensaio do arquitecto no aperfeiçoamento da abóbada, iniciado no princípio do quebramento da superfície cintrada. Rota a continuidade do compartimento restava atacar êste na sua estrutura interna e dar ás suas peças componentes a autonomia que êle já tinha. Bastava para isso romper a solidariedade dos triângulos da abóbada romana utilisando as linhas d'intersecção ou arestas dos abobadins. Dois arcos-mestres lançados diagonalmente ao longo das arestas como o tinham já sido transversalmente no berço, eis a abóbada ogival, eis a arte gótica que produz no sistema da edificação uma revolução completa, resolvendo o duplo problema da estabilidade e levesa das abóbadas. Estava solucionado o problema, vencida a dificuldade. E levado o princípio às últimas conseqüências, as nervuras multipli-

cam-se, irradiam da chave em aranhiços colossais e polvos prodigiosos, entre cujos tentáculos, como tenazes de ferro, se ajustam os paralepípedos de pedra do paramento.

«A abóbada era, pois, uma aplicação admirável que tornava possível a unidade orgânica do edifício dispensando o revestimento de madeira, essa marca d'impotência denunciando-se no remate e coroamento da obra. A cobertura de madeira era o ser paralisado na sua gestação; era a seiva detida a meio do tronco e não deixando florir a árvore. A abóbada vinha d'alguma sorte estabelecer a continuidade d'estrutura incarnando-se nos muros como um circuito que se fecha para a vida poder girar...

«O sistema da abóbada provoca uma reviravolta completa nas disposições do templo e marca na prehistória monumental o advento da idade eréctil. Na basílica primitiva, dir-se-ia a arte engatinhando nêsse predomínio da horizontilidade sôbre as linhas verticais, que é uma reminiscência da arquitrave e dos entablamentos clássicos. Na igreja românica a arte ergue-se, põe-se de pé, no predomínio da verticalidade sôbre as linhas horizontais, internamente nos arcos-mestres, externamente nos contrafortes. A nave basilical é uma arca comprida apoiada em renques de fustes. As colunas são acessórios; o que prevalece é a extensão. A nave românica é um sistema de suportes preenchidos nos intervalos. Os intervalos são secundários; o que predomina é a elevação.

«E' a abóbada que imprime o carácter ao estilo e dela depende a estrutura e conformação dos outros membros. A abóbada românica de berço obriga a construir maciços espêssos quere sob a forma de muros circumjacentes, quere nos pilares das arcadas. Uma arquivolta das arcadas ou um portal aberto nos muros assume pela espessura daquêles membros o

caracter duma abóbada, a eterna dificuldade. Para fugir ao seu emprêgo rasgaram-se os muros em bisel e inseriram-se na espessura das paredes séries de arcadas concêntricas com raio desigual e dum tão soberbo efeito. E esta radiação contínua e gradual, que faz da minúscula abertura um pórtico majestoso, tem o que quere que seja de afável desdobramento, como braços amigos que se abrem para acolher. E' a Igreja alargando os seus limiares, disfarçando a hostilidade gelada das entradas. O sistema arquitectónico que reclama construções maciças e obriga a uma grande economia nos abertos, resgata dêste modo o acanhamento das suas portas com esta graciosa franqueza dos *ébrasements* no seu convidativo gesto introdutor...

— E aqui teem, meus amigos, uma pálida idéa do românico, dizia o arquitecto terminando.

O auditório felicitava-o.

— O único monumento românico de Lisboa?... inquiria a fidalga.

— Certamente o único, condessinha.

— Uma miséria d'igrejas esta Lisboa, dizia padre Anselmo, com ár de lástima. Não temos na capital um lugar onde a gente se refugie, onde se possa orar com recolhimento. Os templos não teem beleza nem tradições e exceptuando a catedral, são todos modernos e ateatrados. Há os Jerónimos, é verdade. Mas aquilo, Deus me perdoe, trezanda a paganismo. Não é igreja, é um galhardo marinheiro das naus da India com um barrete de clérigo na cabeça. E as Igrejas da Baixa, S. Julião, Conceição Nova, S. Nicolau, o Corpo Santo... um horror! Elas teem na reedificação pombalina uma localização toda metódica de falanstério e fôram talhadas nos quarteirões por engenheiros, segundo um plano utilitário. Que sensaboria a dêstes imóveis eclesiásticos incrustados de casas

de negócios ! E' impossivel que não filtre lá dentro a atmosfera empestada do mercantilismo e da usura. Já isto não sucede na nossa Sé que tem personalidade e não é conspurcada por vilíssimos contactos.

Todos sorriam destas excentricidades do capelão-cantor.

— E' um critério de monge. Sempre os monges! disse a fidalga sorrindo.

— As únicas pessôas que compreendem a vida nesta angustiosa passagem pela terra, condessinha.

— Confesse, padre Anselmo, que essa vida no mosteiro deve ser afinal duma grande monotonia, observou o elegante Fernandinho.

— Qual monótona ? Se tem interêsse dou-lhe já a organização actual de um dia monástico.

— Deve ser interessante, explique lá, padre Anselmo, solicitou a condessinha.

O presbitéro aquiesceu de pronto.

— Os monges — e quando digo monges subentendem que falo dos beneditinos — levantam-se ás quatro horas da manhã para começarem, meia hora depois, o oficio de matinas, laudes e prima. Pélas sete horas iniciam-se as missas rezadas dos monges-padres ajudados por irmãos leigos, noviços do côro e professos. O almoço, um pouco de café e pão, toma-se no refeitório entre as sete e meia e as nove horas. A's nove canta-se todos os dias a missa conventual, centro de todo o oficio, precedida de terça e seguida de sexta resadas. Entre o almoço e a missa trabalha-se nas celas ou fóra com o serviço distribuido pelos superiores. Ao meio-dia jantar, durante o qual há leitura da Escritura sagrada. Depois recreio de uma hora em comum, os padres com o abade de um lado, noviços e professos com o Padre mestre e não padres do outro, e os irmãos laicos, a outro. A's duas e meia vésperas cantadas precedidas de nôa; do

fim de vésperas até um pouco depois das seis da tarde estudo e trabalho nas celas ou fóra. Pelas seis e dez conferência espiritual do abade no capítulo, para os monges do côro, todos os dias excepto aos sábados porque há confissão, ás sextas em que há conferências de canto. A's seis e meia, ceia, depois da qual há um pequeno recreio. A's sete e meia, completas e preces, e pouco depois das oito, deitar, até ás quatro da madrugada.

— Muito bem informado está padre Anselmo, observou a condessinha.

-- Ou êle não fizesse tirocínio para o claustro, notou o arquitecto.

— Pois eu, interveiu padre Fernando, declaro que não me seduzem nada os ascetismos. Morria na minha cela como certas aves metidas na gaiola.

E enquanto, discutindo coisas monásticas, iam descendo vagarosamente a estreita escada do côro, Luciano e a condessinha, separando-se dos padres, tinham chegado á capela de Santa Cecília no deambulatório, cujas janelas acabavam de ser decoradas de vitrais que reproduziam, conforme a idéa do capelão-cantor, o brasão dos Monfortes.

Na penumbra da capela abrasava-se ao fundo da ábside a coloração ardente dos vitrais. Maria Helena estacára numa surpreza comovida deante do escudo esquartelado que refulgia como um díptico de luz. Era no primeiro quartel em campo d'oiro as armas dos Monfortes, cinco flôres de liz de vermelho em santor; no segundo a cruz vermelha de S. Jorge que é dos Côrte-Reaes; no terceiro o mesmo do segundo, e o quarto esquartelado, tendo no primeiro quartel em campo vermelho um castelo de prata fnndado em um mar asul e prata que é dos Carvalhaes; no segundo três águias vermelhas em roquete sôbre um campo d'oiro que é do escudo dos Pinas e assim os

contrários. E como timbre abrazava-se no óculo da ogiva um leão d'oiro rampante, majestoso e nobre, de cuja garra direita pendia em bandeirola a orgulhosa divisa dos Monfortes: *Expleo consilium meum*: «Executo o meu intento».

Todos êstes pormenores sugeriam na precisão minuciosa do desenho e na coloração viva das tintas uma iluminura antiga.

— Há um esquisito perfume nesta capela; senti-o sempre.

— Quem sabe, condessinha, talvez o da *rosa d'oiro* que Benedito II ofereceu a Lopo Fernandes Pacheco que aí dorme dentro dêsse arcaz.

E o arquitecto apontava um túmulo de pedra adornado de duas caldeiras em palas veiradas com cabeças de serpe, armas do grande guerreiro que fôra um dos heróis do Salado.

— Que a Sé está toda ela empregnada dum perfume de virtude e de santidade, continuou o artista. Não entro nunca na capela de Nossa Senhora da *terra solta* que não evoque o dôce espírito do santo arcebispo D. Luiz de Sousa que se fez humildemente sepultar nêsse afastado e calmo recinto do claustro, sob uma campa rasa com este tocante e enternecido epitáfio, que é uma suplica á Virgem: *sub tuum praesidium*. Outra capela do claustro, a de santo Aleixo — eu adoro, condessinha, estas capelas porque elas são o que a Sé tem de mais venerável — a capela de santo Aleixo, forrada de túmulos que eu há pouco descobri, onde se pulverizavam Bispos e poderosos senhores d'outras eras, foi no tempo de D. João III o retiro dum grande e humilde espírito de filósofo e de místico, o doutor Francisco Monçon. Na pedra da sua sepultura, que não consegui achar ainda, fizera êle gravar, segundo a tradição, esta singela legenda, *Pater noster*. E a memória graciosa de santo Antonio de

Lisboa, o Fernandinho de Bulhões, menino do côro da Sé, que ali estudára na escola do claustro e deixára perpetuado na lenda o sinal da sua passagem, numa cruz traçada aflitamente na parede da escada escura do côro quando o demónio lhe surgira metamorfoseado em tentadora mulher!... E S. Vicente transportado, nos inícios do reino, do promontório Sacro para a catedral de Lisboa de que ficára sendo a mais orgulhosa e venerável reliquia... E as princezas que entraram aqui na hora melhor da sua felicidade abrasadas de amor e de ambições e daqui saíram para os braços dos seus amados e para os tronos que as aguardavam, esposas e rainhas, transfiguradas de sonho. Assim é toda esta catedral um sonho. Assim eu quero viver nela, porque viver aqui é viver no sonho, é viver na ilusão, a única vida digna de viver-se.

— Não, a vida não é toda materialidade!

— A alma é que é tudo, condessinha. Eu creio que há em nós uma scentelha divina, uma flama d'oiro sensível que bruxuleia a todos os ventos das paixões desencadeadas. Alma, consciência, seja o que fôr, o tumultuar do mundo agita-a dentro do ser numa dança fantástica. A nossa vida é o reflexo dêste macabro rodopio. Ora, aqui a flama d'oiro não é tocada por nenhum sôpro perturbador...

— Por isso a sua vida é tão feliz!

— Quanto se é possivel sê-lo.

— Êsse padre Anselmo, contemplativo e místico, deve ser para si o tipo sonhado, idealizado...

— Ah, mas não é isso, exclamou Luciano vivamente e espiando a intenção daquelas palavras nos olhos ingénuos da fidalga. Falo evidentemente, da vida completa, da vida da alma e da vida do coração. A existência, como a concebe padre Anselmo subordinada ao ideal religioso, é um contrasenso e uma mutilação. O nosso amigo tem apenas de ser humano

o invólucro material. Êle é, como os santos, insexual e como êles conseguiu orientar as efusivas fontes da sua emotividade na direcção divina.

— Como se pode humanamente fazer isso!

— O que não se pode é viver sem amor; o que não se pode é tancar o coração. Na natureza nada se perde, o que há é transformação, transposição...

— Vive então aqui essa vida completa de que me fala?

— Completa, condessinha.

— Vida da alma, sim, mas vida do coração! .. Julguei que a arte o absorvia todo. Supuz que a Sé...

— E quem lhe diz, condessinha, que o meu coração não vive aqui também? Quem lhe diz que o meu amor não é...

Maria Helena, notando uma hesitação do artista, fizera-se muito còrada.

— ...não é a catedral, pois que outra coisa havia de ser? Porque eu amo, condessinha, eu amo, não como ama padre Anselmo extasiado em transportes místicos, mas com as ardentes pulsações do meu coração, com toda a vibração febril do meu sangue e dos meus sentidos. E que pode ser aqui dentro senão as pedras, senão a catedral? Oh, Maria Helena, e amo-a, a catedral, desde o dia em que m'a deram, desde que sinto que ela é minha. Não me engano. E' aqui dentro, junto dela que bate o meu coração. Este ar macio e môrno, este perfume vago que se exala dela, é o seu hálito humano. Porque é sob as formas da mulher que eu a sinto, branca, esbelta, perfeita, donairosa na sua bela carnação de mármore. Não me engano, não me iludo. E' aqui dentro que o coração se me enternece. E' aqui dentro que alguêm lhe fala sem eu saber. Quando estou na catedral nunca me encontro só. Invisivel a alma dela acom-

panha-me. Sinto-a bem nesta doçura do seu acolhimento. Ora amar deve ser isto, este anseio suspirado e jàmais insatisfeito, esta palpitação inquieta, mixto de felicidade e de angústia, de desespêro e de ternura. Oh, condessinha, eu amo, eu amo... a catedral. Toda ela é um corpo, uma divina forma materializada na sombra fluida, cujo contorno não apreendem meus olhos, mas que pulsa nos meus sentidos, crepita no meu cérebro e arde nas torrentes lávicas das minhas veias. E que havia de ser, senão a catedral? Que outra coisa seria possivel, condessinha?

Ruidos de voses chegavam.

— Aqui para nós, padre Anselmo, ouvia-se contestar padre Fernando, a freqüência excessiva do côro não tem nenhuma utilidade prática.

— Rezar é bom, mas trabalhar é melhor, corroborava o beneficiado Trigueiros.

— Não me surpreende a objecção, ripostou padre Anselmo. E' o reparo de muito bom cristão. Não se compreende, não se quere compreender o que é de tão fácil compreensão. Mas em ministros da igreja é de pasmar. Pois se há função que o sacerdote execute de mais proveito social é precisamente a oração litúrgica, o ofício divino. Sim, meus amigos. No claustro, o monge toma sobre si o melindroso encargo do dever social da oração que as solicitações do século e as ocupações profissionais impedem tanto padre de cumprir. Um capítulo de monges, permitam-me o grosseiro da comparação, é como certas fossas modernas: recebe as fezes dos pecados e transforma-os em linfa clara. A função dos mosteiros é depurar, decantar, clarificar as impurezas das almas. São sumidoiros do mal. Teem sofrimentos indebeláveis? Endossem-nos às piedosas orações dum claustro que lá lh'os desgastam pacientemente. Duvidam? Desgraçada gente de pouca fé!

Os padres, pareciam realmente pouco propensos á credulidade fácil do ingénuo capelão-cantor.

— Estará êle em seu juizo? perguntou muito seriamente padre Fernandinho, enquanto o grupo se dispersava.

XI

— Oh, esta santa Cecília — dizia a condessinha para Luciano, uma tarde de visita ás obras da capela nova, folheando a *Legenda Dourada* para a escolha das scenas dos vitrais; — Santa Cecília é uma das santas cuja vida mais se seduz!

— E, pormenor interessante, acrescentou o arquitecto, santa Cecília é das lindas mulheres do Agiológio aquela em que o amor humano não é absolutamente interdito, mas, dalguma sorte, sublimado. Dá-se com esta creatura uma curiosa inversão mística. O amor humano, que as outras santas repelem com indignado horror, aceita-o esta resignadamente, no intuito de o purificar e santificar, de ganhar uma alma á causa de Deus. Compare-se-lhe santa Águeda; compare-se-lhe santa Inês atiçando malignamente os zêlos do pagão que a requesta, com essa pintura ultra-realista das delicias que Jesus lhe faz gosar! Esse casamento com Valeriano que Santa Cecilia converte na noite de núpcias, embora se torne em união mística de dois esposos coroados de rosas e de lírios, fica, apesar de toda a castidade, com um certo sabor humano...

E, como se revelasse um pensamento reservado, a fidalga perturbára-se, confusa.

Morria a tarde. A luz diluia-se serenamente, nu-

14

ma lânguida doçura morna. O grande calor descera, O jardim por detrás da ábside refrescava já na alta sombra da catedral, e os claustros e o deambulatório aveludavam-se dos reflexos dêsse azul espêsso que toma o céu a oriente depois do ocaso do sol. E no silêncio da hora as coisas pareciam meditar.

— A *Legenda* encanta-me, murmurou a fidalga, comovida. Quanto mais a leio mais gosto dela. Que edificante este fervor ardente das santas, as suas renúncias pasmosas, os seus sacrifícios incríveis! Como em peitos tão fracos podiam gerar-se paixões tão fortes!

— O amor transfigura, condessinha. E' quando se ama que se é sublime. As santas não viviam a nossa vida material, ardiam como círios, consumiam seus corpos nas labaredas do amor e assim passam elas, abrasadas como meteoros, sulcando a treva do mundo. Amar é purificar-se. Quando o amor entra uma porta da alma sai a impureza por outra. Amar é avistar Deus. Que amor não é preciso então para atingi-lo e viver nêle, como as nossas queridas santas!

A fidalga escutava-o de olhos baixos. As suas mãos perpassavam, com inflexões de asa, as folhas doiradas do exemplar em pergaminho da *Legenda* com as pastas acaireladas duma delgada silva de oiro e as armas dos Monfortes ao centro.

Súbito, o arquitecto abrasou-se num desejo. Maria Helena indicára-lhe as passagens da Legenda de santa Cecília que deviam ser reproduzidas, como temas decorativos, nos vitrais da capela ; e, na tentação de sentir vibrar a alma dela na sua vocálise comovida, pediu-lhe que lhas lêsse ali. Sempre ia ajudar-lhe a inspiração.

A condessinha rira-se, com uma inquietação nervosa no olhar e hesitante, esquivava-se, afogueada.

— Mas é um livro sagrado, insistia o arquitecto. E' o ofício do amor e da pureza...

— Bem, condescendeu Maria Helena, não quero que me olhe de má sombra.

E uma voz flúida de modulação cariciosa, uma voz que era como que a voz da capela feita dos rendilhados da pedra, da graça frágil das curvas e da religiosidade casta das ogivas filtrou no silêncio a sua clara veia melódica, que a alma antiga das prosas repassava de elegia e de dolência.

— «Cecília, donzela romana de raça nobre, e alimentada desde o berço na fé de Cristo,— narrava a linda voz, — trazia sempre consigo um Evangelho escondido no peito e orava noite e dia, suplicando do senhor a suprema graça de não perder a virgindade. Ora sucedeu darem-lhe por noivo um mancebo ilustre e belo, de nome Valeriano, ainda por cima pagão. No dia da boda a virgem cingiu a carne de cilícios por baixo das vestes doiradas e enquanto os órgãos desferiam no templo músicas alegres, a donzela erguia a alma a Deus e bradava com veemência: «Permiti, Senhor, que o meu corpo fique tão puro como pura minha alma está!»

— *Fiat Domine cor meum et corpus meum immaculatum*... pontificou uma voz grave de chantre que os surpreendeu.

Era padre Anselmo entoando à porta da capela uma antífona do ofício de santa Cecília, que se reza a 22 de Novembro.

— Não é positivamente o ofício do dia, exclamou o padre pedindo escusa, mas tambêm não é muito canónica esta assistência capitular...

— Pois quê, interrompeu Luciano, recitam tambêm no ofício estas prosas da *Legenda?*

— Certamente. Santa Cecília, santa Águeda, santa Catarina, santa Inês, todas as lindas santas do Agio-

lógio teem o seu dia marcado na rotação do ofício, com um *próprio* especial no mais elegante latim litúrgico.

— Vejo que o ofício é ainda mais belo do que eu supunha.

— Folgo com isso... Que diria então do artístico ofício de santa Inês, onde admiráveis antífonas marcam o ritmo da recitação com os seus preciosos *refrains* cravejados de gemas e pedrarias... Vim, porêm, interromper!...

— Ah, não, eu continúo.

E a linda voz dispersava o poema de oiro da *Legenda*:

— «Chegou, enfim, a noite e Cecília, achando-se sòsinha com Valeriano na alcova nupcial, disse-lhe: «Meu bem amado, tenho um mistério a revelar-te, mas só o direi se fizeres a jura de não me traíres.» E como o mancebo jurasse, contou-lhe santa Cecília: «Sabe que tenho por amante um anjo de Deus, muito cioso do meu corpo...

— *Angelo, Dei habeo amatorem qui nimio zelo custodit corpus meum...* — sublinhou o capelão.

— «...Se êle soubesse que me tocavas, embora ligeiramente, com um amor impuro, castigava-te com a perda da juventude. Se, pelo contrário, me amas com um amor puro, será igualmente teu amigo e mostrar-te-há sublimes coisas.» Então Valeriano, inspirado por Deus, exclamou: «Pois, se queres que te creia, patenteia-me esse amante. Se é na verdade, um anjo do céu, farei tudo o que me pedes; mas se é um homem como eu, terá a morte contigo.» E Cecília: «Para que vejas o meu amante é preciso que creias em Deus verdadeiro e recebas a água do baptismo. Vai á via Ápia e onde encontrares uns pobres dize-lhes que sou eu que te envio e que te levem

a santo Urbano. E logo que estiveres na sua presença, repete-lhe as minhas palavras. Volta depois e verás então o anjo.» Valeriano assim fez e foi achar o bispo santo Urbano que se escondia entre os túmulos dos mártires. Logo que êle lhe disse a que vinha, o velho, de mãos erguidas, exclamou: «Senhor Jesus Cristo, bom pastor, recolhe o fruto da semente que semeaste em Cecília...

— «*Domine Jesus Cristo, Pastor bone, seminator casti consilii suscipe seminem fructus, quos in Cecília seminasti...*», parafraseou o presbítero.

— «... Porque, tendo recebido por marido um leão feroz, no-lo envia convertido num cordeiro!»

— *Nan sponsum, quem quasi leonem ferocem accepit, ad te quasi agnum mansuetissimum destinavit.*

E a narrativa continuava:

«Logo apareceu outro velho todo de branco que trazia um livro com letras de oiro. Ao vê-lo, Valeriano prostou-se confundido; mas o velho, levantando-o, leu no seu livro de letras de oiro: «Um só Deus, uma só fé, um só baptismo!» E preguntou depois ao mancebo: «Crês nisto ou duvidas ainda?» E Valeriano: «Não há no mundo coisa alguma em que eu mais creia!» E o velho desapareceu como vierá. Valeriano recebeu então o baptismo das mãos de santo Urbano e, de volta para Cecília, veiu encontrá-la na sua alcova em tratos com um anjo.

«O anjo, que tinha nas mãos duas corôas de rosas e de lírios, deu uma a Cecília e outra a Valeriano, dizendo: «Guardai estas corôas com um coração puro e um corpo sem mácula, porque para vós as trouxe agora do paraízo. Vindas de Deus, jàmais perderão o viço e o perfume, mas só aquêles que amarem a castidade terão a dita de as vêr. Agora, Valeriano, pois que seguiste o sábio conselho de Cecília, pede

o que quizeres que serás atendido». E Valeriano: «Nada na vida me é mais precioso que um irmão único que tenho. Ora desejava que êle reconhecêsse, como eu, a verdade!» E o anjo: «O teu pedido apraz a Deus. Fica sabendo que tu e teu irmão ireis ambos à divina presença com a palma do martirio.»

«Nisto entrou na câmara o irmão de Valeriano, que se chamava Tibúrcio. E com o olfacto impressionado de estranhos aromas, exclamou: «A mim próprio pregunto donde pode provir, nesta estação, um tal aroma de rosas e de lirios, que nem que mergulhasse as minhas mãos em tais flôres as sentiria tão cheirosas!» E Valeriano: «E' o perfume de duas corôas que nós temos e cujo aspecto não é menos maravilhoso que o seu perfume. Mas os teus olhos não podem vê-las porque não comungas a nossa fé».

E a narração prosseguia. Era, depois, a conversão de Tibúrcio e o seu baptismo por santo Urbano; o apostolado dos dois irmãos entre os impios, socorrendo os pobres, dando sepultura aos mártires, até que o prefeito Almaco, não conseguindo que êles sacrificassem aos deuses falsos, os mandára prender e decapitar.

Mas, a ira do prefeito não se déra por satisfeita. Sabendo que Cecília, a mulher de Valeriano, era cristã, ordenou-lhe tambêm, sob pena de morte, que reverenciasse os ídolos. Perante a recusa da santa, — rezava o Legendário — Almaco, enfurecido, ordenou que a mergulhassem, noite e dia, num banho de água a ferver. Mas, era como se a santa estivesse num lugar fresco e nem o mais leve suor lhe humedecia o rosto. Almaco mandou então que a decapitassem no banho. O algoz vibrou-lhe três cutiladas sem a matar; e como a lei não permitia darem-se mais de três golpes, deixaram a santa respirando ainda. Três dias sobreviveu Cecília ao seu suplício e

nêste tempo distribuiu ela pelos pobres os seus bens e recomendou a santo Urbano os fieis que tinha convertido. Depois, bem ganha a corôa de martírio, a alma da santa subiu ao céu e repousou no seio de Deus.»

A sinfonia findava.

Maria Helena ergueu os olhos e encontrou os de Luciano fixos nela, em êxtase. Num sobressalto exclamou:

— Santo Deus, é tardíssimo! E padre Anselmo? Não dei por êle saír...

— Foi-se tão subtilmente como veiu... Mas é tarde, realmente!

E o arquitecto precipitou-se para a entrada da capela, com uma vaga suspeita.

No deambulatório os seus temores justificaram-se. Os operários tinham saído e fôra já cerrada a *porta escura* do claustro. Luciano experimentou a saída para o jardim, pela capela do Bom Jesus. Fôra igualmente fechada. Estavam, pois, prisioneiros na Sé?

A condessinha, que seguira Luciano, compreendeu a gravidade da situação e tornou-se muito pálida. Como saír do embaraço?

Penetraram então na igreja. A grande nave deserta, que êles nunca tinham visto àquela hora, parecia maior e mais alta com a sua mole petrificada dormindo a inércia morta dos séculos idos. Os pilares adquiriam, nesta imprecisão das formas, um ar sólido de construção romana, maciços e pesados no fundo das colaterais, onde o crepúsculo esvoaçava já a sua asa lúgubre. Na capela-mór a claridade rarefeita dessorava-se e embranquecia, exausta, nas vidraças. Os cruzilhões agonizavam, exangues. E só na fachada a oeste a reverberação dum poente vago, filtrando através da grande rosácea e das janelas seiscentistas do côro alto, derramava um pouco

de luz amarelada. Mas, em breve, esta luminosidade vaporosa começava a evacuar os altos cimos do templo, batida pela onda negra que, acamando-se, cada vez mais densa nas colaterais, alastrava na grande nave, envolvia os pedestais, subia às abóbadas e acabava por afogar toda a igreja no sonolento torpôr do seu abraço de treva.

Do cruzeiro, onde os detivéra a comoção da aventura, Maria Helena e Luciano avançaram ao longo do templo, procurando instintivamente a saída. No extremo da nave, junto do guarda-vento, obliquaram à direita. O artista tateou a porta da escada das torres que dava acesso às galerias altas. Pelo trifório não era impossível alcançar a casa do fole e dalí o *Capítulo*. Mas, a sólida porta, como era de prever, estava fechada, tanto mais que havia sempre o maior cuidado com ela por dar serventia ao tesouro guardado no fundo da galeria sul. O arquitecto abriu então uma portada do guarda-vento. A porta enorme do vestíbulo tinha um ar hostil e ameaçador com a sua complicada ferragem defensiva. Havia ainda as entradas laterais, mas Luciano acabou por desistir, tamanhos eram os obstáculos. Teriam, então, que passar ali a noite?

Maria Helena avançou para a capela Joanes, à direita, atraída por um fulgor que avermelhava interiormente o recinto, como os clarões dum incêndio longínquo. A reverberação do poente afogueava e punha em brasa os vitrais. Luciano fez rodar a porta de ferro e entraram ambos na capela gótica.

A janela fronteira, tripartida, era consagrada à glória de S. Bartolomeu, patrono do santuário. Um painel de fogo, em tríptico, continha, na tábua do meio o apóstolo, e, nas guardas, figuras ajoelhadas em adoração, as mãos erguidas como quem implora.

Tudo isto ardia no crepúsculo a sua feeria mágica de sonho.

Maria Helena e Luciano ficaram, por algum tempo, paralisados, inertes, numa meia inconsciência, como duas aves noturnas aturdidas na luz. Entretanto travava-se no painel uma silenciosa batalha. A sombra ganhava terreno. As ardências esmoreciam, as côres perdiam a violência. Os brancos enevoavam-se e eram os primeiros a render-se; os azúis arroxeavam e os roxos e os amarelos escureciam e apagavam-se. Só os vermelhos se portavam heroicamente. Resistência efémera. Dentro em pouco recuavam, desciam a rubros que, por sua vez, se aveludavam em tons de violeta até caírem, esgotados, em vinolências espêssas de borra. E, na agonia do quadro, o encanto desfazia-se.

Retrocederam então. Um estremecimento percorreu a condessinha. No fundo da igreja anoitecera de todo. Em baixo, para o transepto, luzinhas suspensas no ar em lâmpadas invisíveis tremiam, muito pálidas e fracas, esmagadas sob a enorme pressão da treva.

Apavorada, Maria Helena chegou-se para o artista.

— E' preciso, a todo o custo, sair, disse Luciano nervosamente, muito perturbado. Vou saltar os tapumes. Há ferramentas lá em cima; é só forçar uma porta e ganhamos o claustro.

— Não, não me abandone, gemeu a fidalga. Morria de susto se ficasse aqui sòsinha. Sufoca-me a escuridão. Este silêncio gela-me. Não, não me deixe só. Entreguemo-nos a Deus.

Avançaram então, anelantes e sôfregos, para as estrelinhas do cruzeiro, com a ânsia de pessoas perdidas que avistam ao longe uma luz na noite escura dum bosque.

A igreja parecia outra, transfigurada nêste eclipse da luz, sob um aspecto fantástico. Ciclópicas massas suportando gigantescos arcos triunfais erguiam-se indecisas na claridade baça, côr de lava extinta, que

descia das lucarnas da falsa abóbada central. As linhas da arquitectura, as molduras e perfis, todas as formas e contornos tinham-se diluído, inexpressivas e aniquiladas, no torpor dormente da sombra. Mas, longe de simular a morte, errava, pelo contrário, nesta letargia um mundo de impalpáveis seres que roçavam pelas duas criaturas, bafejavam-nas, penetravam-nas, como se os corpos se tivessem fundido e diluído também na sombra dissolvente e as almas ficassem nuas, inteiramente expostas ao sopro gelado do mistério.

E, nesta sombra, os tempos recuavam, perdiam-se na lenda. A velha igreja animava-se. Do fundo das eras surgiam, em alvas vestes ondulantes, as figuras bíblicas, patriarcais, dos primeiros pastores que tinham governado a igreja lisbonense. Oh, a estranha visão! Era, primeiro, uma figura evangélica, o lendário S. Manços, natural da Campânia romana, cuja existência remonta aos tempos apostólicos e que presenceára na Judéa os episódios da paixão de Cristo. Enviado por S. Paulo ou fugindo talvez à grande perseguição judaica que dispersára pela Samaria quinze mil cristãos, o portador do verbo de Deus sai de Jerusalem no ano 34, reinando Tibério, e, embarcado numa nau de Chipre, com mais de quatrocentos fieis, faz-se de vela a Cartagena, grande empório das costas de Espanha. Na sua febre de proselitismo, dizem os breviários de Évora, de Burgos e de Plasência, atravessa a península, lançando aos quatro ventos a semente da nova fé e só pára na Lusitânia, entre os povos que habitam as doces ribeiras do Tejo. Bispo regionário das primeiras igrejas dêstes termos, nêles passa a sua longa vida de pastor, prègando o Evangelho, até que, no ano 106, com setenta de apostolado, sofre martírio em Évora, por ordem de Validio, prefeito de Nero na Lusitânia, e é açoitado d'encontro a uma coluna que guarda as manchas eternas do

seu sangue. As veneráveis relíquias do mártir, que os crentes ocultam durante a invasão goda, sómem-se e consideram-se já perdidas, quando o apóstolo aparece em sonhos a um homem de Évora e lhe revela o lugar onde se encontram, lugar que, depois, a piedade dum conde godo consagra, mandando nêle erguer uma igreja em seu louvor.

Mas, já se desvanece S. Manços e, por detrás dum outro vago bispo, o Incógnito de Caledonio, suposto discípulo de S. Tiago e escolhido por S. Pedro de Rates, perpassam, na indecisão da lenda, S. Gens, martirizado em Lisboa na sua cadeira que se venera na igreja do Monte; o douto e virtuso Santo Olimpo, flagelo dos sequazes de Ário, *acerrimo defensor da fé*, no dizer de Juliano; Potâmio, acusado de arianismo, que dirige a mitra de Lisboa quando outro português, S. Dâmaso, ocupa o sólio de Roma; Paulo, que surge depois dum eclipse episcopal que dura mais de duzentos anos; os godos Goma e Viarico, Neufrídio e Cesário, Ara e Landerico, tal o ciclo de prelados em seis séculos obscuros, desde a morte de Cristo à invasão serracena, eclesiásticas figuras de névoa de que se sabe sempre a mesma coisa e que pouco mais é do que a sua subscrição nos concílios toledanos, na invariável fórmula: *olyssiponensis ecclesiae episcopus subscripsi*...

Súbito, num lance brusco, desvairado, como quem verga sob uma mão de ferro, Luciano caíu de repente aos pés da condessinha, exclamando, fóra de si:

— Perdão, perdão, Maria Helena. Eu é que fui o culpado; despreze-me, despreze-me! Eu é que concorri para esta triste aventura, distraindo-a com meus requebros, fazendo-lhe ler a *Legenda*. Ah, a que funestas situações a paixão nos leva! Maria Helena, Maria Helena, como deve odiar-me, como deve acharme desprezível e indigno da sua presença! E é justo

porque abusei da sua confiança e fui um cúmplice bem vil no que lhe está sucedendo! Oh, condessinha, mas, diante dêsse sacrário, onde Deus talvez nos ouve, lhe juro que não tive nisto o menor propósito, a menor intenção reservada, nem a sombra dum mau desejo me perturbou o pensamento. Sou bem culpado, o único culpado, mas há em tudo isto a fatalidade, porque eu tive a noção do tempo que corria, da hora de saída que chegava...

E no recanto do cruzilhão, diante da capela do Sacramento imersa em casta penumbra, Luciano exprobava-se desesperadamente a enorme falta cometida, a leviandade do seu proceder sob o impulso duma tentação, num eclipse de lucidez que êle não podia, que êle não sabia explicar.

— Como foi isto? Como foi isto? Esqueci tudo; tudo se me varreu do entendimento quando os seus lábios desfiavam a linda história da santa e o seu amor imaculado. Foi talvez o amor, foi o amor, Maria Helena, porque só o amor pode assim alucinar-nos.

E, na comoção que o sacudia, o seu segredo desarreigava-se, despegava-se do coração e brotava-lhe dos lábios, escaldante, em borbotões. A fidalga, muito pálida, escutava-o sem uma palavra, sem um gesto, numa imobilidade de estátua.

— Oh, Maria Helena, oiça-me nesta hora solene, a primeira e última vez que o meu coração se lhe abre. É impossível que não tenha adivinhado êste amor. É impossível que não se tenha sentido abrasada nesta auréola ardente em que a minha presença a envolvia. Há mêses que vivemos aqui na mais íntima comunhão, haurindo o mesmo sonho de arte, dessedentando-nos na mesma fonte de beleza. E de tanto a ver a meu lado, acreditei, oh, vaidade, que era a fôrça dêste amor que a mantinha subordinada

e dócil na órbita do meu coração. Mas, ai, embora o fôsse, nem por isso estava menos perdida para mim. Porque os nossos destinos rolam em planos diferentes. Este encontro das nossas almas é como a conjunção de duas estrêlas, cujo contacto é ilusório e jàmais podem reùnir-se. Um infinito separa-nos. É, pois uma quiméra êste amor, mas embora. Antes morrer abraçado a uma ilusão do que viver eternidades de desespêro.

Na catedral tudo dormia. De tempos a tempos, ruídos abafados de carros nas ruas estremeciam o solo como trovões subterrâneos.

Imovel, de joelhos, Luciano continuava :

— Como foi isto ? Como foi isto ? Tanto me afeiçoei a esta igreja, a arte absorveu-me a tal ponto que não imaginei qua as paixões humanas encontrassem em mim terra fecunda. Mas é certo que alguma coisa me faltava e me trazia inquieto. Era a alma da catedral que eu sentia viva e palpitante, sem saber onde e sob que forma materializada. A alma da catedral! Quantas vezes tentei, baldadamente surpreendê-la nos santuários antigos, no recóndito dos velhos muros esfumados. Oh, a tortura do apaixonado para quem a alma da mulher amada é uma incógnita cerrada!... Lembra-se, um dia que entrámos na capela velha do claustro e o interêsse que mostrou por certa sigla — um coração trespassado por uma seta — que um canteiro medieval teria aberto no silhar, em memória dum amor ? A sua mão, Maria Helena, acariciou por muito tempo a pedra inerte, onde um desejo vibrára intenso e, não sei porquê, dali em diante comecei a amar o santuário. E tanto me atraía a linda capela que julguei, por muito tempo, ter encontrado a alma da catedral naquêle recinto do século XIII. Doutra vez apaixonei-me por êste canto do cruzeiro, ponto de vista sintético que parecia devolver-me reconstituída

a basílica românica. Porquê? Porque era aqui que eu a via orar e recolher-se em místicos fervores. Depois foi a capela de santa Cecília quando começámos a restaurá-la. Era ali; era ali, emfim, que pulsava o coração da catedral, na convergência das suas artérias vitais. Mas, ai de mim! uma intuição divinatória revelou-me tudo, um dia. A alma da catedral, que eu em vão procurava ofuscado na sua auréola, era um ser vivo, uma mulher: era Maria Helena.

Luciano calára-se. A condessinha abandonára-lhe as mãos e não fizera um gesto para o erguer, encantada na música das suas palavras e por aquela adoração que subia para ela como um incenso tributário.

— Não, murmurou por fim a condessinha, com voz trémula e sumida, o senhor não é o único culpado do que sucede. Devia ser eu a primeira a lembrar-me de que se fazia tarde na Sé. Nada sei também explicar. É certo que não queria isto, que pode trazer-nos conseqùências desagradaveis e talvez mesmo funestas. Mas, confesso-lhe que já não tenho receio e que a minha alma se sente aliviada da opressão que a abafava e sufocava... desde que me vi um dia esculpida num capitel.

— Oh, Maria Helena, Maria Helena! exclamou o artista, beijando com tal fervor as mãos da condessinha que esta retirou-as arrebatadamente, como se tivesse tocado numa brasa oculta.

Luciano levantára-se.

— Maria Helena, por quem é, não diga mais, não fale mais agora! A felicidade por que acabo de passar é de tal modo sobrehumana, tão fóra do real, que é impossível que eu não tenha sido arrebatado a culminâncias, donde se não pode volver sem resvalar um precipício. Sim, agora só me resta sonhar, fechar os olhos... morrer! Mas não fale mais. Não quebre o

encanto em que me deixou a desconhecida música da sua voz. Foi certamente ilusão minha. Não, condessinha, por quem é, não fale ainda! Deixe-me viver os melhores minutos da minha vida, os únicos da minha felicidade. Deixe-me palpar, deixe-me ver o sonho vivo; posso depois morrer, anular-me, submergir-me nos veneráveis solos, como os meus antecessores primitivos. E quem sabe, quem sabe se a catedral aspirando nas suas raíses a minha febre, o meu amor não reflorirá numa nova primavera? E a minha morte, condessinha, fechará o coroamento dêste supremo milagre de arte que é a restauração da catedral.

— Morrer! Mas quem o impede de ser feliz, Luciano? As nossas existências não vão ser, daqui em diante, uma existência única, toda dedicada ao amor?

A condessinha animava-se, transfigurada numa beleza tão angélica que Luciano largára-lhe as mãos, como se fosse um sacrilégio o seu contacto humano.

— Um amor como o de santa Cecília, uma afeição assim abençoada de Deus e dos anjos, não é verdade, Luciano? Pode haver ventura maior do que vivermos aqui na catedral, sob o olhar dulcíssimo da Virgem, coroados de rosas e de lírios que um anjo nos traga do paraíso? Pois não é o sonho realizado, a felicidade completa antegosarmos na terra as delícias desta união das almas, dêste amor puríssimo, o único, o verdadeiro, o que não morre, numa graciosa prelibação da vida eterna! Não, Luciano, não nos separaremos mais.

O artista levantou-se, pegou-lhe subitamonte nas mãos e arrastando-a docemente para a capela do Sacramento, onde um lampadário de prata derramava uma luz mais forte, olhou-a nos olhos longamente, mudamente, como se quizesse beber-lhe o pensamento à origem, na raíz. Uma ingénua confiança transparecia na alma cândida da joven. Maria Helena era sin-

cera. Sugestionada pela *Legenda*, a condessinha vogava num mundo de sonho e de quimera, longe, muito longe de considerar nos embaraços sociais que se interpunham entre êles. Lia-lho no olhar, na serenidade da alma. Maria Helena era uma mística, uma daquelas santas do Agiológio dourado com quem, por uma íntima elaboração psicológica, ela viera a identificar-se. Mas, inesperadamente, passou-se uma coisa extraordinária. Aquêle olhar penetrante de homem debruçado sobre ela perturbou-a, desconcertou-a. O seu bafo ardente repassou-a toda, e lassa de tanta comoção, a donzela, como se fôra magnetisada, caiu-lhe nos braços, desfalecida.

Ao contacto inesperado daquêle corpo adorável o artista sentiu percorrê-lo todo um arrepio de fogo. Num amplexo expontâneo, as suas bôcas colaram-se como dois imans que mutuamente se atraem e, na onda de volúpia que lhe escaldou o sangue, Luciano sentiu-se vacilar nas alcatifas da capela. Então recobrando o ânimo, num arranco de quem se lança a uma táboa de salvação, depôs a condessinha numa banqueta estofada e, correndo ao altar, rebentou violentamente o fecho do tabernáculo e arrancou do seu ninho de seda branca a custódia doirada onde Deus resplandecia transubstanciado na sua augusta majestade...

E foi como se o céu se abrisse e um rio de oiro e de sol manasse a flux o seu fulgor! O burilo do lampadário incendiou a custódia. Mil fogos scintilaram na penumbra da capela. Gerbas multicores jorraram de ignotas crateras. As esmeraldas, os rubis, os topásios, as ametistas inflamaram-se no rastilho de luz que voava de pedra em pedra. E, nêste abrasamento instantâneo dos minerais, as côres fundiram-se, os brilhos amalgamaram-se e a sagrada espécie radiou numa claridade irreal, viva, onde palpitavam, como

constelações de prata fundida, as gemas incandescentes. Toda a custódia fulgia assim, nas mãos trémulas de Luciano, com um sol glorificado.

E, pelos raios da sua auréola, a luz escoava-se em flúido, disseminando-se no ar, pulverizando o santuário, acalmando a febre dos sentidos...

XII

Êste episódio da capela do Sacramento marcára uma nova fase na paixão de Maria Helena. Se ela saíra de lá tão pura e virginal como entrára, a inocência e candura idílica tinham contudo dado lugar a reflexões e sobressaltos inquietadores. As rosas brancas da castidade coloriam-se de um subtil rubor. Fôra para lá um anjo, viera de lá mulher. E como mulher amava agora, arredondando idealmente um ninho e antegostando ternuras desconhecidas que um beijo ardente acordára nos seus sentidos recolhidos. Luciano perdia as formas dúbias, tornava-se homem, era o esposo.

Uma vez falára-lhe francamente no casamento dêles. Pois o que é que esperavam? Não era o coroamento desejado da sua felicidade? Luciano, porêm, surpreendido, esquivára-se. A condessinha, contudo, não desistia. Tinha resolvido falar ao preceptor, desvendar-lhe o seu segrêdo, pô-lo ao facto de tudo, dar-lhe conta, emfim, dos seus projectos, que a misantropia do pobre duque, coitado, não o tornava acessível a deligências tais.

Precisamente aquêle dia era uma quinta-feira e tinha ao almoço monsenhor Santana. Bela ocasião para se abrir com êle no costumado passeio pelo parque O preceptor, sempre pontual, apresentou-se, depois do

meio-dia, muito bem barbeado e escanhoado, envergando eclesiásticamente a sua garnacha nova debruada de rôxo, e como o velho duque, adoentado, não comparecesse — nada de cuidado tinham prevenido — instalaram-se ambos, sòsinhos, na ampla sala de jantar que o sol àquela hora inundava de grandes toalhas d'oiro. E o *tête-à-tête* decorreu molemente, entre conversas frívolas, numa sensação suave de carícia tépida que irradiava da indiscreta onda luminosa.

Mal se levantaram, a condessinha levou o padre para o terraço, ónde ela expunha as suas novidades culturais, e todo invadido agora duma profusão de crisântemos que transplantára, havia pouco, para grandes vasos claros de faiença. Que belos exemplares o outono lhe daria!

Sob o terraço em balaustrada, espraiava-se a mancha sombria do parque talhado, a maior parte, em arruamentos de buxo alto, mal aparado e velho, com as suas paredes ulceradas, e apenas algumas placas na meia-laranja fronteira denunciavam tratamento de jardineiro.

O dia estava admiravel. Em baixo, erguiam-se à garupa dos telhados os dois cubos graníticos da Sé, que a perspectiva fundia numa única massa energicamente esquadriada no fundo violeta do ceu. Uma nesga de rio lobrigava-se longinquamente em tons húmidos d'aguarela, vaporizando-se nas encostas vagas da outra-banda.

Três lanços de escadaria descidos e estavam ambos no parque. Fizeram alguns passos em silêncio. Coisa estranha! Maria Helena não parecia a mesma. A sua conversa sem calor, certas hesitações e modos contrafeitos não tinham passado despercebidos ao preceptor. A jovem, ordinariamente tão loquaz, duma despreocupação d'ave gárrula, borboleteando d'assunto em assunto, mostrava-se apreensiva e grave, com

um comedimento de gestos e uma reserva de palavras que davam que pensar a monsenhor. E já êste, aproveitando o ensejo, se dispunha a inquirir, quando, ao entrarem numa álea de tílias, a condessinha disse de chofre, com o seu riso jovial ressuscitado e uma flama nas faces.

— Sabe, monsenhor, que estou apaixonada?

— Ah, ah, exclamou o padre, risonho, tirando devagar os seus oculos azues rectangulares. — Muito me conta! Uma devoçãosinha a deus Cupido... — Em seguida, paternalmente e colocando os óculos com as pontas dos dedos, depois de passar o lenço pelos vidros. — Muito bem, na sua edade, é natural! Pois êle que venha, êsse casamento, minha filha.

— E' então de parecer que me case, monsenhor? interrogou a condessinha com um clarão de esperança na alma e jubilosa por semelhante acolhimento.

— Sem dúvida, replicou o preceptor. Faz falta aqui um braço d'homem. Depois, há que assegurar a descendência.. Filha única, já vê. Não, não pensa mal, Maria Helena.

Mas, o embaraço d'ambos surgia na espectativa da confidência que se aproximava inevitável. Hesitante, a fidalga observava o padre furtivamente.

— Não é capaz de adivinhar quem é, aventurou com timidez.

Monsenhor, como quem se faz desentendido, pôs-se jovialmente a lançar nomes de pretendentes conhecidos que mais convinham a Maria Helena.

— E' o filho dos marqueses de Linhares, aquêle loiro, o Nuno? Grande fidalguia!... Não?... Ah, bem sei, é o conde de Penafiel, D. Luiz Sotto-Maior! Bôa nobreza!... O quê, tambem não? Mas, não é com certeza um tal Franco de Castro, o filho dêsse ministro jacobino, que em tempo a requestou...

A cada nomeado a condessinha fazia tristemente com a cabeça um gesto negativo.

— Pois não acerto, não, disse o padre preocupado, sem se resolver a proferir um nome.

— E' o Luciano, monsenhor, aquêle artista, o arquitecto da Sé, arriscou a fidalga com um frio na alma, desenganada já por essa omissão que ela percebia voluntária e calculada da parte do preceptor.

O padre conteve o gesto súbito de contrariedade que lhe provocára o nome do arquitecto e sem uma alteração na voz, replicou, sorridente, com toda a calma:

— Está a divertir-se, Maria Helena. Nunca pensou certamente em desposar êsse rapaz.

Uma nuvem de tristeza sombreára o rosto cândido da fidalga. Confirmavam-se-lhe os pressentimentos. Monsenhor Santana não via com bons olhos a sua inclinação.

— Mas, porquê, meu Deus? Porque não hei-de amar Luciano? protestou num queixume, que tinha mais de amargura que de revolta.

O padre ficára-se vagamente scismador. Sempre era certo, ruminava êle. Esses longos colóquios na Sé tinham dado, afinal, numa paixão, cujas raízes penetravam talvez já fundo no coração da sua pupila. Duas creanças em pleno idílio, era fatal. Devia ter previsto aquilo. Padre Thiago bem o posera de sobreaviso. Se a irlandesa merecia censuras êle merecia-as ainda mais. Não, não se desculpava uma tal incúria. Já êsse capricho da capela da Virgem, que imprudência têl-o permitido! Aquêle convívio prolongado fôra um perigo. E que fizera para evitá-lo? Esperava, porêm, que o mal não fôsse irreparável. Questão de a pequena abrir os olhos e encarar o abismo. Era lá possível semelhante enlace? Uma Monforte, neta de reis e da melhor nobresa do país, unida a Luciano, um

plebeu qualquer e de mais a mais filho do crime, que nem de união legítima nascera! Nunca um tal consórcio se faria. O seu prestígio e o ascendente moral sôbre a pequena valiam ainda alguma coisa. E era êle, seu preceptor e guia, o responsável pelo destino dessa creatura de que dependia agora a continuidade da raça, a forte raça heroica que vinha do fundo das edades bracejando através da historia as altas vergonteas do seu tronco ilustre.

Uma clareira banhada de sol abria-se no extremo da rua de tílias. Lentamente tinham ganho o grande espaço aberto, em cujo contorno semi-circular, bordado de cedros, pousavam, de espaço a espaço, bancos rústicos de madeira. Sentaram-se no primeiro que uma sombra tépida acariciava.

— Minha filha, a questão é muito séria, começou o padre gravemente. Prudência, muita prudência antes de tomar um compromisso. Cuidado com os sortilégios da imaginação! Não se deixe arrastar pelos impulsos duma inclinação sentimental que pode acarretar-lhe graves danos. Acima dos devaneios românticos está a realidade, e não há camada de sonho que lhe resista, diz-lh'o a experiência da minha edade. Tem a certeza, Maria Helena, de que os seus sentidos não são vítimas duma cilada? Não será essa paixão um artifício malignamente provocado para enlear-lhe a alma ingénua? Não, não proteste; não é êsse o sentido das minhas palavras. Não ponho em dúvida a honestidade dêsse rapaz. Quero crer que o não instigue a cupidez. Admito que êle seja sincero. Mas quem me diz que não são ambos vítimas duma diabólica maquinação, cujos resultados serão funestos? O amor, minha filha, é o expontâneo e natural enlace de dois sêres sob a mesma conformidade d'idéas, de crenças e de tradições. A verdadeira felicidade só esta concordância a pode dar. Há-a no vosso caso,

Maria Helena? Ambos se tocam num ponto — e bem móvel êle é! — o coração. E é isso, minha filha, suficiente garantia de estabilidade quando a nuvem de sonho se desfizer e ambos se encarem face a face na vida? Sabe que crenças são as dêsse homem? Tem-nas erradas, se é que tem algumas. Não se iluda, Maria Helena. A paixão dêle pela Igreja não é a nossa sólida e tranquila fé cristã; é uma exaltação doentia da sensibilidade, quando muito uma veleidade artística em que a religião só entra como factor decorativo. Um desequilibrado, afinal, é que êle é! Pois o que hade chamar-se a uma creatura que vive na igreja e não pratica, que reza o ofício divino e não comunga Deus? Uma creatura que a gente vae encontrar nos recantos das capelas, orando não se sabe a quê, falando não se sabe com quem?... Sob outro ponto de vista abstenho-me de fazer apreciações. Creio que Luciano não ousará aspirar à mão duma Monforte, em cujas veias corre sangue real. Já vê, Maria Helena, que há entre os dois uma grande discordância e que a identidade, embora plena, dos corações não basta.

A condessinha ficára atónita, não sabendo o que responder. E à medida que o preceptor falára, um torpor estranho invadira-a lentamente e quebrára-lhe a vontade, como se a fluência daquelas palavras graves escoasse em roda um subtil eflúvio electrisando o ambiente, carregando o ar, tornando-o sufocante. A fria obstinação do padre aniquilára-a. Nunca supuzera realmente que conveniências sociais de qualquer ordem viessem perturbar-lhe as afeições. Bondosa e simples, a piedade empolgára-a cedo e de tanto viver com o coração não meditára, não pensára a vida. Dispozera-se resolutamente a amar e na expansão do seu desejo, fizera da existência uma contínua prática do bem e da virtude. E o amor por Luciano rompe-

ra um dia, qual crisálida, dêste entrelaçamento d'afectos em todos os sentidos e à roda do seu coração. Não suspeitára nunca que êsse amor podia estar em conflito com o seu destino, quando o sentia em paz com a sua consciência. Não, não se sentia preparada para um tal embate. E um desejo de aniquilamento, uma ânsia súbita de vida humilde e apagada, humedeceu-lhe os olhos comovidamente, numa descarga brusca dos seus nervos tensos.

— Há-de concordar, monsenhor, que se a fortuna nos proporciona o bem-estar não evita porêm o sofrimento. Não é sempre ao mais rico que maior quinhão de ventura cabe...

— E' certo, aquiesceu o padre. A fortuna, a gerarquia, impõem deveres, responsabilidades que brigam às vezes com as nossas inclinações. Mas, as pessôas da sua classe não se pertencem exclusivamente. Prende-as ao passado um pacto de honra que não devem esquecer um só momento. As raças nobres, minha filha,, são suportes, são veículos sagrados por onde Deus encaminha as suas vontades que por sêrem divinas devem ser contínuas e participar da eternidade. E nada incarna melhor a eternidade que esta corrente vital duma família privilegiada perpetuando-se através do tempo. Lembre-se, Maria Helena, que é um momento desta evolução, um anel desta cadeia e que no seu sangue dormitam fermentos de futuras vidas, garantia da continuidade da raça.

— Pesado encargo, monsenhor. Quem tivera força para quebrar os implacáveis elos!

— A sua razão desvaira, minha filha. Por Deus, reflita no que diz. A verdadeira grandeza d'alma está precisamente na energia, na vontade forte com que se deve manter a orgulhosa tradição da raça. Está em elevar-se e não descer. Renunciar é capitular. Só não cobiça os astros quem não ousou fitá-los. Ah, a

marcha das idéas novas, a corrosiva onda dissolvente que já as mais sólidas torres contramina! Esse rapaz envenenou-a certamente de doutrinas falsas, conspurcou-a de más leituras. O que essa creatura não lhe terá dito! Que mal imenso não lhe terá feito!

Um ligeiro rubor animára a face glabra do padre que se erguera nervosamente. Maria Helena, aturdida, nem ânimo tinha para replicar. A sua atenção prendera-se numa pequenina e graciosa ave que, havia momentos, saltitava de ramo em ramo, com os olhitos desconfiados no grupo, e que, aos primeiros gestos do padre, se lançou, num vôo de flexa, por cima das árvores. E num momento considerou a avesinha feliz, cujas asitas curtas demandavam tão amplo raio de liberdade. Fugir, fugir também, ser livre assim! O pensamento mal aflorou, porêm, a sua fosforescência rebelde. Um minuto célere e recaiu na passividade dócil de pupila.

— Monsenhor, respondeu, por fim, quebrando o silêncio, nada ouvi, nada li do que supõe, nem de complicadas questões cuidei jàmais. Apenas sei que o meu pensar em Luciano andava sempre, que nos mais graves momentos da oração e do recolhimento a sua imagem perpassava, como uma visão, interpondo-se entre mim e Deus e identificando-se até com êle. Sacrilégio? Talvez. Mas é certo que Luciano se me afigurava sob as formas de Jesus, o seu cabelo loiro, as suas feições graves, o seu olhar doce e melancólico. Pois não é assim o amor, esta identificação da pessôa amada com a divindade? Não é o amor meio caminho para Deus? Depois, Luciano é tão amável! Que ventura pensar nêle, monsenhor! Associava-o aos meus mais ternos sentimentos, às esmolas que dava, aos beneficios que fazia, à saudosa memória de minha mãe e nas minhas devoções à Santa Virgem. Só de ouvir-lhe a fala o meu coração se enternecia. Tenho

eu culpa de ser assim? E se não é isto ser feliz, monsenhor, então não sei o que é felicidade nem compreendo como ela possa ser.

Monsenhor Santana respirava emfim. Renascia-lhe a tranquilidade. Maria Helena não estava perdida. Era uma crise da alma, uma afecção sentimental de que sofria a pequena, nada mais. Antes assim! A sua razão não estava corrompida, nem a dúvida lhe crestára as crenças. A crença persistia, e com que prazer, com que grata satisfação monsenhor o registava! Sabendo que a educação é um segundo carácter e que certas tendências hereditárias podem ser, senão de todo neutralizadas pelo menos eficazmente rebatidas, o preceptor começára por infiltrar-lhe um grande tónico que era, segundo o seu modo de ver, não só o antídoto contra a dúvida estéril, mas o princípio inspirador das grandes virtudes — a fé cristã, base estável de toda a educação verdadeira.

E mais sereno agora, mais senhor do seu poder, o padre replicou:

— A sua pessôa moral, minha filha, não está sã; enferma duma instabilidade, duma inclinação perigosa que a arrasta excessivamente para o lado dos sentimentos, em prejuizo da bôa e sólida razão. Êsses sentimentos são dignos e elevados, mas é preciso ser-se razoável, sem imprudências que comprometam. Repare, Maria Helena, que está no extremo da raça e tem nas suas mãos os destinos dela. Sim, o amor é belo, minha filha. Pelo amor se regenéra o homem. Pelo amor reuniu Jesus a humanidade. Mas Deus nos livre dos desejos loucos, das quimeras irrealisaveis, das insaciaveis febres dilirantes. Deus nos livre das paixões rebeldes, dêsses grandes incêndios interiores que só ruínas e devastações produzem e em cujos escombros nos fica a vida, quando não nos fica quási sempre a honra. Lembre-se, Maria Helena, das má-

culas que empanam o lustre de tanta casa nobre, vestígios dolorosos de catástrofes horriveis.

E monsenhor Santana, muito lido em nobiliarquias, evocava deante da pobre creança tímida, as desordens violentas do sangue, as graves crises sentimentais supurando de longe em longe as fezes impuras das alianças. Num arranco, de repelão, perpassavam em halos ardentes de volúpia e vício, a figura ideal duma Silveira do século XVI, célebre pela sua beleza, mas tão inconstante como formosa, cujo marido, D. João Lourenço da Câmara, 1.º conde de Sabuga e alcaide-mór de Viseu, todos criam vítima dum acidente de caça, mas que, em verdade, se matára ao saber da infedilidade da esposa com um fidalgo seu amigo. D. Brites da Gama, da casa dos marquêses de Lousada, que em 1720 um seu irmão surpreende de noite com um pagem da côrte, apunhalando a ambos. E essa infortunada D. Isabel Vilarinho, filha de D. José de Melo e Sande, 3.º conde de Vilarinho, conselheiro de Estado e presidente do senado da câmara de Lisboa, que foge aos 18 anos com um oficial francês na retirada de Junot e acaba ignominiosamente num hospício de Paris, minada de vícios e de remorsos, tão morta para a família, tão repudiada da raça que nem de longe lhe concedem o perdão que suplica na agonia.

Mas não eram só as almas das mulheres que sucumbiam, pobres falenas abrasadas nas labaredas da paixão. Tambêm corações varonís se requeimavam nos assaltos às crateras dos desejos. Era D. Gonçalo Eanes, senhor d'Arronches e Juromenha, que o rei D. Duarte expulsa públicamente da côrte, por ter raptado a filha de um judeu ourives, introduzindo-a com grave escândalo no tálamo conjugal, — e que morre depois esquecido numa terra d'alem-mar, no encargo mesquinho de feitor da fazenda pública. Lopo Jorge

de Cantanhede, 2.º marquez d'Armamar, traidor à pa-
tria e condenado nas guerras da Restauração por ter desertado do seu regimento num recontro em Talavera, seduzido por uma dona castelhana por quem se perde levianamente. D. Fr. Caetano de Vasconcelos, dos Vasconcelos de Vila Pouca, comissário da ordem franciscana e guardião dos conventos de Almoster e do Crato, cujos amores dissolutos com certa prioreza d'Evora escandalizam de tal modo o provincial, que êste leva a questão para Roma e é D. João V que intervêm, condescendente, livrando-o da excomunhão e recolhendo-o a um claustro de Xabregas, onde morre penitenciando-se dos seus funestos desvarios.

E tantos outros, tantos mais, degenerescências da raça, frutos pêcos da grande árvore sagrada que a vermina duma tara precipitava na lama. E havia de ser ela um daquêles abortos?

— Que considerasse, que considerasse. . rematava monsenhor.

A fidalga, sucumbida, parecia emfim conformar-se e aceitar por bom quanto o preceptor lhe dissera. O padre sentia-se satisfeito. Não seria debalde a prègação, nem suas sensatas advertências caíriam em terra sáfara.

Contudo, se o perigo parecia conjurado, outra complicação surgia agora e que não deixava d'inquietar monsenhor. Se êle contava com a vitória da razão desperta, era necessário por outro lado, contrariar qualquer tendência depressiva, não fôsse a condessinha, por influências místicas sobreviventes, vendo contrariados os seus anélos, enclausurar-se na solidão com as suas desilusões e fechar o coração a outro amor. E' verdade que ela era ainda muito nova e não havia nada para estas crises como deixar correr o tempo.

Entretanto, sempre foi dizendo:

— Maria Helena, tenha sempre presente que é portadora dum nome glorioso, que tem o dever de legar à posteridade. Seria um crime deixar extingui-lo. Extremeceriam no seu sepulcro as cinzas de D. Álvaro de Sousa Coutinho, se a sua casa fôsse cair nas mãos dos Vianas e dos Cerqueiras. E lá iria ter, minha filha, se viesse a ficar sem descendência. Eis porque lhe aconselho o casamento, mas um casamento que a dignifique e não a avilte, um casamento como Deus quer que seja. Perpetuar o seu nome, condessa de Vila Real, futura duquesa de Monforte, é perpetuar a tradição, é manter intacto o património sagrado que, mais do que nunca, precisa ser defendido. A solidariedade das raças ameaçadas impõe-lhe a obrigação moral dum consórcio à altura do seu grande nome. Adivinho o que vae dizer-me: que só ama a Luciano. Creancices, minha filha. Tudo depende do querer e da vontade. Porque não procura um pouco mais de distracção? Deus não lhe exige tamanho apêgo. E' preciso freqùentar o mundo. Encontrará na sociedade nomes dignos d'emparelhar com o seu e conjugados com as mais altas e nobres virtudes. Porque não tenta querer, Maria Helena? Perseverar é triunfar. Nós mesmos é que fazemos a nossa felicidade; nós é que somos os obreiros do nosso destino. A condessinha não pode limitar o seu viver no âmbito curto duma burgesa abastada. Lembre-se que esta casa é das primeiras de Portugal e que à sua roda gravita um grande mundo representativo, que não lhe pordoava um tal gesto de desprendimento que tomaria as proporções dum desacato. Os seus iguais repudiavam-na e a plebe ignara apupá-la-ia, porque a descida dum grande, por mais digna que ela seja, é uma queda sempre. Pense na impossibilidade de se apresentar nos salões pelo braço dum plebeu, pois creio que não tencionava encerrar a mocidade no glacial isolamento

desta casa ou na rústica *entourage* duma quinta sertaneja. Na Arcádia, minha filha, é que os reis se casavam com pastoras e as rainhas se enamoravam de zagais. Não comprometa, pois, o seu destino com um acto irreflectido que, embora tocante e belo na sua sinceridade, não pode ter a significação social que lhe corresponde num ambiente privilegiado como o seu é.

XIII

Luciano começára a ter apreensões sôbre a sua paixão por Maria Helena. O idílio, sentia-o bem, morrera naquela noite da Sé. Debalde o tentára ressuscitar num ambiente artificial de evocação e de arte. As suas palavras, talvez porque fôssem calculadas e lhes faltasse o calôr da improvização, não acendiam já reverberações na imaginação da condessinha. O sonho extinguia-se. Era o desfolhar das últimas rosas dum doce outono que se esvae.

Isto revelára-se desde que Maria Helena lhe falára um dia no casamento dêles. Datavam d'aqui as primeiras inquietações. De facto, nunca pensára seriamente em tal. Casar, para quê? Casar era a realidade, a fuga do místico jardim encantado; era deixar a catedral, quiçá desmantelar o seu bem arquitectado ideal de arte. E fôra aquêle beijo ardente, aquêle amplexo lúbrico dos seus dois corpos electrisados que tinham desfeito o sonho. O seu hálito lascivo crestára a candura virginal da condessinha e inoculára-lhe o virus que lhe tinha secado a ilusão e a quimera. Pois que significava aquela idéa do casamento senão o desfazer da linda nuvem côr de rosa e o acordar na crassa materialidade da vida?

Tambem êle, por sua vez, raciocinava agora. Evidentemente aquêle amor havia de ter, como todas as

coisas, a sua finalidade. E fôra isso que não lhe ocorrera ou que não soubera ou não quizera ver, fechado no círculo d'oiro da lenda.

O casamento dêles! Mas podia lá ser! A duqueza de Monforte era-lhe inacessível como um astro. Podia possuí-la no sonho, na evocação materializada duma princeza medieval. Mas era só na catedral, sob aquelas pedras veneráveis que ela podia existir para êle, que ambos se podiam ver, encontrar-se, sincronizar-se. Fóra d'ali não se entendiam mais, não se harmonizavam mais, a mil leguas um do outro, em pólos hierárquicos opostos. Entre ela e êle erguiam-se as altas muralhas da basílica, uma barreira de séculos de tradições e de preconceitos que outros tantos séculos não eram talvez capazes de demolir... E só agora déra por isso. Só agora volvia em roda os olhos arrancados do êxtases.

A desolação ganhava-o à medida que se lhe desenrolava deante da alma entristecida a perspectiva negra do futuro, êsse abandono forçado da condessinha, o esmagamento do seu amor sob a pressão inamovível das conveniências. Mas podia êle resistir? E resistindo que sentido teria então a sua vida? Podia acaso viver-se sem amor?

E súbito acudia-lhe à mente padre Anselmo. O capelão cantor não amava como êle, mas amava e era feliz. Porque não havia então de imitá-lo no seu amor ascético? Porque não havia mesmo de segui-lo a um claustro? Os sentimentos religiosos não ofereciam a inquietante instabilidade das afeições mundanas. E teve desesperadas apetências místicas, solicitações violentas de mortificação. Depois, não era a paz inviolada, a imperturbável paz tão cobiçada e enamorada? E desejou integrar-se, desaparecer no seio daquelas santas e simples creaturas evocadas pelo capelão-cantor, que tão bem compreendiam a

vida, trocando os impetuosos e efémeros momentos dos prazeres dos sentidos pelas serenas horas do recolhimento, vagamente embaladas no murmúrio litânico das orações e dos salmos.

Dicididamente, padre Anselmo tinha razão. Só um caminho se lhe abria, o do claustro. Mas até lá restava-lhe o recurso da arte, as queridas pedras da catedral e aquela linda capela que êle andava a erguer e que mais bela seria ainda, desde que nela concentrasse toda a ternura dum esvaído e infortunado amor.

E mergulhou na catedral com mais paixão por ela.

*
* *

Os trabalhos decorriam lentos.

Naquêle dia estava Luciano a examinar, à hora da folga, uma obra nos canteiros, que tinham feito oficina do lanço norte do claustro, quando viu vir, manquejando, o cónego Fulgêncio, um padre octogenário, alto, macilento, duma magreza de asceta, que se arrastava penosamente, encostado a uma bengala.

A certa distância, Luciano ouviu-o resmungar qualquer coisa ininteligível com o seu azedume habitual.

— Olá, estará o cónego acessível? monologou o artista erguendo os olhos dum capitel em execução.

Luciano tinha-se afeiçoado àquêle cónego inválido, completamente afastado do serviço religioso, que o tratava por tu com modos bruscos, grande orador outrora e notável casuista que acabava os seus dias vagabundeando na catedral e tomando o sol nos claustros.

O temperamento vivo e irrequieto, que lhe alcançára grandes triunfos no púlpito, decaíra, com a idade e a doença, num nervosismo irritante e malevolente que o tornava aborrecido na Sé, onde passava por

sofrer de desarranjo mental, depois do ataque apoplético que lhe paralisára quasi um lado. Intolerante e dogmático, como toda a velhice achacada, cónego Fulgêncio, não deixava falar ninguêm e mal permitia que o interrompessem. Nos seus encontros fortúitos, era só de longe em longe que Luciano arriscava algumas breves reflexões, num curto paréntesis exaustivo. Ultimamente, com os trabalhos da restauração, o mau humor do velho agravára-se e debalde Luciano tentára arrancar-lhe uma palavra, êle ordináriamente tão loquaz na sua maledicência contra o cabido.

O artista sabia que o cónego Fulgêncio não recebera bem as obras e mais duma vez o avistára de longe a ameaçar os andaimes com a bengala erguida, vociferando imprecações de que os operários se riam. Havia muito de contradição mórbida e de rabugice senil naquela repugnância do cónego, mas ao seu gesto não faltava certa lógica. Cincoenta anos de Sé tinham-no amoldado à carcassa do templo, onde êle vivera sempre como um molusco na sua casca. Uma íntima correlação ligava aquêles dois organismos que a mesma lepra comia e o mesmo caruncho esfarelava. Eram dois estropiados que igual desdita irmanára, unindo-os na mesma sorte. Que estranhar, pois, que o padre encarasse com maus olhos todas as tentativas de saneamento da catedral, enquanto êle continuava o irremediável declínio, cada vez mais achacado e decrépito? Como não havia de irritá-lo aquêle divórcio em perspectiva que o arquitecto lhe preparava, ameaçando separá-lo implacavelmente da sua velha companheira? Daí a espécie de ciume físico que roía o coração do padre e se exteriorizava em iras surdas e desmanchados gestos de energúmeno.

Luciano, que o compreendia e o não tinha por demente, admirava-lhe o saber e a eloqüência e era o único que na Sé escutava os seus longos solilóquios

cortados por um fio ácido de scepticismo, onde relampejavam os derradeiros fulgôres duma inteligência agonizante. Naquêle dia o cónego parecia querer sair do seu mutismo e Luciano dispunha-se, como sempre, a ouví-lo, aguardando agora com interesse a explosão da lava que refervia por detrás daquelas cóleras reprêsas.

Entretanto o cónego apròximára-se e, olhando desdenhosamente os blocos de mármore que os canteiros trabalhavam, exclamou alto, encarando o artista com um ar bravo de desafio:

— Trabalho inútil! Tempo perdido!

Luciano, brandamente, para não o irritar, replicou:

— Cónego Fulgêncio, olhe que é uma obra piedosa...

— Sacrílega! Sacrílega! bramiu o padre, de jacto.

— Parece-me que restaurar a catedral...

Os olhos do velho chamejaram num sarcasmo irónico.

— Restaurar! Restaurar! O que me fazem rir com a sua restauração que se resume, afinal, nalguns remendos de pedra numa carcassa vasia! E crês tu que atacando com a tua cirurgia a cirrose dêstes muros, lhes dás a vida que êles tiveram? Crês tu que refazendo algumas letras de pedra, reconstitues a legenda antiga?

— Mas a arte...

— A arte...

— Não será a arte uma nova religião capaz de restituir a vida à velha Sé?

— Mas, que vida queres tu dar-lhe, grande tonto? Fôsses embora capaz — que não és — de repô-la na primitiva, de a concertares toda, pedra por pedra, do portal até à ábside, do pavimento até às torres, supões tu que lhe davas vida? Crês tu que a reanimavas? Bem sei que amas a catedral, bem sei que te

comove esta ruína. Tenho-te visto tateá-la, dias inteiros, na obscuridade das naves, nos seus recantos misteriosos, todo entregue a ela com uma cegueira de enamorado e mais duma vez a tua solicitude me despertou zelos. Sim, tu és sincero, tu amas esta igreja; mas, na realidade, o que te entristece não é a ruína do seu prestígio, é a lepra das suas paredes. O que te dói não é a alma que se extingue, é a necrose das pedras. O que tu amas, o que te preocupa é apenas a fórma. é o envólucro estético duma alma que desconheces. Mas, se és um artista, não ignoras que a função da arte é, sôbretudo — criar. A tua mão será apenas o intérprete do ideal que te enche o cérebro, ideal que consubstancía a tua vida e para o qual ela passa inteira com os seus nervos e o seu sangue. Ora, com que alma queres tu trabalhar aqui? Sim, com que ideal te propões, tu mais os teus operários ímpios, reanimar a velha igreja que a fé doutros ergueu ao céu?

O cónego calára-se, sufocado. Toda a sua alta figura eclesiástica se endireitára, hirta e desempenada, num aprumo que Luciano não vira nunca. No fundo das suas órbitas reverberava o incêndio das idéas dispersas, como carvões remexidos num braseiro mortiço, enquanto, exteriormente, a sua excitação se manifestava esgrimindo a bengala, cuja ponteira de ferro feria malévolamente os mármores brancos lavrados de esculturas novas.

— Hade concordar que o nosso trabalho não é uma simples reparação, tornou Luciano. E' certo que somos impotentes para afeiçoar as seʌou pedras com o mesmo estado de alma dos antigos...

— Reconheces, então?

— Sim, não podemos impregná-las da religiosa unção primitiva; mas a arte, que é tão espiritual como a religião, supre dalguma sorte a nossa insuficiência.

Ai das pobres ruínas se não as protegesse a arte! É ela que detêm no limiar desta igreja a enraivecida onda iconoclasta.

— Mas a arte, desvairado, é uma deleitação sensual independente da crença que ela, quando muito, embeleza e poetiza. E' um acessório, nada mais. A arte, permite-me o desafogo, é na Igreja uma especie de tempêro místico com que nós condimentamos as vitualhas rituais. Os latins são menos ásperos rolados no óleo dos cânticos e o ceremonial perde muito da sua insipidez servido nos môlhos da liturgia. Mas, é preciso não confundir, insensato. Uma cousa é a Arte e outra cousa é a Fé. A arte é a flôr, mas a fé é a raiz. A arte não é essencial à vida e só aparece na plenitude física do sêr — seu coroamento luminoso. Assim na Igreja. Ora o que te importa na catedral não é senão a florescência, — que é mortal e transitória, o desabrochamento da fé e não a própria fé, que vive sempre oculta nos corações como uma raiz no sub-solo. Mas cego que tu és, que não vês, que não reparas que a espiral asul dos incensos, as volutas melódicas dos órgãos, ó sublinhado místico dos cânticos, a propria fórma do templo, — todo o vinco da arte dentro da órbita da Igreja —, é a silhueta de Cristo que marca, é a imágem dum Deus que decalca. A igreja cristã não se resume afinal, toda inteira, num símbolo, — a imágem do Redentor? O invólucro mortal do fundador do cristianismo não se dissolveu, não se desagregou na mesma corrupção dos outros corpos, fundiu-se no crisol da fé e derramou-se como um jacto fundente, na forma da igreja cristã, cuja estrutura é a estrutura corporal do Nazareno. A igreja não é, com efeito, o molde plástico de Cristo? Ao longo das naves não se lhe distendem as pernas? Nos septos do cruzeiro não se lhe alongam os braços? E no côro inflectido não

repousa a sua cabeca? E aqui tens tu, afinal, onde vem dar sempre a tua arte. Dizer — Igreja é, pois, o mesmo que dizer — Cristo. Podem baní-lo da sua casa, mas não conseguem insuflar nela uma nova alma. Aqui não pode haver outro culto que não seja o Evangelho. Não, meu rapaz, desilude-te; não é êste o plasma onde o teu Deus-arte incarne.

Era soberbo de altivez o gesto do padre reivindicando naquela casa os soberanos direitos de Deus, que mãos ímpias, numa tarefa sacrílega, queriam arremessar dali para fóra e substituir por um méro conceito ideológico.

Baldadamente o arquitecto protestava. Não pretendia expulsar Deus da igreja, mas expurgá-la de reparações ignóbeis. Tudo era inútil.

— É um sacrilégio, um crime de lesa-história, continuou o velho, tocar nestas pedras que agonizam. Tão absurdo e insensato como querer restaurar o Parthenon ou os braços da Venus de Milo. O que praticas nêste templo é uma violação abusiva; é pegar na história da Sé de Lisboa e rasgar-lhe as folhas, uma a uma, do século XIV em diante. Pois quê, recuas o templo até Afonso IV e apagas tudo dêste rei em diante? A tua restauração é, afinal, uma obra truncada. Cada século que passa deixa vincada uma marca indelével que lhe imprime o seu carácter. Bôa ou má, quem tem o direito de a eliminar? Quem ousará corrigir o que a história fez? Tens aqui a arquitectura cristã retratada em todas as suas fases, imponente e grave no românico, mística e elançada no gótico, amaneirada e rocócó na decadência. Atarracado, baixo, sombrio, o templo românico com a sua cripta — que é o o succedâneo da catacumba — tem ainda o especto de refúgio obscuro, ara do culto clandestino fugindo aos riscos e perseguições. A religião tem o que quer que seja de iniciação e de seita. Já

o gótico é o românico chegado à maturação e desabrochando em florescências sumptuosas. É, contudo, o mesmo carácter, é ainda o mesmo estilo com uma técnica mais segura e uma forma mais caprichosa, volúvel e desenvolta, conseqüência natural das prosperidades da Igreja e do seu triunfo no meio social. Mas há o que quer que seja de respeito terrificante, de ditadura sacerdotal nesta teocracia que depõe imperadores e fulmina excomunhões, nesta relião inacessível à alma do povo, em que Deus é mais temido que amado, mais soberano do que pai. O templo tem o seu quê de antro mitológico, onde incuba, ameaçador, e formidável poder de um Deus. Mas surge um tempo em que a Igreja desce ao povo e Deus uno substabelece os seus poderes nos eleitos e nos santos, nos bemaventurados e nos mártires. Formam-se sociedades piedosas, confrarias e irmandades que transformam a Igreja numa colmeia formigante adaptada ás necessidades práticas da religião investida agora duma missão social. Os santuários medievais com as suas bárbaras muralhas de fortaleza, negras, desnudas, reçumando frio e humidade, vestem-se de talhas, decoram-se de pinturas, tornam se nos confortáveis interiores da Renascença mais propícios para os colóquios morosos e as intimidades com os poderes indulgentes. A amplitude das instituições eclesiásticas trouxe para a metropolitana uma enorme população. Nêste recinto viviam centenas de criaturas. Famílias inteiras instalaram-se nos claustros, abrigaram-se entre os botaréus, subiram às empenas, treparam para os telhados. Verdadeiras ninhadas humanas prolificaram nas eminências em concorrência com as aves. Os familiares da igreja, que eram inúmeros, moravam todos no templo. E porque não? Os serviçais de Deus em casa de Deus habitam. E que ventura para o crente poder dormir sob a asa

protectora do seu Senhor, no privilegiado raio de acção da sua presença corpórea e viva!

— Decerto, cónego Fulgêncio, Deus estava então melhor acompanhado que hoje. Era uma auréola de almas em torno da sua cabeça.

O cónego murmurou vagamente, tocado pela sombra gélida da dúvida:

— E se fôsse êsse resplandôr vivo que lhe desse a ilusão da vida?...

O olhar do padre, que a tristeza cobria agora dum céu de cinza, errava com lentidão no desolado abandono dos claustros, na mole cancerosa da ábside, naquêle calmo jardim de cemitério, vasio de aves e de crianças, onde um lendário côrvo crucitava sinistramente, com os olhos nostálgicos no buraco asul do céu, ao alto.

— Quem viu a Sé e quem a vê hoje! continuou o padre. A idade de oiro da Igreja está morta. Os príncipes já cá não veem. As irmandades dispersam-se, as confrarias dissolvem-se. Uuma sombra glacial projecta-se sôbre os brilhantes fastos da Igreja. Pior do que a hostilidade, que fere e faz correr o sangue, a indiferença asfixia, extingue a vida lentamente. Não temos nós todos o aspecto de múmias? A pressão da vida civil, o abandono dos hábitos talares descaracteriza-nos, rouba-nos o prestígio sagrado. Já não há sacerdotes, não há ministros da Igreja. Observem-nos em ceremónias de certa pompa. Não sabem paramentar-se, não vestem com elegância, não teem donaire e aprumo, bufam sob as capas de asperges, enrodilham-se nas dalmáticas. É o hábito da profissão que se vai. Sim, isto está pronto; a hora fatal apróxima-se.

E aquela ruína era bem o reflexo da gangrena alastrando e devorando a catedral.

— Êles não o querem, continuou o cónego relan-

ceando o olhar para o côro onde, àquela hora, se salmodeavam Completas. Êles não o querem, mas—para que negá-lo?—a Igreja é uma água que baixa, um resíduo estéril no fundo da alma dos povos. Vêmo-la como uma lâmpada bruxoleante que nos vai ficando sempre mais distanciada na noite dos tempos. E se ela tem resistido, oh, se tem resistido! As revoluções passam com seus ciclones devastadores e, a cada rajada, a chama ondula, quebra toda e quando parece já prestes a extinguir-se, a flama atiça o seu lampejo, ergue-se de novo e aponta o céu. Mas, se o tufão não poude abater a Igreja, crestou-lhe tudo em roda. De pé, embora, ela não pode resistir mais à míngua de óleo da crença que a alma sêca do povo distila cada vez menos.

E as naves desertas, a igreja cada vez mais só, mostravam bem o aniquilamento da Fé.

— Sim, o catolicismo tem os seus dias contados. E nós que vivemos dentro da Igreja é que sentimos como ela arrefece. Mas, Deus não morre porque a Igreja cerra as suas portas, como não se apaga o sol porque não entra mais num túmulo. Fracassam os dogmas? Embora. A crença vai florir sob outras formas. Igrejas, cultos, ritos, confissões são os aspectos que Deus toma sob ângulos diferentes de civilização. Que importa, pois, que essas naves se desentulhem se já não há crentes para as encherem? Por isso é vã a tua obra, meu rapaz! Estás construindo uma casa que ninguem virá habitar. É um mausoléu a Deus o que tu estás erguendo. Sim, mais do que nunca, a Igreja é agora o símbolo dum corpo morto; um grande fóssil que guarda as marcas de Deus. E crês tu que nesta carcassa possa ajustar-se outro organismo? Supões tu que uma outra alma possa avivar esta ruína? Resurgir? Ilusão! Na sua seqùência histórica, os factos — e os homens — depositam-se numa

como que sedimentação que é inútil, que é absurdo querer contrariar. De que serve revolver os velhos solos? De que serve abrir à luz as sepulturas? Se é a ordem natural das coisas!... Não, não se volta atrás na história. Chega um tempo em que somos de mais no mundo. Os homens e as idéas. O que sei eu já do que lá vai por fóra? Debalde tento, ás vezes, erguer-me e escutar. Não percebo nada, não entendo nada. Sinto que tudo me sobe à roda e cada vez me enterro mais nesta necrópole das crenças, velha nau que apodrece nas águas mortas dum ancoradoiro. É que oito séculos rolaram por aqui as suas aluviões e por cima dos entulhos das idades, alicerçam se novas crenças, novos ideais, um mundo novo, o mundo a que tu pertences, meu rapaz.

— Sim, a Igreja morre, disse por sua vez o artista. Mas, se a Igreja naufraga é porque tomou um rumo errado. A Igreja não escapou á embriaguez da dominação, á vertigem do predominio. Moralmente senhora dos crentes, quiz o domínio político, quiz o poder temporal. Sempre a ambição da Igreja foi ser uma *cracía.* A sua perda foi ter disputado ao poder civil a direcção da sociedade, o mecanismo administrativo, não lhe bastando a posse das almas, a pura realeza espiritual. O seu grande êrro foi ter-se servido das mesmas armas das seitas — o fanatismo intolerante e o dogmatismo infalível. Se a Igreja não se afasta dos sãos princípios apostólicos os homens viveriam hoje em comunidade christã.

O cónego Fulgêncio, que ouvira sem interrupção esta tirada, envolveu Luciano num olhar de compassiva piedade.

— Já me tardavas com a tua sociologia artística tresandando a loja maçónica. Desilude-te, rapaz. Nenhum sistema subsiste inalterável. Viver é renovar-se. E a Igreja morre precisamente dêste divórcio, cada

vez maior, entre princípios cristalizados e as sociedades em marcha.

E, voltando as costas ao artista, o velho cónego encaminhou-se para o fundo do claustro, cambaleante e trôpego, apoiado à bengala, cuja ponta de ferro fustigava malévolamente as fiadas de pedras com os primeiros desbastes de toros e nacelas e a incipiente *corbeille* dos capiteis, onde começavam a emergir embrionárias folhas nervadas...

XIV

Entretanto um rumor de escândalo alastrava na Sé, como uma nodoa d'óleo. Cónego Rocha e alguns padres que hostilizavam agora as obras, mas pretendiam no fundo atingir Luciano, impulsionados por mão extranha, tinham sabido, ignorava-se como, da aventura do arquitecto metido na Sé uma noite inteira com a fidalga, e o arrombamente do tabernáculo na capela do Sacramento. A gravidade dêsses factos andavam êles a avolumá-la, deturpando-os malevolamente no seu ódio contra o artista. E os absurdos fervilhavam. A versão que mais corria e se tornára por fim unânime era a de uma iniciação satânica a que Luciano forçára a fidalga, subjugando-a pelo terror. Que outro fim podia ter a violação do tabernáculo senão o de lançar mão das partículas sagradas para algum acto diabólico ?

— Aquêles estudos da Idade-média deram-lhe volta ao miolo, opinava um.

— Lá que êle tem parte com o demónio, isso é fóra de dúvida, soltava outro. Viu-o alguêm fazer o sinal da cruz ou receber a santa eucaristia ?

— E esse cubículo lá em cima a que êles chamam o *Capítulo*. Lembra-me o feiticeiro Claudio Frolo da *Nossa Senhora* de Victor Hugo.

— Talvez êle procure tambêm a pedra filozofal.

— O que êle procura é outra coisa, rosnou o cónego Rocha maliciosamente.

— Mas não é para os dentes dêle...

— Monsenhor Santana cortou-lhe as vasas!

— Os pés já ela não põe na Sé!

— E se o patriarca vem a saber, era uma vez Luciano e o ilustre sr. seu pai.

— Ora, o patriarca! Mas se foi êle que os fez a ambos gente!

— Veremos, veremos... resmungou o cónego Rocha com um ar reservado de maldade latente.

Estes e outros diálogos eram agora freqùentes na basílica. Os *habitués* do *Capítulo*, a começar em padre Anselmo, tinham-se retraído, frèchados por ironias que não percebiam bem, mas desconfiados, receosos de qualquer cousa que os viesse a comprometer. Um isolamento se fazia assim a pouco e pouco em tôrno de Luciano, que não dava por tal, embriagado no amor da condessinha e nessa febre que o devorava de realizar o sonho da capela da Virgem.

Naquela tarde, como todo o pessoal das obras se houvesse já retirado, padre Anselmo, depois de certificar-se que o arquitecto estava no *Capítulo*, subiu ligeiro à galeria, cosendo-se com as paredes. Trepando em seguida a escada de madeira saltou no terraço e foi bater levemente no caixilho envidraçado, ao mesmo tempo que empurrava a porta, encostada apenas.

Luciano viu-o entrar com um ar tétrico na expressão. Depois de fechar a porta, cauteloso, padre Anselmo encarando o artista proferiu com voz sumida:

— Deve ter extranhado a minha ausência...

— Não... sim, tenho notado, mas não compreendo.

— Sabe, Luciano, que correm coisas a seu respeito?

O artista teve um sobressalto.

— E o que é mais grave, acrescentou o capelão-cantor, é que o nome da condessinha anda envolvido no caso.

— O quê, o quê? exclamou o arquitecto muito pálido, levantando-se de chofre.

— E' por força grande intriga! Aqui anda o dedo de cónego Rocha! Calúnias, já se vê. Mas toda a Sé está cheia disto e o meu dever é preveni-lo.

— Mas explique-se, por Deus! Que é que dizem? Que coisas graves são essas?

— Diz-se que o senhor e a condessinha — veja que ideia! — ficam de noite fechados na Sé; que o sacrário na capela do Sacramento apareceu forçado, havendo por isso quem jure e tresjure que a capela é teatro de cabalas satânicas. E' ou não é absurdo? Supõe lá o que êles dizem a seu respeito e da condessinha, na sacristia, e quando estão a revestir se! Fervem os ditos, as alusões, as ironias, coisas que a gente não percebe e que ainda mais nos desconcerta. Não viam com bons olhos as nossas reüniões, e vingam-se. Mas de que modo, santo Deus! E são tais creaturas sacerdotes cristãos que praticam a liturgia e tecem diariamente a corôa do ofício divino! Os sacrílegos são êles!

O capelão-cantor, tão prudente e comedido, enchia-se duma justa indignação ao lembrar-se que pela boca daquêles homens, como através dum cano imundo, fluía a oração litúrgica. Que gratas deviam ser tais ofertas a Deus!

— E o pior é que isto espalha-se, lamentava-se o presbítero. Se tais murmurações chegam aos ouvidos do patriarca não passamos sem dissabor... Emfim, Luciano, fica prevenido. E não se admire se eu não voltar por algum tempo, a vêr no que isto dá!

E padre Anselmo escapuliu-se tão encolhido como entrára.

O arquitecto ficára estupefacto. E' certo que êle tomára todas as precauções, e que a discreção do guarda fôra adquirida bem cara. Mas fôssem lá fiar-se em gente boçal, de mais a mais contaminada pelo vício da tagarela e da bisbilhotice que infeccionava toda a Se! Até ali, até ali tinha guarida a hedionda intriga dissolvente. Era de esperar! Até ali fermentavam odios e maldades, as mesmas misérias degradantes lá de fóra, de que êle fugira e que vinham ali alcançá-lo, atingí-lo na própria alma, ferí-lo nas suas mais íntimas afeições. Onde refugiar-se então? Onde acolher-se? Quem tinha, pois, razão? Padre Anselmo apelando para o claustro ou João Coutinho só vendo a salvação num mundo novo erguido violentamente sôbre os destroços do presente?

Luciano pressentira já que uma mão oculta é que revolvia o lodo infecto. E lembravam-lhe episódios insignificantes, verdadeiras ninharias de que se tinham servido os seus inimigos para o malquistarem com o cabido. Um dia, o arquitecto resolvera fazer sondagens superficiais ás ogivas obstruidas nas costas da capela-mór. Conforme a estrutura gótica, o santuário era rôto. Comunicava porêm directamente com a nave deambulatória, como na maioria das igrejas góticas? Em que estado se encontrariam as molduras? Como seriam os seus perfis? Que ocultaria, emfim, o enchimento? Andaimes ergueram-se e as pesquisas começaram. Isto foi suficiente para se espalhar que tudo aquilo não passava duma tentativa disfarçada para desalojar o cabido da capela-mór, o que era o mesmo que expulsá-lo da Sé. E as apreensões tomavam consistência, agitando-se já deante dos ânimos timoratos a ameaça eminente do rompimento para o interior do santuário e o despenhar duma saraivada de pedregulhos nas bancadas capitulares.

— E' uma provocação, bramavam os padres.

E a indignação subiu a tal ponto, que Luciano, advertido, teve de suspender as inofensivas sondagens.

Pouco tempo depois surgia nova especulação.

Não se sabia bem como isto fôra. Luciano tinha feito deante dos padres uma vaga referência ao caso, lembrando que, mais cedo ou mais tarde, a restauração da capela-mór e da nave central obrigaria o capítulo a transferir-se para outra igreja, que podia talvez ser a basílica da Estrêla. Súbitamente imprecações tinham começado a cair, a propósito disto, sôbre Luciano; que o que êle pretendia era pôr os padres d'ali para fóra e ficar só na catedral ou com quem muito bem lhe apetecesse.

Não era evidente o acinte? Donde podia, porém, provir?

*
* *

Cónego Porfirio ficou perplexo ao receber aquela manhã um convite do patriarca reclamando instantemente a sua comparência no paço. Que lhe quereria D. Agostinho? A carta, do seu próprio punho, não era cerimoniosa; o prelado, como sempre, tratava-o familiarmente; todavia, da concisão de palavras, da secura do pedido, lacónico como uma ordem, transpirava qualquer cousa d'anormal que gelava a missiva. Ocorreu-lhe logo que Luciano não era alheio ao caso. Tinham-lhe chegado aos ouvidos ecos de escândalos imaginários que atingiam o rapaz, e a que não prestára maiormente atenção, habituado já a êsses miasmas d'intrigas que exalam por vezes os recantos das sacristias e que tudo infectam e contaminam.

O chantre da Sé procurou nêsse mesmo dia o patriarca que o recebeu com um ar grave e pezaroso denotando preocupação. Ceremoniosamente o chantre

curvára-se para beijar-lhe o anel; mas D. Agostinho retirou a mão, num gesto brando e familiar, dispensando-o da pragmática.

— Mandei-te chamar, Sampaio e Melo, começou o prelado afavelmente, numa voz que adoçava a severidade do rosto.

— E aqui me tem, Eminência, replicou o chantre curvando-se.

D. Agostinho era um homem de estatura mais que mediana, muito direito e majestoso, que orçava pelos setenta e cinco anos. Não tinha a bonhomia untuosa de certos eclesiásticos romanos. Era sêco, ossudo, voz cava, rosto comprido e descarnado com depressões muito acusadas que o tornavam mais duro ainda, e um olhar que enregelava. Esta severidade de expressão que imprimia maior relêvo ao seu alto ministério, não excluia, porêm, um acolhimento bondoso, uma ternura paternal que vinha do homem encoberto nas dignidades sacerdotais e se insinuava em quem o ouvia, reanimando, encorajando, como um dôce calor de estufa que ocultamente circula por trás de rígidos brocados.

— Não ignoras, Sampaio e Melo, continuou o prelado depois de um silêncio recolhido, que me mereceste sempre uma estima particular de que algumas vezes tens recebido inequívocas demonstrações. Um desgosto que te sobreviesse afligia-me a mim tambêm e muito mais se eu tivesse de ser a sua causa involuntária.

— A vossa Eminência devo eu tudo o que sou, retorquiu o chantre com humildade sentida, e a sanção da sua justiça acato-a tal se de Deus viera. Se tendes a arguir-me duma falta é que decerto fui culpado e só me resta penitenciar-me com cristã conformidade.

Esta sincera submissão enevoou ligeiramente o olhar de D. Agostinho.

— De nada tenho a exprobar-te, cónego. Não se trata duma falta propriamente tua, mas de alguêm que te é caro. De certo estás ao corrente do que na Sé se murmura de Luciano.

— Sim, Eminência, chegaram até mim certos rumores a seu respeito, mas achei-os tão absurdos, com tanta falta de senso que vos confesso não me terem preocupado, no que talvez andasse mal, quero crer agora. Mas, não será tudo isso obra de línguas mofinas? Há uma tal má vontade na Sé contra o rapaz!

— Não é tanto obra da malidecência como supões, Sampaio e Melo. Tive o cuidado de inquirir pessoalmente antes de formar o meu juizo. Posso afirmar-te que Luciano é bem culpado de sucessos bastante graves que não podem ficar impunes.

Cónego Porfírio empalidecera.

— Vossa Eminência sentenciará em sua alta sabedoria.

O prelado fixou atentamente o rosto do chantre e, hesitante, parecia passar as suas palavras lentamente através do crivo da reflexão.

— Sabes que dei a Luciano uma prova de confiança obtendo-lhe a direcção das obras na Sé. Embora o rapaz não fôsse o que deveria ser em convicções religiosas, a sua probidade pessoal, a grande reflexão em tal idade, os seus estudos de arquitectura sacra, o interêsse que tomou pela nossa basílica, conquistaram-lhe as minhas simpatias, porque sabes bem que se a disciplina eclesiástica me impõe e me obriga a certas intransigências não sou um espírito intolerante e absolvo sempre no meu coração o que não posso deixar de condenar como padre. Sábe-lo bem tu, Sampaio e Melo!

O chantre curvou humildemente a cabeça.

D. Agostinho continuou:

— A conduta dêsse rapaz tão correcto, tão exemplar, tornou-se deploravel nos últimos tempos. Tolices próprias da sua idade, admito, mas impróprias num lugar sagrado. Não é decerto novidade para ti que êle insinuou-se no espírito da herdeira dos Monfortes e sem querer saber que a fidalga é quási princeza e que não poderá jàmais ser dêle, desinquietou-a com seus requebros e voltou-lhe o juizo de tal maneira que a pobre menina não vê mais nada e quere por força casar com êle. Monsenhor Santana queixou-seme disto amargamente. Sob protexto de devoções, a fidalga não sae da igreja, sempre metida com o rapaz, e teem colóquios a sós nos claustros e pelas capelas. Esta conduta irregular, compreendes, não posso nem devo tolerá-la portas a dentro da casa de Deus.

D. Agostinho teve uma pausa, como se quizesse reter a onda de indignação que tais sucessos lhe faziam subir na alma. E sentindo-se serenado prosseguiu:

— Mas os desatinos vão mais longe, Sampaio e Melo. Há pior, muito pior. Uma destas manhãs o guarda que abre a igreja ficou pasmado d'ir encontrar os dois lá dentro, sòsinhos, com cara de comprometidos. E' claro que passaram a noite na Sé, fazendo não se sabe o quê!... E' ou não é loucura? Viste já leviandade assim?

— Oh, Eminência, Luciano é honestíssimo!

— Se o não soubesse, cónego, replicou o prelado com energia, não eras tu que estavas agora na minha presença!

E depois de nova pausa continuou:

— Outro facto ainda mais grave, um autêntico sacrilégio. Foi violado nessa noite o sacrário na capela do Sacramento para fins que não atinjo... Duvidas, Sampaio e Melo? Pois não duvides. Assevero-te que tudo isto é certo, absolutamente, rigorosamente certo.

Confirmava-se o boato que correra na Sé de ter o prelado chamado o guarda à sua presença, colhendo-lhe de confissão os pormenores do estranho encontro.

— São infelizmente exactos, basta dizel-o vossa Eminência, os lamentaveis sucessos que acaba de revelar-me, cuja gravidade sou o primeiro a reconhecer e que condeno formalmente, reclamando severas penas. Mas, em minha consciência, perdoai-me se nisto peco, não houve nêsses actos criminosos o intuito reservado, o propósito sacrílego de ofender e agravar a nossa santa religião. Não, vossa Eminência, que vê sempre justo e não se engana jàmais, decerto não dá crédito aos absurdos dislates de supostos sortilégios praticados por Luciano com as sagradas espécies. Terá suas veleidades filosóficas o rapaz; terá os defeitos do século que não foi possível corrigir-lhe; mas d'aí a admitir-se que êle é capaz dum atentado contra Deus e a sua Igreja, duma impiedade afrontosa da Religião e dos seus dogmas vai uma distância infinita. Pelo contrário! Luciano teve sempre, vossa Eminência reconheceu-o, uma profunda paixão pelas coisas sagradas. A espiritualidade da religião poucos laicos — e mesmo clérigos — a sentiram como êle através da arte cristã. E não foi decerto a arte estranha a este rapto de misticismo em que eu filio o desacato, misticismo exacerbado pelo convívio com padre Anselmo.

O prelado escutára a longa fala do chantre, com visiveis sinais de assentimento e concordância.

— Sou da mesma opinião, cónego. Misticismos, exaltações, doidices que não posso admitir e que nem mesmo chego a compreender na época em que vivemos. Êsse padre Anselmo então! Uma creatura do século XII, muito piedoso e temente a Deus, cujas pisadas os outros padres são indignos de beijar. Mas quê, um insociável com puritanismos descabidos, en-

carando tudo com severidades monásticas, incapaz' em suma, de adaptar-se ás transigências que o bem da Igreja reclama. Que ideias, que extravagâncias! Sabes que depois de ouvil-o, há dois anos, num dos domingos do advento, se bem me lembro, tive que interdizer-lhe formalmente o púlpito. O que êle disse do Vaticano e da política da Igreja! Verdadeiras heresias, cuja impiedade o auditório, felizmente pouco selecto, não tinha mente para atingir. Não sofre dúvida que a política é um mal, espécie de lepra moderna que contamina os homens e lhes faz perder toda a noção do bom senso. Isto em todos os campos, porque todos pecam dos mesmos excessos. Mas há política e política. E uma bôa política, isto é, uma política de princípios, elevada e nobre, orientada nos superiores interêsses da Igreja, se não posso nem devo inspirál-a, é-me contudo agradável e aconselho-a a todos os fieis.

Sua Eminência mudava de assunto. O chantre tomou a diversão por bom prenúncio e preparou-se para lhe ouvir uma daquelas homílias em que o prelado era fecundo e que êle gostava de pontificar às ovelhas do seu rebanho.

— Não, práticamente não podemos dissociar a questão política da religião, e é um êrro querer opôr o cristianismo evangélico ao catolicismo romano, como pretende êsse louco do padre Anselmo. Sejamos cristãos como homens, mas católicos romanos como padres. Não há conflito nem contradição. E' uma tristeza que alanceia a alma ver que enquanto os partidários das mais variadas seitas se sacrificam pelas suas crenças e morrem agarrados aos seus ideais, fanatizados no êrro, há ministros de Cristo que de posse da única verdade se transviam nas heresias, convictos que estão com Deus e que trilham por bom caminho. Não falo já dos que abjuram a fé e renegam

sua Mãe, porque êsses caem naturalmente, condenados sem remissão, como uma pobre folha seca que se desprende da árvore e vai precipitar-se no charco. E' contra os que cá ficam e se batem dentro das suas vestes, uns que querem reformas, como se o dogma não fosse intangível, outros, verdadeiros anarquistas que sonham não sei que eliminação de hierarquias, é contra este espírito temerário que sopra inquietadoramente na Igreja cristã que nos devemos precaver, que toda a cautela é pouca.

Verdadeiro chefe, cônscio das suas responsabilidades, D. Agostinho não podia tolerar arremetidas rebeldes contra as leis estabelecidas e não via com bons olhos, homem prático e de bom senso, êstes acessos histéricos de desequilibrados e de místicos.

— Reformar! Mas querer reformar a Igreja é admitir a sua imperfeição, é rebaixá-la à categoria d'instituição humana, logo, falível, mortal. Heresia! Quando negamos a reforma não afirmamos de nenhum modo a inércia, assim como eternidade não quere dizer paragem, fixidez, imobilidade. A Igreja vive. Ela é a roda dentada que Deus colocou no centro do mundo, que engrena em todos os seus órgãos, que tudo move e tudo acciona, e cuja ablação, se fôsse possível, destravaria as sociedades nos altos cumes da civilização, despenhando-as na barbaria. Mas, por que o mundo caminha e as sociedades se transformam, a Igreja também evolue paralelamente, adaptando os seus órgãos ao exercício de novas funções. Os métodos podem variar; as fórmulas podem mudar na equação doutros processos, mas o objectivo é sempre idêntico, a finalidade é sempre a mesma.

O prelado levantára-se da sua alta cadeira d'espaldar atauxiada de grandes pregos amarelos e passeava lentamente na sala.

— O poder político, continuou depois dum curto

silêncio, o poder político tão combatido pelos ingénuos que prégam a abstensão, é indispensavel à Igreja para justificar os seus meios de acção e fazer face ao encarniçamento de adversários poderosos. Mas, entendamo-nos, o poder político é um meio e nunca um fim; é uma força nas nossas mãos, jàmais um ideal nas nossas almas. Não, a Igreja não quere o poder pelo poder, e porque não pretende governar o mundo é indiferente às formas de governo. O seu reino é a comunhão fraternal de todos os homens em Cristo, mais durador e menos efémero do que as realezas da terra.

D. Agostinho calára-se. O assunto da entrevista parecia submerso, perdido nas grandes vagas d'idéas agitadas pelo prelado. E approximando-se duma janela, d'onde um grande trecho da cidade se avistava em perspectivas de fundos scénicos, o patriarca ficou-se por alguns momentos alheado, mudo, absorto na calma que se seguia ao grande esforço mental. E neste silêncio concentrado, a efervescência passou, os fumos dissiparam-se e na lucidez do espirito desanuveado aflorou de novo a realidade desolante.

Cónego Porfirio aguardava recolhido.

— Pois êsses desgraçados incidentes, podes crer, Sampaio e Mello, teem-me tirado o sono, porque te estimo deveras, recomeçou o prelado. Lá que houve apenas leviandade, irreflexão dos verdes anos, disso estou eu convicto. Mas o desacato é positivo e em minha consciência, desde que tive conhecimento, não posso deixar de proceder. Benevolamente, tranquilisa-te... Depois há o cabido a quem devo satisfação. Sei que dão um falso significado aos factos, que os deturpam malevolamente, que o cónego Rocha se excede muito, mas nêste caso, bem vês, tenho que ceder-lhes porque a razão está do seu lado. A êsse Anselmo, vou fazer presente dêle à congregação de

França. Aguardo resposta d'Inglaterra para o pôr imediatamente a andar. Livro-me da sua presença e êle agradece-me ainda em cima, porque todo o seu desejo é ser monge. Talvez que a regra monástica e os ascetismos da clausura o tornem mais prudente e cauto. Quanto ao rapaz... o melhor é Luciano deixar as obras sob um pretexto qualquer. Está novo, na flôr dos anos, é inteligente e de bom carácter... deixe de devaneios, não desinquiete mais a fidalga e que se faça vida pela profissão. Verás como depressa esquece. Quem nos déra a nós a sua idade!... Achas que sou rigoroso, Sampaio e Mello?

— De forma alguma, Eminência. A pena é branda de mais para tão grave delito. Tanta bondade confunde-me.

E já à porta da sala, num apêrto de mão cordeal, o prelado insinuou-lhe ainda, num embaraço visível:

— E arranja-lhe casa lá fóra... Sempre é melhor, não te parece?

O chantre, estrangulado de comoção, mal poude murmurar:

— Fique descansado, Eminência, Luciano saìrá da Sé.

XV

Luciano atravessou a galeria com passo incerto a caminho do *Capítulo*. Ali deixou-se caír aniquilado sobre um divan e chorou por largo tempo, como uma creança, a grande desgraça que o feria, a felicidade desfeita, o ideal decepado cerce, o rumo da vida perdido...

O chantre, um pouco formalizado, sombreára-lhe ainda, numa exprobação fria e curta, o escândalo da capela do Sacramento, as queixas do patriarca inteirado de tudo e por fim a insinuação, ao cerrar da entrevista, para êle deixar a Sé, sob qualquer pretexto. O amor da condessinha bem o sabia Luciano perdido, mas perder a catedral! E não havia que hesitar. O prelado lh'a dera, o prelado lh'a tirava. E afinal porquê? Aquêle caso da noite da Sé, imprudência condenável, sem dúvida, não maculára todavia, a dignidade do lugar e fôra o apêlo angustioso contra uma tentação que roçára por êles, momentaneamente, o seu contacto impuro. Ali tinham ficado ambos, prostrados, na sugestão da presença divina, calmos e frios, magnetisados pelas radiações do Mistério, tão puros e castos como dois santos nos seus edículos doirados. Mas o lamentavel caso servira maravilhosamente os intuitos dos seus inimigos. Aquêle convivio tão freqùente com Maria Helena, que tanto contrariára mon-

senhor cioso das prosápias da fidalga, tinham levado o preceptor, depois das confidencias graves da condessinha, a maquinar a negra intriga que o atirava d'ali para fóra. E o rancoroso padre não hesitára em jogar a honra de Maria Helena numa ocorrência melindrosa, malsinando com requintes de perversidade um incidente sem importancia, no fundo. Fôra êle que prosseguindo no seu pérfido intento desencadeára com diabólicos enredos a guerra sem trégua que lhe moviam, retraindo-lhe os amigos, sequestrando-lhe a condessinha, isolando-lhe o *Capítulo* como um ninheiro d'heresias.

O desânimo esfriára-lhe aquela febre juvenil de sempre, ao lembrar-se que tinha de saír da Sé e interromper a obra querida, o grande sonho da mocidade, talvez mesmo a razão de ser da sua vida.

Entretanto alguêm bateu discretamente. Luciano teve um pressentimento e levantando-se arrebatadamente franqueou a entrada. A condessinha precipitou-se ofegante, muito pálida, e caíu quasi desfalecida, sem uma palavra sobre uma cadeira de coiro. Não era a primeira vez que ela ali entrava só, o que de resto sucedia sempre que não encontrava padre Anselmo na igreja. A situação, porêm, era agora outra. Depois do que se passára, a presença de Maria Helena no *Capítulo*, certamente clandestina, revestia uma grande gravidade. Luciano, perturbadíssimo, não via meio de saír do embaraço e foi a fidalga que rompeu o silêncio, num ar calmo que contrastava com o sobressalto da entrada.

— Não sente, Luciano, a ameaça eminente duma grande desgraça?

Ai de nós, condessinha. Uma nuvem negra paira sôbre a nossa felicidade.

— E bem negra, é verdade!. . Mas um meio, um meio de conjurar o perigo?

— Posso tão pouco!
— Nada lhe inspira então o seu... amor?
— Que é que pode o coração inerme contra golpes tão certeiros?
— Sabe que falei do nosso casamento a monsenhor?
— Monsenhor Santana! Preferia vê-la mil vezes morta do que unida a um pobre artista.
— Ah, meu amigo, o terror que me causa êsse homem em cujas mãos a minha vontade verga como um flexivel junco! O que êle me disse, o que êle me disse! E arrancou-me todas as esperanças. Fôram baldadas as minhas súplicas. Não o comoveram minhas lagrimas. Se até me impôs não vir à Sé, a pretexto não sei de que escândalo que me repugna nomear!
— Pressentia-o, Maria Helena. Depois daquela desgraçada noite, era de esperar. Se soubesse quanto tenho sofrido por causa dessa imprudência filha da minha irreflexão!
— Mas não pecámos, santo Deus!
— Que importa isso, minha amiga? São as aparências que dicídem. Delas lançaram mão para envenenarem as intenções; que o que se pretende é afastar-me daqui. Pois conseguem-n'o, porque vou deixá-la, Maria Helena, vou tambem saír da Sé.
— E é capaz d'isso? Pode fazer isso?
— Que remédio! Sua eminencia soube de tudo o que se murmura e muito embora faça justiça e reconheça que os factos foram malsinados, não pode deixar de proceder em virtude dos mesmos factos. Tendo chamado cónego Porfirio sugeriu-lhe a conveniência de eu dar a minha demissão para se poder sanar o escândalo. Não ignora, Maria Helena, que foi o prelado que me quiz aqui. Uma indicação sua em contrário é uma ordem para mim. Eis porque não posso continuar na Sé...

— E pode assim deixar-me? Pode assim deixar a Sé? E' verdade que me interdizem tambem a vinda aqui... Luciano, que vai ser de nós, que vai ser de mim?... Se ao menos houvesse ainda o recurso de um claustro!

Tão sincera transparecia nêste lamento a angústia da condessinha, o seu lindo rosto de tal maneira reflectia a alma mortificada, que o arquitecto sentiu uma caricia de veludo correr ao longo da sua desdita, e com a voz molhada de ternura inquiriu:

— Causa-lhe então grande pezar a nossa separação, Maria Helena?

— Ainda m'o pergunta, Luciano?

— Que fazer? Não será melhor aceitar o irremediável?

Estas palavras que pareciam impregnadas dum desprendimento álgido, feriram o coração amante da fidalga. Foi numa súplica angustiada, num apêlo desesperado de quem se sente prestes a cair sob uma garra estendida, que Maria Helena exclamou desvairada:

— Oh, Luciano, salve-me, salve-me! Tenho tanto medo de monsenhor Santana! Tremo dêsse homem como uma pobre ave que vê parar sôbre a cabeça a ameaça do milhafre. Sinto-me sufocar na insistente pressão das suas solicitudes. E dizer que não sou livre, que a minha vontade se amolda à sua, que só posso amar quem êle quizer! Só posso amar quem êle quizer! O amor que me enche a alma, bem se importa monsenhor com tal! O amor para êsse homem desde que não siga um certo rumo, é uma anomalia, um desiquilibrio sentimental, um desvio do coração que é necessario corrigir. Acima do amor põe êle não sei que superiores conveniências de raça, que imperiosas primazias de casta. Salve-me, salve-me, Luciano! Só a seu lado eu sinto força para rebelar-

me. E' quando estou aqui que me liberto, como se um poder maior neutralizasse o poder do outro. E êle sabe-o, êle teme-se, afastando-me da Sé, afastando-me do senhor.

Luciano contemplava comovido a dôr daquela creatura com todos os atributos para ser grande e dominar, nimbada do tríplice resplendor da beleza, da riqueza e da nobreza; via-a erguer para êle as mãos trémulas e implorar-lhe e suplicar-lhe a liberdade de amar, de ser feliz, de viver... E um sentimento de orgulhoso poder reanimou-lhe o coração. Bem pouco duradoiro, porêm. Que é que êle podia fazer? Lutar contra tais adversários era mais que temeridade. Tentar comover monsenhor nem pensar nisso. O procurador de S. Martinho, dentro da sua lógica, não podia ceder uma polegada de terreno, fiel escravo duma inflexível linha de conduta. Que lhe restava então? Revoltar-se, romper abertamente contra a fatalidade das coisas, mover a guerra à sociedade? E não era um desvario semelhante passo? Não ia comprometer o futuro daquela creança a troco duma aventura incerta? Que encontraria no fundo do calix d'oiro exgotado? Maria Helena amava-a agora, sem dúvida. Estonteada pela paixão, esquecia tudo, o seu nome, a sua casa, o elo tradicional que a ligava ao passado. Mas, depois? Não lhe pediria ela contas do seu prestígio aniquilado? Não lhe exprobaria cruelmente a sua fraqueza e condescendência? A que tremendas responsabilidades não ficava acorrentado? Mais do que nunca o reconhecia, agora que a tinha ali deante dêle, entregando-se-lhe totalmente.

Luciano atirava às labaredas da sua paixão os baldes d'água da prudência, e o seu bom-senso clarividente não se deixava desorientar pela bússola doida do coração.

— Não suponha, Maria Helena, que desconheço a

sua dôr ou que ela me é indiferente. Mas que posso eu, que podemos nós contra o destino que se levanta adverso na nossa frente? Depois, quem sabe? Talvez monsenhor reconsidere. Por mais duro que um homem seja sempre tem coração. Não perca, pois, a esperança, Maria Helena. Quando mensenhor compreender que o meu amor é uma inclinação sincera não maculada por nenhum interêsse reservado, não terá remédio senão ceder. Vê que não estou desanimado!

E o artista com um pálido sorriso pretendia lançar a tranquilidade na alma revolta da condessinha. Maria Helena percebeu, porêm, o intúito do artista.

— Não tente iludir-me, meu amigo. Sabe tão bem como eu que monsenhor é inflexível, que a sua razão e o seu coração gravitam em órbitas que jàmais se interceptam e que é inutil, portanto, esperar dêle que a piedade venha um dia influir-lhe no raciocínio. Não, não tente iludir-me, Luciano.

O artista ficára confuso não sabendo o que dizer, vendo-se assim desmascarado.

— E não me faça imaginar que não é a prudência que o aconselha, mas o cálculo egoista de vêr-se livre dum embaraço. Se o seu amor não fôsse bastante forte para resistir a provações, e se o senhor recuasse porque um outro homem se interpõe?

— Maria Helena!

— Perdoe-me, Luciano. Mas não compreendo tais evasivas e essa frieza que mostra agora. Oh, aquela noite na igreja! As suas palavras delirantes, os transportes da confissão... Era bem outro, Luciano!

O artista estremecera fustigado por aquêle repto da fidalga.

— E' verdade, era bem outro! A paixão alucinava-me, o meu coração fendia-se como uma bráctea que se entreabre sob a pressão da flôr e o amor trasbordava, trasbordava em torrentes irreprimiveis...

— Que já tancaram, ai de mim!

— Oh, Maria Helena, por quem é, não seja assim injusta! E' lá possivel que a não ame! Se não vejo mais ninguêm, se estou ponto a sacrificar a minha vida por si! Que as torrentes tancaram!... E' verdade, elas não correm impetuosas, como dantes, do coração aos lábios; mas um rio deixa de o ser porque um açude lhe barra o curso? Ah, o amor não tancou, Maria Helena, mas, reprimido, acumula-se, faz repreza cá dentro, extravasa-se por todo o ser. Todo eu estou cheio dêle que o não posso conter mais...

A condessinha cobrava alento.

— Pois bem, se é preciso dizer tudo, direi tudo, continuou o artista comovidamente. Antes o cautério da franqueza que as meias palavras equívocas. Não é verdade que é impossivel êste amôr? Está muito alta para descer e eu muito baixo para atingí-la. Pensou bem, Maria Helena, que liga impura, que amálgama irrisório resultaria da unificação das nossas vidas? Pensou bem nisto, condessinha?

— As mesmas palavras de monsenhor, murmurou a fidalga num grande desalento. A raça, as tradições, o preconceito... Tudo conspira contra mim. Para que lutar? Inútil, o senhor o diz. Monsenhor é mais forte, faça-se então a sua vontade... Sabe que fui pedida em casamento?

— Ah!

— Pelo conde de Penafiel, D. Luiz de Soto-Maior...

— Mas foi ouvida? Consultaram-na? preguntou Luciano desvairado.

Maria Helena respondeu muito calma.

— O conde esteve a almoçar em S. Martinho a semana passada. E o que é extraordinário, monsenhor conseguiu arrastar à mesa o duque que desanuveou um pouco ouvindo as anedotas de caça de D. Luiz.

Depois passeámos nos jardins e monsenhor afastou-se levando meu pai pelo braço. O conde mostrou-se muito amável, lisongeador, fez-me até meias confissões...

Luciano caíra aniquilado sôbre um *fauteuil*, sentindo no coração a ferroada subtil do ciume.

— E ouviu tudo, sorriu-lhe condescendente, deixou-se enlear nos galanteios dêsse homem?...

A fidalga continuou impassivelmente.

— Monsenhor, no dia seguinte falou-me muito de D. Luiz, dos seus méritos pessoais, da sua grande bondade e aprimorada educação, e afirmou-me que o duque desejava muito o nosso enlace. Não lhe disse que sim nem que não. Creio que o meu silêncio foi tomado como aquiescência... Que remédio senão ceder? Se o nosso amor é impossivel, faça-se a vontade de monsenhor. Se Luciano me repele quem é que me livra do conde? Depois êle é tão amável...

— Que a transição é insensivel... Que veiu então fazer aqui? Que comédia é esta?

Luciano tinha as feições transtornadas. A sua voz sibilava saída do peito arquejante. Sentia a cabeça em fogo, zumbidos estranhos nos ouvidos, os lábios sêcos, as mãos húmidas e trémulas. Invadia-o o torpor. Um turbilhão de idéas confusas entontecia-lhe o cérebro, e as pálpebras pesavam-lhe como chumbo.

Maria Helena espiava-lhe atentamente a fisionomia, o olhar morto na face lívida, a prostração de todo o ser, abatido, aniquilado na consciência da sua desgraça.

E não podendo conter-se, na irrupção do sangue ardente da raça, Maria Helena caiu aos pés de Luciano, lançou-lhe os braços ao pescoço numa efusiva explosão de carícias incontidas.

— Perdôa, perdôa. Nada pretendo dêsse homem.

Não o ouvi, não o atendi. As suas palavras resvalaram no meu coração, onde só tu reinas, meu amor, meu Luciano!

O artista voltára a si. Na convulsão brusca do abalo, lágrimas ardentes rolaram. E numa ternura fraternal que nada tinha do sexo e manava das fontes, das profundidades vivas do ser, Luciano abraçou a cândida donzela e no seu regaço virginal, como no seio duma irmã, soluçou por muito tempo num sentimental desabafo, as suas angústias reprezadas.

— Livres, enfim, não é verdade, Luciano? Nada nos pode separar jàmais. O grande obstáculo ruiu fundido nas tuas lágrimas. A grande sombra desfez-se nesta alvorada do nosso amor. Vamos viver, emfim, o nosso sonho realizado?

— O que tu quizeres, o que tu quizeres...

— E emigraremos para outras terras, com jardins sempre floridos e lindos céus sempre estrelados?

— O que tu quizeres, o que tu quizeres...

— E desconhecidos do mundo, perdidos nas multidões, iremos quais peregrinos pelos santuários de Deus, de catedral em catedral?

— O que tu quizeres, o que tu quizeres...

— Ah, as belas catedrais de França que não nos deixarão ter saudades da Sé. Como te hão de parecer mais belas quando um dia lá fôrmos juntos. E ajoelharemos em êxtase na diliciosa e incomparável Chartres com a sua cripta de Nossa Senhora-de-Debaixo-da-Terra de que me falas sempre tão comovido!

— O que tu quizeres, o que tu quizeres...

* * *

Entretanto Luciano dispuzéra tudo para a fuga. Um automóvel, cêrca das onze horas, chegára ás Por-

tas do Sol e deslisára mansamente, como uma sombra, parando no ponto mais afastado da meia laranja do largo. O arquitecto ficára dentro, aguardando ansiosamente que a condessinha aparecesse, e cada vulto que voltava a esquina o fazia estremecer. Consultava o relógio devorado de impaciência. Parecia que o tempo parára. Os minutos eram eternidades. As onze horas desprenderam-se, emfim, das torres de S. Vicente. O coração queria saltar-lhe do peito. Maria Helena ia chegar. De dentro do auto, Luciano não cessava de fixar o ponto onde a fidalga devia surgir e cada pessôa que desembocava no largo se lhe afigurava ser ela.

Cinco minutos, dez minutos decorreram. Impaciente o artista saltou do carro e foi postar-se junto da igreja de Santa Luzia, sondando o largo do Contador-Mór, onde quasi ninguêm passava já. A solidão encorajou-o e atravessando a rua penetrou no terreiro deserto. Um vulto pareceu destacar-se do palácio. O artista voltou atrás. Mas a fidalga não aparecia. Era um transeunte qualquer que voltava a rua das Damas. De novo o artista se encaminhou para o passeio de Santa Luzia com a alma presa de mortal inquietação e prescrutou o largo todo afogado na sombra. Porque não vinha Maria Helena? Que acontecera em S. Martinho? Era impossível que a condessinha mudasse de resolução. Desconfiaria monsenhor Santana? Luciano consultou o relógio. Passava já das onze e meia. Qualquer obstáculo imprevisto frustrára os planos de Maria Helena. Que podia ter sido? E acudia-lhe à idéa monsenhor, a creatura sinistra que se interpunha entre os dois, como uma sombra fatídica.

Nervosamente, não podendo conter-se mais, o artista avançou no largo e cravou o olhar na fachada muda do palácio cerrado como um sarcófago. Pela

porta do sul é que a fidalga devia sair, e resolutamente o mancebo aproximou-se, deslisou ao longo do velho edifício adormecido. Nenhum ruído vinha de dentro. Dos lados de D. Fradique vozes avinhadas trauteavam coplas duma revista em voga. Dois vultos desembocaram no largo e seguiram para o Limoeiro. Luciano afastou-se. Decididamente Maria Helena não vinha. Coisa grave sucedera. Sempre esperaria mais algum tempo. Podia bem ser que uma visita inesperada, a presença de monsenhor, qualquer facto anormal, emfim, a impedisse de sair. Os transeuntes rareavam cada vez mais. Elétricos passavam replectos, inundados de luz, a caminho da Graça. Vagarosamente os sinos de S. Vicente badalaram a meia-noite. Luciano despediu o carro e embrenhou-se nas sinuosas ruas d'Alfama.

*
* *

Febrilmente, a condessinha ia despojando os escaninhos dum contador marchetado e acumulando na pedra dum toucador um monte de joias, aneis, braceletes, fios de pérolas, colares, riquissimo recheio de heranças seculares sempre crescente de aquisições valiosas, de geração para geração. Ao deparar-se-lhe um cofre de sândalo, abriu-o premindo uma mola e arrancou dum estojo de veludo côr de gema um crucifixo d'oiro, trifoliado, que scintilou na penumbra da sala os seus carbúnculos ardentes. A fidalga beijou a santa imagem devotamente, muitas vezes, e certamente menos pelo seu grande valor do que por alguma recordação piedosa a que andava ligada, desfivelou o fio d'oiro que a prendia e desabotoando o corpete suspendeu do pescoço a preciosa joia, que ficou pousada docemente no seio.

Tinham batido as nove horas já e só agora, depois

do jantar a condessinha ficára livre, embaraçada toda a santa tarde por uma zeladora do Apostolado. Em uma hora tinha, porêm, tempo de preparar-se. A combinação fôra para as onze. A condessinha saía por uma serventia particular e juntava-se a Luciano que a aguardava num recanto das Portas do Sol. Depois, era um relâmpago até à fronteira e quando dessem na falta dela em S. Martinho a bom cabo estava já! O que ela havia de rir, só em pensar na cara que faria monsenhor quando lhe fôssem anunciar o seu desaparecimento, lá pelo dia adiante. E activamente, saltitando pela saleta, como uma ave buliçosa, a condessinha escancarava os móveis, corria gavetas, voltava de bôrco os guarda-joias, os cofres e os escrinios. Mandára retirar as duas creadas e de ninguêm confiára o seu segredo.

Jàmais o tempo lhe parecera tão moroso. Aquêle dia não tinha fim. Como custava a chegar a felicidade! Onde estariam êles àquela hora, o dia seguinte? Num hotelsinho da província com seu balcão sôbre jardins e um rio a gemer a cantilena das suas águas. E levariam toda a noite a ouvir as águas em baixo e a ver as estrêlas no alto. Lembrava-se agora que nunca contemplára o céu com Luciano, que nunca os enternecera a emoção duma paisagem. Tão entretidos com as pedras da Sé não lhes ocorrera que havia astros tambêm, que havia campos, searas d'oiro, montes vagos, sonhadores. E esta evocação fez-lhe febre. Um acre aroma penetrante de serranias, fontes vivas, arvoredos e ninhos, pôs-lhe o sangue em alvoroço, acendeu-lhe no olhar uma flama lúbrica, capitosa.

Um timbre batendo horas no grande silêncio da sala acordou-a brutalmente — Dez horas já, murmurou. E um calafrio percorreu-a toda numa reacção tão forte que o sangue arrefeceu nas veias, e fê-la quási tiritar. Correu a uma janela escancarada e cer-

rou as vidraças. Pôs-se então a pensar se não lhe ficaria alguma coisa por fazer. No Apostolado tudo estava em ordem. Todas as contas de modistas e fornecedores se achavam regularizadas. — E o duque? pensou, num toque súbito de emoção. — Não posso retirar-me sem lhe deixar duas palavras. E dirigindo-se para uma secretária começou a escrever ao pai. As poucas linhas de despedida comoveram-na, embora o coração do duque, enregelado pela misantropia, quási que a tivesse esquecido, numa indiferença que contrastava com a ternura d'outros tempos. Mas sempre era seu pai e quem sabe que lugar ocuparia ainda no seu pobre coração!

O timbre soou meia hora depois das dez. Maria Helena sobressaltou-se. Grandes palpitações sacudiram-na violentamente. Como o tempo marchava veloz! A condessinha dispôs-se para saír fazendo um pouco de *toilette*. E aguardando as onze horas encostou-se à janela envidraçada sôbre os jardins. A massa confusa do arvoredo emergia num fundo de treva muito densa e por cima dos telhados, no plano superior, a cidade surgia toda fosforescente dos grandes rios luminosos sulcando as vias largas da Baixa.

Sentia-se abafar. Abriu uma janela. Um murmúrio de vaga marulhenta subia até o terraço. Locomotivas silvavam estrídulamente na gare central. Uma opressão apoderava-se dela à medida que se aproximava o terrível momento. Partia com saudades de S. Martinho, daquêle interior tão confortável e carinhoso, das lindas salas que ela habitava voltadas ao sul sôbre os jardins, tão alegres e cheios de vida, quando o sol no inverno filtrava nelas todo o dia a sua tépida carícia d'oiro. E um medo súbito apoderou-se dela, um medo inexplicável do mistério em que ia mergulhar, do desconhecido que se erguia na sua frente. Mas tinha Luciano para a guiar, impondo-se pela

força da sua vontade e pela tranquila confiança da sua fé.

A condessinha olhou o relógio. Iam bater as onze horas. Não havia tempo a perder. Um pouco hesitante e trémula fechou a vidraça e tomada duma comoção acendeu a vela duma palmatória de prata, deixou a alcôva, atravessou o *boudoir* contiguo e pôs-se à espreita no grande corredor ladrilhado que coleava, como num mosteiro, o andar nobre do palacio. Nêste corredor abria-se um outro mais estreito, a pouca distância dos aposentos de Maria Helena, no fundo do qual ficava a galeria, um salão enorme, seiscentista, forrado de telas e paineis com os retratos dos antepassados. Era pela galeria, através de velhas salas desocupados, que a fidalga contava chegar à saída particular sem correr o risco dum encontro com algum creado do duque. Maria Helena espreitou cuidadosamente o corredor e com passos leves e abafados, a respiração contida, alcançou meio sufocada o corredor transversal e penetrou na galeria que naquela tarde deixára aberta. O coração pulsava-lhe desordenadamente, as fontes latejavam-lhe, atordoando-lhe a cabeça de marteladas surdas. A fronte escaldava banhada em suor. E um tremor convulsivo agitava-lhe os membros tão fortemente que mal podia suster a luz. Que medo era aquêle? Que é que tinha agora? Que poder oculto a prendia no limiar daquela sala, paralizando-lhe a vontade, quebrando-lhe a energia? Os pés pegaram-se-lhe no solo. Dir-se-ia que penetrava num ambiente duma outra densidade, que não era mais a do ar, de tal modo perturbava as suas funções vitais, pesando-lhe no peito, impedindo-a de andar, de mover-se, de respirar. Quiz lutar, reagir, expulsar o terrível pesadêlo que a envolvia como um torpôr dormente e lhe turvava a lucidez em parêntesis obscuros, como essas névoas nas

manhãs de outono que galopam deante do sol em alternativas de luz e sombra. Lembrou-se de Luciano que a esperava em baixo, da sua palavra dada, do compromisso tomado. E esta evocação foi tão intensa, abalou-a tão fortemente, que a vontade desembaraçou-se e recobrando ânimo avançou resolutamente a passo firme. A chama da vela no ar deslocado pela marcha apressada, oscilava, quebrava toda, e grandes sombras dançavam no tecto e nas paredes adejando como azas negras em tôrno de Maria Helena. Com receio de que a luz se extinguisse a condessinha deteve-se e lançou a vista em roda. A amplidão da sala, quási nua, com as paredes revestidas d'alto a baixo de enormes telas enegrecidas, gelou-lhe a alma e encheu-a dum infantil terror. A vela iluminava num círculo restrito. Os recantos da sala, os tectos de caixão com pinturas gastas, tudo murgulhava na sombra. Então a energia tão custosamente recobrada esvaiu-se de novo. A vista turvou-se-lhe. As pernas vergaram-lhe e para não rolar no soalho dirigiu-se a cambalear para uma cadeira estofada, onde caiu pesadamente. Aquilo era superior às suas forças. Nem a marcha de Jesus a caminho do Calvário! Como explicar um tal estado? Seria um crime o acto que praticava? E se tentasse Deus com aquela violação? Se êle fôsse contrário àquela fuga do lar na cumplicidade da noite, para um amor que era grande, que era puro, mas que não tinha a sanção augusta do sacramento? E se monsenhor tivesse razão? Se fôsse um crime, uma impiedade sacrílega aquêle desapêgo das veneráveis tradições a que o destino a prendera? E acudiram-lhe à mente, num tropel tumultuário, as práticas do velho preceptor evocando deante dela, com uma gravidade litúrgica, o respeito e o culto do passado, a unidade sagrada da Raça que era preciso manter ininterruptamente através das gerações, e a majestade do seu

grande nome incorruptível, como uma hóstia no engaste da tradição.

Um grande silêncio caía sôbre o palácio. Tudo parecia petrificado na sonolência da noite. Só a pequena chama vivia como um coração palpitante, inquieta e agitada, afusando a sua ogiva d'oiro em bruscos elançamentos, em súbitos raptos místicos. E nesta inércia calma das coisas, a pequenina chama triunfava das sombras e na pulverização luminosa vagamente tamisada, surgiam numa visão animada os velhos quadros da galeria com os tons vivos das carnações, o brilho desperto dos olhares destacando-se dos conjuntos baços dos trajes, da mancha negra dos fundos Uma série de figuras quinhentistas fixavam-na com tal insistência e numa expressão tão natural que a condessinha estremeceu de se achar assim no fóco de tanto olhar concentrado. E eram mudas recriminações que ela lia nos olhares, condenações e protestos que destacavam das atitudes graves, das fisionomias austeras. Também aquêles a condenavam? Também se erguiam contra ela das sombras mortas das telas?

E um desânimo mortal, uma hesitação, uma dúvida dilacerante desconcertou-a de tal modo, que a pobre menina sentia a queda surda num precipício sem fundo, o desabamento interior do seu sonho, a derrocada inevitável de tanta esperança arquitectada.

E num último recurso de crente que tudo espera dum milagre, Maria Helena prostrou-se, as mãos erguidas num apêlo angustioso, numa súplica desesperada que lhe fundiu o coração.

As orações brotadas da alma, e aquela efusão de lágrimas derramaram na sua angústia um refrigério consolador. E vendo naquêle alívio uma intercessão divina, a condessinha ergueu-se reanimada, pegou afoitamente na vela e encaminhou-se para fóra da sala. Um largo vão de porta mascarado por espêssos

reposteiros de fartas pregas levava até à pesada porta de carvalho que abria no corredor da serventia particular. Maria Helena afastou os reposteiros, dirigiu-se para a porta que fez rodar com certo custo. O ar fresco do exterior refrescou-lhe as faces e fez oscilar levemente a chama da vela. A condessinha espreitou. O silêncio era absoluto. Ninguêm passava no corredor. Súbito o reposteiro agitou-se. Um sopro misterioso vindo não se sabe donde, um suspiro profundo que parecia a alma do velho palácio que se escoasse pela galeria passou por detrás da jovem que o sentiu roçar na pele, como um hálito vivo, e fez vergar a débil chama que se extinguiu nas trevas. Um grito retiniu no grande silêncio do palácio e o corpo de Maria Helena rolou desamparadamente no solo.

XVI

Luciano desceu a escada de serviço, atravessou o claustro e penetrou no deambulatório. Tinha resolvido não deixar a Sé sem que a última pedra selasse o fecho da sua obra. Todo o coração lhe ficára naqueles blocos inertes, testemunhas únicas do seu amor, que êle ajustára e equilibrára num milagre de génio, agora que Maria Helena não existia mais para êle, apagada na sua vida como uma quimérica visão de sonho.

Um pouco de calma viera emfim. Uma doçura resignada repassou-o lentamente, depois da angustiada e tormentosa noite em que julgára enlouquecer, como se as lágrimas vertidas lhe tivessem puído as lacerações sangrentas e extinto os fogos irreprimiveis da paixão.

Uma semana passára.

Luciano vivia agora numa labuta diária para cansar o corpo e esquecer-se, trabalhando com os canteiros nos derradeiros retoques da capela. Tinha pressa de concluí-la, de fugir d'ali para fóra em busca duma outra vida que não sabia ainda qual fôsse, tão esvaído se sentia de iniciativa e de estímulos. Que ia èle fazer lá fóra com o seu horror da vida frívola e banal, cheia de mentiras e de misérias? Era lá capaz, como a outra gente, de descer do culto da beleza

ideal à baixa idolatria da cupidez egoista e ignóbil dos sentidos?

Como eram felizes João Coutinho e padre Anselmo! Esses ao menos tinham os seus ideais incarnando bem fundo no âmago do ser, inacessiveis aos ácidos corrosivos da dúvida. Esses sabiam o que queriam e para aonde ir.

O deambulatório estava deserto. No côro recitavam-se os últimos salmos das Horas menores. Era a hora da folga dos operários. Luciano ao penetrar na capela empalidecera deante dos lindos capiteis duma flóra delicada, onde sorria a máscara da condessinha, obra do seu próprio cinzel. Com que amor êle esculpira as divinas feições nos primeiros arrebatamentos da sua paixão nascente! Ah, aquêle amor!... E nem procurava saber porque faltára a condessinha. Para quê? Reconhecia que aquilo tinha que ser, que fôra loucura querer lutar contra a ordem estabelecida, que era uma temeridade arrostar contra a fatalidade das cousas. Sentia-se vencido por uma lógica suprema. Maria Helena tinha forçosamente que seguir a linha traçada pelo seu destino. Podia ela querer outra coisa, lançar os olhos para outro rumo. Mas, desde que pretendesse pôr em prática os seus desígnios a contradicão surgia e tudo falhava como numa aliança híbrida. E não era com efeito, um hibidrismo essa união heterogénia de duas castas antagónicas?

Sentindo passos por detrás, o artista voltou-se. Era padre Anselmo que se aproximava em hábitos de côro. O arquitecto tinha pelo capelão-cantor uma grande estima.

Ao ver-lhe a expressão pesarosa, o ar contristado, Luciano sentiu as lágrimas arrazarem-lhe os olhos e apertou comovidamente a mão do padre, num cumprimento mudo que dizia tudo. O arquitecto não o tornára a ver depois do dia em que subira ao *Capí-*

tulo a preveni-lo do que se dizia a seu respeito. Mas a notícia da demissão correra veloz e ninguêm havia na Sé que a ignorasse.

— Tambêm me vou embora, senhor Luciano, disse padre Anselmo. Parto no fim da semana para Inglaterra.

— O quê? Para os beneditinos?

— Sim, para o claustro.

— O senhor é feliz, padre Anselmo, porque vae realizar a aspiração da sua vida...

— Aspiração bem simples e bem fácil...

— E' verdade, bem fácil. Como obteve, porêm?...

— Sabe que o patriarca com quem eu vinha instando há muito, prometera interessar-se. Mas as suas múltiplas ocupações, a trapalhada da política não lhe davam tempo para pensar nisso. Depois dos factos que se deram aqui, e em que me envolveram tambêm, sua eminência resolveu-se e sei apenas que no fim da semana devo embarcar para Inglaterra, com destino a uma abadia que ignoro ainda qual seja.

— Invejo-lhe a sorte, meu amigo.

— Mas quem o impede de vir tambêm? — disse o capelão-cantor, fixando-o no fundo dos olhos.— Os mosteiros beneditinos recebem oblatos, como sabe...

— Não, não quero dizer isso, replicou o arquitecto. Invejo-o apenas porque é feliz e vê realizado o seu ideal. Acompanhá-lo! Mas se nem se quer sou ainda um crente! Parece-me que nunca me resignaria a sepultar-me num claustro. Sim, a oração é bela porque é a projecção do homem nos confins do Universo; é o diálogo da alma com os mundos infinitos. Adoro a liturgia porque é uma arte, a arte de falar condignamente a um Deus, como é na língua musical do verso que se diz bem o amor a uma mulher, mas porque é arte, porque é vida, é acção, é creação. Não, padre Anselmo, nunca me resignaria à inér-

cia do claustro, nem tenho temperamento para as ascéses místicas, o que não querе dizer que não compreenda melhor o sentido superior da liturgia do que muita gente que a pratica todos os dias, sem a menor intuição do que faz.

— Creio-o bem, meu amigo. E não é preciso ir longe. Há aí padres que atrelam à nora do ofício com uma venda na alma... E como não hade ser assim se a vida dêles é como a de toda a gente, roída pelas mesmas necessidades, devorada pelas mesmas ambições? Como se hade avistar Deus através das neblinas do mundanismo? Convença-se, Luciano, só na paz dum retiro, sem aspirações nem desejos e no desprendimento dos bens terrenos; só na impecável serenidade dum claustro, em plena vida espiritual, é que pode chegar a Deus o puro incenso das orações.

— Não é lá muito ortodoxa essa afirmação. A Igreja...

— A Igreja, replicou o padre com amargura,—oxalá me engane! — vae atravessar momentos rudes. Creia, Luciano, o regime separatista dando as últimas machadadas na religião oficial põe em risco sério a existência do clero. E' agora que a Igreja fica entregue a si própria, desamparada do auxílio do Estado que a abandona depois de a expoliar, é agora que ela carrega inteira sobre os ombros dos seus filhos, que a gente observa onde é que estão os verdadeiros crentes, quem é capaz dum sacrifício, quem a ama por amor dela e não por honras e benesses. Repare no que se passa aqui que é deveras edificante. Os capitulares que enchiam essas bancadas sumiram-se por encanto. Só o indispensável para propinar expeditamente um breve ofício já sem beleza nem interêsse. A missa trina acabou. Os músicos de capela, de tão seculares tradições, transferiram-se para os teatros e animatógraphos e os cantores das prosas divinas prostituem

as vozes nos cafés-concertos vocalisando obsenidades com mulheres duvidosas. Mais dia menos dia acaba-se o ofício dívino. E será o último lampejo dum grande sol que se extingue...

Estas palavras ditas por um crente sincero e caindo como um frio de morte no abandono da catedral, arreigavam-lhe a impressão, sentida já, de que levára a vida a adorar uma múmia, iludido com os farrapos dum débil culto moribundo. Tinha razão cónego Fulgêncio!

Mas padre Anselmo falava agora da beleza da capela, da delicada maravilha arquitectónica, lastimando que a condessinha não podesse contemplar com o coração desanuveado e a alma livre de inquietações, o seu grande sonho emfim realizado.

— Que já não tem talvez para ela o mesmo interêsse que outrora, disse o artista alvoroçado com a evocação de padre Anselmo e cheio dum grande desejo de saber alguma coisa da condessinha.

— Não tanto por ela, pode crer. Mas a pobre menina, coitada, é uma vara dócil nas mãos de monsenhor Santana e com certeza não volta à Sé enquanto nós ambos aqui estivermos... A propósito, ignora talvez que ela saíu doente de Lisboa, a semana passada, para casa dos tios de Braga. Veja o que são as coisas! Nunca a condessinha partia para a província que não me prevenissem de S. Martinho. Pois desta vez soube-o casualmente pela preceptora irlandesa que veiu apresentar-me as suas despedidas, recambiada tambêm por monsenhor às brumas tristes de Albion.

E abafando o seu protesto num grande suspiro de resignação, murmurou:

— Hei-de lembrar-me muito dela e do senhor, nas minhas orações lá no claustro.

E despedindo-se de Luciano, com a promessa de o abraçar antes de partir, o capelão-cantor encaminhou-se para o côro, onde ia rezar-se a missa.

*
* *

Cerrava se naquela tarde a abóbada da capela nova com a colocação das últimas pedras. Luciano fazia no *Capítulo* os seus preparativos de partida esvasiando as vitrines e arrumando por suas mãos, em grandes caixas sólidas, inúmeros livros e objetos d'arte. Com que saudades deixava aquêle recinto onde sonhára tanto! Tinha comtudo alguns dias ainda, até se proceder à descintragem.

Quando saía do *Capítulo* encontrou-se em baixo com João Coutinho que lhe esteve a dar conta de certas particularidades sôbre a montagem do altar gótico no santuário. Ao separarem-se, o canteiro disse com ar irónico:

— Afinal, andámos bem em nos apressarmes com a capela...

— Não percebo. Que queres dizer?

— Mas, êsse casamento...

— Que casamento?

— E' possível que ainda ignore?

O artista fizera-se muito pálido.

— Explica-te, não sei de nada?

— E' que o cónego Rocha esteve esta manhã a ler aos homens, lá em baixo, a notícia do casamento da fidalga de S. Martinho com um conde não sei de quê...

Luciano encostára-se a um muro para não caír.

— E o mais interessante, continuou o operário, é que o tal casamento realiza-se na capela nova. Pelo menos foi o que o padre lá esteve a ler...

O arquitecto voltou para trás cambaleante e penetrando no *Capítulo* deixou-se cair desfalecido sôbre um divan. Sofria horrorosamente; a cabeça andava-lhe à roda; faúlhas luminosas dançavam-lhe deante dos olhos. Que tinha êle feito para o torturarem

assim? Seria, porêm, verdade aquilo? Era possível que se descesse a tais vinganças, que chegasse a tanto a perversidade? Quem sabe? Talvez não fôsse verdade. Podia ser um gracejo de mau gosto da alma vil de cónego Rocha. E descendo do *Capítulo* mandou buscar jornais. A informação era exata. Lá vinha num dêles a notícia. A condessa de Vila Real (Monforte) ia casar no próximo outono com o conde de Penafiel, D. Luiz de Sotto-Maior. A cerimónia nupcial, presidida pelo eminentíssimo cardeal patriarca que transmitia a benção apostólica, realizava-se numa capela da Sé, um primor da arte gótica, reconciliada e aberta ao público nêsse dia depois de bem cuidada restauração. E o noticiarista — um cronista de sala — punha em relevo a pompa solene que se projectava, o *frisson* que percorrera a aristocracia elegante pela conjugação das duas cerimónias religiosas aureolando com um duplo nimbo o auspicioso enlace do joven par aristocrata.

Não, não podia ser! Aquilo era demais! Sucedesse o que sucedesse não haviam de tripudiar sôbre a sua desgraça, não fariam pouco da sua dôr. A capela era obra dêle, era filha do seu génio. Ele a levantára do solo, pois êle a deitaria também a terra. Nunca Maria Helena dali saìria pelo braço dum outro homem. Jàmais o sacrilégio duma traição profanaria a obra imaculada do seu amor.

E tomado duma idéa súbita, impulsivamente, Luciano aproveitou a noite que se avisinhava, desceu ao deambulatório e penetrou na capela aguardando que escurecesse de todo e a igreja ficasse deserta. Era intenção dêle provocar um possível desmoronamento da abóbada acabada de cerrar e ainda fresca, por um afrouxamento imediato dos cintros. Luciano arriscava-se a ficar soterrado se os cintros cedessem. Mas não era êsse talvez o seu desejo? Que lhe im-

portava agora a vida sem um ideal que a norteasse?

O arquitecto iniciou nas sombras a sua árdua tarefa, desfazendo os ligamentos dos andaimes e atacando as articulações dos madeiramentos com o menor ruído possível. Trabalho baldado e muito superior ás suas forças. Depois dum labor inaudito, com as mãos sangrando, fatigadíssimo, os cintros tinham cedido um pouco de madrugada, mas a abóbada resistia, mantinha-se firme no rigoroso equilíbrio previsto em cálculos sábios.

Foi um alvoroço aquela manhã na Sé quando os operários entraram na capela. O mestre d'obras correra a prevenir o arquitecto do infame atentado, obra dos padres inimigos, certamente, pois quem havia de ser? Mãos criminosas tinham pretendido, durante a noite, deslocar as cambotas no intuito evidente de dar em terra com a abóbada.

— Mas quem quer que foi não soube o que fez ou estava louco, exclamava mestre Rodrigues, porque se o material dá de si rompiam-se os cintros e o rato ficava na ratoeira.

O caso foi comentadíssimo todo o dia e como a prova estava feita, os operários acabaram de descintrar, desatravancando a capela, e Luciano poude com os seus homens contemplar em toda a sua beleza a linda joia arquitectónica.

A estrutura fôra completamente alterada. Uma igreja gótica em miniatura, conforme os desejos da condessinha, erguia-se leve e vaporosa, como uma creação de sonho, a meio da curva do deambulatório, com uma nave central, arcadas d'ogiva descansando em graciosos colunelos e duas minúsculas naves laterais. A ábside arredondava-se toda rasgada de altas frestas esguias, prontas a receberem a vidraria. Era um prodígio gerado pela paixão dum poeta que con-

seguisse materializar o sonho caprichoso duma princeza medieval.

Lágrimas ardentes borbulharam nos olhos do artista. Com que emoção tinha esperado aquêle dia para entrar ali com Maria Helena e ajoelharem ambos na adoração muda daquela obra que era filha dêles, da sua comunhão espiritual, tão pura, tão bela e amorável como a afeição donde nascera.

João Coutinho, que notára a comoção do artista, tomou-o pelo braço e arrastou-o para o fundo deserto do deambulatório. Uma certa confiança se estabelecera havia algum tempo entre o canteiro e o arquitecto. Luciano adivinhára naquêle operário uma grande inteligência posta ao serviço duma causa nobre, dupla corrente de simpatia que gerára a amizade.

— Seja franco, desabafe. Julga que não sei quanto sofre? Comprehendo-o, senhor Luciano, como talvez me compreenda a mim. Embora um artificial desnivelamento nos separe, o nosso ideal libra-se nas mesmas alturas e temos a mesma fé nos belos destinos da humanidade. Sei que está só, que tem a alma de luto. Porque não se abre comigo? Porque não se apoia no meu braço?

Era tão leal e sincera a solicitação de João Coutinho que Luciano estreitou o operário num abraço enternecido.

— Sim, tu és bom, tu vales mais que todos nós, porque és a boca que clama justiça, és o braço que cria e produz. Orgulho-me de ter-te por amigo e por confidente em meus infortúnios. Ah, João Coutinho, se soubesses quanto tenho sofrido?

— Não diga nada, não diga nada, porque nada ignoro! Estou ao corrente de tudo, desde a hora em que se apaixonou pela fidalga de S. Martinho até o desespero da noite passada procurando a morte nos escombros da capela.

O arquitecto còrára ao sentir-se descoberto nos seus segredos íntimos.

— Como podeste saber?...

— Uma simples correlação de factos, naturalmente. E deixe-me dizer-lhe que um homem que possue um capital d'inteligência, d'energia e de carácter como o senhor, e atenta assim contra a vida, comete um crime tão condenável como aquêle que se dissipa em devassidões e orgias.

— Que queres? Tenho sido de tal modo vítima d'iniquidades sociais...

— Mas não se transige com o mal. O mal ataca-se na raiz. Quem capitula sem lutar dá uma prova de fraqueza. Ora o senhor não tem nada de fraco. O que está é desorientado. Porque não enfileira comigo na mesma linha de combate?

Luciano abanára a cabeça.

— Teria eu força para tanto? E se recuasse a meio caminho? Depois, não concebo um apostolado sem lhe entregarmos a vida toda.

— Que vae então o senhor fazer?

— Que vou fazer?... Primeiro arrasar a capela. Compreendes que me é intolerável o sacrilégio dêsse enlace sob as abóbadas que levantei.

— Persiste na sua. Mas é um crime de lesa-arte!

— O quê? Terias tu a coragem de vêres o ninho que construisses prostituído por outro amor?

João Coutinho fixou-o demoradamente, prescrutando-lhe a alma. Inteligente como era, o *meneur* compreendeu que se, pela razão, o arquitecto estava com êle, certas peias sentimentais não o deixavam avançar. E o mais forte embaraço era sem dúvida a capela, o grande sonho vivo daquela mocidade, espécie de castelo roqueiro onde se refugiava, como num último reduto, a alma romântica do artista. Ora êsse obstáculo o próprio Luciano se dispunha a derrubá-

lo. Não era melhor deixar que as coisas seguissem o seu curso normal? E sem mais hesitações acquiesceu prontamente.

— Pois dito e feito. Deixe a capela por minha conta. Mais uma vez a dinamite troará para desbravar o caminho à Idéa.

— Não, João Coutinho, dessa maneira não. E' violência demasiada. Podiamos até comprometer-nos.

— Creio que não tenciona desmontal-a pedra por pedra...

— Lá isso tambêm não.

Depois do insucesso da primeira tentativa, o arquitecto procurára um meio mais prático de destruir o santuário e ocorreu-lhe um processo que vira algures citado.

— Vamos tentar um outro meio menos ruidoso, continuou o artista, e não menos seguro. Obtens nos carpinteiros uma porção de cubos de madeira, bem sólidos, e apareces-me àmanhã com êles. Traz tambêm algumas ferramentas.

— Só isso?

— Só isso.

E separaram-se. No dia seguinte Luciano tinha os paralelepípedos cortados e dirigiu-se com o canteiro para a capela ainda vedada por um tapume com uma porta de que só êle possuía a chave. E teve então início a obra metódica de destruição. Os dois homens começaram a escavar no sopé das colunas arrancando fiadas de pedras pelas juntas, e por cada pedra extraída introduziam um cubo de madeira prévíamente talhado à altura do alvéolo. Fizeram isto lentamente, com mestria, sem precipitações, a alguns pilares e no fim de dois dias toda a pressão da abóbada assentava sobre os paralelepípedos de madeira. Depois, na tarde do segundo dia, o artista mandou buscar uma porção d'aparas e bocados pe-

quenos de madeira que espalhou nos intervalos dos cunhetes, em cada coluna assim preparada, e deitou-lhes fogo.

— Amanhã de manhã, o mais tardar, era uma vez a capela, disse o artista.

— Confesso que o processo é bastante engenhoso e infalível.

— Não é original, como talvez suponhas. Serviam-se dêle antigamente... os bárbaros.

E abafando um suspiro, o arquitecto deixou a capela acompanhado do canteiro.

XVII

Tinham batido as onze horas. Luciano que se sentia sufocar no pequeno gabinete do *Capítulo* saiu para o terraço, sequioso d'ar fresco. A noite estava clara, estrelada, mas não corria d'aquêle lado o mais leve sopro de aragem. Desceu então a escada da casa do fole e penetrou na igreja pela galeria do trifório. As naves desapareciam na sombra e vistas do alta as luzinhas débeis dos lampadários tinham o aspecto de lágrimas vermelhas em suspensão. O artista aproximou-se da ventana da torre norte ao nível da galeria e mergulhou a vista na casaria em baixo. Depois, enfiou á direita pela escada de caracol, onde uma pessoa mal cabia, e começou na sombra a lenta ascensão da torre. A subida fazia-se a custo na íngreme espiral aberta a verruma no maciço ciclópico. E foi um alívio quando Luciano se encontrou em pleno espaço, por cima dos telhados, bafejado pela brisa que soprava fresca da banda do mar.

Oh, o extraordinário espectáculo da cidade a uma tal hora e daquela altura! Dir-se-ia um formilhamento d'astros crepitando num oceano de sombra. Milhares de luzes galopavam até os confins do horizonte, ora errantes e perdidas entre maciços d'arvoredo, ora em renques paralelos como tropas em marcha. O que surpreendia sobretudo, era na cidade nova, a noroeste, êste alinhamento simétrico dos fócos dese-

nhando rectilíneas rampas de *squars*, estas avenidas pespontadas d'astros irradiando em leque para o horizonte e cortadas, de longe em longe, por vastas clareiras, onde as luzes se perdiam, afogadas, disseminadas, numa vaga poeira cósmica asulada. Da parte alta da cidade despenhava-se, por encostas e vertentes, uma rêde arterial de pequenas veias serpenteando entre a casaria o seu débil rasto d'oiro; mas era nos arruamentos graníticos da Baixa que as torrentes de fogo engrossavam. Grandes rios invisíveis rolavam paralelamente as suas ardentes águas denunciando o curso pelos reflexos abrasados nas fachadas dos prédios. E todo êste sistema hidrográfico de fogo derivava, escoava-se para o estuário do Rocio que emergia da pesada mole dos quarteirões os seus fulgores de cratera.

Luciano considerou a cidade imensa que se estendia a seus pés, o formidável esforço colectivo que tornára possivel uma tal sínteze e sentiu-se abismar em fundas cogitações. A luz fazia-se emfim. A razão triunfára no naufrágio do coração.

Não, a vida não era, como padre Anselmo a concebia, uma laboração interior e egoista fechada á sociabilidade. Se o verme se encerrava no casulo não era para saír metamorfoseado em asa? Não, não compreendia esta renúncia, esta abdicação da pessôa, este aniquilamento da vontade de que se fazia a base, o princípio moral duma existência na terra. A vida não podia ser jàmais uma inutilidade, uma superfectação no mecanismo do universo. Pelo contrário, a vida era tudo. No animálculo, no mais ínfimo ser, a coordenação orgânica, as funções fisiológicas, o próprio trabalho psíquico rudimentar não despertavam no pensador, no observador, uma admiração, um culto por esta bela, esplêndida, maravilhosa e sublime manifestação da vida? Para que renegar, pois, a vida, para que avil-

tar o corpo ? Sim, os homens erravam, pervertiam-se, eram maus, e a sociedade custosa de tragar baseada em preconceitos, hipocrisias, iniquidades e horrores que revoltavam o espírito de justiça. Mas, porque as circunstâncias tornavam os homens maus era isso razão para esterilizar-lhes o rico cabedal d'energias e fazer do maravilhoso instrumento do corpo a maleavel cêra inerte que a chama da alma consumia no sacrifício egoista dum culto vão ? Lá porque o vento curva a árvore e não a deixa crescer direita, arranca-se a árvore ? E porque há ervas entre o trigo inutiliza-se a ceara ? Não era pois um crime esta exclusão da colmeia laboriosa, este retraìmento de esforços para a consumação da obra comum ? O progresso, a sociedade, a sciência, a moral, o bem-estar não dependiam do esforço simultâneo, da solidariedade na mesma grandiosa e cooperadora obra de regeneração ? Quem tinha o direito de eximir-se a esta tarefa, de negar a sua quota parte na faina colectiva ? Sim, João Coutinho caminhava direito.

Não compreendia esta limitação da personalidade, esta atrofia das faculdades que era no fundo a essência da prática religiosa. E' certo que o pensamento ganhava em profundidade, mas não enfraquecia, não se debilitava nesta contínua distenção forçada, estirado, filiforme, através da infinidade gelada dos céus, num constante apêlo jàmais, oh, jàmais atendido! Como admitir esta tendência unilateral, esta expansão num só sentido na personalidade tão complexa do indivíduo ? Não era absurdo fazer da prática religiosa o fulcro da existência, o centro de gravidade emotivo da vida ? Mas viver era mais que orar, prosternar-se, invocar Deus continuamente. A vida voluntariosa e livre não era mais fecunda, mais procreadora de virtudes do que a intercessão piedosa dos lábios, que a vacuidade dolente das orações ?

O ruído extinguia-se a pouco e pouco nas ruas. Luciano erguera a vista para o alto e contemplava agora a abóbada estrelada, o formigueiro d'astros scintilando como carbúnculos na imensidade calma. E o artista que se esquecera das florações ardentes do céu enamorado da flóra cristalizada da catedral, familiarizava-se com as estrêlas, reconstituía as constelações. O grupo de Cassiopéa projectado sôbre o palácio de S. Martinho evocou-lhe Maria Helena e toda a sua malograda paixão.

Ah, êsse amor! Como êle compreendia agora tudo! Aquêle amor nascera do mesmo sonho que o prendera à catedral; fôra o complemento da ilusão artística que realizára a capela da Virgem. A mesma quiméra os gerára. Aniquilado um, não podia subsistir o outro. Aquela mulher e a sua obra eram creações do passado, inadaptáveis ao ambiente moderno de trabalho, de democracia e de utilitarismo. Nunca Maria Helena o poderia amar livremente. Alguns séculos de selecções tinham-na distanciado dêle, tinham-na isolado por detrás duma barreira de preconceitos que a onda democrática minava pela base, é certo, mas cujo desmoronamento, só pela lenta acção evolutiva, estava bem longe de dar-se. Quantas gerações seriam precisas ainda para que o sangue daquela mulher filtrasse nas camadas espêssas da casta e viesse ter ao rio vermelho do povo? Quanto tempo ainda para desgastar os liames que prendiam aquêle sêr ao privilégio e á tradição? E a verdade surgia-lhe em lampejos clarividentes. Era necessário actuar, *brusquer* a ordem natural das coisas, precipitar a lenta marcha da evolução.

Era necessário intervir, intervir depressa, tancar as fontes perniciosas, pôr um termo à iniquidade. Era preciso ir até ao fim, ir até ao fundo, cortar violentamente as raíses do mal. João Coutinho pensava bem.

Milhares de sêres agonizavam na mais dura escravidão para que nenhum conforto faltasse a uma reduzida minoria. A caridade atenuava quando muito, mas não extinguia a causa ingénita do mal. Contra os princípios cristãos, contra a moral do Evangelho e os ensinamentos de Jesus, não era a virtude que triunfava e recebia as recompensas, mas a traficância sem vergonha, a especulação sem escrúpulo.

E enquanto em baixo, na capela da Virgem o fogo devorava os cubos de madeira e roía as raíses da árvore de pedra, um outro fogo purificador devorava lá em cima, na alma de Luciano, as falsas ilusões, o doentio sonho que o tinha preso à ruína morta da catedral.

O que era preciso era acabar a forma egoista da exploração do trabalho e crear e produzir nos moldes justos e racionais da cooperação egualitária. O benefício pessoal, aguilhão do estímulo fecundo, base do sistema da exploração capitalista era de facto tão pernicioso como imoral. Perdia-se em tranquilidade o que se ganhava em progresso material. E o objectivo ansiado era a Justiça, a equidade que vinha desde o apêlo fraternal de Jesus até os corolários da moderna sciência social. Justiça!...

Súbito o estrépito dum desabamento reboou em baixo, para os lados da capela-mór e fez estremecer o solo, abalando os alicerces da catedral. Uma nuvem de poeira e fumarada espêssa envolveu a ábside, encheu o jardim e espalhou-se pelos claustros, não deixando ver logo toda a extensão do desastre. Luciano ficára atordoado, fulminado, como se todo o peso da capela lhe tivesse caído em cima. E debruçando-se do parapeito da torre, ia precipitar-se e esmigalhar-se em baixo, no mesmo aniquilamento mortal da sua obra que ruía, quando se sentiu agarrado pelo pulso forte de João Coutinho. O artista deixou-se ficar inanima-

do, sem consciência, sentindo o que quer que era esvaír-se pelas feridas da alma, como se sente a vida escoar-se no sangue que corre duma veia aberta. João Coutinho tomou-o pelo braço, arrastou-o brandamente, como a uma creança, pela íngreme escada espiralada da torre; depois de um curto repouso no pavimento da galeria desceu com êle para a igreja e sem uma palavra, sem um olhar de mágua, os dois homens franquearam de braço dado os pórticos da Sé e encontraram-se na rua.